

23
120

MARIO M. MEIRELES

PANORAMA

DA

LITERATURA
MARANHENSE

MÁRIO M. MEIRELES
(da Academia Maranhense de Letras)

~~BAM
869.909
M499p
ex. 4~~

PANORAMA

ORMA
869.909
M499p

— DA —

B

Literatura Maranhense

*Autentico
Folha
Folha
Adeus
meu
filho*



Adeus

São Luís—Maranhão



A ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS

○ Autor



Aos acadêmicos Luso Tôres e Joaquim Luz, bem assim
aos seus ilustres colegas do Instituto Histórico e Geográfico
do Maranhão, Arnaldo Ferreira e Fernando Perdigão, que
me franquearam suas preciosas bibliotecas, meus sinceros
agradecimentos pela inestimável ajuda prestada.



CARTA

à Mário Martins Meireles.

Peço-lhe que não leve a mal escrever-lhe uma carta em vez de rabiscar um prefácio para êste seu livro.

A carta é coisa que qualquer pessoa pode fazer, sem intenções de perícia, para transmitir apenas impressões despidas de qualquer presunção de autoridade. O prefácio já importa atitude de alguma responsabilidade, implica o cerimonial das apresentações. Não possuo credenciais para tanto e não espero que alguém me pergunte: — e ao Snr., quem é que o apresenta? — como por aí corre, em velha historieta.

Ainda que seja tão fora de moda, e até um tanto arriscado citar velhos escritores, nestas alturas do século, estou-me lembrando daquele que afirmou serem os **prólogos um antecipado remédio aos achaques dos livros, porque andam sempre de companhia os erros e as desculpas.** Ora, em todo êste seu trabalho não encontrei erros nem necessidade de desculpas, que imponham os arrebiques de um prólogo. Apenas o desejo de mandar meu aplauso ao seu esforço me leva agora a esta conversa, que de certo a sua boa vontade não refugará.

Quando reflito sôbre os primórdios da vida mental de nossa província, não deixo de incluir entre as boas anedotas históricas aquela em que se conta que, pouco depois de chegar a esta graciosa ilha do Maranhão, o reverendo Claudio de Abbeville pronunciou diplomático sermão, que produziu o melhor efeito entre os selvícolas, **os quais suspensos e enleados do que viam,** sorriam amavelmente, com ares aprovativos às palavras do orador. Ponho-me a examinar o cenário: êles, em inocente desnudez, naturalmente nada percebiam do que estava a arrear o francês recém-chegado; mas, no melífluo da fisionomia e da voz do pregador, na serenidade dos gestos apostólicos, na religiosidade do ambiente, em que brilhava o ouro dos paramentos, na contemplação da dolorosa imagem do Crucificado, na acolhedora ingenuidade da tribo, entraram pela alma do tupinambá os primeiros albores da civilização, como a revelação que iluminou o es-

pírito dos evangelistas. Parece que foi a primeira peça literária vinda de fora e nascida entre o Anil e o Bacanga. E veio nela, talvez, a primeira nota da elegância verbal do gaulês e a primeira semente do galicismo lançada à fecundidade da terra, o galicismo tão malsinado pelos conquistadores mestiços que depois aqui aportaram e respectivos descendentes também mestiços, que com êle se identificaram.

Frustrada a tentativa francês pela conquista lusitana, firmou-se com esta a diretriz de nossos destinos, que a invasão holandesa não conseguiu desviar.

Foram padres jesuitas e frades que aqui se estabeleceram os que abriram o primeiro sulco da cultura coimbrã na gleba colonial desta e outras províncias brasileiras. Gloriosa cultura essa, pois é verdade que sábios lusitanos mantinham relações com os meios científicos do seu tempo, e a velha universidade sempre foi um viveiro de humanistas.

A influência espiritual da França sempre se exerceu, como é sabido, em todo o ocidente, e a terra maranhense, que capuchinhos franceses observaram e descreveram com carinhosa solicitude, como fez Tollenare sôbre a zona do Recôncavo, na Baía, não deixaria de ser campo de contínuo aberto àquela espiritualidade imortal.

Quando, em meados do 18.º século, permitiu o conde de Bobadela fôsse importada a primeira tipografia para o Rio de Janeiro, a metrópole desaprovou a ideia de tão perigoso progresso (*), censurou o governante e mandou fechar a oficina. Veio, porém, a invasão francesa e forçou a estrada civilizadora por onde havia de entrar no Brasil, em 1808, a nossa primeira tipografia.

Em a nossa província, somente, após a proclamação da constituição portuguesa, em 1820, e o reconhecimento dos direitos do homem, saiu à luz o primeiro número de um jornal escrito à mão, em 1821, com o título meio retórico de "Conciliador do Maranhão". Denota êste fato como já era bem viva, a despeito da opressão colonizadora, a ansia de comunicação entre as almas. Em Outubro dêsse mesmo ano de 1821, instalou-se entre nós a primeira tipografia, a que, em anos posteriores vieram outras juntar-se, até ao período áureo de Belarmino de Matos, de cujas oficinas saíram traduções de notáveis escritores franceses.

Não falará ainda hoje quem critique com suspeitas arrogâncias certas manifestações românticas do passado, o humanismo de poetas e prosadores que foram, modestos ou preponderantes, os fatores iniciais da compreensão nacionalista de quantos depois surgiram. Impõe-nos porém a justiça que não os

(*) Henriques Leal — "Pantheon", II, 226.

esqueçamos, porquanto, procurando os centros de estudos mais ao seu alcance naqueles tempos, não deixaram de abrir-nos novas sendas, dando-nos novos recursos de comunicação mental criando, pela sua integração nos destinos da Pátria, a renovação dos quadros em que a inteligência brasileira deveria desenvolver-se e progredir até à relativa autonomia.

Antes de maldizer-se a cultura de Coimbra, a influência dos clássicos lusitanos e outras fatalidades históricas, que presidiram até certo ponto, à nossa evolução mental, deve-se ter em mente que o principal culpado de tudo foi o rei que mandou aprestar a esquadra cabralina e consentiu que viesse a bordo aquele arguto Pero Vaz de Caminha, que tão encaçorado se mostrou das terras e gentes destas bandas.

Nesse monumento histórico que é o "Dom João VI no Brasil", Oliveira Lima esboça os primórdios de nossa formação provincial: **Em São Luís do Maranhão, com seus numerosos "filhos" do "Reyno" e seus não menos numerosos filhos d'África, um centro que se havia de breve revelar tenaz e violentamente lusitano na cor política e nas tendências imaginativas...** E assim foi por muito tempo.

Aqueles que estudam as condições de conservação e defesa da cultura luso-brasileira hão de concordar que ao Maranhão coube, sob êsse aspecto, papel bem notável, decorrente, em grande parte, da influência político-administrativa a que esteve sujeito. Nunca, porém, o sentimento nacionalista cedeu terreno ao conservantismo colonial, como o demonstram os fatos da nossa história política e literária. Vem de molde o lembrarmos a brilhante carta que Gonçalves Dias dirigiu a Pedro Nunes Leal, na qual discute o lusismo do vocabulário. Não me contenho e quero transcrever um pequeno trecho dessa carta:

"Quanto à escolha de palavras indígenas e a sua introdução no nosso idioma, ter-me-ia lembrado de "arredondar" algumas delas — das mais ásperas ou das menos sonoras se não soubesse que isso há de ser elaboração lenta do povo e obra do tempo. Em tais casos a multidão tem mais gosto que um colégio de modistas, mais ouvido que todos os Rosinis e mais filosofia que os doutos Kants da Germânia.

Acontece também que em distâncias tão consideráveis, como são as do Brasil, o teor de vida muda, e os homens que adotam esta ou aquela maneira de viver, formaram uma linguagem própria, sua, mas expressiva e variada. Os vaqueiros, os mineiros, os pescadores, os homens da navegação fluvial estão neste caso.

Pois o romance brasileiro não há de poder desenhar nenhum destes tipos; porque lhes faitam os termos próprios no português clássico?"

É provável que o superdomínio da preocupação purista tenha amortecido muitos rebates de inspiração artística, mas é verdade que em todo trabalho da inteligência o que sempre perdura é o sentido da impulsão espiritual, e até no conservar certas palavras e construções que em Portugal caíram em desuso, até desta maneira se revela uma autonomia, que muitos outros fatos confirmam.

Excluídas algumas particularidades de vocabulário e de assuntos, pode-se afirmar que nenhum escritor se caracteriza pela circunstância de haver nascido nesta ou naquela região do Brasil. Foi inegavelmente o escritor Gilberto Freyre quem, de modo mais clarividente e segundo observações bem precisas, colocou nos seus devidos termos estes assuntos de regionalismo, raça e cultura e pluralidade de culturas. Há nas suas ideias a este respeito, apreciável sistematização, que encaminha para uma direção racional o verbalismo empírico de alguns doutrinadores. O notável sociólogo emprega a palavra cultura não simplesmente no sentido literário, mas no sentido sociológico, estudando os conflitos inevitáveis de invasão racial, em que a defesa das tradições luso-brasileiras não comporta irrealizáveis isolamentos em relação à influência benéfica de certos grupos imigratórios.

Por serem a unidade da Pátria e a defesa de nossa cultura pontos cardiais de sã e sadia orientação em todos os setores da vida mental, julgamos de mau agouro a interpretação de um dos nossos afamados escritores que dividiu o Brasil em ilhas culturais, tanto mais quanto a nós do Maranhão, que temos exatamente a nossa capital literária e geográfica em uma ilha de tão belas tradições, não nos foi doada sequer uma ilhota dêsse grande arquipélago iluminado e fabuloso...

Não há por que discutir aqui propósitos de regionalismo ou nacionalismo na atividade intelectual e na produção artística, até porque a tendência geral dos sentimentos e das ideias, dentro de qualquer dêsse limites, é cada vez mais extensa e profundamente humana. Estamos nós em um cantinho do mundo, mas não sucede isto com os nossos pensamentos, pois a força coerciva das realidades e das conseqüentes aspirações mundiais tem sua origem no influxo universal da inteligência. Foi isto, creio, que Paul Valéry, na Comissão de Letras e Artes da antiga Sociedade das Nações, acentuou, quando disse que **uma Sociedade das Nações pressupõe uma Sociedade dos Espíritos.**

Este seu trabalho, meu caro Mário Meireles, sendo uma revisão conjunta das figuras mais representativas da evolução mental maranhense, parece-me muito recomendável, pelo que traduz como fruto de suas pesquisas e do seu enternecimento para com o nosso passado. Tem alguma coisa de antologia, de

panteão para os gloriosos, e de arquivo e museu para os restantes, que já passaram de todo ou ainda estão passando. De alguns, mesmo ainda vivos, se diria que jazem em piedoso osuário, com o epitáfio muito simples, em que apenas falta a invocação do — oraí por êle. Aqui V. confirma suas qualidades de escrupuloso observador, tanto mais quanto é sabido que não se abalçou a escrever crítica literária ou a teoria histórica de nossa vida mental, senão focalizar em simples traços cronológicos e algumas considerações desprezenciosas as maiores figuras, as médias, as figurinhas e os figurões, que, desde os tempos coloniais até agora, tem recebido, nesta província, a sua razão de celebridade, ou caíram e vão caindo na proverbial e providencial vala comum...

Estes elementos, que V. pacientemente aqui reuniu, poderão servir de base de partida aos críticos e aos minudentes historiôgrafos das intimidades da vida provinciana.

O que se depreende de toda essa revisão de autores são os altos e baixos da elaboração cultural, em que ora se tem a impressão de uma subida, ora a tristeza de uma decadência. É como quem segue as variações de uma curva de máximos e mínimos.

Faz V. desfilarem os nossos poetas, os nossos versistas, os nossos prosadores, os nossos cientistas. Jazem uns em pontos de intensa obscuridade, onde apenas chega a curiosidade de raros pesquisadores, por isso que o grosso público se contenta com os lampejos mais ou menos vivazes das notoriedades menos transitórias. É que o esquecimento não escapa à lei geral das grandes velocidades da época atual, e a falta de resistência de muitas criações literárias é notória e bem lamentável.

Aqui se verifica, porém, aquela velha sentença segundo a qual reside na sobrevivência do espírito um dos predicados da palavra escrita. Quando repetimos que é a inteligência que impulsiona a civilização, estamos do mesmo passo exaltando a influência dos esforços individuais integrados no esforço coletivo: alguns terão trabalhado pouco, outros terão produzido muito, mas a impulsão final é sempre a resultante de múltiplas componentes. Ainda quando nos lembramos do simples cotejo dos que, sem quasi nada escrever, se limitaram à disposição altruista de admirar, na missão ativa de engrandecer o talento alheio e estimular, a seu modo, o revôo dos que souberam pensar e dizer, ainda assim seremos forçados a admitir o concurso d'esses admirantes como parcela do ingente trabalho das gerações que nos precederam. Uma imagem que nos veio do tempo da pena de pato está na expressão característica designativa do amor à vernaculidade — a pena bem aparada. Bem aparada, porque podia a

letra não ser clara e firme, mas a frase saía castigada. E o em-
prêgo da pena já lembra o pato e o perú prestando o seu servi-
cinho às letras, na doce difusão do pensamento.

A propósito dêste seu livro pode V. fazer uso da frase de
Montaigne — **Não pinto o ser, assinalo-lhe a passagem** — com o
comentário de André Gide, segundo o qual aparece Montaigne
sempre preocupado com o perpétuo fluxo e refluxo de todas as
cousas e, com essas palavras aponta a instabilidade da perso-
nalidade humana, que nunca é, e apenas tem consciência de si
mesmo em um fugidio "devenir". Era êsse mesmo Montaigne dos
"Ensaio" que gabava, na casa de sua residência, a situação de
sua biblioteca de onde, fruindo o amavel contato com os livros,
via o seu jardim, o pátio, o galinheiro e a maior parte dos seus
servidores...

Quando, no ano de 1937, numerosa comissão dirigiu expon-
tâneo mas improficuo apêlo ao Congresso Legislativo, no sentido
de ser autorizado o govêrno estadual a mandar imprimir o livro
"Figuras Maranhenses", da autoria de Fran Paxeco, escreví, entre
outras razões de nossa iniciativa, o que aqui segue entre aspas.

"É certo que, acêrca de algumas dessas figuras, já exist-
tem estudos críticos em livros e revistas, mas êsses estudos
apenas são conhecidos dos que pairam nas camadas supe-
riores, em que se pratica a cultura literária. De outras fi-
guras, porém, parece que já se vai o Maranhão deslem-
brando, à falta de um repositório em que se reflitam as di-
versas formas de sua atividade, e no qual, contemplando o
passado reviviscente, possamos sentir ao nosso lado os vul-
tos que pelo saber, pelo talento, pela fortaleza do carater,
devem amparar com seu exemplo e ilustrar com suas lições
o espirito das gerações que se sucedem".

E o "Pantheon Maranhense" alto monumento que a de-
dicação e o amor de Antônio Henriques Leal à nossa terra
erigiram e entregaram à edificação do futuro, a desafiar a
indiferença e até as injúrias do tempo. Entretanto, depois
dessa geração ali sempre viva e lembrada, e excetuadas al-
gumas figuras primaciais reproduzidas no bronze, muitas ou-
tras individualidades de grande relêvo já produziu o Mara-
nhão no domínio das puras letras, no campo dos estudos ci-
entíficos e das investigações filosóficas e, tirante a elite dos
que estudam, desconhece-os, ou vagamente lhes sabe os no-
mes, a massa geral dos que leem. E alguns dêsses homens
se tornaram tão notáveis que o futuro não nos perdoaria o
havermos deixado o brilho de seus nomes e as proporções
de suas estaturas em referencias e citações à revelia do Ma-
ranhão publicadas".

Sentir-se-á em alguns pontos dêste seu trabalho a brevidade
das anotações, mas isto não desmerece o valor dos seus esforços,

que representam grande serviço às nossas letras. Fica assim o caminho aberto a futuros comentários.

Receba os aplausos que, embora destituídos de autoridade, são sinceros, do

Confrade e admirador

LUSO TÔRRES

16-IX-1949



PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO

"Que chaq'un écrit ce qu'il sait et autant qu'il sait"

(MONTAIGNE)

Desde quando ainda estudante, e menino, levado por meus pretensos pendores literários e pelo gosto sempre demonstrado pelo estudo da História, quis conhecer um pouco mais sobre a Atenas Brasileira, natural curiosidade de maranhense orgulhoso de tão honroso cognome dado à terra berço; logo de início, porém, comecei a tropeçar em mil e uma dificuldades, à falta de uma obra onde se houvesse, ao menos, tentado reunir tudo o que eu desejara saber. Além dos nossos maiores, consagrados nas antologias nacionais e nos cursos de literatura brasileira, pouco ou nada mais conseguia saber, não obstante o meu grande desejo e empenho.

Tinha de me cingir e satisfazer com os informes que os mais velhos me davam — nunca, porém, soube como o haviam sabido eles.

E foi, então, que resolvi, tão logo a vida m'ò permitiu, ir anotando, ajuntando, tudo que a respeito me fôsse passando pelos olhos; dentro de pouco tempo essas anotações, em todas as espécies, côres e tamanhos de papel, constituíam um amontoado, desordenado é verdade, mas apreciável. Por isso mesmo, reconheci a necessidade de organiza-los e, fazendo-o, veio-me a vontade de concatena-los.

Assim nasceu a idéia dêste "Panorama da Literatura Maranhense" que, à provocação e instância de meus pares na Academia, em especial do nosso presidente Clodoaldo Cardoso, resolvi publicar, valendo-me de oportunidade oferecida pelo Governo do Estado.

Impossível seria organizar a relação bibliográfica das obras consultadas, não só porque tamanho foi o tempo que levei reunindo, um a um, êstes elementos, como também porque fui desde a Enciclopédia Brasileira, os dicionários bio-bibliográficos de Sacra-

mento Blake e Velho Sobrinho, os cursos de literatura todos que logrei encontrar, até aos simples periódicos, revistas, jornais, almanaques, e mesmo até aos informes pessoais! E, confesso, nem sempre pude dispor de elementos para averiguar a procedência ou legitimidade dos informes — mas, não os tendo também para contrariar-los, acetei-os e registei-os.

De qualquer maneira, aqui vai exposto, com honestidade, tudo que logrei saber para matar aquela minha curiosidade que vinha da infância.

Muitas omissões, muitas deficiências, muitos equívocos, existirão — não tenho dúvida. Os mais sabidos que eu, porém, vendo-os, poderão ajudar-me, de modo que uma possível segunda edição, embora póstuma, saia sanada de todos êsses erros cometidos, para mais ou para menos.

E, finalmente, se publico êste trabalho é porque, despido de egoismo, quis que os que depois de mim vierem lutem com menos dificuldade que eu — apenas o carater utilitário a tanto me arrastou.

Isso me basta; e sentir-me-ei bem pago do muito labor e das muitas conselhas e horas indormidas, se os meus conterrâneos quiserem reconhecer a minha boa vontade e o meu desejo de lhes ser útil.

M. M. M.

cias do futuro Império do Brasil! Traçariam os limites dos estados unidos da República de 1889!

O Maranhão, entretanto, ficou à margem da História toda essa centúria, fracassadas que foram as primeiras expedições — a de Aires da Cunha, em 1535, e a de Luís de Melo e Silva, em 1539 (*) — ambas naufragadas em águas do golfo maranhense; e só no limiar do século XVII, com o estabelecimento dos franceses na Upaon-açu dos indígenas e a fundação do Forte de São Luís, a 8 de setembro de 1612, por Daniel de La Touche, senhor de La Ravardière, e François de Rasily, senhor de Rasily e Aunelles, loco-tenentes generais do Rei de França, é que, pela mão de outro povo que não o português, o nosso Estado viria a ocupar o seu lugar no cenário da História de Brasil e do Mundo.

Genuína e originariamente francês, mesmo porque se não haviam coroados de êxito as primeiras tentativas de colonização pretendidas pelos portugueses com as expedições de Gabriel Soares de Sousa, que retrocedera das cabeceiras do rio São Francisco, de Pero Coelho de Sousa (1603), (**) que não passara além da serra de Ibiapaba, e dos padres Francisco Pinto e Luis Figueira (1607), que pouco ou nada mais lograram obter, e, também, porque o último, em pretendendo levar avante a empresa, já se defrontara com os gauleses de Mr. de Manbille...; genuína e originariamente francês até a vitória de Jerónimo de Albuquerque em Guaxenduba, e consequente expulsão dos homens de La Ravardière e ocupação do Forte de São Luís (3-11-1615), o Maranhão não chegaria a consolidar, de imediato, sua integração na comunidade colonial lusitana. Sim, porque logo em 1641 — só vinte e seis anos após! — seria surpreendido pelos bátavos de Jan Corneliszoon Lichtard, que desembarcaram e assaltaram a vila, depredando-a e prendendo o fraco governador Bento Maciel Parente, e que aqui se demorariam três longos anos, até que a reação legitimista (ou poderíamos dizer nacionalista?), soprada de Pernambuco e cimentada pela comunhão das três raças constitutivas da futura nacionalidade e personificadas nas expressivas figuras, de João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, de Henrique Dias e de Felipe Camarão, os puzesse em fuga ante os bravos capitaneados por Antônio Teixeira de Melo, em 1644.

E, ainda é preciso ressaltar que, quando os franceses para aqui se transportaram, vieram para fundar a França Equinocial; para constituir em terras da América a Nova França — com cinquenta léguas de extensão, para cada lado do forte que fosse construído, conforme a concessão real a Daniel de La Touche, entusiasmado que estava êste com os informes que da região haviam

(*) Ribeiro do Amaral, nas "Efemérides" indica 1554.

(**) Ribeiro do Amaral, nas "Efemérides" dá 1605.

espalhado, na Europa, os aventureiros Jacques Riffault e Charles de Vaux. E de caráter e objetivo definitivos tanto era a aventura, que o concessionário se associara para a empresa, sob o patrocínio do trono, ao almirante François de Rasilly, uma das maiores glórias da marinha francesa na época, e ao riquíssimo Nicolas de Harlay, senhor de Sancy, barão de Molle e Gros-Bois, Conselheiro de Estado e membro do Conselho Privado do Rei. Vieram para estabelecer um Estado e Colônia franceses, para isso trazendo cerca de meio milhar de homens em três caravelas, sob o comando do próprio almirante de Rasilly, do barão de Sancy, filho do senhor de Harlay, e do cavaleiro Isaac de Rasilly, respectivamente, e incluindo naquele total muitos gentis-homens, como de Pezieux, du Plessis, du Pratz, de Brichanteau, de la Barre, de Mondion, Claude de Rasilly, e tantos outros.

Ressalte-se, ainda, que, tomado aos franceses, constituiu-se em Estado, autónomo do do Brasil, em 1621, (*) e assim viveu politicamente separado toda a sua vida colonial, ou seja até a elevação de toda a América portuguesa a parte integrante do Reino Unido. E, finalmente, observe-se que os holandeses de Lichtard, no meado do século, pretendiam também vir estabelecer definitivamente, estendendo-o, o domínio da Holanda na América Meridional, cuja sorte estava então às mãos do habil príncipe João Maurício, conde de Nassau-Siegen.

Dadas essas circunstâncias — a do atrazo de um século, ou de século e meio, para sermos mais estritamente corretos, de sua integração ou, antes, da sua iniciação na vida colonial portuguesa; a de sua fundação por outro povo que não o lusitano, excluindo-o, assim, originariamente, da comunidade das demais capitanias e ocasionando sua constituição em estado independente do do Brasil; e a da sua invasão e dominação, ainda nesse período embrionário, pelos holandeses, que deixaram em ruínas sua capital, — não é de admirar, afigura-se-nos, que o Maranhão ficasse, também e forçosamente, à margem do desenvolvimento literário que já entrara a se processar no Brasil. Sim, porque praticamente inexistente para a História pátria, durante todo o século XVI, a futura Atenas Brasileira, isso quando em Olinda já se manifestavam os primeiros vagidos de uma pretensa literatura nacional, ensaiada pelo grupo reunido em torno da discutida figura de Bento Teixeira Pinto, o poeta da não menos discutida "Prosopopéia" (Lisboa, 1601), grupo a que, di-lo Coelho Neto, **se poderia chamar a primeira escola pernambucana.** E tão pouco é de admirar, ainda, que continuasse alheado da hiperbólica e artificiosa escola cultista que se alastrara pela Europa, como reação ao classicismo, e que do gongorismo espanhol passara a Por-

(*) Carta régia de 13/6/1615 (Amaral) — "Efemérides".

tugal e dèste ao Brasil, para influenciar a nossa segunda escola, a Baiana, de Gregório de Matos e Botelho de Oliveira, os poetas, e Antônio de Sá e Eusébio de Matos, os prosadores.

Se a nossa literatura quinhentista, representada pelo ainda inexpressivo grupo de Bento Teixeira Pinto, não teria chegado a constituir de fato, ou de direito, uma primeira escola, a seiscentista da Baía firmaria definitivamente e indiscutivelmente os alicerces do edificio de nossas belas letras que, com a terceira escola, a mineira do século XVIII, já se ergueria com linhas próprias e impressionantes — o "Caramurú", de Santa Rita Durão, o "Uru-guai", de Basílio da Gama.

2 O Maranhão, que como capitania hereditária fôra a única, é um interessante capricho da História! — a ter como donatário um homem de letras, e um dos maiores da literatura portuguesa de todos os tempos — o historiador João de Barros —, naqueles dois primeiros séculos de sua vida ou, melhor, na sua primeira centúria, que era a segunda da história pátria, só nos oferece, numa visão panorâmica de sua evolução literária, como a que nos estamos propondo ousadamente a expor, as figuras de Frei Manuel da Assunção e do Padre Antônio Pereira, maranhenses — ambos, aquêlê famoso missionário das Índias e êste grande teólogo, ambos oradores sacros, além da figura maior e inconfundível do Padre Antônio Vieira. No mais, só ha enumerar as crônicas escritas pelos que visitaram a região nessa época remota, e a lamentar que tivesse desaparecido, e para sempre, a Década intitulada "Santa Cruz", de que nos fala Simão Estácio da Silveira na sua "Relação Sumária" (cap. IX), que estaria sendo ou teria sido escrita por João de Barros e a qual, pelos elementos e informações que colhera, o levava a pedir ao Rei a capitania do Maranhão.

Nem mais se poderia querer, ou esperar, sabendo-se, conforme o regista o Padre José de Moraes, na sua "História da Companhia de Jesus", que erão os moradores do Maranhão naquelle tempo (1616) a maior parte gente baixa, a quem faltavão espiritos para obrar acções dignas de honra e limpas de todo o genero de cobiça; que era por então commoda sensualidade, o peccado a que estavão mais inclinados com evidente prejuizo de suas almas, e horroroso escandalo dos miseraveis Indios, que erão todo o alvo das suas desordens, porque instigados do mesmo demonio, a huns roubavão a honra, tirando-lhes com abominavel violencia suas mulheres e filhas; a outros, a liberdade no continuo exercicio de hum quotidiano cativeiro sem mais paga que a mesma infelicidade em que ordinariamente vivião e acabavão.

Assim era, logo após a expulsão dos franceses. E seria melhor vinte e seis anos depois, quando os holandeses haviam

deixado em ruínas sua capital, a cabeça de um Estado que contava uma população de apenas 480 habitantes em 1648 (César Marques)? E que poderia ser essa capital?

Pelo que se vê da planta, embora pouco perfeita, que se conhece da cidade, a êsse tempo (é datada de 1640 e ilustra a "Historia delle Guerre del Brasile", por Giuseppi de Santa Thereza), não passava de miserável vila cujo núcleo maior era confinado à área hoje compreendida entre as ruas João Vital (Quebra-costa) e Jacinto Maia (Cascata), na direção norte-sul, e Afonso Pena (Formosa) e Cândido Mendes (Estrêla), léste-oeste, e que tinha limitada à área da atual Avenida Pedro II (Av. Maranhense) até a rua Joaquim Távora (Nazaré) e praça Benedito Leite, a sua parte principal, o seu centro administrativo — era o Forte de São Luís, cercado de muralhas. Do forte para a vila levava um caminho tortuoso e íngreme, que terá sido a origem da atual rua 28 de Julho, e a escadaria da rua do Giz, marginando o alagadiço que era então a atual Praça Grande; além da vila, alcançado por três caminhos em declive, a Igreja de São Jorge, no Destêrro atual. A hoje rua Afonso Pena traz, na planta, o nome de Estrada Real, e enquanto a atual rua Godofredo Viana (Palma) morria nos muros do Forte, ela alcançava o ponto de entroncamento com a rua José Bonifácio (Afogados), então tortuoso caminho, em delive e aclive, que conduzia à outra Estrada Real, afigura-se-nos a atual rua Antônio Raiol, dando acesso ao Convento de São Francisco (Santo Antônio), escondido na mata. Aquela primeira Estrada Real (rua Afonso Pena) passando defronte ao topo da colina onde se erguia a Igreja do Carmo, bifurcava-se, até aquela outra Estrada Real, para dar origem às atuais ruas Osvaldo Cruz (Grande) e Nina Rodrigues (Sol); a rua Cel. Colares Moreira (Paz) seria então apenas uma viela de dois quarteirões, saindo de traz da colina onde se erguia aquele templo, e passando ao lado de uma outra capela, a de S. João. Fora dos muros do forte, bem na extremidade do promontório, dominando a baía, o Castelo de S. Felipe; dentro dos muros, na extremidade oposta, na saída do caminho que levava ao Convento de São Francisco, o Colégio dos Jesuitas; por fim, na extremidade sul daquela segunda Estrada Real, no meio do mato e ali pela altura da Fonte das Pedras como pensamos, um Armazém.

Era esta a São Luís de 1640, a vila que foi cobijada, vencida e depredada pelos homens de Lichtard!

Para completar o quadro evocativo, podemos dizer ainda que as casas, todas cobertas de palha, eram na sua quasi totalidade de taipa — só em 1774 foram abolidas as urupemas que serviam de janelas e só em 1779 se proibiu a concessão de terrenos

urbanos a quem não pudesse construir decente e convenientemente!

.....

Recorde-se que o Maranhão começou de novo a sua vida histórica no meado do século XVII. E tanto assim o foi que uma região que sob o domínio francês, a se crer em Claude d'Abbeville, chegara a contar 12.000 habitantes, ao começar êsse século não tinha população superior a um sexto dêsse total! Não importa que naquele total se contassem os indígenas, pois que se haviam entendido com os franceses e com êles viviam em comum e boa paz, até que, após tantas lutas, desapareceram, mortos muitos e outros internados sertão a dentro.

Feita esta apreciação geral, enumeremos os primeiros cronistas, em cujas memórias e notas vamos buscar êstes mesmos apontamentos, e dentre os quais merecem especial realce os franceses Claude d'Abbeville e Ives d'Evreux, pela argúcia, meticulosidade e generalidade de suas observações e informes, se bem que de todo não isentos do personalismo e parcialismo decorrente de sua qualidade de religiosos, defeito êsse aliás de que se ressentia a quasi totalidade dos escritores dessa natureza. O próprio título do primeiro trabalho de Claude d'Abbeville (ver sua bibliografia a seguir) é prova do que afirmamos: invoca tão somente o nome do senhor de Rasily, católico, e omite o de La Ravardière, protestante, quando se sabe que, embora associados e aquele o chefe da pequena esquadra, foi êste o chefe maior da expedição.

Diogo de Campos Moreno, açoreano, Simão Estácio da Silveira, reinol, e o jesuita holandês Bettendorf, são três outros cronistas que se fazem igualmente distinguir dos demais.

CLAUDE D'ABBEVILLE, capuchinho francês vindo com a expedição de La Ravardière e que entre nós esteve durante quatro meses; chamou-se no século, segundo consta, Clément Foulon. Nascido, como explica o seu próprio nome de ordem monástica, em Abbeville, na Bretanha, e falecido em Rouen, em 1616, após vinte e seis anos de hábito. É o patrono da cadeira n.º 1 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundado pelo seu compatriota Monsenhor Joseph Marie Lemercier.

Bibl.: "Lettre d'un père Capucin, s'étant acheminé en la flotte donnée sous l'autorité du Roy par le Sieur de Rasily au fleuve de Maragnan et terres adjacentes em l'Isle Occidentale, en l'aquelle est descrite l'arrivée des Français au dit pays et l'accueil qu'on leur y a fait" — Paris, 1612; "L'arrivée des Pères

Capucins et la conversion des sauvages a notre Saint Foy" — Paris, 1613; "Histoire de la Mission des pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines ou este traite des singularités admirables et des moeurs merueilleuses des Indiens habitants de ce pays Avec les missives et advis qui on este envoyez de nouveau" — Paris, 1614.

} **NOTAVEL DISCURSO DE JAPI-AÇU, PRINCIPAL** }
} **DA ILHA DO MARANHÃO** }

"Estou muito contente, valente guerreiro, com o fato de teres vindo a esta terra para fazeres a nossa felicidade e nos defenderes contra os nossos inimigos. Já começávamos a nos aborrecer por não vermos chegar os guerreiros franceses, sob o comando de um grande morubixaba; já tínhamos resolvido deixar esta costa e abandonar esta região com receio dos peró, nossos inimigos mortais, e havíamos deliberado embrenhar-nos por esta terra a dentro até onde jamais cristão nos visse, e estávamos decididos a passar o resto de nossos dias longe dos franceses, nossos bons amigos, sem mais pensarmos em foices, machados, facas e outras mercadorias, e conformados com voltar à antiga e miserável vida de nossos antepassados que cultivavam a terra e derrubavam as árvores com pedras duras.

Deus, porém, teve pena de nós e te mandou para cá, não como os naturais de Diepe, pobres marinheiros e negociantes, mas como um grande guerreiro trazendo consigo muitos outros bravos soldados para defender-nos e Paí e profetas para nos instruir na lei de Deus.

Alcançarás grande fama entre as altas personalidades por teres deixado um país tão belo como a França, tua mulher, teus filhos e todos os teus parentes, afim de vires habitar esta terra, a qual embora não seja tão bela como a tua, e não tenhas aqui todas as comodidades que poderias ter, te dará grande alegria, porque nela encontrarás caça em abundância e frutos, e o mar e os rios cheios de uma infinidade de peixes, e um povo valente que te obedecerá e te ajudará na conquista de todas as nações vizinhas. Tu te acostumarás facilmente a nossos viveres e acharás que nossa farinha em nada é pior que o teu pão, pois de teu pão já comi muitas vezes.

No que diz respeito às casas, fortalezas e outras obras manuais, nelas trabalharemos todos afim de que sejas forte e poderoso contra todo o mundo; e contigo morreremos. Nossos filhos aprenderão a lei de Deus, vossas artes e ciências, e com o tempo se tornarão vossos iguais; haverá então aliança de parte a parte, de modo que já ninguém pensará que não somos franceses.

Aliás estou grandemente satisfeito com o fato de nos teres trazido Paí e profetas, pois os malditos peró que tanto mal nos fizeram não faziam outra coisa se não censurar-nos por não adorarmos a Deus. Miseráveis! como poderia-

mos adora-lo se não nos ensinavam antes a conhece-lo e adora-lo ?

Sabemos tão bem quanto êles que ha um Deus que criou todas as coisas, que é bom e que nos deu alma imortal.

Acreditamos ainda que por causa da maldade dos homens e para castigar-nos Deus fez o Dilúvio, apenas escapando a êste castigo um bom pai e uma boa mãe de quem descendemos todos. Éramos uma só nação, vós e nós; mas Deus, tempos após o dilúvio, enviou seus profetas de barbas para instruir-nos na lei de Deus.

Apresentaram êsses profetas ao nosso pai, do qual descendemos, duas espadas, uma de madeira e outra de ferro e lhe permitiram escolher. Ele achou que a espada de ferro era pesada demais e preferiu a de pau. Diante disso o pai de quem descendestes, mais arguto, tomou a de ferro. Desde então fomos miseráveis, pois os profetas, vendo que os de nossa nação não queriam acreditar neles, subiram para o céu, deixando as marcas dos seus pés cravadas com cruzes no rochedo próximo de Potiú, que tu viste tão bem quanto eu (disse dirigindo-se a Migan).

Depois disto surgiu entre nós a diversidade das linguas, pois antes tínhamos a mesma. De modo que não nos entendendo mais massacramo-nos e comemos uns aos outros, fazendo o jogo de Jurupari. Diante de tantas misérias, para cúmulo de nossa infelicidade, essa maldita raça dos però veio tomar nossa terra, esgotando esta grande e antiga nação e reduzindo-a a pequeno número como deves saber que é actualmente.

Mas agora não tememos mais nada, porque tu chegaste e, com tua boa gente, tornarás nossa nação tão grande quanto foi outrora.

Aliás tenho grandes esperanças em tua bondade e em tua brandura, pois parece-me que em teus modos guerreiros há uma maneira amavel, própria a uma personagem que nos governará com sabedoria; e te direi a êsse propósito que quanto mais um homem é grande de nascença quanto maior autoridade tem sôbre os outros, mais brando, obsequioso e clemente deve ser. Pois os homens, especialmente os desta nação, mais facilmente se levam pela brandura do que pela violência. Quanto a mim, sempre pratiquei essa máxima com aqueles que tive sob meu comando e sempre me dei bem. Sempre observei tambem essa brandura entre os franceses, pois, se não os tivéssemos achado bons, teríamos afundado nas matas, onde ninguém nos poderia seguir e teríamos vivido de frutos e raizes que Deus nos deu e que temos conhecimento.

Quanto aos nossos costumes de matar os escravos e de usar cabelos compridos, furar os lábios, dançar, etc., entregamo-nos a ti e faremos o que quizeres ordenar.

Os però maltrataram-nos outrora e praticaram contra nós muitas crueldades, somente porque tínhamos lábios furados e usávamos os cabelos compridos, que de resto êles mandavam raspar como sinal de ignominia. Tu nos dirás a

êsse respeito qual a tua vontade e, depois de ouvir-te, faremos o que quiseres”.

(“História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão” — Claude d’Abbeville). (*)

YVES D’EVREUX, nascido em Evreux, no Eure, em 1577 e falecido em Denis. Superior da Missão dos Capuchinhos franceses que veio estabelecer a fé cristã na Nova França; foi o continuador do trabalho de Claude d’Abbeville, como cronista. É o patrono da cadeira n.º 2, do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada pelo prof. Raimundo Lopes.

Bibl.: “Suite de l’ Histoire des choses plus memorables advenues en Maragnan es années 1613 & 1614” — Paris, 1615; edição essa destruída para evitar complicações diplomáticas com a Espanha e da qual, encontrado que foi um exemplar na Biblioteca de Paris, Ferdinand Denis fez segunda edição em 1864, sob o título de “Voyage dans le nord du Brésil fait durante les années 1613 & 1614 par le Père Yves d’Evreux, publiée d’après l’exemplaire unique conservé à la Bibliothèque Imperiale de Paris, avec une introduction et notes por Ferd. Denis” — Leipzig, 1864.

INDIOS DO MARANHÃO — CORROMPEM-SE COM OS CIVILIZADOS

“Não obstante perversas inclinações, êles (os selvagens do Maranhão) têm outras, boas e louváveis, à virtude. Vivem pacificamente uns com os outros, dividem entre si o que prearam, pescaram e outros víveres e jamais comem às ocultas. Certo dia, numa aldeia não havia de comer mais que farinha. Apareceu um rapaz com uma grande perdiz, caçada havia pouco; a mãe dêle ao fogo a despina, faz ferver, põe ao pilão, redu-la a pó, e misturando folhas de mandioca cozidas e picadas e a farinha que possuíam, arranja infinidade de bolinhos que distribuiu por toda a gente presente. Eu mesmo vi coisa para admirar, ainda que trivial e sem consequencia. Alguns índios esfomeados tornam, da pescaria, apenas com um caranguejo, que nos carvões cozinharam e me havendo pedido farinha, assentaram-se em círculo, cada qual tomando seu pedaço, de um caranguejo, cuja substância não excederia a de um ovo de galinha. Eram doze ou treze.

A liberalidade é grande entre êles e a avareza muito afastada, de tal modo, que se algum deles deseja possuir qualquer coisa do outro diz-lh’o simplesmente, ao dono. É necessário que o objeto seja preciosissimo ao possuidor para que, imediatamente, não dê de presente ao companheiro, contanto que, por sua vez, tendo qualquer coisa que o outro deseje, também lh’o dê.

(*) Tradução de Sérgio Milliet.

Mostram essa liberalidade ainda mais aos estranhos que aos compatriotas, tanto que se privam de seus abrigos para acomodar os hóspedes, tendo-se por felizes com a reputação de liberais, crendo que o renome correrá e serão havidos por grandes e ricos, de modo que fazem visitas a cem, duzentas e trezentas léguas, pelo fato de serem estimados por suas generosidades.

Jamais furtarão ou roubarão o que quer que seja, que fica à vista de todos, sem guarda, exposto nos paus de suas cabanas. É bem verdade que, presentemente, possuem cofres ou caixas que os Franceses lhes deram e nas quais guardam o que têm de melhor, e seja por isso, ou pelo mau exemplo dos Franceses, muitos aprendem o officio de roubar".

(“Viagem ao norte do Brasil feita durante os anos de 1613 & 1614, pelo Frade Yves d'Evreux”).

DIOGO DE CAMPOS MORENO, açoreano. Capitão e Sargento-mór do Brasil, que se juntou à expedição de Pero Coelho de Sousa para a conquista do Maranhão em 1603 e que, depois, foi enviado à Espanha para demonstrar à côrte a necessidade de ser colonizada esta região; dividiu com Jerônimo de Albuquerque os loiros da vitória sobre os franceses e, consumada esta, foi investido no comando do Forte de São Luís. É o patrono da cadeira n.º 3 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada por Barros e Vasconcelos.

Bibl.: “Jornada do Maranhão”, por ordem de S. Magestade, feita no anno de 1614”, publicada pela Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1812, na Coleção de Noticias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas; e “Livro da Razão do Estado”, com um mapa do Brasil.

CORRESPONDENCIA ENTRE LA RAVARDIÈRE E JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE

“Senhor d'Albuquerque, eu te mando esta para saber a verdade da guerra, que fazes, e queres fazer aos meus; porque até aqui não quiz praticar-te nada de aquillo, que toca à nossa arte.

Porque tu quebras todas as Leis praticadas, em todas as guerras, assim Christãs, como Turquesquas, ou seja em crueldade, ou seja na liberdade das seguridades, que os homens tomão huas com os outros para seus parlamentos; e tu retendo os Trombetas, que te mandão pessoas livres, pelo meio de todos os inimigos fazes, que em ti vejamos, e pratiquemos leis novas em nossos officios.

Pelo que tu nunca terás jamais para com pessoas de merecimento, nem farás mais, que abocanhar a carne Christã; mas a Justiça Divina te castigará como tu mereces, e me dará graça, que tu, e os teus proveis a cortezia Francaza, cahindo nas minhas mãos, a qual eu te prometto em vingança de tuas crueldades, que eu poderei executar sobre

ti, e sobre os teus, que cá tenho no Forte de São Luiz sendo doze selvagens, a que faço melhor tratamento, que posso.

Por tanto não te ensoberbeças havendo espantado huns poucos de selvagens, os quaes te deixarão nas mãos alguns oitenta homens dos meus Francezes, governados pelo meu Tenente mancebo, o bravo Capitão, e experimentado na guerra, se jamais o houve, que foi morto na primeira occasião em que aqui se achou.

Tambem havia outro bravo, e experimentado na guerra chamado Mons. du Prat, o qual me veio achar depois da defenza, que fez fazer aos Francezes, e Salvagens, de que não tirassem em modo algum do mundo em quanto durava o parlamento, e esta foi a causa, que tu a tão bom preço os tomaste com toda a Lei de Guerra, violando tudo o que nella se pratica.

O Senhor du Prat virou o rosto àlarma, e vendo a desordem se poz a resistir, e vendo o atrevimento dos teus, e sua audacia acompanhou os seus pelejando até que te vio senhor do campo, e depois se salvou, está com saúde, donde me assistirá bravamente a tomar razão de teus crueis effeitos.

Tu tens somente a honra de ficar com a praça, a qual eu espero haver bem cedo porque ainda me ficou assaz gente de bem para executar meu desenho, sem ter necessidades daquelles, que mandei ao Pará, os quaes espero cada dia, e outros muitos de França; e assim esperarei tambem tua resposta, sobre o que acima te digo, a qual me podes mandar sobre minha fé, e palavra, que eu nunca jamais quebrarei, nem o farei.

Porque tenho vinte e cinco annos de Governador de gentes, pelo que se te mostrares Christão, faze boa guerra aos meus, e manda-me o meu Trombeta, se não queres que à tua vista te faça enforcar em 54 horas todos os teus assim Portuguezes, como Salvagens.

Este teu mortal inimigo, Ravardiére.

Diante do Forte de S. Simão, aos 21 de novembro de 1614".

.....

"Senhor Ravardiére. — El-Rey Catholico de Hespanha nosso Senhor me mandou a este Rio Maranhão com o Capitão, e Sargento Mór de todo este Estado do Brazil Diogo de Campos meu Collega, e muitos homens Nobres, Fidalgos, e Cavalleiros de diversas gerações de Portugal, de que realmente eu tenho muita honra, e tanto me fio de sua companhia, que tenho dois filhos comigo nesta empreza, na qual nunca me persuadi, que tinha parte o Christianissimo Rey de França, nem os Franceses Nobres, que se me nomeão.

Pois he de crer, que sendo o meu Rey Imperador deste novo mundo ha mais de cento e doze annos, que não dará parte delle a outro Principe, e se lha der, que lha não tornará a tirar: pelo que sobre o titulo de nossa vinda não ha que disputar, que se os Reys o hão de averiguar, mal faz quem faz a guerra, e se as armas, escusadas são as palavras.

Por averiguar duvidas, e saber quem estava nessa Ilha,

mandei os dias passados os meus indios com paz à mesma Ilha, e tomarão-mos os Francezes, della vierão outros a buscar-me com engano, dissimulei, e mandei-os livres: depois disto vierão os Francezes de Itapary a esta coroa de arêa, que me jaz defronte, e poserão bandeira branca de paz, a que logo acudi com hum barco, em que hia hum filho meu, e hum Capitão da Caza Rangel para ver sua falla: vierão com armas cubertas os Francezes, e tanto que entenderão poder danar aos meus, lhes tirarão cruelmente muitos golpes de arcabuz, e mosquete.

Eis-aqui, Senhor Ravardiêre, quem por trez vezes rompeu, e violou a lei das gentes, e do primor da guerra, e que se fez incapaz de fidelidade: passadas estas coisas vierão os Francezes a tomar dois pobres cascos de navios, desarmados a meus pobres marinheiros, os quaes estavam à bôa fé no mar d'El-Rey nosso Senhor sem fazerem mal a pessoa, e foi a interpeza a honras, e termos pouco valentes, e ficaram lastimados de tanta ousada, e má vizinhança.

Passado isto, Senhor Ravardiêre, vierão os Francezes em número grande com todas as forças do Estado dos Indios destas Comarcas enganados para nos comerem, e tirarem a vida à fome, e sede, e ao cutelo, e andando-nos apercebendo para nossa defeza, mandarão hum Trombeta não sei de quem, o qual queria que dentro em quatro horas nos rendessemos; e em quanto fallava com meu companheiro Diogo de Campos, e a gente Franceza desembarcava, e os Salvagens se chegavão, os Francezes astuciosamente se fortificavão: sendo assim, que cada crime destes he intoleravel.

Pelo que, seguindo-se o effeito pela nossa parte, começando, a Deos graças, o Trombeta ficou salvo, e a vosso serviço, e vos dou palavra de o mandar quando for tempo por minha cortezia, e vossa bôa tenção; não pelo merecimento da causa, que já vai declarado para diante dos que da nossa arte mais entenderem.

Do sangue, que se derramou de Francezes, e Portuguezes, Deos he testemunha; que não tenho eu a culpa, a quem a tiver elle dará a pena.

Por tanto se os meus, que lá estão, enforcardes, mal fareis aos vossos, que cá tenho, que são nove com o Trombeta, e hum vosso Tambor, mas il será, comme vous plairá.

Todos os mortos Francezes fiz enterrar como pude, não como merecem, se delles algum he necessario, ou os ossos podem livremente vir por elle, sem nenhum interesse: a muitos salvei a vida, mas os Salvagens, que vem comigo, confesso, que são mais crueis, que os vossos, não para comerem carne humana, e assim he fabula, que faltou perna, nem braço a nenhum Francez, e isto sobre minha honra, antes a hum Soldado meu valeroso de casaca grisante, que morreu peleijando dentro já na cerca, os vossos Tapuias, ou Salvagens lhe cortarão hum braço, e sem elle foi a terra; nem me maravilhei disso; porque sou velho, e ha muitos annos, que ando nestas coisas, e por derradeiro sei, que será o que Deos quizer.

Dada no Forte de Santa Maria no Rio Maranhão, a 21 de Novembro 1614 — Jeronymo d'Albuquerque.

MANUEL DE SOUSA SÁ, companheiro de Diogo Campos na "Jornada Gloriosa", de que fez parte como Provedor e Contador da Fazenda.

Bibl.: "Breve relação da conquista do Maranhão", traduzida para o espanhol em 1615.

• **SIMÃO ESTÁCIO DA SILVEIRA**, português; Capitão de milícias e, depois, membro do Senado da Câmara de São Luís, de que foi o primeiro presidente. É o patrono da cadeira n.º 4 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada por Clarindo Santiago.

Bibl.: "Relação Summaria das Cousas do Maranhão, dirigida aos pobres deste Reino de Portugal" — Lisboa, 1624; "Intentos da Jornada do Pará", in vol. XXVI dos Anais da Biblioteca Nacional; "Petição ao Rei de Hespanha para que a produção do Perú fosse trazida por uma das vias do Maranhão o que se podia fazer em quatro mezes por las entrancas de una ancha tierra que por si propria se defende de todos los ejercitos del mundo", documento do Museu Britânico — no tomo 83 da Revista do I. Histórico e Geográfico Brasileiro; e teria escrito uma "História do Brasil", de que nos fala em sua "Relação Summaria".

PRIMEIRAS NOTÍCIAS DAS RIQUEZAS DO MARANHÃO

"Esta Provincia sempre foi muito requestada e desejada, e já em tempos dos serenissimos Reis el-Rei D. Manoel e el-Rei D. João III, se havia metido muito cabedal por descobrir e povoar o Maranhão, e não sem grandes motivos. Porque no tratado que Pero de Magalhães, escreveu das cousas do Brasil, no anno de 1575, refere, que indo certa nação deste gentio buscando novas terras em que habitar (que de seu natural são como ciganos amigos de andar pelo mundo) atravessarão algumas jornadas para o Poente, onde encontrando-se com outra nação sua contraria, que lhes sahio pelas espaldas, e sendo mais poderosa os obrigarão a metter-se muito pelo Sertão, e dos trabalhos do caminho e conflicto da guerra morrerão muitos, e os que escaparão forão ter a uma terra, onde havia povoações mui grandes, e de muitos vizinhos, entre os quaes brão tantas as riquezas, que havia ruas muito compridas de ourives que só se occupavão em lavar peças de ouro e pedrarias, com as quaes se detiverão alguns tempos.

E vendo-lhes leva ferrermentas, lhes perguntarão de quem ou porque mellos as havião, e elles os informarão: como da parte do Oriente ao longo do mar habitavão uns brancos que tinham barba, de que as alcançavão: então lhe derão os outros os mesmos signaes dos Castelhanos do Perú, dizendo-lhes, que tambem da outra parte do Poente tinham

noticia haver gente semelhante, e lhe derão a troco das ferramentas, certas rodellas todas chapeadas de ouro, e ornadas com esmeraldas, pedindo-lhes que as levassem para mostrar áquellas gentes, que tinham as ferramentas, e que lhes dissessem, que se a troco daquellas peças e outras semelhantes lhes quizessem levar ferramentas, e ter communição com elles, que o fizessem que estavam prestes para os receberem com muita boa vontade, e que partidos d'alli forão ter ao Rio das Amazonas, e navegando por elle acima dous annos, chegarão à Provincia de Quito (terra do Perú) onde logo forão conhecidos por gente do Brasil, e contarão sua jornada, e offerecerão as rodellas que forão vendidas por grande preço.

E conforme ao que Auctor discorre desta jornada (que elle testifica como cousa muito certa) estas gentes ricas, devem ser os habitadores do lago dourado, em cujo descobrimento se não consumido infinitas gentes, e capitães Castelhanos, e vem a cabir no Sertão do nosso Maranhão, a que os do Perú chamão Paytiti e Dourado".

("Relação Summaria das Cousas do Maranhão" — Estácio da Silveira).

▼ **JOÃO FELIPPE DE BETTENDORF**, jesuita luxemburguês, onde teria nascido em 1623 ou 1628. Veiu ao Maranhão, pela primeira vez, em 1661 e, pela segunda, em 1688, então como Procurador da Companhia de Jesus. É o patrono da cadeira n.º 8 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada pelo prof. Ribeiro do Amaral.

Bibl.: "Carta do padre João Felippe Bettendorf, Superior das missões do Maranhão, ao padre João Felippe Oliva, Geral da Companhia de Jesus"; "Informações que deu a S. M. o padre João Felippe Bettendorf sobre o expulsarem e aos mais padres do Maranhão em 1684"; "Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão" — Ano de 1685.

DA ORIGEM DO NOME MARANHÃO

Do mesmo modo que as cartas geograficas dos Hespanhóes e Portuguezes divergem, tanto nos nomes dos logares, como em outras circumstancias, assim differem tambem na designação da origem do nome Maranhão, porque costumam attribui-lo a varios rios entre si mui diversos, e principalmente a tres que desembocam em o mar da costa Septentrional, vindos da America Meridional; rio Orelhano, das Amazonas, e Orinoco, como se póde vêr em a historia de José da Costa, para deixar outros menos acuratos, o qual falando em o rio do Maranhão, diz que uns o chamão Amazonas, outros Orelhano, outros Maranhão. João Laet, antuerpiense, auctor da Descripção das Indias Occidentaes, Lib. ib. Cap. 3, diz e prova que José Costa se engana muito, e por conclusão diz assim: "Será Maranhão nome de algum

rio ou não, porque de Abbeville nega ser nome de rio, o certo é, que uniformemente é attribuído em todas as cartas geograficas á ilha do Maranhão, onde está situada a Cidade de S. Luiz, cabeça do Estado do dito Maranhão, e se ha algum rio a se chamar deste nome, são os que nascidos de varias partes com nome a lhe pertencer, como são o rio do Pinaré, do Maracú, do Mearim, de Tapecurú, unidos vão parar em um, em a bahia chamada Tapuytapéra, depois de correrem ao longo da ilha se vão desembocar ao mar, nem embargo ter cada um destes rios seu proprio nome; porque o tem somente correndo apartados, porém estando unidos parece-me isso ter muita probabilidade, e se me não enganarem costumam pilotos Portuguezes dar-lhe o appellido do rio do Maranhão". Não me metto a dizer mais sobre esta materia, basta o que está dito, e ser este nome, sem nenhuma controversia, nome de ilha do Maranhão, que por nenhum caso pode ser tornado de outros rios acima referidos, nem ainda dos que outros poderão allegar, mas deste mesmo nome por serem mui acertados, salvo se dissermos conjecturas sobre o modo por que alguns chamam o rio das Amazonas, rio principal do Estado todo, o rio do Maranhão devia communicar seu nome à ilha do Maranhão, e à sua Cidade, pois é cabeça do Estado todo, e no mesmo Estado pela mesma razão; porém na contra isso que a ilha do Maranhão antes que se descobrisse, sempre se chamou dos naturaes Maranhão, como affirma Claudio de Abbeville, primeiro Missionário della.

(Cap. 1.º do Livro 1.º da "Chronica" — Bettendorf).

FRANCISCO TEIXEIRA DE MORAIS, português, natural de Alenquer; cidadão de S. Luís do Maranhão.

Bibl.: "Relação historica e politica do tumulto que succedeo na cidade de San Luís do Maranhão, com os successos mais notaveis que nelle aconteceram: Sua descripção geographica, seu desenvolvimento, conquista, guerra com os franceses intrusos e índios naturaes. Invasão dos hollandezes, sua expulsão e exacta nomeação do tumulto que na dicta cidade se levantou e a quietação d'elle com a vinda de Gomes Freire de Andrade, e o exemplar governo d'elle e de outros governadores thé o de Francisco de Sá e Menezes" — Anno de 1692.

JERÔNIMO DE SÃO FRANCISCO, capuchinho de Santo Antônio.

Bibl.: "Relação brevissima de todo o Estado do Maranhão, e particularmente do grande rio das Amazonas" — 1692.

JOÃO DE SOUSA FERREIRA, natural da vila de Basto, Portugal. Presbítero da Ordem de São Pedro; Provedor da Fazenda dos Ausentes do Grão-Pará. É o patrono da cadeira n.º 7 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada pelo Tie. Renato Nascimento.

Bibl.: "América abreviada, suas noticias, e de seus naturaes,

e em particular do Maranhão, títulos, contendas e instruções à sua conversão e augmentos mais uteis" — 1693; "Noticiário Maranhense. Descrição do Estado do Maranhão, em que tempo se descobriu o Estado, por quem, suas riquezas, e noticias, que de presente temos, com muitas mais que não se conhecem, e como se pode augmentar, e sua capacidade: d'onde vieram os moradores índios deste Estado, e outras peregrinas circunstâncias".

JOÃO TAVARES, missionário jesuita.

Bibl.: "Breve descrição das grandes recreações do rio Munim do Maranhão".

CRISTOVAM COSTA (don)

Bibl.: "Informação a Sua Magestade de todo o Estado eclesiastico que comprehende a capitania do Estado do Maranhão".

JACINTO DE CARVALHO, padre jesuita.

Bibl.: "Chronica da Companhia de Jesus do Maranhão (fragmento).

• **CRISTOVAM DE LISBOA** (Frei), Bispo de Ançola e do Congo; custódio visitador e comissário da Inquisição. Fundou em São Luís o Convento de S. Antônio, sob a invocação de Santa Margarida (agosto-1605).

Bibl.: "Relação geral de toda a Conquista do Maranhão"; "Historia Natural e Moral do Maranhão e Pará".

Para tornar mais completa a relação, poder-se-ia nela incluir o capitão-mór Alexandre de Moura, que escreveu o "Roteiro da viagem que fez ao Maranhão...", hoje desaparecido; e o jesuita Fernão Guerreiro, com a sua "Relação anual das coisas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus", obra cujos capítulos referentes ao Maranhão foram coligidos e anotados por Cândido Mendes nas suas "Memórias", as quais compreendem ainda, entre muitos outros preciosos documentos, os capítulos, no que nos interessam, da "História de Portugal Restaurado", de D. Luís de Menezes, Conde de Ericeira. Registe-se, igualmente, o nome daquele missionário, padre Luís Figueira (patrono da cadeira n.º 5 do I. Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada pelo padre José Ferreira Gomes), que escreveu, entre nós, a primeira gramática das linguas nativas, bem assim o do padre Manuel Rodrigues, autor do "Maranon y Amazonas"; finalmente, o manuscrito sobre a "Relação da jornada de Jeronymo de Albuquerque para a Conquista do Maranhão", de autor desconhecido, e pertencente à biblioteca daquele Conde de Ericeira, e de que nos fala Berredo nos seus "Annaes". E, também, aquele livro, obra raríssima, de que nos fala Ribeiro do Amaral na "Fundação do Maranhão": "Les fruits de la mission des Reverens Pères Capucins en l'Isle de Maragnan. Comment la Croix fut plantée, de

quoi s'est ensuiuy la Conversion de plusieurs Sauvages Tupi-nambás" — Lille, 1614 (Imprimerie de C. Beys).

Ainda, na Bibliotheca Nacional de Lisboa, sob o título de "Obra de Varios Autores", o nosso incansável e erudito Henriques Leal descobriu o manuscrito n.º E-5-53, compreendendo, entre outras, as seguintes peças que interessam à nossa primitiva história :

- "Noticias dos Successos, e expulçam dos P.P. da Companhia do Estado do Maranham" — Authora a Verdade (pgs. 169 a 220).
- "Parecer politico sobre o Estado do Maranham. Apresentado em nome da Camara ao Senhor Rey Don Pedro Segundo por seo Procurador Manuel Guedes de Aranha" — Ano de 16.. (pgs. 221 a 297).
- "Parecer sobre os successos do Maranham. Feyto por Manoel de Vide Souto Mayor" (pgs. 298 a 307).
- "Parecer dado sobre o Governo do Maranham. Dado no Conselho Ultramarino pelo procurador d'aquelle Estado, Manoel de Vide Souto Mayor" (pgs. 308 a 318).
- "Parecer sobre se augmentar o Estado do Maranham. Fazendo-se assento para Negros do Cabo Verde. Feyto por Joam de Moura" (pgs. 319 a 326).

Por outro lado, na Bibliotheca Pública Eborense, conforme regista ainda César Marques em seu "Dicionário", existem, além de obras já anteriormente consignadas aqui pelo nome dos respectivos autores, mais os seguintes documentos :

- "Traslado authenticico dos papeis, que se escreveram entre o Bispo do Maranham D. Gregorio dos Anjos, e os padres missionarios da Companhia de Jesus sobre a controversia da administração das igrejas" — 1680/1681.
- "Carta do Padre Pedro Pedrosa a sua Alteza dando conta de tudo que se obra nas missões da capitania do Maranham, até o rio Tapajós as quaes em razão de seo officio visitou" — 1681.
- "Informação do missionario da Companhia de Jesus do Estado do Maranham, hoje assistente nesta côrte, em que responde ao que contra elles dizem os moradores do dicto Estado, sobre os indios da sua repartição e entradas dos sertões".
- "Respostas aos capítulos, que deo contra os religiosos da Companhia de Jesus (em 1682) o procurador do Maranhão, Jarge de São Paio".
- "Memmorial de 12 propostas, que os padres missionarios do Estado do Maranham representaram a Sua Magestade para ser servido mandar ver e deferir-lhes, quando lhe



pareça que elles voltem às missões do dicto Estado, de que ao presente foram expulsos, na cidade de San Luis do Maranham".

- "Petição a El-Rey do procurador do Estado do Maranham, Dionizio Campello de Andrade".
- "Razões porque os padres devem ser restituídos às aldeias".
- "Protesto e notificação aos padres para sahirem do Estado do Maranham". De 18 de março de 1684.
- "Traslado das duas propostas das camaras das cidades de S. Luis do Maranham e Santa Maria de Belem do Gram-Pará, que foram apresentadas a Sua Magestade pelo procurador das mesmas camaras, Pedro da Silva Nunes, as quaes propostas se achavam demoradas no Conselho Ultramarino ha mais de 6 annos".

Entretanto, o Maranhão seiscentista hospedou uma das maiores glórias das letras portuguezas de todos os tempos, que aqui viveu cêrca de oito anos, pregando a fé ao gentio, defendendo-o da cobiça do branco ávido de fortuna facil e enchendo os nossos modestos templos coloniais com a grandiloquência de sua oratória privilegiada — o padre Antônio Vieira, nome que assim, para honra nossa, se ligou a nossa história e a nossa literatura regionais. A seu lado, embora naturalmente ofuscados por estrêla de tão fulgente grandeza, registamos os precusores da literatura maranhense — Frei Manuel da Assunção e Padre Antônio Pereira.

ANTÔNIO VIEIRA nasceu em Lisboa, Portugal, a 6/2/1608 e faleceu em Salvador, Baía, a 18/7/1697; veiu para o Brasil com a idade de oito anos e aqui viveu cinquenta dos noventa anos de sua longa, movimentada, proveitosa e brilhante existência. Diplomata, político, missionário, epistológrafo e poliglota; clássico da lingua e um dos maiores oradores sacros que o Mundo tem tido, é uma das maiores glórias das letras lusitanas, de Portugal e do Brasil. Foi confessor da Rainha Cristina da Suécia e pregador da côrte portuguesa ao tempo de D. João IV, de quem foi conselheiro privado; não obstante, no reinado de Afonso VI foi exilado para o Porto, e condenado e preso pelo Santo Ofício, chegando a ser queimado em effigie pela Inquisição no pátio da célebre Universidade de Coimbra, tradicional centro da cultura lusitana. Superior da Companhia de Jesus na Vice-província do Maranhão. É o patrono da cadeira n.º 6 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada pelo Cônego Arias Cruz.

Suas produções, mais de duzentos sermões e de quinhetas cartas, bem como grande número de informações e estudos — um punhado de obras primas da literatura portuguesa — estão

reunidas nos vinte e seis volumes que, hoje em dia, constituem suas "Obras Completas".

MAL DA TERRA

"Os vícios da língua são tantos que fez Dregelio um abecedário inteiro e muito copioso deles. E se as letras deste abecedário se repartissem pelos Estados de Portugal que letra tocaria ao nosso Maranhão? Não ha dúvida que o M... M Maranhão, M murmurar, M motejar, M maldizer, M mal-sinar, M mexericar, e sobretudo M mentir: mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos e por todos os modos aqui se mente. Novelas e romances são as duas moedas correntes desta terra: mas tem uma diferença que as novelas armam-se sobre nada e os romances armam-se sobre muito, para tudo ser moeda falsa.

Na Baía que é a cabeça desta nossa Província do Brasil, acontece algumas vezes que no Maranhão quasi todos os dias. Amanhece o sol muito claro, prometendo um formoso dia e dentro em uma hora se tolda o céu de nuvens e começa a chover como no mais entranhado inverno. Succedeu-lhe um caso como este a Dom Fradique de Toledo, quando veio restaurar a Baía no ano de mil seiscentos e vinte e cinco. E tendo toda a gente da Armada em campo para lhe passar mostra, admirado da inconstância do clima, disse: En el Brasil hasta los Cielos mientem. Não sei se é isto descrédito, se desculpa. Que mais pode fazer um homem, que ser tão bom como o céu da terra em que vive? Outra terra há na Europa na qual eu estive há poucos anos, em que se experimentam cada dia as mesmas mudanças, pelas quais Galeno não quis curar nela, porem ali ha outra razão: porque como a terra tem jurisdição sobre o céu, segue o céu as influências da terra. Mas o que disse do Brasil por galarantaria se pode afirmar do Maranhão com toda a verdade.

É experiência inaudita a que agora direi e não sei que fé lhe darão os matemáticos que estão mais longe da linha. Quer pesar o Sol um piloto nesta cidade, onde estamos e não no perto, onde está surto o seu navio, se não com os pés em terra; toma o astrolábio na mão com toda a quietação e segurança. E que lhe acontece? Cousa prodigiosa! Um dia acha que está o Maranhão em um grau, outro dia em nenhum. E esta é a causa por que os pilotos, que não são práticos nesta costa areiam e se têm perdido tantos nela. De maneira que o Sol, que em toda a parte é a regra certa e infalivel, por onde se medem os tempos, os lugares, as alturas, em chegando à terra do Maranhão, até ele mente. E a terra onde até o sol mente, vêde, que verdade falarão aqueles sobre cujas cabeças e corações ele influe?

Acontece-lhe aqui aos moradores o mesmo que aos pilotos que nenhum sabe em que altura está. Cuida o homem nobre hoje que está em altura de honrado e amanhã achasse infamado e envelhecido. Cuida a donzela recolhida que está em altura de virtuosa e amanhã acha-se murmurada pelas

praças. Cuida o eclesiastico que está em altura de bom sacerdote e amanhã acha-se com reputação de mau homem. Em fim um dia estais aqui em uma altura, e ao outro dia noutra, porque os lábios são como o astrolábio. É isto assim? A vós mesmo o ouço, que eu não o advinhei. Vêde se é certa a minha verdade que não há verdade no Maranhão.

(Do "Sermão da Quinta Dominga da Quaresma, II, 1654"
— Pe. Antônio Vieira).

MANUEL DA ASSUNÇÃO (Frei), nasceu no Maranhão em 1636 e faleceu em Lisboa em 1675; Provincial da Ordem das Mercês. Missionário e orador.

Bibl.: "Progressos da Religião nas Indias"; "Sermões".

ANTÔNIO PEREIRA (padre), nascido em São Luís no ano de 1641 e falecido de uma flechada, a 23 de dezembro de 1702 (ou em 1693?), quando em missão no Pará. Jesuita; orador sacro, com fama de grande teólogo no seu tempo.

Bibl.: "Vocabulário da lingua brasílica"; "Catecismo para instrução dos meninos e meninas"; "Estudos sôbre as linguas dos gentios"; "Carta do padre Antônio Pereira ao Rev. Padre procurador geral Francisco de Mattos".

CAPÍTULO II

Século XVIII. Apreciação geral: o Arcadismo no Brasil. O desenvolvimento do Maranhão e o progresso de sua capital. Ainda literatura sôbre a terra

Como os dois séculos anteriores, que se haviam qualificado, na república das letras, pelos chamados classicismo quinhentista e cultismo seiscentista, a centúria de 1.700 qualificar-se-ia pelo arcadismo, desenvolvendo-se no Brasil, ainda em imitação à metrópole, a, como diz Afrânio Peixoto, (*) "literatura do Brasil", em contraposição às literaturas "sôbre o Brasil", da centúria de 1.500, e "no Brasil", da centúria de 1.600. Na primeira pela ordem cronológica, literatura feita na Europa e para a Europa, por europeus, dando a conhecer a nova terra; na segunda, literatura já feita aqui, mais ainda por europeus; na terceira, enfim, literatura já de brasileiros, feita não só aquém como além Atlântico, haja vista o teatro de Antônio José, o Judeu, em Lisboa, a oratória de Santa Rita Durão, em Coimbra, e as **modinhas** divulgadas na côrte por Domingos de Caldas Barbosa. Ressalte-se, ainda, a figura inconfundível do padre Bartolomeu de Gusmão, o Voador, cujo nome chegou a atravessar as próprias fronteiras do reino, assombrando a Europa.

Embora ainda de imitação à metrópole, a literatura brasileira do século oferece um aspecto novo; reveste-se de um cunho nacionalista, de côres fortes e características definidas, tanto mais quanto, no centro de seu maior desenvolvimento — Vila Rica — confunde-se com o movimento de emancipação política da Inconfidência Mineira. Entre os inconfidentes contavam-se Tomaz Antônio Gonzaga, que arcadicamente era o "Dirceu" de Marília, Cláudio Manuel da Costa que era "Glauceste Satúrnio", Silva Alvarenga que era "Alcindo Palmireno" e Alvarenga Peixoto que era "Eureste Fenício".

Aliás, o próprio arcadismo, dentro do classicismo, foi um mo-

(*) "Panorama da Literatura Brasileira".

vimento de renovação literária, pretendendo a volta, no campo das boas letras, à simplicidade e pureza dos costumes e idéias, enredados então na urdidura artificiosa do gongorismo verborrágico, e preparando, assim, o ambiente para o advento do romantismo, movimento de emancipação integral.

Pernambuco, após a longa dominação holandêsa, perdera a preeminência literária, ou intelectual, na colônia, a que fazia jús em razão daquela sua primeira escola, a de Bento Teixeira Pinto, já completamente ofuscada pela seiscentista escola baiana; dêsse modo, o atual movimento renovador encontraria os seus melhores centros de desenvolvimento em Minas, Baía e Rio de Janeiro. Especialmente em Salvador e na cidade de São Sebastião proliferaram as "arcádias", características inconfundíveis da escola francesa: a Academia dos Esquecidos, a primeira — fundada em 1724 — e a que pertenceram Rocha Pita e os irmãos Bartolomeu e Alexandre de Gusmão, e a dos Renascidos, ambas na Cidade do Salvador; a do Felizes, a dos Seletos, e a Arcádia Ultramarina, todas no Rio, ésta última contando entre seus membros Caldas Barbosa, Cláudio Manuel, Basílio da Gama, Rita Durão, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, ou seja a fina flor da intelectualidade de então. Ainda houve no Rio a Academia Científica, sob o patrocínio do Marquez do Lavradio, e a Sociedade Literária, aprovada pelo Vice-Rei Don Luís de Vasconcelos. Minas, se não teve arcádias, deu os expoentes da escola no Brasil — o grupo dos inconfidentes.

Era, como se vê, um movimento de real e acentuada renovação: o edifício das belas letras, na colônia, começara a ser erigido e já mostrava o que seria num futuro próximo.

O Maranhão, entretanto, continuava e continuou, toda essa centúria, no seu período de formação literária; mas período incipiente, sem acompanhar de maneira alguma a evolução que se processava ao sul, tão alheado do movimento cultural que se desenvolvia no Brasil quanto dele vivia politicamente independente, os dois estados equidistantes da metrópole e autônomos entre si. Nem poderemos dizer aqui, seguindo a lição do mestre Afrânio Peixoto, que tivéssemos passado a fazer "literatura do Maranhão", ou mesmo "no Maranhão"; sim, não podemos porque neste século temos a registrar, e tão somente, crônicas ainda escritas por portugueses, acidentalmente, ou por dever de officio, vindos ao nosso Estado — e temos de reconhecer, também, que em matéria de crônicas e cronistas, este século foi, quantitativa e qualitativamente, bem mais pobre que o anterior. Só no começo do século XIX, nas vésperas do surgimento espetacular do "grupo maranhense", aquela plêiade gloriosa e imortal que conquistou e nos legou o título invejável de Atenas Brasileira, é que volta a

se manifestar, de maneira sensível, ligeiramente sensível, a nossa literatura própria, já ensaiada no século anterior por Frei Manuel de Assunção e padre Antônio Pereira.

Não obstante, este século XVIII assinalou acentuado progresso para o Estado, um desenvolvimento social e material que deve ser apreciado, mesmo rapidamente, para melhor compreensão do estudo a que nos propusemos.

A população da capitania que passara de 480 habitantes, em 1648, para 700, em 1658, já era agora, em 1778, de 47.412, e cedo alcançaria o total de 160.000 (1814), sendo que a da cidade de São Luís, no fim do século, era estimada em 16.580, evidenciando-se assim, com a comparação destes últimos algarismos, que a colonização já se não circunscrevia às imediações da antiga Upaon-açu dos indígenas, mas começara a se espalhar interior a dentro, além de Tapuitapera (Alcântara) e Icatú, (1686) que haviam sido fundadas no século XVII. Com efeito, em 1757 foram fundadas as povoações de Vinhais (Uçagoaba) e Viana (Maracú); em 1758, as de Guimarães e Tutóia; em 1760, a de Monção (Carará); em 1767, a de Paço do Lumiar (Anyndibá); em 1811, a de Aldeias Altas (Caxias); em 1818 a de Itapecurú-mirim; em 1820, as de Pastos Bons e São Bernardo.

Além desta rápida ilustração demográfica e cronológica, e para que não nos apartemos em grande distância do assunto objetivado, enveredando por digressões que não seriam absolutamente de caráter literário, acrescentemos tão somente que foi nessa centúria que se efetivou a emancipação dos indígenas e que se proclamou livre o direito da pesca; que se proibiram os suplicios que se faziam os penitentes nas igrejas e que se substituiu, nas trocas mercantis, o rôlo de fio de algodão pelas moedas de cobre; que se introduziu a cultura do anil e do arroz branco, vindo da Carolina, estabelecendo-se o primeiro engenho para o beneficiamento deste último; que se tentou a plantação de amoreiras para a criação do bicho da seda e que se chegou a pretender uma primeira fábrica de tecidos de algodão; que se criaram a Milícia do Estado, a Intendência da Marinha, e se estabeleceu a Junta de Justiça, depois substituída pela Relação; que se rasgou uma grande estrada para a capitania do Gram-Pará e se estabeleceu a nova Companhia de Comércio, com um capital de 1.200.000 cruzados e que se providenciou a instalação da primeira agência postal.

Tais ocorrências, naturalmente, confirmam que o Estado entrara numa outra fase de desenvolvimento e progresso, como o dissemos, sendo de salientar, então, entre os seus governantes, os nomes de Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1751/1759) e Joaquim de Melo e Póvoas (1761/1763 e 1775/1779), respectiva-

mente irmão e sobrinho daquele grande estadista lusitano que foi o Marquês de Pombal.

Falta-nos acentuar, ainda, que foi nessa centúria que o ensino começou a ser encarado de maneira menos negligente e empírica, pois além das aulas de filosofia, teologia, retórica, gramática e primeiras letras, mantidas pelos jesuítas em sua residência da Madre-Deus, e das de leitura, latim e catecismo, igualmente mantidas por padres em Alcântara, abriram-se, então, as aulas régias em São Luís, das quais a terceira foi estabelecida em 1794, sendo seu professor Manuel do Nascimento Câmara; no ano seguinte, Francisco Metelo abriu uma de escrever, com talhe moderno...; antes o hoje bemaventurado Gabriel Malagrida fundara, em 1753, um recolhimento para abrigar órfãs e senhoras desvalidas — Recolhimento de Nossa Senhora da Anunciação e Remédios —, a primeira escola de educação feminina que tivemos. Em 1777 já daqui partira, para estudar em Coimbra, o poeta repentista José Pereira da Silva; e em 1779 o Ouvidor Henrique de Melo Coutinho reiterava à Câmara o pedido da indicação de rapazes que fossem estudar, na Academia da Marinha de Lisboa e na Universidade de Coimbra, as profissões de topógrafo, hidráulico, médico, cirurgião e contador. Depois de uma série de peripécias e mesmo dificuldades criadas por D. Fernando Antônio de Noronha, na opinião de Barbosa de Godois (*) o mais imbecil dos governadores que temos tido, o número daqueles candidatos foi reduzido de sete a quatro, sendo por fim enviados os seguintes: Raimundo Pedro da Silva e Cunha, Antonio Xavier de Lima, José Alves de Carvalho e Francisco Diogo Velês. E quando Don João VI, fugindo aos franceses de Junot, estabeleceu a corte no Rio de Janeiro, e, procurando desenvolver e elevar o novo Reino-Unido à altura de sua nova categoria política, fez fundar as Faculdades de Medicina do Rio e da Baía, prometeu também, pela Carta Régia de 29 de dezembro de 1815, a criação de uma outra no Maranhão, (**) faculdade essa que infelizmente não passou de promessa e pela qual esperamos até hoje!

Concluindo esta apreciação geral, registemos a impressão que tiveram de nossa capital, ao tempo do Príncipe-Regente, os alemães J. B. von Spix e C. F. P. von Martius, que nas vésperas de nossa independência viajaram o Brasil de norte a sul. Escreveram êles na sua "Viagem pelo Brasil", conforme a tradução de Lucia Furquim Lahmeyer (edição da Imprensa Nacional, de 1938):

"São-Luís-do-Maranhão merece, à vista de sua população e riqueza, o quarto lugar entre as cidades brasileiras.

(*) "História do Maranhão".

(**) Oliveira Lima — "Dom João VI no Brasil".

.....

As casas, de dois ou três pavimentos, são na maioria construídas de grês de cantaria, e a cômoda disposição do seu interior corresponde ao exterior sólido, de conforto burguês. Mas as ruas não são bem alinhadas, parte em ladeiras, e mal calçadas ou sem calçamento. A residência do governador apresenta extensa fachada, faltando-lhe, porém, a imponência e elegância própria desses edifícios. O antigo colégio dos jesuítas, a Câmara Municipal e a Cadeia Pública ocupam os outros lados da espaçosa praça.

.....

A cidade do Maranhão, com as suas mais próximas dependências, conta apenas 30.000 habitantes.

.....

Mas, tanto quanto a observação do viajante percebe a este respeito na parte distinta da sociedade de São Luís, um traço fica-lhe oculto, e que ilustra essa cidade do modo mais vantajoso.

Refiro-me à dignidade do comportamento, ao tom seguro e educado da sociedade. Ali não se vê a enorme riqueza de uns poucos, nem os seus esforços em copiar os costumes europeus; nem a evidente influência de inúmeras firmas comerciais inglesas e francesas é a única razão de ser dessa louvável circunstância, a qual deve, sobretudo, ser antes atribuída ao trato mais desembaraçado e natural do belo sexo para com os homens. As mulheres do Maranhão, além da louvável modestia e virtudes domésticas, também possuem a do espírito, ilustrado por muitos conhecimentos, e mostram-se, daí, em relação aos homens, numa independência cheia de dignidade, que mais e mais lhes dá o direito, assim como às suas irmãs européias, de imprimir sua influência na sociedade. Já desde muito é costume no Maranhão mandar educar em Portugal as jovens das famílias opulentas; os rapazes vão formar-se em Inglaterra e na França. É geral ouvir-se aqui dizer que o clima desta cidade é quente demais, para permitir o estudo das ciências abstratas; e os maranhenses gosam, sem dúvida, de primazia sobre as cidades de Olinda e São-Paulo, de manter uma universidade, como, segundo recentes notícias, o governo brasileiro resolveu.

Já existem aqui um ginásio e alguns colégios públicos. Para educar a mocidade feminina, são beneméritas as freiras da ordem de Santo Agostinho, que não acolhem órfãs, e que não fazem os três votos dos religiosos, e podem de novo voltar ao mundo".

.....

.....

Não obstante materialmente desenvolvido e já intelectual e moralmente bastante aprimorado, o Maranhão se manteve, literariamente, na maior e mais absoluta discreção. A nossa história, pelo menos, não regista, em todos esses cem longos anos, nem um vulto menos insignificante de prosador ou poeta que como tal possa ser considerado, a não ser que queiramos ressaltar a figura do padre José de Moraes, que na apresentação de sua "História da Companhia de Jesus" se diz filho do Maranhão, em que pese à opinião, douta sem dúvida, de Cândido Mendes que, incluindo sua obra nas "Memórias para a História do Extincto Estado do Maranhão", diz crê-lo antes português de origem. O dizer-se "filho da mesma província", no oferecimento que faz do livro a D. Mariana d'Austria, comenta o autor das "Memórias", seria simples força de expressão, filiação espiritual à província jesuítica a que servia no momento — é assunto para se discutir e aclarar ainda.

Afóra o Padre José de Moraes, só poderíamos, maranhense de nascimento, invocar o nome de Francisco Raimundo Corrêa de Faria, a quem nos referiremos adiante, com escassez de dados informativos embora, porque mais não conseguimos.

Custa-nos crer, entretanto, que não tenha de fato havido uns poucos precursores, haja vista não só o que viram e disseram Spix e Martius, como também o que testemunharemos no século seguinte; pensamos, antes, que a nossa história dessa centúria, na sua maior e melhor parte, esteja ainda mergulhada na poeira e no esquecimento dos arquivos, desafiando a boa-vontade e paciência de estudiosos pesquisadores que a vão arrancar às teias de aranha.

Como se compreenderia o aparecimento do "grupo maranhense", e o explicaria mesmo, com figuras do porte e magnitude de Gonçalves Dias, João Lisboa, Odorico Mendes e Gomes de Sousa, sem admitir a existência de um grupo anterior, preliminar e preparatório?! E mais se nos firma esta convicção quando, lendo o "Dicionário" de César Marques, descobrimos que ao tempo do governo de Joaquim de Melo e Póvoas aqui vivia um poeta, medíocre embora, que, em homenagem a Lourenço Belfort, o homem da cultura das amoreiras para a criação do bicho da seda, compôs uma poesia de que o ilustre pesquisador transcreve estes versos:

.....

**"Ainda se praticou outro projecto
 Por fazer a lavoura mais rendosa,
 Fazendo vir da Europa aquelle insecto,
 Que fia a rica seda preciosa:**

Altíssimas palmeiras
 Dão lugar a frondosas amoreiras
 Que dão pasto agradável
 Ao frondífero povo, inumeravel,
 Porém o clima desta zona ardente,
 Numa reprodução continuada,
 Atenua a prolífica semente
 E nunca pode ser climatizada:
 Só uma porção fia
 Que à capital da Lusitânia envia,
 De que o rei entendido,
 Para honrar o autor, faz um vestido !

.....

Não regista, porém, César Marques, o nome e naturalidade do poeta. Lamentavel falha !

Enumeremos, por fim, os cronistas aparecidos nesta centúria.

* * *

DOMINGOS DE ARAÚJO; padre jesuita.

Bibl.: "Chronica da Companhia de Jesus da Missão do Maranhão — 1720".

PAULO DA SILVA NUNES. Procurador do Reino no Estado do Maranhão.

Bibl.: "Capítulos sobre os maus procedimentos do Governador e Capitão-general do Estado do Maranhão, João da Maya Gama — 1722/1724".

BERNARDO PEREIRA DE BERREDO E CASTRO. Capitão de cavalaria e Governador de Mazagão; foi Governador Geral do Estado do Maranhão de 1718 a 1722 e depois, quando aqui ficou coligindo elementos para a sua obra, membro do Senado da Câmara. É o patrono da cadeira n.º 9 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada pelo prof. Rubem Almeida.

Bibl.: "Annais historicos do Estado do Maranhão, em que se dá noticia de seo desenvolvimento e tudo o mais que nelle tem succedido desde o anno em que foi descoberto até o de 1718" — Lisboa, 1749.

O RIO MEARIM

"O principe soberano de todos os rios da Capitania do Maranhão he o celebrado Meary, que tem a sua boca quarenta leguas da Cidade de S. Luiz pelo rumo Sudueste: em embarcações, que forem de quilha não pôde navegar-se; porque como na entrada o mar espraya muito, fica pouca agua, e perigosos baixos, que só se salvão nas canoas com a maré cheya; porém subindo-o por diferentes ramos, porque he todo de voltas, se caminhou já çous mezes e meyo, sempre

com largura de vinte, trinta e quarenta braças; e ordinario fundo de três, quatro e cinco, sem que até agora se lhe descobrisse o seu nascimento.

As suas margens (que só pela distancia de dez leguas se achão povoadas com menos de setenta moradores) constão tambem de fermosas campinas com muitas fazendas de gado vacúm; mas na mayor parte de matas espaçosas, a que se seguem tão dilatados campos, que ainda se não sabe quaes sejam os limites de sua vastidão. Sustentou já seis engenhos de assucar de grosso rendimento; mas no tempo presente se conservão só tres de pouca utilidade, por falta de fabrica, desamparados todos os mais dos senhores delles por sobrado receyo do gentio de corso, quando estas terras parece, que as creou a alta Providencia para a mesma cultura; porque facilitou por hum tal modo o trabalho della, que as plantas de hum anno durão mais de trinta sem muito beneficio.

A corrente deste famoso rio he tão arrebatada, que encontrando-se vinte leguas da sua boca, Nordeste, Sudueste, com a enchente do mar, a suspende de sorte, que por largo tempo lhe disputa o triunfo; resultando deste fatal combate, por causa da represa da maré, ou fluxo, e refluxo das mesmas aguas, humas ondas tão fortes, e encapelladas, (a que os naturaes chamão Pororoca) que depois de vencidas, tudo quanto vasou em quasi nove horas, enche em menos de hum quarto, ficando a maré caminhando ainda para cima tres horas completas com tão rapido curso, que parece que voa.

Mas com ser tão violenta esta tal Fororoca, que atemorisa o seu estrondo em mais de cinco leguas, dando a entender soberbamente, que traga os mesmos montes, nunca perigão nella, não sendo por descuido, ou temeridade, as embarcações que navegação o rio; porque como tem sitios (a que chamão Esperas) privilegiados de tamanho furia, logo que se abranda, como experimentou o Author desta Historia, passando a este grande rio para fazer a guerra de mais perto ao gentio de corso. O mesmo prodigio da natureza, e com mayor perigo se admira tambem no mar de Araguari, onde desagoa o rio das Amazonas pela parte do Norte da Capitania do Grão-Pará; e de outro semelhante escreve Diogo de Couto na enseada de Cambaya, junto da Cidade de Cambayete".

(“Anais Históricos” — Berredo — Livro I).

BENTO DA FONSECA, padre jesuita. Cronista da Companhia.

Bibl.: “Negócios da Vice-provincia do Maranhão, vindos em 1741”; “Descripção geographica do Maranhão, e de alguns rios, assim pertencentes a capitania do Maranhão, como do celebre rio Amazonas, rios que neste se mettem e nações de que são povoados”; “Maranhão conquistado a Jesus Christo e à coroa de Portugal pelos religiosos da Companhia de Jesus” — 1757 (fragmento); “Noticia do governo temporal dos índios do Maranhão e das leis e razões, porque os Srs. Reis o cometeram aos missionarios, e em que consiste o dicto governo, chamado temporal,

que exercitam os missionarios sobre os indios"; "Roteiro dos rios do Maranhão" (fragmento).

JERÓNIMO DA GAMA. Padre jesuita.

Bibl.: "Noticias das missões dos jesuitas no Maranhão, desde 1712 até 1757".

✓ **JOSÉ DE MORAIS;** padre jesuita. Cronista e procurador da Companhia de Jesus; Comissário da Bula da Santa Cruzada. Posteriormente, abandonando o hábito, chamou-se José Xavier de Moraes da Fonseca Pinto. É o patrono da cadeira n.º 10 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada por D. Adalberto Sobral.

Bibl.: "História da Companhia de Jesus na Extincta Provincia do Maranhão e Pará — ás reaes cinzas da Fidelissima Rainha e Senhora Nossa, D. Mariana d'Austria, offerece o seu autor, **filho da mesma Provincia**" — Lisboa, 1759; "Carta Pastoral" — Rio, 1809.

A CIDADE DE S. LUÍS DO MARANHÃO

"A cidade de S. Luiz do Maranhão, situada em huma ilha deste nome, foi em outro tempo cabeça do Estado, merecido premio de seus valorosos conquistadores; que hoje se acha transferida para a cidade do Pará por ordem de Sua Magestade Fidelissima, indo-a governar Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Está em altura de tres grãos e meio ao Sul da Equinocial, com trezentos e trinta e seis de longitude. Jaz entre as duas Capitánias, a do Piaguy da parte de leste, correndo para sueste, e a do Pará da banda do oeste correndo para noroeste. Pelo sudoeste confina com o sertão, parte descoberto e parte incognito ao nosso descobrimento. Para o norte lhe fica o mar do Norte, e todas aquellas terras que pela abundancia dos rios que as fertilizam se fazem mais uteis ao commercio, por ser notavel a producção de suas drogas. Tem de comprimento esta famosa ilha sete leguas nordeste-sudoeste, e cinco de largura noroeste-sueste, em fórma quasi oval, com pouco mais de vinte leguas de circunferencia. E com ser tão pequena, hé fertil por extremo para mandiocas, de que se fazem muitos milhares de alqueires de farinha de pão, commum sustento de seus habitantes; tabacos, algodões, baunilhas, e canas de assucar, sendo plantadas à beira-rio. De fructas do paiz vem as que lhe bastão, a carne que lhe vem de fóra, barata (dez réis o arratel) e singular; os ares puros e o clima mais benigno que doentio e muito grato a natureza; porque nem as calmas são tantas, que affrontam, nem os frios tão rijos, que molestem.

A sua barra, depois de montada a corôa grande, demora a oeste, formando-se a sua boca das duas pontas, a de Itacolomy na terra firme de Tapuytaperá e a do Pereá, pegada com a mesma ilha pela parte em que está uma ermida da invocação de S. Marcos, pertencente aos religiosos da Companhia. Neste alto ou eminencia está cavalgado um

canhão, que pelo repetido dos tiros dá noticia á cidade do numero de vasos que pretendem commetter a dita barra. Era esta em tempo antigo capaz de embarcação de alto bordo; hoje porém ainda de maré cheia faz difficil a entrada ainda aos mais pequenos, por se ter de tal sorte apertado a sua garganta com a muita arêa, que he preciso entrarem enfiados e a proporcionada distancia por não ficarem engasgados, e em perigo de serem depois engulidos pela correnteza. Nesta garganta apparece uma lingua, a que chamão Ponta d'Arêa, onde alcancei ainda uma bonita e bem ideada fortaleza da invocação de Santo Antonio, que hoje se acha quasi desfeita pelos embates das ondas, por serem as fundações sobre arêa mais facéis de cahir que de levantar. Mas a falta desta suppre a bateria da ilha de São Francisco, de excellentê artilharia cavalgada sobre um bom terraplano, que corre de longo com o canal, por onde necessariamente hão de passar os navios sujeitos ao dominio de suas balas.

Na ponta da cidade se levantão do mesmo braço de mar os dous baluartes, que segurão o porto, aonde só podem dar fundo as náos: bom, mais muito estreito, por ser tudo o mais corôas, que alguma cousa se descobrem da maré vazia. Está a cidade bem situada, com boas ruas e rumo de corda, a maior parte calçadas a diligencias de seu ouvidor geral João da Cruz Pinheiro Diniz, ministro de letras e amigo do bem comum. Fôrma uma ponta triangular, que vão abraçando dous rios, ou braços de mar, um da banda do sul correndo para o norte, aonde desemboca o rio Ibacanga; o outro de leste correndo para oeste, aonde entra o chamado Coty; que juntos ambos na dita ponta, fugindo barra fóra fórmão com os mais que desaguão pelo boqueirão huma dilatada bahia chamada de Tapuytaperá, por tomar o nome desta villa, que está na terra firme, e fica fronteira á mesma cidade em distancia de tres leguas.

Tem de presidio ao presente (tempo em que escrevo) esta praça um regimento de dez companhias (entrando tambem uma de granadeiros), de que he coronel o mesmo governador da praça; tenente-coronel, sargento-mór, e mais officiais subalternos, não entrando neste numero as Ordenanças. Erão os seus mares abundantissimos de muitos e deliciosos peixes de que se sustentava a maior parte da cidade, sem mais dispendio que manda-lo tirar ás camboas de maré vazia, porem hoje fechada mais a sua barra pela muita arêa, faz difficultosa entrada assim ao peixe, como ás canoas para o ir pescar, por ser a costa desabrida; obrigando a viver toda aquella numerosa povoação de menor fartura de pescado, a que suppre a muita abundancia de bellissima carne, que lhe vem de fóra nos muitos gados extrahidos das ferteis e dilatadas campinas, por onde correm os dous rios Pynaré e Mirim. Serve-se a cidade de uma excellente e bem fundada fonte, a que chamão das Pedras, obra dos Hollandezes, do tempo que injustamente a possuirão. A maior parte das suas ruas se pode andar por ellas com commodidade, porque estão calçadas, sem que as muitas chuvas lhe fação difficil a communicação de umas para

outras, mas antes lhe servem de seu maior asseio. Deve muito esta cidade ao zelo e actividade do ouvidor geral João da Cruz Pinheiro Diniz.

Governa-se no politico por um Governador, com tal ou qual subordinação e sujeição ao Capitão-general da Capitania do Pará, cabeça hoje de todo o Estado; um ouvidor e corregedor da comarca, e juiz de fora, que juntamente he provedor da fazenda real, e ministros de letras, com sua Camara, cujos cidadãos gozão os privilegios dos do Porto. Enobrece-se com uma sé episcopal, ultimamente formalisada pelo fidelissimo Sr. Rei D. João V, de eterna memoria, com quatro dignidades: arceidiago, arcipreste, chantre e mestre-escola, doze conegos e oito beneficiados, capellães e mais ministros, com que se faz respeitavel esta nobilissima cathedral. Orna-se com um collegio dos religiosos da Companhia, cuja igreja he o mais nobre templo desta cidade; um convento de religiosos Carmelitas Calçados, e defronte da mesma cidade, passado o rio Ibacanga, outro conventinho, a que chamão do Bom-Fim, erigido pelo Reverendo ex-Provincial Frei Antonio de Sá; um de religiosos de Santo Antonio dos Capuchos da provincia da Conceição, e outro dos religiosos Mercenarios, com muita boa igreja; e ultimamente um seminario dos filhos dos cidadãos, com annual congrua de 200\$000, applicados pela real liberalidade do fidelissimo Sr. Rei D. João V, e um recolhimento de senhoras nobres solteiras, um e outro fundação dos religiosos da Companhia de Jesus. Tem as igrejas da Santa Casa da Misericordia e de S. João Baptista dos Soldados; as ermidas do Desterro, Rosario e Remedios; e nos suburbios a da Madre de Deos, acende se acha fundada a nossa casa de noviciade da Companhia, e a da Boa-Hora; e a dos mulatos, que fizerão á sua custa, com o titulo de Nossa Senhora da Conceição.

(“História da Companhia de Jesus, Livro I, Capitulo I — Pe. José de Moraes)

FRANCISCO RAIMUNDO CORREIA DE FARIA, nascido no Maranhão e falecido no Pará em fins do século XVIII. Militar, escritor e professor; membro da Sociedade Nacional de Agricultura e da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Bibl.: “Compêndio da lingua brasílica”; “Grammatica da lingua brasílica”; “Diccionario da lingua tupi”.

ALEXANDRE DE SOUSA FREIRE, português. Mestre de campo de auxiliares; do Conselho de Sua Magestade; governador e capitão general do Estado do Maranhão e Grã-Pará (1728/1742).

Bibl.: “Representação do governador do Estado do Maranhão a El-Rei, dando conta do seo governo”.

Para completar a relação, incluamos a “Vida de Gomes Freire de Andrade”, do padre Domingos Teixeira, que no segundo volume trata do Maranhão e da revolução de Beckman.

Na já referida Biblioteca Pública Eborense estão arquivados, além das obras inéditas a que nos referimos na individuação dos respectivos cronistas, mais os seguintes manuscritos, referentes também à nossa história desta centuria, enumerados no já invocado "Dicionário" de César Marques :

- Memmorial derigido a El-Rey pelos povos do Maranhão contra os Jesuitas — Em 24 de julho de 1734".
- "Carta do padre Joseph Vidigal a D. Francisco de Almeida Mascarenhas, Provincial da patriarchal, escrita do collegio do Pará em 7 de outubro de 1739".
- "Ordens do Geral dos Jesuitas, que se devem guardar na Provincia do Maranhão — 1745".
- "Parecer do desembargador Joseph dos Santos Palma sobre dous requerimentos das Camarás do Maranhão e Pará".
- "Chronologia dos governadores do Maranhão; de 1615 a 1745".
- "Varios catalogos e mappas de sujeitas da Companhia de Jesus, residentes no Estado do Maranhão e Pará — comprehendendo de 1684 a 1753".
- "Dialogo entre Fabio e Eugenio sobre as novas do Maranhão, no anno de 1785".

osane

AQUI PESA VISOU :



CAPÍTULO III

Século XIX; apreciação geral. O ciclo de transição do seu primeiro quartel. (1800-1832) Os últimos cronistas.

Eis-nos, enfim., chegando à centúria 1801-1900, no curso desta digressão literária, cujo único mérito será, no máximo, o de rememorar e oferecer, sistematicamente coligidos, os informes que laboriosamente, com os nossos poucos cabedais e conhecimentos, logramos reunir sobre a história das belas letras neste pedaço do Brasil, para dá-los amanhã porventura a terceiros, pretenciosamente, como um "Panorama da Literatura Maranhense". Valer-nos-á, entretanto, no mínimo, a boa intenção — que a magnitude da tarefa estão a exigir **maior engenho e arte.**

Com o advento do Romantismo, e coincidindo com a nossa independência política, efetivou-se a nossa emancipação literária. O Maranhão, integrando-se, então, definitivamente, na comunidade das demais províncias, integrou-se intimamente naquele movimento de renovação intelectual e fê-lo da maneira mais brilhante com o chamado "grupo maranhense", encabeçado pelas figuras excelsas de Odorico Mendes, Gonçalves Dias e João Lisboa, secundadas pelas de Sotero dos Reis, Gomes de Sousa, Gentil Braga, Dias Carneiro, Joaquim Serra, Trajano Galvão, e muitos outros — plêiade imortal que nos legou a responsabilidade de Atenas do Brasil!

Reis Carvalho, no seu ensaio sobre a "Literatura Maranhense" (in "Biblioteca Internacional de Obras Célebres, tomo XX), procurando distribuir e classificar melhor os fatos e os homens, para bem estudá-los, divide-a em três ciclos, a partir do segundo quartel do século XIX. O primeiro, de 1832 a 1868, principia com a publicação, no Rio de Janeiro, do "Hino à Tarde", de Odorico Mendes, e termina com a suspensão do "Semanário Maranhense", revista literária fundada por Joaquim Serra; o segundo, vai dessa data

até a da publicação, em São Luís, dos "Frutos Selvagens", obra poética de Xavier de Carvalho que marca o início, em 1894, do terceiro e último ciclo, ao tempo de seu estudo.

"Os primeiros Cantos", de Gonçalves Dias, "O Mulato", de Aluizio Azevedo, e os "Mosaicos", de Domingos Barbosa, são respectivamente, di-lo o nosso ilustrado ensaísta, as obras representativas dessas três fases do romantismo no Maranhão, sem se contar, naturalmente, o "Canaan", de Graça Aranha, livro de cunho literariamente revolucionário e que marcou um momento pela sua originalidade, fazendo de seu autor o precursor do romance de idéias no Brasil, como bem o ressalta o saudoso Ronald de Carvalho. (*)

O nosso propósito é estudar o assunto sob o prisma estritamente regional e, nessas circunstâncias, teremos de nos abster de querer olhá-lo através das perspectivas mais largas do âmbito nacional. O estudo de conjunto, pois, será sempre, conforme o temos feito até agora, atendendo ao aspecto local, no tempo e no espaço; a projeção ou influência que um ou outro dos nossos maiores poetas ou prosadores tenha tido ou exercido no ambiente nacional, será apenas objeto de focalização passageira e individualizada. Consequentemente, adotaremos, ampliando-a para atualizá-la, a divisão feita pelo mesmo Reis Carvalho, que se nos afigura bastante lógica, tanto mais porque, sem ser original, está de acôrdo com a metodização cronológica que se dá ao estudo da literatura brasileira, conforme a vemos exposta no "Panorama" organizado por Afrânio Peixoto.

Ressaltando e ressaltando que a **cronologia não pode ser exatamente isócrona com a moda literária**, o autor de "Maria Bonita" oferece-nos a seguinte esquematização para o estudo do Romantismo, no quarto século de nossa história:

I — Começo: a côrte no Brasil. Ainda o Arcadismo. Centúria de 1800 (Até a Independência, 1822), Continuação do século anterior: imitação à metrópole.

II — Independência. Romantismo. Centúria de 1800 (1822 — 1860). Reação à antiga metrópole. Imitação livre.

III — Independente. Romantismo. Naturalismo; parnasianismo; simbolismo. Problemas nacionais. Centúria de 1800 (1860 — 1900). Imitação livre de modas peregrinas. Problemas nacionais: emancipação literária. A abolição e a república. Literatura regional.

Assim, acrescentando-lhe um ciclo preliminar, estudaremos a

(*) — "Pequena História da Literatura Brasileira".

literatura maranhense, nesse tempo, de acôrdo com a esquematização esboçada nequelle ensaio, como a seguir:

I — O ciclo de transição do primeiro quartel do século XIX. Os últimos cronistas.

II — O "grupo maranhense" no Romantismo brasileiro. Centúria de 1800 (1832 — 1868). O Maranhão "Atenas".

III — Naturalismo; parnasianismo e simbolismo. Centúria de 1800 (1868 — 1894). Os homens de letras do Maranhão passam a ser, essencialmente, literatos nacionais.

E, para concluirmos êste capítulo, passemos a estudar o ciclo de transição que, prolongando-se por todo o primeiro quartel do século, vai até o aparecimento de Odorico Mendes.

A situação geral seria mais ou menos a mesma que já descrevemos no capítulo anterior, referindo-nos ao período de formação da centúria de 1700 e que, gradativamente, ora alcançara o seu termo final, conforme aliás a insuspeita opinião de Spix e Martius que aqui estiveram nas vésperas da Independência e a que já nos reportámos.

Alcançara o termo final porque a sociedade chegara a um grau de desenvolvimento intelectual e refinamento educacional tão acentuados que ressaltaram aos olhos sagazes e ao espírito observador daqueles dois ilustres itinerantes, como característico primordial do meio, a par do lusofilismo que se firmava na grande maioria portuguesa da população local. Já a êsse tempo haviam nascido Odorico e Sotero que, com muitos outros expoentes da intellectualidade ateniense, aprimoravam seus dotes naturais e burlavam a gema preciosa de suas inteligências privilegiadas com as lições de Sebastião Davi e Frei Inácio Caetano de Vilhena Ribeiro; já Tiago Carlos de La Rocca, italiano que se radicara à terra e se dedicara ao sublime, mas ingrato, labor do magistério, abrira o seu colégio das Laranjeiras — na Quinta do Barão de Bagé; já se fundara — a 24 de julho de 1838 — o Liceu Maranhense, essa colmeia cuja abelha mestra seria aquele mesmo Sotero dos Reis; já um grupo entusiasta de rapazes punha a circular — manuscrito! — o primeiro periódico que tivemos, o "Conciliador do Maranhão", cujo primeiro número saiu a 1.º de janeiro de 1821; já a 31 de outubro dêsse mesmo ano chegara-nos a primeira tipografia, por conta do governo, e de cujo prelo passaria a sair aquele órgão de imprensa.

E o sublime invento de Guttenberg, sem o qual, certamente, a Renascença jamais teria sido o que foi ou jamais representaria o papel que lhe coube na vida da Humanidade, serviu igualmente de alavanca para o erigimento, a maiores alturas, do Maranhão intelectual. A 7 de janeiro de 1825 Odorico publicava o primeiro

número de seu "Argos da Lei"; em seguimento à Tipografia Imperial Nacional, aquela primeira do govêrno, fundaram-se, em 1830 a Tipografia Constitucional, de Clementino José Lisboa, e, em 1835, a terceira, de João Lisboa e Frederico Magno de Abranches.

Nada mais poderia barrar a manifestação expontânea e espetacular daqueles engenhos que, surgindo na cena literária do país, chamariam a atenção de toda a platéia nacional e chegariam mesmo a levar o nome intelectual da nova pátria americana à vetusta Europa.

Era como um vulcão emergido inopinadamente cujas lavas se alargavam, se espraiavam pelas circunvizinhanças, enquanto o clarão e o fumo que se erguiam de sua cratera levavam bem mais longe a notícia do fenômeno inédito! A erupção fôra naquele segundo ciclo (1832 — 1868), que ainda estudaremos; os abalos cismicos, o ribombar indefinido de trovões incógnitos, vinham do ciclo preliminar; e o espraiamento das lavas e o lançamento das língua de fogo e rolos de fumaça ainda perduraram até o terceiro, até o limiar do século XX. Agora, o fenômeno, como de sua própria natureza, está amortecido; mas não desaparecido. Ouvem-se, quando em vez, os rugidos subterrâneos que fazem estremecer a superfície ainda calcinada, e, hora por outra, da cratera ainda fumegante, alteiam-se colunas ígneas que rasgam os séus e assombram os descrentes, lembrando-lhes que a montanha de fogo, estará apenas descansando.

Para êste ciclo preliminar, de transição, como para todo o século XVIII, de formação, a nossa história não regista o nome de poetas ou escritores outros que como tais possam ser enumerados ou distinguidos, além dos poucos "ainda cronistas", cuja relação fechará êste capítulo. É um mistério que não compreendemos e, por isso mesmo, insistimos em que apenas está para ser desvendado, agurdando a boa vontade de um paciente pesquisador.

Como seria possível que o Maranhão, que logo amanhã nos daria um vate do porte de Gonçalves Dias, juntamente com uma quantidade apreciável de menores porém não inexpressivos poetas, um helenista e latinista da força de Odorico Mendes, a par de prosadores do vulto de João Lisboa e sábios do quilate de Gomes de Sousa, não tivesse ainda, entre os seus intelectuais, medíocres que fossem embora, cultores das musas e das boas letras? Como seria possível que numa sociedade que já merecia uma universidade e onde as mulheres haviam alcançado um nível excepcional de aprimoramento espiritual, não houvesse rapazes galanteadores, educados que eram na Europa uns e outros, que tecessem madrigais aos dotes e virtudes de suas bem-amadas?

Não; não é possível. E para prova e confirmação dêste nosso juízo, basta-nos-á recordar que quando em 1827 daqui embarcou

o governador Pedro José da Costa Barros (1825/1827), malquisto e desprezado pelo povo que não soubera dirigir e agradar, no momento justo em que, na Rampa de Palácio, dava o seu último adeus á terra, ergueu-se, do meio do povo, uma voz inspirada e recitou-lhe aquele libelo de catorze versos que a tradição nos guardou e que transcreveremos quando nos referirmos a seu autor, o poeta repentista José Pereira da Silva. Aquele rapaz que em 1777 daqui se fôra para estudar em Coimbra.

E quem seriam seus companheiros? Sim, forçosamente os teria. Um dêles, por certo, o major Rodrigo Pinto Pisarro, igualmente repentista, embora muitíssimo inferior, e de quem, no lugar próprio, transcreveremos a décima improvisada quando da inauguração do prelo da Tipografia Imperial Nacional, levada a efeito no dia 15 de novembro de 1821, no govêrno de Bernardo da Silveira Pinto — data do nascimento de nossa imprensa.

Um outro (ou seria êste ultimo ainda?) seria o autor da ode dedicada ao coronel de milicias João Belfort, por motivo da instalação de sua "fábrica", de curtir couros, em 1812. César Marques, sem nos deixar dito o seu nome, transcreve em seu "Dicionário" êstes poucos versos da poesia, por sinal de péssima qualidade a se julgar pela amostra :

.....
**"Foi n'este mesmo tempo que um thesouro
 Ensinou a tirar da fertil terra
 Essa raiz plantando, que do ouro
 A cor brilhante no seu seio encerra.**

.....

**Para o anil voltou o seu cuidado
 E d'elle promoveu a agricultura,
 Já fabrica levanta.**

.....

Vejamos, por fim, quais foram aqueles últimos cronistas retardatários a que já mais de uma vez nos referimos, e que ainda escreveram roteiros, memórias, itinerários e informações, como se estivessem surdos à ebulição que lhes ia aos pés e que num futuro muito próximo os deixaria atônitos pela própria inconciência dos fatos de que foram contemporâneos e que uns poucos, muito poucos, já deixavam pressentir. De mistura, os nomes dêstes outros: Joaquim José Sabino, certamente a mais alta expressão intelectual da terra nêste primeiro quartel do século XIX, Crispim Alves

*Buis Carlos
 Silva*

de Lima, jornalista e advogado, Frei Bernardo da Encarnação, professor e teólogo, José Pereira da Silva, o nosso primeiro poeta.

RAIMUNDO JOSÉ DE SOUSA GAIOSO, Súdito português, nascido em Buenos Ayres, Argentina, no ano de 1747, e falecido em 1813 na vila do Rosário, Maranhão, onde era abastado lavrador. Foi ajudante do Tesoureiro-mór do real erário em Lisboa, era cavaleiro professo da Ordem de Cristo e tenente-coronel de milícias. É o patrono da cadeira n.º 13 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada por José Pedro Ribeiro.

Bibl: "Manifesto hystorico-analytico ou compilação de documentos veridicos, que comprovam que Raymundo José de Sousa Gayos, ajudante que foi do thesoureiro-mór, seu pae, João Henrique de Sousa, foi sentenciado na causa dos extravios do erario, arbitraria e injustamente, com nulidade de sua natureza, visto a sentença ser dada contra direito expresso, e fundada em falsas definições e errados principios de direito e contra a verdade sávida dos autos, apesar de algumas omissões de alguns factos, apparentemente peccaminosos, dos quaes não lhe redundou nunca interesse e só, sim, se encaminhavam em beneficio da fazenda real" -- 1810; "Compendio historico-politico dos principios da lavoura no Maranhão, suas produções e progressos que tem tido até o presente; entraves que a vão deteriorando e meios que se tem lembrado para desvanecel-os em augmento da mesma lavoura e, sem prejuizo do real patrimonio. Consagrado à saudosa memoria do muito aito e muito poderoso senhor rei de Portugal, dom José I, verdadeiro creador da lavoura e do commercio desta capitania" -- Paris, 1818; "'Minuta historico-apologética da conducta do bacharel Manoel Antonio Leitão Bandeira auditor geral, corregedor e provedor da comarca do Maranhão, pelos annos de 1785 a 1789" (manuscrito encontrado entre seus papeis e anotado e publicado, em 1818, pelo Cônego Constantino Gomes de Castro) -- 1818; "Apontamentos do que tem sido lembrado para augmentar a riqueza do estado, e reflexões politicas sobre o modo de atalhar algumas desordens da fazenda real, promover a industria e commercio, as artes, as manufacturas por meio do restabelecimento do crédito publico, oferecidos ao serenissimo senhor dom José, príncipe do Brasil no anno de 1790".

JOSÉ TOMAZ DA SILVA QUINTANILHA. Doutor em leis por Coimbra, foi magistrado no Maranhão, onde se fixou e veiu a morrer em 1834; brasileiro naturalizado. Poeta.

Bibl: "Marília — écloga pastoril" -- Lisboa, 1744; "Epistola

ao abençoado Domingos Caldas Barbosa"; "Ode às nupcias do Conde de Pinheiro".

JOAQUIM JOSÉ SABINO DE REZENDE FÁRIA E SILVA, nascido em Lisboa, Portugal, no ano de 1759, e falecido em São Luís do Maranhão em 1843; brasileiro naturalizado. Doutor em leis por Coimbra; Cavaleiro da Ordem de Cristo; foi Secretário Geral da Província, Desembargador da Relação e, na qualidade de Vice-presidente, exerceu o governo do Maranhão. Poeta e magistrado.

Bibl.: "Polícena", tragédia — Lisboa, 1791; "Nova Castro" — tragédia — Lisboa, 1818; "Ode ao Augusto Senhor D. Pedro Segundo na sua gloriosa elevação e collocação no throno" — Maranhão, 1840.

JOSÉ JOAQUIM PEREIRA, presbítero secular. Natural de Pernambuco (?).

Bibl.: "Memoria sobre os nitros naturaes, quina e mais produções nativas, insertas na capitania do Piauhy e Maranhão" — 1803; "Memoria sobre a longitude e latitude do sertão da capitania geral do Maranhão, sua freguezia e o número de almas".

JOSÉ MANUEL DA SILVA OLIVEIRA.

Bibl.: "Descripção do estado actual da navegação dos rios Araguaya, Tocantins e Maranhão, dirigido em 1808 a Don Rodrigo de Sousa Coutinho".

FRANCISCO DE PAULA RIBEIRO, major. Nascido em ^{am-} junta- ^{de de-} gal, morreu assassinado em maio de 1823, na ilha da Boi- ^{endo-lhe} rio Tocantins. É o patrono da cadeira n.º 12 do Instituto ^{na lagoa} e Geográfico do Maranhão, fundada por Parsondas de C. ^{tinham}

Bibl.: "Roteiro da viagem que fez o capitão Francisco ^{uro, be-} la Ribeiro ás capitancias do Maranhão e de Goyaz, no a- ^{heiro de} 1815, em serviço de sua magestade fidelissima" (in Revista ^{era} H.G. Brasileiro — 1848); "Memoria sobre as nações gentias, ^{pa-} presentemente habitam o continente do Maranhão; processo ^{pa-} suas hostilidades sobre os habitantes; causas que lhes têm di- ^{pa-} cuitado a redução; e unico methodo que seriamente poderá re- ^{pa-} d-los" (escrita em 1819 e publicada na Revista do I.H.G. Bra- ^{pa-} sileiro — 1841); "Descripção do territorio de Pastos-Bons nos ser- ^{pa-} tões do Maranhão, propriedade de seus terrenos, produções; car- ^{pa-} racter de seus habitantes, colonos, estado actual de seus esta- ^{pa-} belecimentos" — Lisboa, 1819; "Viagem ao rio Tocantins em 1815 ^{pa-} pelos sertões do Maranhão. Divisão de limites entre as capita- ^{pa-} nias do Maranhão e Goyaz em 1816, e seus documentos. Obser- ^{pa-} vações geraes relativas aos sertões das mesmas capitancias, pro- ^{pa-} priedades de seus terrenos, descripção de seus rios e estado de ^{pa-} seus habitantes, indios e colonos" — 1818; "Mappa geographico

da capitania do Maranhão, que pode servir de memoria sobre a população, culturas e cousas mais notaveis da mesma capitania" — 1819.

X **SEBASTIÃO GOMES DA SILVA BELFORD**, natural do Maranhão, onde faleceu a 31|7|1825. Fidalgo cavaleiro da casa real, brigadeiro dos reais exércitos e secretário da Junta Governativa de 1822; cavaleiro da Ordem de Cristo e membro do Conselho da Provincia. É o patreño da cadeira n.º 11 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada por Antônio Dias.

Bibl.: "Roteiro e mappa da viagem da cidade de São Luis do Maranhão até a côrte do Rio de Janeiro, feita por ordem do governador e capitão general daquella provincia, com os officios relativos à mesma viagem" — Rio, 1810.

BERNARDO JOSÉ DA GAMA (Dom). Juiz de Fôra e Ouvidor Geral interino da capitania; membro da Junta Governativa de 1811, que depôs o tresloucado governador José Tomaz de Mezezes

Bibl.: "Informação sobre a capitania do Maranhão dada em 1813 ao Chanceller Antonio Rodrigues Velloso" — Viena d'Austria, 1872.

X **JOSÉ CONSTANTINO GOMES DE CASTRO**, nascido em Alcântara entre 1760 e 1770 (R. do Amaral nas "Efémérides") e falecido a 14|10|1845. Beneficiado da cathedral do Maranhão, cônego no bado e arcediago; comendador da Ordem de Cristo, protonotario apostólico de Sua Santidade, commissário do Santo Officio, vibrado ospitalar, governador, provisor e vigário geral do bispado; sem pto provisionado e membro do Instituto Histórico e Geográfico mulleiro.

L. verã: "Breve discurso gratulatorio, ou arenga para ler-se em nia" da Villa de Santo Antonio de Alcântara, comarca da cidade de Luiz do Maranhão do Reino Unido de Portugal, Brasil e rege ss, no dia da aclamação do Senhor Rei D. João VI, aos 17|Abril de 1817, achando-se presentes o Clero, Nobreza e Povo" e.ito, 1817; "Dissertação historico-juridica sobre as pastoraes do xmo. e Revmo. Bispo do Pará, D. Manoel de Almeida Carvalho"; "Mappa do actual estado do Recolhimento de N. S. da Annunciação e Remédios, da cidade do Maranhão" — Maranhão, 1824 "Mappa das dignidades, conegos e beneficiados de que se compõe a santa igreja cathedral do Maranhão" — Maranhão, 1824; "Catalogo dos Ilmos. e Revmos. Snrs. Bispos do Maranhão" — Maranhão, 1827; "Historia resumida das perseguições de José Constantino Gomes de Castro, etc, por elle escripta e comprovada com documentos legaes" — Lisboa, 1823; e amotou e fez publicar a "Minuta histórico-apologética do bacharel Manuel Antonio Leitão Bandeira", encontrada nos papeis de Sousa Gaioso.

FRANCISCO DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES MARANHÃO (Frei), no século Francisco Fernandes Pereira. Nasceu em Favaios, Trás-os-Montes, Portugal, a 8/7/1790 e faleceu no ano de 1862. Dade a estudos históricos, geográficos, arqueológicos e numismáticos. É o patrono da cadeira n.º 16 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada por Virgílio Domingues.

De sua não pequena bibliografia, interessa-nos unicamente a "Poranduba Maranhense" (1820), publicada pela primeira vez na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (tomo LIV — Rio 1891) e, posteriormente, na Revista de Geografia e História, do Diretório Regional de Geografia do Maranhão (Números 1/2 — São Luís, 1945).

A fabulosa cidade de Axuhi

A Leite de Fois succedeo no governo da capitania a 14 de Setembro de 1792 D. Fernando Antonio de Noronha, tenente-coronel de um regimento da côrte. Tendo sempre entrado nas camaras da capitania os naturaes de Portugal com os da terra principiaram n'este anno a ser camaristas da cidade so os naturaes do paiz por ordem régia, segundo dizem.

N'este tempo um negro africano xamado Nicolao, escravo do tenente-coronel João Paulo Carneiro, fugio para os matos, donde depois sahio; e aproveitando-se da fabuloza noticia, que já desde muitos annos corria, de que perto dos campos da Lagarteira existia um mocambo ou quilombo (ajuntamento de pretos fugidos), que já formava uma boa cidade denominada do Axuhi, se apresentou ao general dizendo-lhe que descobrira a dita cidade nas margens da pequena lagoa Caço; e que ella era abitada de negros tão ricos, que tinham uma grande imagem da Senhora da Conceição de ouro, bebiam por cuias do mesmo metal, possuiam muito dinheiro de ouro e prata, que o vigário era um jezuita, etc.

Muitas pessoas diceram ao general, que Nicolao já era conhecido por embusteiro, e que nada existia n'aquellas paragens, pois as tinham examinado; porem como ele annunciava riqueza foi facilmente acreditado do general e outras pessoas, que pareciam de senso. Deo-lhe logo Fernando Antonio de Noronha patente de capitão de milicias; e por isso principiou a entrar em banquetes e a ser muito estimado. Sahia muito entonado com um sargento d'ordens (de Lisboa) atraz de si, para ir procurar as pessoas, que, segundo elle dizia, tinham trato oculto com os de Axuhi; e foram prezas algumas. Por sua ordem veiu prezo do Peria Antonio Tatú, mestiço, o qual asseverou que nada sabia; porém instando Nicoláo pelo contrario, foi Antonio Tatú metido na cadeia;

aonde, para se livrar da prisão e das ameaças de Nicoláo, falsamente afirmou, que sabia do Axuhi.

Iniciada assim a tragedia, aprontou-se uma expedição de mais de 2.000 omens entre tropa de linha, milicias, pedestres e indios de serviço. Para comandante d'ella foi nomeado o coronel do regimento de linha Anacleto Henrique Franco; para ajudante de ordens o capitão de linha Carlos Antonio Marques Henriques, e para ajudante de campo o capitão de milicias Simplicio Dias da Silva.

No dia 3 de Agosto de 1794 sahio da cidade de São-Luis com grande estrondo esta tropa por mar, dividida em dois corpos; o maior e principal se dirigio ao Monim e desembarcando em Santa Elena marxou para o campo da Lagarteira, servindo-lhe de guia o mesmo Nicoláo. O corpo menor, de que era comandante o capitão de linha D. Antonio Castellobranco, e guia Antonio Tatú, prezo, desembarcou no Alegre, marxou para Lençoes-grandes; e penetrando depois os matos, andou n'eiles perdido, soffrendo grandes fomes e trabalhos, atravessando riachos e muritizaes, e gatinhando morros, até que, passados 16 dias xegou aos ditos campos, ponto prefixo por Anacleto Franco, o qual já aí se axava muito consternado; porque Nicoláo vendo que estava próximo o tempo de descobrir-se o seo embuste, tinha fugido antes das tropas xegarem a Lagarteira.

Aqui pegou fogo a 24 do dito mez em uma frasqueira de polvera, que queimou algumas pessoas; do que depois morrerem duas.

Vendo estas tropas frustada a sua expedição deceram todas para a costa. A maior parte se recoilheo de noite á cidade para não serem vistos os que com tanto estrondo tinham sahido. Mais ouro perdeo a fazenda real n'esta expedição do que elles axaram na cidade do Axuhi. Nicoláo foi depois prezo, e seo senhor o meteo em prisão perpetua.

("Poranduba maranhense", capitulo XXI — Frei Francisco de N.S. dos Prazeres).

ANTONIO BERNARDINO PEREIRA DO LAGO. Português; coronel do real corpo de engenheiros. É o patrono da cadeira n.º 14 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada por Fran Paxeco.

Bibl: "Carta geral da Capitania do Maranhão, levantada pelo coronel de engenheiros, Antônio Bernardino Pereira do Lago, reduzida e deenhada pelo tenente do mesmo corpo, J. C. Guilhobel" — 1820; "Itinerario da Provincia do Maranhão" — 1820; "Carta topographica da Ilha do Maranhão"; "Roteiro da carta da Pro-

víncia do Maranhão, desde Jericoacoara até a ilha de S. João, e da entrada e saída da Bahia de São Marcos, que deve acompanhar a carta reduzida da costa da sobredita Província, offerecida a S. Exc. o Sr. Capitão-General Bernardo da Silveira Pinto" — Lisboa, 1821; "Estatística Historico-Geographica da Província do Maranhão, offerecida a el-rei constitucional, o sr. João 6.º, por Antonio Bernardino Pereira do Lago, que a levantou, e construiu durante a sua commissão na provincia, nos annos de 1818. a 1822".

MANUEL ANTONIO XAVIER.

Bibl: "Memoria sobre o decadente estado da lavoura e commercio da provincia do Maranhão e outros ramos públicos, obstando a prosperidade e augmento, de que é susceptivel" — 1822.

JOÃO CRISPIM ALVES DE LIMA. Nasceu em Portugal no ano de 1768 e faleceu em 1848; naturalizou-se brasileiro, após a independência. Advogado e jornalista; redigiu em São Luís "O Amigo do Homem" e "A Bandurra".

Bibl: "Espelho critico-politico da Província do Maranhão, dividido em duas partes: na primeira se mostra em summario dos progressos da lavoura e circumstancias dos lavradores, etc; na segunda, o caracter e costume dos habitantes, e alguns factos notaveis aos generais, magistrados e clero; por um habitante da mesma provincia" — Lisboa, 1822.

JOÃO ANTONIO GARCIA D'ABRANCHES, nascido em Macieira, freguezia de Santiago, bispado de Coimbra, em Portugal, a 28/1/1765 e falecido em São Luís a 1/8/1845; após nossa independência, naturalizou-se brasileiro. Jornalista e publicista; fundou em S. Luís, a 28/2/1825, "O Censor", depois "O Censor Maranhense".

Bibl: "O Brasileiro emigrado — Telescópio braziliense nos Açores" — Porto, 1831; "Suplica a S.M. o Principe Regente" — Lisboa 1834; "Memoria concernente á construção da Docca de Vila Franca de Campo de S. Miguel" — Lisboa, 1834; "Apelo a S.M. o Sr. D. Pedro, Duque de Bragança" — Lisboa, 1834; "Memorial ao Ministro do Reino, Agostinho José Ferreira" — Lisboa, 1835; "Representação a S.M. a Rainha de Portugal" — Lisboa, 1835; "Pelo bem publico e do Estado — Aos Srs. Deputados" — Lisboa, 1836; "Suação á Rainha" — Lisboa, 1836; "Instituição da Companhia do Abrigo Maritimo" — Lisboa, 1837; "Historia do Ilhéu de Villa Franca" — Lisboa, 1841; "Retrato fisico, moral e politico de D. Pedro Grande de Portugal" — S. Luís, 1844 (inédito). Alguns lhe attribuem a autoria do "Espelho critico-politico de Crispim Alves de Lima".

DOMINGOS CADÁVILA VELOSO Nasceu em Portugal e

viveu muitos anos no Maranhão, aderindo à causa de nossa independência. Clérigo secular. "Polemista e professor.

Bibl: "Reflexões offerecidas ao publico imparcial sobra a correspondencia publicada no n.º 14 do Grito da Razão, assignada por um maranhense, que se diz amigo da Verdade" — Rio, 1825; "Ao publico: respeito á Bruce" — Rio, 1825; "Petisco, offerecido ao meritissimo Bruce, por um seu velho amigo" — Rio, 1825

ANTONIO JOAQUIM PICALUGA. Português residente no Maranhão e naturalizado brasileiro, se não maranhense de nascimento. Exerceu o magistério em São Luís.

Bibl: "Mentor inglês ou recompilação de regras faceis, extrahidas dos melhores autores, para se aprender a lingua ingleza" — Maranhão, 1829.

ANTONIO DA COSTA DUARTE. Nascido no Maranhão (?) em fins do século XVIII. Presbítero de São Pedro e lente de gramática filosófica.

Bibl: "Compêndio de grammatica portugueza para uzo das escolas de primeiras letras, ordenado segundo as doutrinas das melhores grammaticas, etc." — Maranhão, 1829; "Compendio de grammatica filosofica da lingua portugueza" — Maranhão, 1840 (2.º edição).

RAIMUNDO JOSÉ DA CUNHA MATOS. Brigadeiro do exército.

Bibl: "Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão" — Rio, 1836 (2 volumes).

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA JARDIM, nascido em Portugal e falecido no Maranhão no ano de 1855. Cônego da Sé de São Luís; professor de latim. Orador sacro.

Bibl: "Oração funebre do Exmo.º, Rev.º sr. D. Marcos Antonio de Sousa, bispo do Maranhão" — S. Luís, 1843; "Oração funebre do S.S. Padre Gregorio XVI" — S. Luís, 1864.

JOÃO INACIO DE MORAIS REGO. Cônego arcepreste; provisor e vigário geral.

Bibl: "Tabela historica e chronologica das dignidades, cônegos e beneficiários da Santa Igreja Catholica do Maranhão, desde a epocha de sua fundaçõ, em 1739, até 1844" — S. Luís, 1844.

HENRIQUE ROBERTO RODRIGUES. Sabemos apenas que viveu muitos anos no Maranhão.

Bibl: "Os mysterios da Inquisição", tradução de V. de Fereal — S. Luís, 1847/1848; "Um galucho", tradução de P. de Koch — S. Luís, 1849.

PEDRO DE SOUSA GUIMARÃES. Viveu no Maranhão até a época da independência. Professor.

Bibl: "Compendio de grammatica da lingua portugueza".

JOSÉ PEREIRA DA SILVA, maranhense; formado em matemá-

tiza, filosofia e direito pela Universidade de Coimbra. Poeta repentista; a julgar pela amostra que transcrevemos, o príncipe dos poetas indígenas neste ciclo preliminar. Trata-se do soneto que improvisou, quando do embarque do Governador Costa Barros:

Vai-te, monstro cruel, prole do Averno,
Implacavel açoite da virtude,
Profano adorador do vício rude,
Dos pátrios lares inimigo eterno.

Um Deus Onipotente, um Deus Supremo,
O doce riso em lágrimas te mude;
O mar, em fúria, o lenho te desgrude,
Os loiros colhas nos jardins do inferno.

Teu cadaver hediondo as ondas levem
Onde negros abutres, revoando,
A dura fome pressurosos cevem.

Este seja o teu fim, monstro execrando!
Os maranhenses, pelo que te devem,
Tais destinos aos Céus te estão rogando..."

RODRIGO PINTO PISARRO DE ALMEIDA CARVALHAIS. Militar, foi Ajudante de Ordens do Governador; depois, Barão da Ribeira da Sobrosa e par do Reino de Portugal. Poeta médico, de quem conhecemos, apenas, uma única produção — uma décima improvisada no dia 15 de novembro de 1821, data da instalação de nossa primeira tipografia.

"Certas deidades um dia,
Seguidas de um deus vendado,
Foram ver, por desenfado,
A nova tipografia:
Uma página se imprimia,
Não sei de que natureza,
Mas Cupido com destreza,
Tais voltas nos tipos deu
Que na estampa apareceu:
— Viva a arte! Viva a beleza!"

E não seria absurdo concluirmos esta relação de nossos últimos cronistas, isto é, dos que ainda então escreviam notícias só-

bre o Maranhão, fossem ou não filhos da terra ou aqui estivessem estado apenas em rápida passagem, como é o caso, lembrando a "A Revolução do Maranhão, desde 1839 até 1840" (S. Luís, 1858), escrita pelo poeta proto-romântico Gonçalves de Magalhães, que esteve entre nós na qualidade de secretário do governo do Duque de Caxias, o pacificador da Balaiada.

CAPITULO IV

Século XIX — segundo ciclo (1832 — 1868). O aparecimento da imprensa periódica. O grupo maranhense no Romantismo brasileiro. O Maranhão *Atenas Brasileira*.

...

O segundo quartel do século XIX (preferimos assim dizer para fugirmos à rigidez das datas cuja fixação, em estudos desta natureza, delimitando no tempo fases históricas de características definidas, é sempre mais ou menos arbitrária) marca no Brasil, o advento do Romantismo, movimento literário de emancipação integral e de reação à metrópole. A França, principalmente, passa a influir de maneira mais acentuada.

Na França, ou na Europa toda, o Romantismo firmou-se sobre as cinzas que cobriram o campo de Waterloo, onde ficara desfeito e soterrado o sonho imperialista de Napoleão, coincidindo assim com o movimento político-social do liberalismo, que surgiu dos destroços da Revolução Francesa; no Brasil, êle teria sido o eco do Grito do Ipiranga, coincidindo com a independência da colônia, que alcançara sua maioridade política. Lá, êle iria buscar a inspiração de seus poetas e o motivo de seus prosadores, principalmente nas velhas tradições cavalleirescas da Idade Média e na admiração apaixonada e desordenada da natureza e do belo; aqui, à falta de lendas medievais que substituissem o classicismo greco-romano, escreveu-se sobre o indígena, transformando-o, de selvagem antropófago, nos nobres e admiráveis heróis que foram Juca-Pirama e Peri, e cantou-se a natureza bravia que desafiava a audácia dos bandeirantes.

X No Maranhão, o Romantismo coincidiu com o nosso próprio aparecimento no palco das letras nacionais, de maneira espetacular e deslumbrante. Lusófilo à fôrça si assim se pode dizer, pela preponderância do elemento reinol no meio, com a retardada adesão da provincia à independência da nacionalidade, o movi-

mento de reacção literária, como que comprimido, arreventou de maneira por que o sabemos, chamando a atenção de todo o país e da própria ex-metrópole, para este recanto do Brasil onde se manifestaram, a um só tempo, tantos e tão assinalados engenhos, que se lhes comparou o berço privilegiado à capital da velha Grécia, chamando-a de Atenas Brasileira.

E tudo se processou quasi precipitada e tumultuosamente. A história rápida da imprensa, nesses primeiros tempos, ilustrará os fatos e confirmará nossa asserção :

Inexistente até o limiar dessa centúria, surgiu, como já o dissemos, a 15 de novembro de 1821, com a instalação da Tipografia Imperial Nacional, que passou a imprimir "O Conciliador do Maranhão", que vinha sendo escrito à mão (1); e, daí, surgiram e desapareceram, misturando-se no tempo, fazendo-nos lembrar a sequência das ondas que surgem, se avolumam, se engolfam e se desmancham sobre a praia, periódicos sem conta, demonstrando isso mesmo o nervosismo intelectual que se apossara da coletividade.

Enumeremo-los, procurando observar a ordem cronológica do aparecimento de cada um. "Folha Medicinal do Maranhão" (11/3/1822), redigida pelo dr. Manuel Rodrigues d'Oliveira; "Palmatória Semanal", do padre José Antônio Ferreira da Cruz Tesinho; "Argos da Lei" (7/1/1825), de Odorico Mendes; "O Censor" (28/2/1825), de João Antônio Garcia d'Abranches; "O Amigo do Homem", de Crispim Alves de Lima; "A Minerva", de Davi da Fonseca Pinto; "O Porquê"; "A Gigarra"; "O Farol Maranhense" (27/12/1827), de José Cândido de Moraes; "A Bandurra" (1828); "A Estrela do Norte do Brasil" (1829); o "Semanário Oficial" (1830); "O Despertador Constitucional", de Odorico Mendes; "O Constitucional", de Odorico e Sotero (1831); "O Brasileiro" (23/8/1832), de João Lisboa; "O Publicador Oficial"; "O Mentor Liberal"; "O Escudo da Verdade"; o "Eco do Norte" (3/7/1834), de João Lisboa; "O Público"; "O Investigador Maranhense" (1838), de Sotero; "O Cambo", de Luis Cardoso Cajueiro; a "Cronica Maranhense" (2/1/1838), de João Lisboa; "A Revista" (1839), de Sotero; "Sete de Setembro"; a "Cronica dos Cronistas"; "O Amigo do País"; "O Legalista"; "Jornal Maranhense" (1841); "Publicador Maranhense" (9/7/1842); "A Imprensa" (1847), de Fábio Alexandrino de Carvalho Reis e Antônio Rêgo; "O Observador" (1847), de Cândido Mendes; "O Estandarte", de Eduardo Freitas e José da Silva Maia; "Pôrto Franco" (1850); "O Globo" (1852) de Joaquim Corrêa Torres e Antônio Rêgo; "O Diário do Maranhão" (1855), de Antônio Rêgo e Antônio Marques Rodrigues; "Nova Época" (1856), de Luis Antônio Vieira da Silva; "A Conciliação" (1856), de Francisco Coutinho Vilhena; Antônio Rêgo e Henriques Leal; "A Moderação" (1857), de

com Joaquim Ferreira Vale, "Jornal do Comércio" (1858), de Temístocles Aranha; "Correio d'Anuncios" (1851); de Sotero; "A Situação" (1863), de Heráclito Graça; "O País" (1863), de Temístocles Aranha; e mais a "Tribuna", o "Argos Maranhense", "O Futuro", "O Dissidente", o "Maranhão", a "Verdade", a "Marmota Maranhense", o "Guajajara", o "Cabloco", o "Picapau", a "Malagueta", "Cururú", o "Patusco", o "Azorrague", a "Matraca", o "Arre-irra", "Voz do Bacanga", o "Cristianismo", "O Esclesiástico", a "Fé", "Forum", o "Jornal da Associação Literária", o "Brado de Caxias", o "Arquivo", a "Revista Universal Maranhense", a "Imprensa Caxiense", o "Jornal de Caxias", o "Album Caxiense", o "Coroatense", etc., etc. . .

Fornar-nos-íamos por demais enfadonhos se fôssemos folhear narráeios para procurar dar uma relação absolutamente completa e exata de todos os jornais e periódicos que então confusamente surgiram e desapareceram. Impossível, porém, deixar de registrar de maneira especial, a "Revista" de Sotero dos Reis, aparecida em 1849, o "Jornal de Timon", iniciado em 1852 por João Lisboa, o "Semanário Maranhense", fundado a 1 de setembro de 1867. Nesse período, também, foi que se fundaram os colégios de Cândido de Moraes (1831) e Domingos Feliciano Perdigão (1841), e o Liceu Maranhense (1838), pôsto sob a direção superior de Sotero dos Reis; algum tempo depois, o Seminário das Mercês, fundado por D. Luís da Conceição Saraiva (1863). Fundaram-se igualmente, nessa época, várias sociedades culturais, dentre as quais distinguiremos a Associação Filomática, a Associação Literária e, sobretudo, o Ateneu Maranhense e o Instituto Literário Maranhense.

...

Em 1832 Gonçalves de Magalhães, classicamente considerado primeiro, pela ordem, no Romantismo brasileiro, deu a público seu livro de estréia — "Poetas" —, medíocre ainda e influenciado pelas correntes literárias anteriores, e só em 1836, com a publicação de seus "Suspiros poéticos e Saudades", em Paris, se considera definitivamente iniciada entre nós a nova renascença. O mesmo Carlos Mendes, incontestavelmente, tem direito a formar seu lado, pois naquele mesmo ano de 1832 publicou, no Rio, o seu "Hino à Tarde", em que, afigura-se-nos, o estilo romântico não menos definido que naquela obra do poeta fluminense; não obstante, o Visconde de Araguáia, com o seu referido segundo livro, firmou-se definitivamente na posição de chefe da primeira escola romântica no Brasil, a da Poesia Religiosa, conforme a classificação defendida pelo douto Ronald de Carvalho, muito embora

Afrânto Peixoto pretenda tomar-lhe o lugar em favor de José Bonifácio, o Patriarca, que em 1825 publicara as suas "Poestas".

Si Odorico, porém, que se dedicou antes à tradução e especialmente à de peças clássicas, como as de Homero e Vergílio, não pode disputar, por isso mesmo, o lugar que com justiça tem sido atribuído, quasi unanimemente, a Gonçalves de Magalhães, em compensação, para glória das letras maranhenses, a escola chefiada por Gonçalves Dias — a da Poesia da Natureza — é a que firma indiscutivelmente o Romantismo plantado ou trazido por aqueles outros às plagas brasileiras. E tamanha é a mutação que se observa, que já chegou um crítico a dizer que, marcando acentuadamente o Cantor dos Timbiras um momento na história da literatura brasileira, tempo virá em em que, fazendo dela uma divisão mais lata e menos esquematizada, se dirá **antes do Poeta** e **depois do Poeta** (Mário Martins — "Evolução da Literatura Brasileira", 2.º vol.).

Gonçalves Dias é uma figura excelsa e inconfundível nas letras pátrias; é sem favor o maior dos nossos poetas até hoje, embora outros, grandes também, tenham vindo depois e que chegaram, por seus admiradores, a pretender ofuscar-lhe a auréola imortal: isso porém, à proporção que o tempo passa, os ânimos se desapaixonam e o espírito de crítica volta à imparcialidade necessária, apenas tem servido para, cada vez mais, realçar-lhe o fulgor em face dos novos astros que surgem.

Produto genuíno das três raças que formaram o tipo étnico da nacionalidade, êle personificou a própria nacionalidade e revelou-a na sua poesia panteista, cantando, em castiça linguagem lusitana, o que seus olhos de indígena viam, o que seu coração de branco sentia e o que seu sangue de africano pedia: A nostalgia característica do negro confundia-se, em si, na saudade quase idólatra do selvagem pela sua terra das palmeiras, disfarçada ou atenuada por sua educação coimbrã...

**"Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá**

.....
**Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá!"**

Os críticos, presentemente, dividem-se pelas duas opiniões: para os conservadores, ele é o poeta indianista — para os mais novos, é o cantor da natureza. E daí, as páginas e páginas que se escrevem, estudando-lhe a personalidade poética que cada vez mais se destaca. Afigura-se-nos, entretanto, que si não é estéril a divergência pela grandiosidade do assunto estudado, pela sua

finalidade é inútil porque, cantando a natureza como a cantou, considerada no tempo e no espaço, forçosamente teria de ser indianista porque o selvícola era parte integrante dessa mesma natureza.

A par dêsse seu panteísmo indianista — é melhor dizê-lo assim para satisfazer às duas correntes —, Gonçalves Dias, como poeta, soube ainda ser um grande amoroso infeliz embora, de uma infelicidade que lhe deu a felicidade de revelar-se, sob este outro prisma artístico, ainda um grande poeta!

**"Doi-te de mim que t'imploro
Perdão a teus péus curvado;
Perdão! de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão de minha miséria,
Da dor que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Tambem do mal que me fiz!**

Sim, "Ainda uma vez adeus", essa lindíssima canção que a vista da mulher amada e perdida fez brotar de seu desgraçado coração, foi tangida na mesma lira de onde arrancara os versos imortais de "I-Juca-Pirama", de "Marabá", da "Canção do Piauí", da "Escrava" e da sua inacabada sinfonia de "Os Timbiras". Mas, a inspiração poliforme do poeta era caprichosa e ainda êle nos brindou com as, podemos dizer extravagantes, "Sextilhas de Frei Antão", escritas como se o fossem por um seiscentista, e não pela figura máxima do Romantismo.

É inútil prosseguir escrevendo sobre Gonçalves Dias porque a nossa digressão não teria fim se quiséssemos dizer tudo que sentimos e devemos; e ainda nos faltou registrar que o poeta, clássico da lingua, foi também sábio etnógrafo, dramaturgo elegante e prosador esgarçado, jornalista e professor.

A seu redor, formando ainda com Odorico Mendes a ala poética do "grupo maranhense", contam-se, neste primeiro ciclo da nossa história literária, entre os maiores, os nomes de Gentil Braga, Trajano Galvão, Dias Carneiro, Marques Rodrigues, Joaquim Serra e Franco de Sá; além dêles, Frederico Corrêa, Sousândrade.

Odorico Mendes é o poeta humanista, latinista e helenista por excelência, tradutor de Homero, Vergílio e Voltaire e que, excepcionalmente, com o "Hino à Tarde", marcou, na literatura do norte do Brasil, o advento do Romantismo; será talvez melhor classificado como um "último arcade". Frederico Corrêa, logo depois dêle, é o segundo degrau da ascensão de nossa poesia ro-

mântica, mas em quem o sentimento ainda é sacrificado à forma do verso; revelou maior cultura literária que espontaneidade de inspiração. Gentil Braga **"é o melhor poeta maranhense, depois de Gonçalves Dias"**, di-lo Eugênio Werneck, incluindo-o na sua Antologia Brasileira. Trajano Galvão, a quem cabe a glória de ter sido o precursor da poesia social do escravo africano, que dária os seus mais brilhantes loiros à coroa refulgente de Castro Alves, é um lírio sertanejo, simples e inspirado na forma. Marques Rodrigues, Dias Carneiro e Joaquim Serra, com os dois últimos antes citados, formam o grupo de nossos poetas campestres, que cantam o sertão maranhense inspirando-se nas nossas lendas, nossos usos e costumes. Franco de Sá é o lírico ainda im-plume que, cedo roubado à vida, não chegou a passar da fase amorosa, embora tenha tido tempo de nos deixar a amostra do que poderia, ou antes, deveria ser se chegasse a se aprimorar no dedilhamento de sua lira privilegiada. Por fim, Sousândrade, dono de profunda e variada cultura, se distancia de todos êles pela **exquisite de sua forma poética**: o "Gueza Errante, sua obra principal, é algo confusa na originalidade de seu estilo às vezes incompreensível, mas sempre revestida de acentuado cunho americanista, característica essencial também de sua personalidade.

Dos prosadores deste primeiro ciclo, a figura de maior realce é João Lisboa, orador, historiador e sobretudo jornalista, que se agiganta além das fronteiras regionais e ocupa lugar privilegiado no panteon da literatura brasileira, pela vernaculidade de seus escritos e pelo brilho de seu estilo, fazendo-se clássico da lingua; na opinião de Ronald de Carvalho **é o mais lúcido espírito e o maior estilista de seu tempo.** A seu lado, faz-se distinguir a figura austera de Sotero dos Reis, o filólogo e gramático mais brilhante que o Maranhão tem tido, jornalista vigoroso e professor emérito da lingua cujos segredos conhecia como poucos — é o mestre dos mestres. A terceira figura é Gomes de Sousa, inteligência predestinada que infelizmente não teve oportunidade de produzir tudo que dela se esperava e apenas deixou a prova de ter sido um grande matemático, a par de profundo pensador, filósofo e poliglota que alcançaria se não morresse aos trinta e quatro anos, os mais elevados pinaros da glória intelectual. A seguir enumeram-se Cândido Mendes, Henriques Leal e César Marques, eruditos e incansáveis pesquisadores de nossa história e geografia antigas, a cujos conhecimentos e estudos e pacientes investigações muito ficaram a dever as gerações seguintes e muito mais deverão as que ainda vierem. Neste número, finalmente, é de se incluir ainda o nome de Joaquim Serra que foi, principalmente, jornalista; depois teatrólogo e poeta, pela ordem. E, também, o de José Cândido de Moraes, jornalista fulgurante e polemista temível — o "Fárol Ma-

ranhense" foi o jornal político que mais áurea e mais força já teve no Maranhão, comenta Ribeiro do Amaral.

Estes os homens que fizeram do Maranhão a "Atenas Brasileira"! A eles a nossa eterna veneração.

Enumeremo-los, a seguir, individual e cronologicamente, com outros tantos menores, registando-lhes os dados bio-bibliográficos que conhecemos. Este, aliás, o nosso objetivo principal neste estudo: reunir para uso próprio, e também para o de terceiros que disso se queiram valer, os informes esparsos sobre a história da nossa literatura provincial, que de tão esparsos chegam a enlouquecer o estudioso cheio de curiosidade.

...

MANUEL ODORICO MENDES, nascido em S. Luis, Maranhão, a 24/1/1799 e falecido em Londres, Inglaterra, a 17/8/1864, depois de uma ausência de dezesseis anos no estrangeiro. Poeta, publicista, humanista e parlamentar. Fundou, com Verqueiro, Feijó e Costa Carvalho, a "Astréa", e, com o último, o "Farol Paulistano"; colaborou na "Aurora", no "Jornal do Comércio", no "Sete de abril", na "Liga Americana" e no "Iris", do Rio; redigiu o "Constitucional", com Sotero dos Reis, e fundou o "Argos da Lei" e "O Despertador Constitucional", no Maranhão. Foi deputado provincial no Maranhão e no Rio de Janeiro, e geral pelo Maranhão e Minas Gerais, tendo sido Secretário da Câmara; Inspector da Tesouraria da Província do Rio de Janeiro, cargo em que se aposentou. Membro do Instituto Histórico e Geográfico e sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa. É o patrono da cadeira n.º 17 dos sócios correspondentes da Academia Brasileira de Letras, fundada por Leon Tolstoi, e da n.º 15, fundada por Godofredo Viana na Academia Maranhense de Letras.

Bibl: "Merope", trad. de Voltaire — Rio, 1831; "Hino à Tarde" — Rio, 1832; "Tancredi", trad. de Voltaire — 1859; "Eneida Brasileira", trad. de Vergílio — Paris, 1854; "Vergílio Brasileiro" — Paris, 1858; "Opúsculo acerca do Palmerim de Inglaterra" — Lisboa, 1860; "Ilíada", trad. de Homero — Rio, 1871; "Odisséia", trad. de Homero; e "Joseph", trad. de Bitaubé, obra esta que se perdeu.

Encontro de Enéas e Dido no Inferno

"Não mui distantes, os lugentes campos
(He seu nome) estendidos se dilatam;
Onde os que empeçonhou de amor a febre
Myrtedo cobre de secretas sendas,

Nem da paixão tyranna a morte os livra.
 Lá Procris, Phedra, Eryphile passêa,
 Mesta do filho atroz mostrando os golpes;
 Tambem Pasiphe, Laodamia e Evadne;
 Cenis, de femea transformada em homem,
 Por fadario a seu sexo reduzida.
 No bando, fresca a chaga, errava a Tyria
 Nos desvios da selva: assim que Enéas
 Ao pé chegou no escuro a distinguil-a,
 Qual do mez no começo alguém nas nuvens
 Apontar vê Lucina ou cuida vê-a,
 Meigo e amoroso lagrimando falla:
 "Infeliz Didol o nuncio não mentiu-me,
 Desesperada a ferro te finastel
 E autor eu fuil Rainha, aos céos t'ó juro,
 No imo centro se ha fé, larguei teu pôrto
 A meu pezar: forçaram-me os supremos,
 Que, no imperio da noite me afundando,
 Por brejos, por tojaes, a andar me obrigam;
 Nem cri' tamanha dôr causar partindo.
 Tu fojes? tu me esquivas? tem-te; os fados
 Este último colloquio nos concedem".
 Tal a Dido, que irosa e torva o encara,
 Embrandecia o heroe com pranto e mágoas:
 Ella aversa no chão pregava os olhos;
 Nem mais seu rosto á practica se move
 Que dura silice ou marpesia rocha.
 Infensa escapa-se, e em retiro umbroso
 Do marido Sicheu se abriga ao peito,
 Que terno corresponde a seus cuidados.
 Longo tracto, a chorar o injusto caso,
 Compungido e saúdoso o Teucro a segue."

("Eneida Brasileira", Livro VI — Odorico Mendes)

ANTONIO BERNARDO DA ENCARNAÇÃO E SILVA, nascido em Viana a 13/6/1799 e falecido a 25/8/1848. Bacharel em teologia por Coimbra; visitador e governador do bispado, Conselheiro da Província, deputado provincial e geral. Comendador da Ordem de Cristo, Cavaleiro da Ordem da Rosa, Bibliotecário da Biblioteca Pública. Foi lente de retórica e poética no Liceu Maranhense e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

ELEUTÉRIO MARQUES DA SILVA ROSA, nascido no Maranhão onde faleceu em janeiro de 1865. Presbítero secular; Cônego da Catedral de São Luis. Orador sacro.

Bibl. "Oração funebre de Sua Alteza a Princesa Imperial D. Maria Amélia" — Maranhão, 1853.

INÁCIO JOSÉ FERREIRA MARANHENSE Nascido no Maranhão. Poeta.

Bibl: "Elegia à sentidíssima morte do Principe Imperial, o Senhor D. Afonso" — Rio, 1847; "Septennario poético à morte de S. M. a Rainha das Duas Sicilias" — Rio, 1849; "Saudação ao gabinete actual consagrado ao Ilm.º Exm.º Sr. Conselheiro Senador do Império Honório Hermeto Carneiro Leão" — Rio, 1852.

MANUEL FERREIRA FREIRE, português de nascimento; naturalizou-se brasileiro e viveu no Maranhão, onde veiu a falecer. Professor e poeta.

Bibl: "Cartas de Calypso, Telemaco, Eucharis e Mentor, escriptas originariamente sobre o romance histórico do Arcebispo Fenelon" — Maranhão, 1847; "O cantico das aves", poema — S. Luis, 1855.

FERNANDO DE MELO COUTINHO VILHENA, nascido em Caxias e falecido em S. Luis no ano de 1870. Bacharel em direito, foi advogado no fôro de S. Luis e secretário do Govêrno (1843); era cavaleiro da Casa Imperial. Jornalista vigoroso, redigiu o "Maranhão"; jurisconsulto, deixou incompleto um "Código Civil".

CUSTÓDIO ALVESDA PUREZA SERRÃO (Frei), nascido em Alcântara a 22/10/1799 e falecido no Rio de Janeiro a 10/3/1873. Bacharel em filosofia e ciências naturais por Coimbra. Professor naturalista e helenista; lente da Academia Militar, Diretor do Museu Nacional e do Jardim Botânico. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Cavalheiro da Ordem de Cristo. É o patrono da cadeira n.º 17 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada pelo Dr. Aquiles Lisboa.

Bibl. "Lições de Chimica e Mineralogia" — 1833; "Processo para separar o paladio de outros metais com que se acha ligado" — 1845; "Breve noticia sobre as colleções de madeiras do Brasil" — 1867; e escreveu uma "Memória provando o que Brasil fôra, antes de pelos portuguezes visitado por outros navegantes, bem assim um folheto sobre a teoria atômica, em 1840.

FRANCISCO SOTERO DOS REIS, nascido em São Luis a 22/4/1800 e falecido na mesma cidade a 10/3/1871. Professor, parlamentar, publicista, poeta e, sobretudo, filólogo. Fundou "O Maranhense", depois "O Constitucional", e colaborou em "O Investigador Maranhense", a "Revista", "O Correio d'Annuncios", "O Observador" e "O Publicador Maranhense". Foi deputado provincial mais de uma vez e presidente da Assembléa na legislatura 1862/1864, tendo antes sido membro do Conselho Geral do Maranhão. Lente de Latim no Lyceu Maranhense, do qual foi o primeiro diretor; bibliotecário do "Instituto de Humanidades", de Pedro

Leal; comendador da Ordem da Rosa e da Ordem de Cristo. É o patrono da cadeira n.º 19 dos sócios correspondentes da Academia Brasileira de Letras, cujo primeiro titular foi Raphael Obligado, e da de n.º 17 da Academia Maranhense de Letras, fundada por José Augusto Corrêa.

Bibl: "Postillas de grammantica geral, applicada à lingua portuguesa pelta analyse dos clássicos" — S. Luis, 1852; "Biographia" de Eduardo Olimpio Fialho — S. Luis, 1855; "Grammatica Portugueza, accommodada aos principios geraes da palavra, seguidos da immediata applicação practica." Luis, 1866; "Commentarios de Cáo Júlio César, traduzidos em portuguez" — S. Luis, 1863/1869; "Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira, professado no Instituto de Humanidades da Provincia do Maranhão" (5 volumes) — S. Luis, 1866|1873, Colaborou em "A casca da caneleira"; perderam-se as suas traduções de Tibulo, dos "Anais" de Tácito, do "Atala" de Chateaubriand e da "Fedra" de Racine; deixou inédito um "Curso de Literatura Romana", cujos lições vêm sendo publicadas na Revista da Academia Maranhense de Letras (vols. III, IV, V e VI VII).

Literatura brasileira

Chegado, senhores, á época em que o Brazil foi por sua gloriosa emancipação politica elevado á cathogoria de nação independente, livre e culta, a época em que a litteratura brazileira se separa com a nação da portugueza a que até então se conservara unida, e começa a ter existencia propria, deixo de parte a segunda, para ocupar-me, exclusivamente com a primeira, que será d'ora avante objecto do meu particular estudo.

Formada no selo de um povo culto, e com uma lingua aperfelçoada, a litteratura brazileira, não apresenta os antecedentes de uma época de rudeza, e outra de polimento, como as dos povos europes que se emanciparão ainda mui atrasados em civilisação; e posto que nascida hontem, pois não tem meio seculo de existencia se quer, já conta escriptores mui distinctos por seu talento, instrucção, critério e bom gosto, ou pode figurar no meio das litteraturas dos povos cultos do universo, porque pertence a um povo que se emancipou civilisado.

Já muito antes da emancipação politica da nação, que se operou em 1821, ou desde meados do século XVIII, diversos autores brasileiros de nascimento, e de incontestavel mérito, com especialidade poetas, enriquecia a litteratura portugueza com seus escriptos em nada inferiores aos dos autores naturaes de Portugal, seus contemporaneos. Forão os poetas

brazileiros, frei José de Santa Rita Durão e José Basilio da Gama, os primeiros que em Portugal dêrão de mão aos deuses e fábulas da Grecia, que os poetas portuguezes introduzirão em suas composições, e descreverão em seus poemas, **Caramurú** e **Uruguay**, as cenas naturaes da America e os usos e costumes de seus habitantes, e os primeiros por conseguinte que lançarão as bases da actual litteratura brazileira, que começa a distinguir-se da portugueza, não só pela nacionalidade, mas pela cor local, como convem.

A grande colonia fundada por Portugal na America crescia em riqueza e illustração sob o longo e feliz reinado de **D. José I** que promovêo o seu engrandecimento com sabias providencias; por isso não é de admirar que já na segunda metade do século XVIII, ou com pouco mais de Jous séculos de existencia, produzisse poetas de reconhecido talento e illustração, que, prevendo o que ella havia de vir a ser um dia, se constituissem desde então fundadores de uma escola litteraria verdadeiramente americana, a qual só devia ter sectarios e representantes mais de meo seculo depois com a emancipação politica da nação, e seu progressivo desenvolvimento.

Desde a fundação do grande imperio brazileiro, que já é hoje a segunda potencia da America a todos os respetos, e ha de vir um dia a ser uma das maiores do mundo, começou a cor local a dominar mais ou menos, como era natural, nos escriptos de seus poetas e prosadores, em tudo que a pode constituir, como assumptos, accidentes e scenas locais, usos e costumes, legislação e historia do paiz, e com a fundação do imperio nasceo a nossa nova, e já brilhante litteratura, como o attestão as obras dos autores que a illustrarão e illustrão.

Tendo de apreciar antes dos prosadores os principaes poetas brazileiros, na forma do meo programa, começarei pelo eximio traductor de Virgilio, ou autor do Virgilio Brazileiro, como elle proprio se inculca, Manoel Odorico Mendes, mui distincto comprovinciano nosso, ha pouco fallecido, e amigo meu e mestre na quadra da mocidade, o qual é o primeiro de todos na ordem chronologica.¹

¹ (Lição LXXVIII, tomo IV, do Curso de Litteratura Portugueza e Brazileira — Sotero dos Reis).

ESTEVAM RAFAEL DE CARVALHO, nascido em Viana (ou Alcantãra?) no ano de 1800 e falecido em São Luís a 26/3/1846. Professor, orador vibrante e jornalista fogoso. Foi Inspetor do Tesouro Provincial; deputado geral e lente do Liceu Maranhense; redator

de "O Bem-te-vi". Era sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Bibl: "A Primavera", poema traduzido de Kleist. — S. Luis, 1833; "A metaphysica da contabilidade commercial para uso dos alumnos do autor" — Rio, 1837.

ERNESTO ALDOFO DE FREITAS, nascido em São Luis e falecido em Lisboa, Portugal, a 22/6/1889. Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra; advogado no fôro de Lisboa. Jurisconsulto, latinista e constitucionalista; membro da Real Academia das Ciências, de Lisboa.

Bibl: "Os Orizes conquistados — ou Noticia dos Orizes procazes, povos barbaros e guerreiros do sertão do Brazil" — 1866; "Considerações" (sôbre o epúsculo — "Considerações ao beneplacito e recurso à coroa) — Lisboa, 1874; "Da Imitação de Christo" — Lisboa, 1878.

JOSE JOAQUIM RODRIGUES LOPES, **Barão de Matoso** por Portugal. Nasceu no Maranhão a 13/1/1803 e faleceu no Rio de Janeiro a 30/3/1895. Marechal de campo; conselheiro do Império; cavaleiro da casa real portugêsa; cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz, oficial da Ordem da Rosa e comendador das ordens de Cristo, de Nossa Senhora da Conceição da Vila Viçosa e da de São Tiago. Fez a Guerra de Paraguai, cuja Cruz de Campanha recebeu pelos serviços prestados. Secretário do Superior Tribunal Militar.

Bibl: "Mappa de uma parte da provincia do Maranhão para servir na questão entre as comarcas de Caxias, Brejo e Itapecurú-mirim" — 1847; "Documentos sobre a pyramide do Campo do Ourique do Maranhão" — S. Luis, 1849; "Plani-historia ou Resumo synoptico-historico-genealogico do Imperio do Brazil e do reino de Portugal e das familias reinantes nestes paizes" — Rio, 1877; "Carta geral da provincia do Maranhão" — Rio, ...; "Mappa topographico da parte da Republica do Paraguay que tem sido occupada pelos exercitos aliados".

FERNANDO LUIS FERREIRA, nascido no Maranhão a 1/8/1803 e falecido no Rio de Janeiro no ano de 1879. Publicista. Bacharel em ciências físicas e matemáticas pela Academia Militar do Rio de Janeiro. Foi redator de "O Artista".

Bibl: "Arithmetica practica" — S. Luis, 1856; "Compendio do systema metrico"; "Informações acerca da missão dos Guajajaras no rio Pindaré".

FREDERICO MAGNO D' ABRANCHES, nascido em São Luis a 31/5/1804 e falecido em Basse-Terre (Guadelupe) a 17/6/1879. Doutor em leis pela Universidade de Coimbra; lente de filosofia no Liceu Maranhense; secretário da Província do Maranhão; deputado provincial e geral e nosso cônsul em Caiena (Guiana Fran-

cesa) e Nauta (Perú). Professor, orador, jornalista e diplomata; chefiou, com José Cândido de Moraes e João Lisboa, o movimento da Setembrada. Calaborou no "Argos da Let" e no "Farol Maranhense".

Bibl: "Elementos de Grammatica Latina" — Rio, 1848.

JOSÉ CÂNDIDO DE MORAIS E SILVA, nascido no lugar Juçara, no hoje distrito de Cachimbos, do município de Itapecuru-mirim, a 8/8/1806 (data preferida pelo prof. Ribeiro do Amaral; outros indicam 21/9/1807) e falecido em São Luis a 18/11/1832. Jornalista e professor; polemista temido. Fundou, com Manuel Pereira da Cunha, a primeira tipografia particular no Maranhão e fundou, igualmente, o segundo colégio existente na província e em que lecionava português, francês e geografia; com Magno d' Abranches e João Lisboa, chefiou o movimento da Setembrada. O "Farol Maranhense", jornal político que primeiro defendeu, entre nós, as idéias liberais, e cujo primeiro número circulou a 27/12/1827, foi a sua grande obra — nas suas colunas deixou um exemplo edificante de emancipação e altivez, de desassombramento e inteligência, que tanto mais se faz realçado quando se verifica que faleceu em plena e exuberante mocidade, aos vinte e cinco anos! Foi patrono da cadeira n.º 13 da Academia Maranhense de Letras, fundada pelo dr. Almeida Nunes.

MARIANO JOSÉ CABRAL, nascido no Maranhão ao que se supõe. Literato.

Bibl. "Valereuse", tradução de Jules Sandeau — Rio, 1861;

"Os ciúmes de uma rainha", tradução de Torquato Tarrago — Rio, 1872; "A maçonaria e o jesuitismo" — Rio, 1872.

FRANCISCO JOSÉ DOS REIS, nascido no Maranhão ao que se supõe. Presbítero do hábito de São Pedro e Cônego chantre da Catedral de S. Luis. Jornalista e professor; redator de "O Eclesiástico".

Bibl "Tratado elementar e clássico de analyse grammatical" — S. Luis, 1869.

SEVERIANO ANTÔNIO DE AZEVEDO, nascido no Icatú onde faleceu no ano de 1863. Professor primário e poeta.

Bibl: "Tentativas poéticas" — S. Luis, 1866; "Maravilhas do amor"; e "Os dous machos", tradução de La Fontaine.

JOAQUIM FRANCO DE SÁ, nascido em Alcântara a 25/12/1807 e falecido no Rio de Janeiro a 10/10/1861. Bacharel em leis pela Faculdade de Olinda, na turma de 1832, a primeira saída dessa Faculdade. Procurador da Fazenda Nacional no Maranhão, juiz de Direito e Vice-presidente da Província; deputado provincial geral e senador pelo Maranhão. Presidente das províncias da Paraíba e Maranhão. Jornalista, orador parlamentar e político.

Fundou "O Americano", a 21/1/1836, para defender as idéias liberais.

DOMINGOS FELICIANO MARQUES PERDIGÃO, nascido em São Luis a 20/12/1908 e falecido em Portugal a 24/10/1870. Bacharel em cânones por Coimbra. Professor, latinista e helenista; fundou o Colégio Episcopal de N. S. dos Remédios, depois "Colégio Perdigão".

• **JOÃO FRANCISCO LISBOA**, nascido em Pirapemas, então do município de Itapecurú mirim e hoje do de Coroatá (*) a 22/3/1812, e falecido em Lisboa, Portugal, a 26/4/1863. Discipulo de Sotero dos Reis, tornou-se um dos maiores vultos das letras pátrias e sagrou-se clássico da língua. Político, advogado, orador, historiador, escritor e jornalista. Foi deputado provincial em mais de uma legislatura, Secretário do Governo do Maranhão em 1836 e sucedeu a Gonçalves Dias, por indicação dêste, na missão de coligir, na Europa, os elementos para a documentação de nossa história. Redigiu "O Brasileiro", "O Farol Maranhense", após a morte de José Cândido, "O Eco do Norte", a "Crônica Maranhense", e "Publicador Maranhense", a "Revista", o "Correio Mercantil" e o "Jornal do Comércio". Comendador da Ordem da Rosa, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e sócio correspondente da Real Academia das Ciências, de Lisboa. É o patrono da cadeira n.º 18 dos sócios efetivos da Academia Brasileira de Letras, criada por José Veríssimo, da de n.º 11 da Academia Maranhense de Letras, fundada pelo Prof. Ribeiro do Amaral, e da de n.º 18 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, criada por Wilson Soares.

Bibl. "Jornal de Timon" — S. Luis, 1852/1854; "Apontamentos, noticias e observações para servirem à Historia do Maranhão" — Lisboa, 1858; "Biografia de Manuel Odorico Mendes", in Revista Contemporânea de Portugal e Brasil — 1862; "Obras Completas" — Lisboa, 1864/1865, edição póstuma dirigida por Henriques Leal, incluindo a "Vida do Padre Antônio Vieira", até então inédita.

Vieira na escola

Mostrava-se Antonio Vieira assiduo e fervoroso nos estudos, e lidava deveras por avantajar-se aos demais seus condiscipulos; mas conta-se que nos primeiros tempos, apesar da natural vivacidade que desde os mais tenros annos manifestara, não podera fazer grandes progressos, pelo não ajudar a memoria, rude e pesada, e como toldada de espessa nuvem. Era o estudante grande devoto da Virgem; e um dia que, ajoelhado ante a sua imagem e cheio do pensar e abatimento que lhe causava aquella natural incapacidade,

(*) Acrescente-se: hoje (1963) autonomo como município que é.

dade, a implorava em fervorosa oração, para que o ajudasse a vencer semelhante obstaculo, de repente sentiu como um estalo e dor aguda na cabeça, que lhe pareceu que alli acabaria a vida.

Era a Virgem que sem duvida escutara e deferia a supplica ardente e generosa; e era o véu espesso que trazia em tão indigna escuridade aquelle juvenil engenho, que num momento se rasgava e desfazia para sempre.

Guiou dali Vieira para a escola com grande alvoroço, e sentiu-se tão outro do que fôra até então, que logo animosamente pediu para argumentar com os mais sabedores e adiantados. E a todos venceu e desbancou, com estranhavel assombro do mestre, que bem conheceu andava naquillo grande novidade. Assim o referem pelo menos as chronicas da ordem; e, si a anedocta não é verdadeira, é pelo menos calculada para dar uma cor romanesca e maravilhosa aos primeiros lampejos deste engenho novel, que, mais tarde havia de deslumbrar o mundo pelo seu extraordinário fulgor. Dahi por deante nunca mais a memoria e as outras faculdades do entendimento mentiram ao seu ardor immenso de aprender; e como lhe batesse no peito um coração generoso e cheio de impulsos e aspirações para as grandes e nobres causas, já em tão verdes annos cogitava o mancebo nos meios de pôr obra as suas idéias e designios. E, ou fosse que a sua intelligência e ambição precoce lhe desse a conhecer que nos jesuitas estava concentrado todo o poder da época, e que abraçando o instituto, entrava pela porta mais facil e azada para quem queria seguir os caminhos que guiam á grandeza humana; ou fosse que os padres, sondando com um só lance do seu olhar profundo e penetrante tudo quanto o porvir reserva áquella flor apenas desabrochada, e fleis ás máximas da ordem, empregassem todos os meios para captá-lo e seduzilo; o certo é que Vieira fugiu de casa, e recolheu-se ao collegio dos jesuitas, em 1625, tendo pouco mais de quinze annos de idade.

Debalde os paes, que lhe reservavam outros destinos, envidaram todos os esforços pelo dissuadir; Vieira perseverou, despontando nelle por este modo, em occasião tão solenne, e desde a aurora da vida, aquelle ferenho desprezo dos sentimentos mais ternos e suaves, e aquella ambição asperrima e insociavel que o dominaram depois em todo o curso d'ella.

Fassados dous annos completos de noviciado, Vieira professou; e bem que continuasse a fazer progressos maravilhosos nos estudos, com igual applauso dos mestres e condiscipulos, a gloria tranquilla e modesta das lettras não o

tentou assaz; e, aspirando incessantemente a cousas mais arduas e lustrosas, fez consigo voto de despender a vida na doutrina e conversão dos escravos africanos e selvagens do Brasil, e nesse intento deu-se para logo ao estudo das linguas de uns e outros. Quando aos vinte e um annos de sua idade, quizeram os padres que Vieira começasse um curso de philosophia, para passar depois ao de theologia, declarou elle o voto que até então guardara secreto. Os superiores lh'o irritaram, é certo, mas não foi sem repugnancia que o futuro missionario, adstricto aos preceitos severos da ordem sobre a obediencia, abriu mão dos projectos que lhe sorriam na mente, para continuar a cultivar as letras, e a aprofundar aquelles conhecimentos que, no entender dos padres, ajustavam melhor com a elevação e brilho do seu talento.

Que poderemos nós dizer que responda aos prodigios operados nas escolas por esta aguiazinha ainda mal emplumada? Aos dezoito annos já Vieira ensinava rhetorica no collegio de Olinda; e, quer na sua cadeira de professor, quer nos bancos de philosophia e theologia, era sempre o mesmo portentoso mancebo que, antecipando o tempo e o trabalho, mostrava-se com mais aptidão para mestre que para discipulo. Compunha dissertações e tratados sobre os assumptos mais elevados, commentava os livros mais obscuros e difficeis das sagradas escripturas, e arguia com tanta subtilidade, ardor e vivacidade, que era o mesmo de quantos o viam e ouviam.

(“Vida do Padre Antonio Vieira” — João Lisboa)

FÁBIO ALEXANDRINO DE CARVALHO REIS, nascido em Itapecuru-mirim a 13/10/1815 e falecido no Rio de Janeiro a 26/2/1890. Bacharel em direito por Olinda; professor, jornalista, economista e parlamentar. Foi Coletor de Rendas e Procurador Fiscal no Maranhão; Inspetor das Alfândegas, de Belem, Recife, Salvador e Rio de Janeiro; deputado provincial e geral, pelo Maranhão, e 1.º Vice-governador do Pará, Oficial da Ordem da Rosa e sócio honorário do Ateneu Maranhense. Redigiu “O Argos Maranhense” e “O Progresso”, o primeiro periódico diário do Maranhão.

Bibl: “Breves considerações sobre a nossa lavoura, e outros artigos publicado no Diario do Maranhão e no Progresso” — S. Luis, 1852; “Breves considerações sobre a nossa lavoura” — S. Luis, 1856; “Cartas a um amigo velho”, estudo economico e industrial — Rio, 1877; “Creação e augmento de impostos”, parecer — Rio, ...; “Relatório sobre a provincia do Gram-Pará, apresentado ao passar a administração ao Exm.º Snr. Angelo Thomaz do Amaral” — 1860; “Relatório apresentado a s. exc. o snr. ministro da Fazenda pela commissão do inquerito industrial.” — Rio, 1882.

FRANCISCO DE MELO COUTINHO VILHENA, nascido em Caxias a 7/9/1816 e falecido a 11/1/1880. Bacharel em direito pela Faculdade de Olinda; foi vice-presidente do Maranhão. Polemista notavel, foi redator do "Eco da Oposição" e colaborou no "Dissidente", na "Conciliação" e no "Jornal da Sociedade Philomatica Maranhense". Professor do Lyceu.

FREDERICO JOSÉ CORRÊA, nascido em Caxias a 18/12/1817 e falecido em S. Luis a 28/5/1881. Formado em Ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Olinda; foi mais de uma vez deputado provincial. Tenente-coronel da Guarda Nacional e seu Comandante Superior no Maranhão; Procurador Fiscal do Tesouro Provincial; Presidente da Câmara Municipal de Caxias; Vice-presidente da Provincia; sócio honorário do Ateneu Maranhense; official da Ordem da Rosa. Poeta, publicista, crítico, jurista e parlamentar. É o patrono da cadeira n.º 6 da Academia Maranhense de Letras, fundada por Lusó Tôrres.

Bibl: "inspirações poeticas" — Rio, 1848; "O Papa", trad. de ecur — Rio, 1860; "Pensamentos e máximas" — 1865; "São Luis e o Pontificado" — Rio, 1869; "Meditações" — 1874; "Exame crítico sobre a legitimidade do placet e recurso á coroa. Julgamento e condenação do reverendo Bispo de Pernambuco" — S. Luis, 1874; "Um livro de Critica" — 1878; "Novo glossário das palavras e phrases viciosas introduzidas no Portuguez e de outras que a necessidade reclama" — S. Luis, 1880.

A Borboleta

Do mar á borda adejando
Faceira borboletinha
Buscava, onde pousasse,
Suave, linda florinha.

Pouco havia s'escondera
Das vagas no seio o sol,
De rosea côr colorindo
O vespertino arrebol.

Por mais que revôos desse,
Não achando a desgraçada
De seu amor os enlevos,
Els que pausa de cansada

Para o mar lançando os olhos,
Um rosal se lhe afigura,
Por sugestões de seu fado,
Do horizonte a pintura.

De contente não cobendo
Em si, a bela vaidosa
Sem mais exame s'entrega
A extensão tormentosa.

Sobre as asas dos favonitos
Suavemente adejando,
Cada vez s'ia da terra
A pobre mais afastando.

Em vão porém se cansava:
De seus ardores não vê
A desejada balisa
Que não longe de si crê.

No entanto já a noute,
De seu tétrico envoltório,
Da luz, nas ultimas vascas,
Celebrava o mortuório.

Pouco a pouco s'estendendo,
 Pouco a pouco enegrecia
 Os arabescos rosados
 Porque a louca morria.

Já de todo era extinguido
 O negaceiro fanal:
 Em seu erro então caíndo
 Lamenta a triste seu mal.

Vieira porém já tarde
 O desengano á infeliz,
 Que d'estafada já era
 A baquear por um tris.

A seu fado enfim cedendo,
 Levada de um furacão.
 Desce ao mar, onde sepulta
 Sua belêza e paixão.

Os olhos ponde, ó humanos,
 Nesta vitima de Amôr:
 Aprendei della a ser cautos,
 A moderar vosso ardor.

(Frederico Corrêa)

JOÃO DUARTE LISBOA SERRA, nascido no Itapecurú-mirim a 31/5/1818 e falecido no Rio de Janeiro a 16/4/1855. Bacharel pela U. de Coimbra, em ciências naturais e filosóficas e em ciências matemáticas. Foi deputado geral por duas vezes; Inspetor Tesouro Provincial do Rio de Janeiro e Tesoureiro Geral do Tesouro Nacional; primeiro presidente do Banco Brasil; Presidente Provincia da Baía (1848), conselheiro do Império e oficial da Ordem da Rosa. Orador, poeta, financista e parlamentar; sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Colaborou na "Revista Acadêmica", de Coimbra.

Bibl: "Um adeus a meus amigos" — Coimbra, 1841; "No mitério dos christãos", elegia — 1842.

FELIPE BENÍCIO DE OLIVEIRA CONDURÚ, nascido em São Bento a 23/8/1818 e falecido na mesma cidade a 10/11/1878. Professor primário e do Liceu Maranhense; enviado pelo governo do estado à França para estudar o método de Lencastre, de quem fê-lo adotar na Escola Normal, de que foi o primeiro diretor.

Bibl: "Compendido de geographia elementar para uso das escolas primárias" — S. Luis, 1846; "Grammatica Portugueza" — S. Luis, 1846.

CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, nascido no Brejo dos Aripurús, então freguezia de S. Bernardo, a 14/10/1818 e falecido no Rio de Janeiro a 1/3/1881. Professor, geógrafo, historiador, jurista e parlamentar. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Universidade de Coimbra, foi promotor público em São Luis. Professor de Geografia e História do Liceu Maranhense. Jornalista, fundou o "Brado de Caxias" e redigiu "O Observador", de São Luis. Chefe da Secretaria do Império; Diretor da Secretaria da Justiça, no

de Janeiro; deputado geral e senador pelo Maranhão. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e sócio correspondente das Sociedades de Geografia de Lisboa, Londres e Paris. Oficial da Ordem da Rosa, Comendador da Ordem da Concelção, de Portugal, e da Cruz de S. Gregório Magno, do Vaticano. É o patrono da cadeira n.º 4 da Academia Maranhense de Letras, e da de número 19 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, ambas fundadas por Justo Jansen.

Bibl: "As eleições da provincia do Maranhão em 1842, sob a presidencia do Dr. Venancio José Lisboa" — Rio, 1843; "Cartas ao Redator da Revista" — Maranhão, 1847; "Cartas ao Redator do Progresso" — Maranhão, 1847; "Cartas ao redator do Publicador Maranhense" — Maranhão, 1847; "Os serviços relevantes de Manuel Teles da Silva Lobo na provincia do Maranhão" — Maranhão, 1851; "O Tury-Assu ou a incorporação deste Territorio à Provincia do Maranhão" — 1851; "A Carolina ou a definitiva fixação dos limites entre as Provincias de Goiaz e do Maranhão" — 1852/1854; "Pio IX e a França", trad. do Conde Montalembert — Rio, 1860; "Direito Civil Eclesiástico Brasileiro" (4 volumes) — 1866; "Atlas do Império do Brasil" — Rio, 1868; "S. Luis e o Pontificado" — Rio, 1869; "Auxiliar Jurídico" — Rio, 1869; "Codigo Philipino ou ordenações do Reino de Portugal, annotadas e seguidas da legislação subsequente portugueza e brasileira até 1870" — Rio, 1874; "Memorias para a História do Extincto Estado do Maranhão" — Tomo I, 1860, Tomo II, 1874; "Pinsonia ou a elevação do território setemprional da provincia do Gram-Pará á cathegoria de provincia, com a mesma denominação" — Rio, 1873; "Principios de direito mercantil e leis de marinha" — Rio, 1874; "História do Commercio" (2 volumes) — 1880; "Arestos do Supremo Tribunal de Justiça" — Rio, 1880; e colaborações várias e valiosas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Página de Historia

Comprehendendo o antigo Estado do Maranhão, as capitánias do Piauhy, Maranhão, Gram-Pará e Rio Negro, hoje Amazonas, a historia de cada uma dellas se acha tão intimamente ligada até 1774, epocha da divisão do Estado em duas capitánias geraes independentes, ou melhor até 1818, quando se creou o Reino do Brasil; que parece de razão que as memorias e documentos relativos a esses territorios se collecionem em um só corpo, a partir do anno de 1612, epocha em que começou vingar a colonização e conquistas portuguezas.

Os archivés da França, Portugal, Hespanha, Inglaterra e Hollanda contém preciosos documentos para a nossa his-

ria, que conviria solicitar e, adquirindo-os, promover pela imprensa sua organização, constituindo, por assim dizer, um armazem rico de factos, e adaptado ao fim que temos em mira.

Convem muito que possuamos uma historia, digna por sua forma e veracidade, da posição que já occupamos, e que viremos occupar um dia no globo; quando a America, amparada de dous oceanos, sem receios de invasões barbarescas, sob o impulso da mais eminente civilisação, a cristã, de que será a herdeira e mantenedora, souber sustental-a com a sua hegemonia por todas as regiões da terra. Futuro immenso e glorioso, sem duvida, reservado ppr sua miraculosa situação, a tão bella quão feliz parte do mundo!

O que portanto fizeram nossos antepassados de grande e de notavel deve-nos merecer o maior zelo e respeito, porque é sobre esses esforços que assenta a grandeza do colosso, de que tanto nos orgulhamos. É nosso patrimonio, nosso estimulo e nossa gloria.

Não temos uma historia completa; temos retalhos al-cunhados com esse nome; alguns não são mais do que copia dos precedentes, distinguindo-se apenas pelo estylo mais ou menos correcto, disposições das materias, ás vezes nenhuma idéa adeantando, quanto ás epochas notaveis de nossa historia, e ao que é em geral bem conhecido. A causa desse facto provém da falta de documentos e memmorias contemporaneas impressas, que muita luz pode dar, esclarecendo, rectificando, o que ha de incorrecto e innexacto com a auctoridade de algum nome.

E pelo que respeita ao territorio, cuja historia desejáramos que fosse melhor estudada e apreciada, pouco ha vulgarisado; havendo ainda merito inedito, e de grande merecimento, sobretudo nos archivos de Portugal.

(Cândido Mendes)

JOÃO VITO VIEIRA DA SILVA, nascido no Maranhão a 15/6/1819 e falecido em S. Catarina no ano de 1869. Bacharel em matematicas pela Academia Militar, reformou-se como tenente-coronel do Exército. Fez a Campanha do Paraguai e era Cavaleiro da Ordem da Rosa e de S. Bento de Aviz. Historiografo; Senador do Imperio.

Bibl.: "Planta do Forte de Vera Cruz, cachoeira do Rio Itapecurú-mirim" — 1841; "Alguns apontamentos da viagem feita por terra desta côrte á cidade de Cuiabá", in Revista do I.H.G. Brasileiro — 1872; "Itinerário da viagem que fez da cidade de

Goiaz até Cuyabá, de 3 de setembro até 2 de outubro de 1865", autógrafa existente no Arquivo Militar.

X JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA, nascido em Guimarães a 30/3/1820 e falecido no Rio a 30/10/1870. Bacharel em direito por S. Paulo; foi promotor em Alcântara e S. Luis; Procurador Fiscal do Estado; Diretor Geral do Tesouro Público do Maranhão e Diretor das Terras Públicas; deputado geral por duas vezes e senador do Império. Vice-presidente do Maranhão, Presidente do Amazonas e do Pará; ministro da Marinha e dos Estrangeiros; oficial da Ordem da Rosa e Grã-Cruz da Ordem Ernestina, do Ducado de Saxe. Jornalista e orador; professor de filosofia, retórica e geografia no Seminário Episcopal.

Não deixou obras publicadas; quando estudante redigiu "O Argos Olindense" e, depois, foi colaborador de "O Dissidente" e ç "Maranhão".

CAETANO ANTÔNIO SALAZAR DOS SANTOS. Nascido no Maranhão; talvez em Codó. Poeta.

Bibl.: "Prelúdios" — Maranhão, 1865.

FRANCISCO ANTÔNIO BRANDÃO, nascido no Maranhão. Doutor em ciências naturais por Bruxelas. Professor e publicista. Foi deputado provincial em várias legislaturas.

Bibl.: "A escravatura no Brasil" — Bruxelas, 1865.

CIRILO DOS REIS LIMA, nascido no Maranhão; falecido em Codó. Religioso carmelita; professor do Pequeno Seminário das Mercês.

Bibl.: "Máximas, sentenças e proverbios reduzidos à História Patria, nos quais figuram como principaes personagens os meninos de um e outro sexo, para a leitura dos mesmos" — Maranhão, 1868; "Resumo da doutrina santa do Antigo e Novo Testamento, para uso dos meninos" — Maranhão...

HERCULANA FIRMINA VIEIRA DE SOUSA, nascida na Ilha Terceira, Açores, fixou residência no Maranhão onde constituiu família. Professora primária em Cururupú.

Bibl.: "Resumo da Historia do Brasil desde o seu descobrimento até a aclamação de S. M. I. (1500-1840) — S. Luis, 1868.

ANTÔNIO CESAR DE BERREDO, nascido no Maranhão em 1822 e falecido a 7/4/1879. Bacharel em direito por Olinda. Poeta e romancista.

Bibl.: "Lira de instantes" — Maranhão, 1878; "Mocambeiros", romance inédito; deixou ainda, incompleta, uma obra sobre direito público.

RUBEM JÚLIO TAVARES, nascido no Maranhão. Gramático e teatrólogo. Funcionário público; cavaleiro da Ordem da Rosa.

Bibl.: "Archaismos e neologismos da lingua" — Rio, 1880; "Da negação; synonymos, homonymos e paronymos; figuras de

grammatica" — Rio, 1880; "Pelo theatro — chronicas" — Genova, 1899; "A intrusa", drama traduzido de Salatino Lopez — Genova, 1899; "Razão social", drama — Genova, 1900; "?", drama em 3 atos; "Sepulcro de vivos", drama em 1 ato.

ANTÔNIO RÉGO, nascido em S. Luis a 14/8/1820 e falecido no Rio de Janeiro a 7/9/1883. Médico, jornalista e historiador. Bacharel em medicina pela Universidade de Coimbra; vereador da Câmara de S. Luis e deputado provincial no Maranhão mais de uma vez. Fundador do Instituto Literário Maranhense e sócio honorário do Ateneu Maranhense e do Gabinete Português de Leitura. Redigiu o "Diário do Maranhão", sob pseudônimo de Abordio, "A Conciliação", "O Progresso" e "Revista Universal Maranhense". Introduziu no Maranhão a terapêutica homeopática.

Bibl.: "Almanack popular, industrial e científico do Maranhão, para o anno de 1848" — S. Luis, 1847; "Almanack do Maranhão para 1849" — S. Luis, 1848; "Biblioteca dramática do theatro moderno" — S. Luis, 1853/1854 (folhetos mensais em que traduziu: "Gaspar Hauser", drama de Bourgeois e d'Ennet; "Clara Harlow", drama de Dumanoir; Clairville e Guillard; "cavaleiro da casa vermelha", drama de Dumas e Maquet; "casal das guestas", drama de Soulié; "Mademoiselle de Belle Isle", drama de Dumas; "A estalagem da virgem", drama de Hostein e Tavenet; "Simão, o ladrão", drama de Laurencin; "dous serralheiros", drama de Plat; "Os orphãos da ponte Nossa Senhora", drama de Dumas; e o "Jogador de Bilhar"; "linda de Chamonnix", melodrama traduzido de Caetano Rossi). S. Luis, 1857; "Instrução para o tratamento do cholera-morbus pelo methodo homoeopathico" — S. Luis, 1862; "Rudimentos de geographia para uso das escolas de instrucção primaria" — S. Luis, 1862 (2 volumes); "O livro dos meninos — curso elementar de instrucção primaria" — S. Luis, 1864 (2 volumes); "Códice Municipal da Camara da capital da Provincia do Maranhão" — S. Luis, 1866; "Repertório das leis, avisos, ordens, instrucções e portarias applicadas ás camaras municipaes e especialmente á de São Luis do Maranhão" — S. Luis, 1866; "Joãosinho", trad. de Charles Feval — S. Luis, 1868; traduziu ainda — "Mystérios da Inquisição de Ferreal; "Quitança á meia-noite" e "O mendigo negro", ambos de Paul Feval.

JOÃO ARGUELES DE ABRANCHES, nascido em São Luis a 27/7/1821 e falecido na mesma cidade a 19/8/1880. Bibliófilo dedicado a estudos de física, astronomia e electricidade. Trabalhou assiduamente na imprensa ludovicense de seu tempo. Fez construir em São Luis o theatro "Variedades", para iniciativa dos amadores, entre os quais Joaquim Serra, Sabas da C.

Gentil Braga, Celso Magalhães, Euclides Faria e os irmãos Azevedo.

JOSÉ ASCENÇO COSTA FERREIRA, nascido no Maranhão a 10/2/1823. Bacharel em direito por Olinda; magistrado, foi procurador da Corôa, presidente da Relação do Maranhão e ministro do Supremo Tribunal. Deputado geral; conselheiro do Império; cavaleiro da Ordem da Rosa. Economista e publicista; colaborou no "Semanário Maranhense".

Bibl.: "Licções de Economia Política" — Maranhão, 1872.

ALEXANDRE TEÓFILO DE CARVALHO LEAL, nascido no Maranhão em 1823 (ou 1822?) e falecido no seu engenho "Lincoln", no Alto-Mearim, em 1879. Bacharel em ciências matemáticas por Coimbra. Economista e pedagogista. Certamente o maior amigo de Gonçalves Dias. Deputado provincial; Diretor da Instrução Publica e do Tesouro Provincial do Maranhão; sócio honorário do Ateneu Maranhense. Colaborou no "Jornal da Sociedade Philomatica Maranhense", no "Jornal de Instrução e Recreio", "O Progresso", "Revista Universal Maranhense", "O País" e "Jornal da Lavoura"; apenas deixou em livro o prefácio do "Democracia e Socialismo", de Martinus Hoyer.

AUGUSTO FREDERICO COLLIN, nascido em São Luis a 11/6/1823. Poeta e jornalista. Funcionário público, foi Secretário do Governo do Paraná e Chefe de Secção da Secretaria de Fazenda. Comendador da Ordem da Rosa. Quando estudante, fundou, com Henriques Leal, o "Jornal de Instrução e Recreio", onde Gonçalves Dias fez sua estréia; colaborou assiduamente na imprensa de São Luis e do Rio de Janeiro.

Bibl.: "A douda", soláo — tributo de amizade ao Doutor Alexandre Theophilo de Carvalho Leal" — 1845; "A mendiga do miserio de Berlím", trad. de Chénier; "A Borboleta" — 1845; "A liberdade" — 1845; "Ella", poema; "Os tumulos campestres", de Chateaubriand — Rio, 1846; "Belleza e candura" — 1847; "Harmonias" — 1847; "Por e consolação" — 1847; "Harmonias da noite. A virgem" — 1848; todos publicados na "Chronica Literária do Rio"; "Manual do Empregado de Fazenda: collecção de leis legislativos e executivos, expedidos pelo Ministério da Fazenda" — Rio, 1865.

JOSÉ JOAQUIM FERREIRA VALE, depois Visconde do Deserto, nascido em São Luis a 15/6/1823 e falecido em Genebra, a 3/2/1899. Diplomata, jornalista, poeta e orador eloquente; foi redator de "O Progresso". Bacharel em direito pelo Recife; deputado geral, diretor da Secretaria de Estado dos Negócios de Justiça e morreu como nosso consul na Suíça e Alemanha.

Não sabemos que tenha deixado obras publicadas.

ANTÔNIO GONCALVES DIAS, nascido no sítio Fazenda...

na fazenda Jatobá, catorze léguas de Caxias, a 10/8/1823; falecido a 3/11/1864, no naufrágio do "Ville de Boulogne" que foi de encontro à Corôa dos Ovos, no baixio dos Atins, próximo à baía de Cumã. Poeta, etnógrafo, dramaturgo, professor, poliglota e jornalista; classico da lingua. Formado em filosofia e direito por Coimbra; secretário e professor adjunto do Liceu de Niteroi; professor de latim e História do Brasil no Ginásio Nacional; official do Ministerio do Exterior, esteve em comissão na Europa para estudar os modernos métodos de ensino e colher documentos e informes para a nossa história; chefe da Secção de Etnografia da Comissão Cientifica de Exploração enviada ao Ceará; membro da Comissão do Brasil à Exposição Internacional de Paris; Inspetor da Instrução Publica nas provincias do norte; membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; cavaleiro da Ordem da Rosa. Colaborou, no Rio, no "Correio Mercantil", no "Jornal do Comercio", no "Correio da Tarde", na "Sentinela Maranhense" (Optimus criticus, o seu pseudônimo) e na "Gazeta Official"; fundou em 1848, com Macedo e Pôrto Alegre, a revista "Guanabara". É o patrono da cadeira n.º 15 dos sócios efetivos da Academia Brasileira de Letras, fundada por Olavo Bilac, da de n.º 9 da Academia Maranhense de Letras, criada por Xavier de Carvalho, e da de n.º 20 do Instituto Histórico e Geográfico Maranhense, fundada por João Braulino.

Bibl.: "Primeiros cantos" — Rio, 1846; "D. Leonor de Mendonça", drama — Rio, 1847; "Segundos cantos e Sextilhas de Frei Antão" — Rio, 1848; "Cantos" — Leipzig, 1857; "Os Timbiras" (cantos I a IV) — Leipzig, 1857 e Rio, 1848; "Últimos cantos" — Rio, 1851; "Dicionário da lingua tupi" — Leipzig, 1857; "Obras póstumas", por Henriques Leal, em seis volumes, incluindo os dramas "Paktul" e "Beatriz Cenci", a tradução da "Noiva de Messina", de Schiller, e o "Brasil e Oceania". Perderam-se o romance "Memorias de Agapito Goitaba" (1842), a "Historia dos Jesuitas" e os últimos cantos de "Os Timbiras".

Canto de morte

Meu canto de morte,
Guerreiros ouvi!
Sou filho das selvas;
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupy.

Da tribo pujante
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci.
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do norte
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas
De tribos imigas
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longas terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aymorés;
Vi lutas de bravos
Vi fortes — escravos! ...
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os plagas, coitados,
Já sem maracás;
E os meigos cantores
Servindo a senhores,
Que vinham traidores
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
Meu ultimo amigo,
Sem lar, sem abrigo,
Cahiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Serenó e composto,
O acerbo desgosto
Commigo soffri.

Meu pae a meu lado,
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi.
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos de espinhos,
Chegámos aqui!

O velho, no emtanto,
Sofrendo já tanto,
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Cahi prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O crú dessocego
Do pae fraeco e cêgo,
Emquanto não chego,
Qual seja — dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava
Que filho lhe sou.

Ao velho doitado,
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? — Morrer.
Emquanto descreve
O gyro tão breve
Da vida que teve,
Deixae-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro:
Si a vida deploro
Tambem sei morrer!"

CÉSAR
EMÍDIO



XIPE

PEDRO NUNES LEAL, nascido em Itapecurú-mirim a 22/8/1823 (Ribeiro do Amaral regista: 1822) e falecido em São Luis a 7/11/1901. Bacharel em direito por Coimbra. Professor, jornalista e compendiógrafo; furdou e dirigiu o "Instituto de Humanidades", em São Luis. Redigiu "O Progresso" e a "Revista Universal Maranhense" e colaborou no "Jornal de Instrução e Recreio", o "Arquivo" e "Jornal da Lavoura". É o patrono da cadeira n.º 33 da Academia Maranhense de Letras, fundada por Viriato Corrêa.

Bibl.: "Paris na América", trad. de René Lefebvre — 1867; "Noções grammaticaes extrahidas da Grammatica Portugueza de Sotero" — S. Luis, 1868; "Affixos da Lingua Portugueza" — S. Luis, 1894; "Vocabulário orthographico da lingua portugueza" — S. Luis, 1898; "Obras de João Francisco Lisboa" — 1900; "Opúsculo de lexicographia"; e deixou inéditos — "Curso de Agronomia", tradução de Gasparin; "Curso de philosophia", tradução de Janet; e "Dicionário Manual Homophonologico".

JOSÉ RICARDO JAUFFRET, nascido em São Luis a 23/12/1823 e falecido na mesma cidade a 7/8/1878. Bacharel em letras pelo Colégio Real de Marselha, em ciências físicas pela Faculdade de Montpellier, e doutor em medicina pela Universidade de Paris. Professor e jornalista; foi lente do Liceu Maranhense, e um dos fundadores da "Revista Universal Maranhense".

Bibl.: Deixou, inacabada, uma versão de "Os Lusíadas", para o francês e traduziu o "Manual do plantador de algodão", de Turner.

JOÃO DA MATA DE MORAIS REGO, nascido no Maranhão a 8/2/1825. Jornalista, historiógrafo e parlamentar. Major da Guarda Nacional e deputado provincial em várias legislaturas; cavaleiro da Ordem de Cristo. Sócio do Ateneu Maranhense, de que foi presidente; redator de "O Forum", "A Situação", "O Publicador", "O Futuro" e "A Atualidade".

Bibl.: "Representação que fez á Assembléia Geral Legislativa na sessão do anno de 1867" — S. Luis, 1867; "Discursos" — S. Luis, 1868; "Recenseamento geral do Império. Provincia do Maranhão. Capital. Parochia da Conceição" — S. Luis, 1872; "Historia da Imprensa na Provincia do Maranhão"; "Memoria sobre a fundação de uma capella no municipio de Guimarães"; "Synopse historica da administração do Governador Capitão-General D. Francisco de Melo Manuel Camara" — 1906/1909.

JOAQUIM JOSÉ DE CAMPOS MEDEIROS E ALBUQUERQUE, nascido em Caxias a 31/10/1825 e falecido no Rio de Janeiro a 11/4/1892. Fôrmado em direito pela Faculdade do Recife. Foi deputado geral, secretário da Provincia de Pernambuco, Diretor Geral do Recenseamento no Estado do Rio de Janeiro. Diretor da Secretaria do Império e Secretário do Ministério da Saúde Pú-

blica. Orador e publicista; membro do Instituto Arqueológico de Pernambuco.

Bibl.: "Reflexões sobre o ensino e o estudo do Direito" — 1868; e vários opúsculos de caráter administrativo.

ANTÔNIO MARQUES RODRIGUES, nascido em São Luis a 15/4/1826 e falecido em Avintes, conselho de Gávia, Portugal, a 14/4/1873. Bacharel em ciencias jurídicas e sociais pela Faculdade de Olinda; professor do Liceu Maranhense e deputado provincial em várias legislaturas; Inspetor da Instrução Pública no Maranhão. Poeta e jornalista; fervoroso abolicionista e incansável animador de nossa agricultura. Fundou "A Conciliação", com Francisco Coutinho Vilhena, Antônio Rêgo e Henriques Leal; colaborou no "Diário do Maranhão", "O Globo" e o "Publicador Maranhense" (neste assinando: Sancho Testaff), de São Luis, no "Diário de Pernambuco", "O Cidadão" e "A Cidade", de Recife; antes, escrevera no "Trovador", de Coimbra. Membro do Instituto Arqueológico de Pernambuco e sócio honorário do Ateneu Maranhense; cavaleiro da Ordem da Rosa e da de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

Bibl.: "Rodolpho Topffer — esboço critico litterario" — Recife, 1855; "Livro do Povo, contendo a vida de Christo e varios artigos uteis" — S. Luis, 1862; "História de Carlos XII"; "Gil Blas de Santilhana"; "Vida de Horácio Nelson", trad. de Forgues; "Duas palavras sobre a nossa agricultura", prefácio do Manual do plantador de algodão, de Turner, traduzido por José Ricardo Jauffret; "Tres Liras", coletânea de poesias suas, de Trajano Galvão e Gentil Braga — São Luis, 1862.

O Brasil

Os templos soberbos da Grecia formosa
E os arcos de Roma, de Roma orgulhosa,
Não cobrem, não ornam meu patrio Brasil;
Estatuas não temos, primores das artes,
Mas temos os bosques por todas as partes,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

Os rios gigantes, as limpidas fontes,
As flores, os fructos, os prados, os montes,
Esmaltam, protegem meu patrio Brasil;
E os cantos das aves na selva escutam,
E o sol não tememos, e a sombra buscamos
Nas verdes palmeiras viçosas a mil.

As Venus, as Graças, os loucos Amores,
 Celestes no marmor, na forma, nas cores,
 Não temos, não temos no patrio Brasil.
 Mas temos as virgens d'olhar expressivo,
 De rosto moreno, caracter altivo,
 E as verdes palmeiras viçosas a mil.

E virgens e homens, e bosques e mares.
 E tudo que vive na terra, nos ares,
 É bello e sublime no patrio Brasil :
 Azul é o céu, as florestas frondosas,
 Valentes os homens, as virgens mimosas,
 E as verdes palmeiras viçosas a mil.

(A. Marques Rodrigues)

CÉSAR AUGUSTO MARQUES, nascido em Caxias a 12/12/1826 e falecido no ano de 1900. Médico pela Faculdade da Baía, foi tenente cirurgião do exército e Médico da Provincia do Maranhão. Historiador. Professor de retórica, matemática, história e gramática; arquivista da Câmara Municipal e Secretário da Inspetoria Geral da Instrução Pública. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bem assim dos congêneres de Alagoas, Pernambuco, Baía e Rio Grande do Sul; sócio correspondente da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e da Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro; sócio honorário do Ateneu Maranhense. Cavaleiro das Ordens de Cristo e da Rosa; comendador da Ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa, de Portugal. É o patrono da cadeira n.º 35 da Academia Maranhense de Letras e da de n.º 22 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada por Domingos Perdígão.

Bibl.: "Provas da existencia d'outro mundo, fundadas sobre a natureza, historia, philosophia e religião" — Salvador, 1852; "Conquista da Religião Christã", trad. de M. V. Robert — Salvador, 1852; "Breve memoria sobre o clima e molestias mais frequentes da Provincia do Maranhão" — Salvador...; "Maria de Kerouase", trad. de Jules Sandeau — Salvador, 1853; "Biographia de D. Manuel Joaquim da Silveira" — Maranhão, 1861; "Breve summario sobre a introdução da vacina no Maranhão" — Maranhão, 1862; "Almanack historico de lembranças brasileiras" — S. Luis, 1861 ((1.º ano), 1862 (2.º ano) e 1863 (3.º ano); "Apontamentos para o Dictionario historico, geographico, topographico e estatistico da Provincia do Maranhão" — S. Luis, 1864; "A meus filhos ou o fruto do bom exemplo" — trad. de R. Blanchar — S.

Luis, 1869; "Diccionario Historico-geographico da Provincia do Maranhão" — S. Luis, 1870; "Aos meus meninos, contos uteis, etc." — S. Luis, 1872; "Historia da Missão dos Padres Capuchinhos", trad. de Claude d'Abbeville — S. Luis, 1874; "A viagem ao norte do Brasil", trad. de Yves d'Évreux — S. Luis, 1874; "Provincia do Maranhão — breve noticia" — Rio, 1876; "Diccionario Historico e Geographico do Espirito Santo" — Rio, 1878; "Vida e feitos de D. Frei Miguel de Bulhões e Sousa, 3.º Bispo do Pará" — Rio, 1886.

X **MANUEL BENICIO FONTINELLI**, nascido no Brejo a 25/2/1828 e falecido em S. José do Além-Paraíba, Minas Gerais, no ano de 1895. Bacharel em direito pelo Recife; foi deputado geral pelo Maranhão. Advogado, escritor e poeta.

Bibl.: "Recreios poeticos" — Rio, 1855; "Satanopolis", poema — Rio, 1877; "O porvir", poema — Rio, 1877; "Scenas de sangue", poemeto — Rio, 1884; "Dido", poema dramatico; "O Dia do Supremo Juizo"; "O Poema da Tarde"; "Prometheo"; "Carmes"; "Boa-Noite", poema. Ao falecer, trabalhava na tradução da "Iliada" e obras outras, de Horacio e Lamartine.

X **ANTONIO HENRIQUES LEAL**, nascido em Cantanhede, município de Itapecuru-mirim a 24/7/1828 e falecido no Rio de Janeiro a 29/9/1885. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio; foi presidente da Câmara Municipal de São Luis, deputado provincial no Maranhão e Regente do Colégio Pedro II; sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa; sócio honorário do Ateneu Maranhense e membro do Instituto Literário Maranhense, do Gabinete Português de Leitura e da Associação Tipográfica Maranhense. Jornalista, crítico, publicista e historiador. É o patrono da cadeira n.º 10 da Academia Maranhense de Letras, criada pelo escritor Astolfo Marques, e da de n.º 21 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada por Luso Tôrres.

Bibl.: "Relatório acerca do cemitério público do Maranhão" — São Luis, 1855; "Da gripe epidêmica" — S. Luis, 1858; "Cartas sobre a clinica", trad. de Justo Liebig — S. Luis, 1859; "Apontamentos estatísticos da Provincia do Maranhão", suplemento ao Almanaque de 1860; "A Provincia do Maranhão", no Almanaque de 1864; "Estudos agrícolas" — S. Luis, no Almanaque de 1862; "Noticia acerca da vida e obras de J. Francisco Lisboa", introdução à edição de suas "Obras Completas", que dirigiu — Lisboa, 1864/1865; "Panteon Maranhense", em 4 volumes — Lisboa, 1873/1875; "Locubrações — tentativas históricas" — Lisboa, 1874; "Apontamentos para a Historia dos Jesuitas no Brasil", 2 volumes — Lisboa, 1874; "O partido liberal, seu progresso e seu futuro", trad. de Edouard Laboulaye — Maranhão, 1867; "Os vestidos brancos", drama traduzido; "Estes deus fazem um par", vau-

Leville traduzido; e mais alguns trabalhos de menor porte — "Questão philologica", "A Literatura Brasileiro Contemporânea", "D. Antonio da Costa e suas obras", "Impressões de um serão iterário", "A Guerra do Paraguay", "Questões economicas e administrativas"; "Carnes Verdes"; "Questão médico-forense"; "Higiene pública".

A tipografia de Belarmino de Matos

Dos seus prelos sahiram em tão poucos annos tantas obras, tão aprimoradas na elegancia, na nitidez e execução artistica, tão alentadas nos volumes, tão rasoaveis nos preços, que distinguuiu-se o Maranhão como a parte do Brasil onde a arte typographica estava mais adeantada, sendo os productos de sua officina collocados entre os primeiros tanto em qualidade, como em acção e barateza. Cataloguemos de relance o que mais notavel sahiu de seus prelos n'esses poucos annos: a serie de almanachs que andam por uns treze volumes; As postillas grammaticaes de Sotero; As poesias de A. Franco de Sá; As comedias do dr. Luiz M. Quadros, as de Joaquim Serra, seu poemeto, Um coração de mulher, seus Versos, as traducções de E. Laboulaye; O mundo caminha, traduzido de Pelletan; Estatistica da provincia do Ceará (2 vols. com muitos mappas); Obras de João Francisco Lisboa (4 vols.); Curso de Litteratura, por F. Sotero (4 vols.); Grammatica portugueza (1 vol.); a traducção dos Commentarios de Julio Cesar (6 fasciculos); Obras posthumas de Antonio Gonçalves Dias (6 vols.); Impressos, pelo sr. Andrade (2 vols.); Parnaso Maranhense (1 vol.); Tres lyras (1 vol.); a traducção de Eloa de Vigny, pelo sr. dr. Gentil; Motins politicos, pelo sr. dr. Raiol (4 vols.); Historia da Independencia do Maranhão, pelo exmo. sr. dr. Luiz Antonio Vieira da Silva (1 vol.); Commentarios da Constituição, pelo dezembargador Souza (2 vols.); Impressões e gemidos, por José Coriolano de Sousa Lima (2 vols.); Confidencias, poesias do sr. dr. F. C. de Figueiredo (1 vol.); Curso elemental de mathematica, pelo sr. dr. João Coqueiro; Os Miseraveis e o Homem que ri, de Victor Hugo; uma serie de romances traduzidos e que deitam por uns doze volumes; sendo a mór parte d'estas obras em oitavo grande francez ou quarto portuguez, e bastante volumosas. Foi tambem encarregado da impressão de mais algumas obras, cujos authores eram domiciliados no Pará, no Ceará, no Piauhy e em Pernambuco, alem de relatorios de companhias e de presidentes de provincia, mappas, contas correntes, etc., que affluam a essa typographia,

atrahidos seus authores ou edictores do bem acabado e tudo quanto publicava Bellarmino de Mattos. É que se não pagava elle só dos louvores que lhe teciam por toda a parte do premio que lhe foi conferido na Exposição Nacional, realisada no Rio de Janeiro, em 1837, e nem formava de tudo isso sua Capua; porque mirava além do seu nome e dos flogazes triumphos do dia de hoje — ao aperfeiçoamento da arte, que era seu idolo e seus enlevos. Dotar sua provincia com um estabelecimento modelo era o seu pensamento mais querido e sua unica ambição! Que accio, que perfeição de gosto de trabalho artistico! Suas edições, tanto as de luxo como as communs, ahí estão para affirma-lo".

(Cap. V da XIV do 2.º tomo do "Panteon Maranhense" — excerto).

* **LUIS ANTONIO VIEIRA DA SILVA**, Visconde de Vieira da Silva, nascido em Fortaleza, Ceará, a 2/10/1828 e falecido no Rio de Janeiro a 3/11/1889; descendente, porém, de tradicional familia maranhense. Formado em leis e cânones pela Universidade de Heidelberg. Historiador e parlamentar. Foi secretário do governo do Maranhão; deputado provincial e geral e senador pelo Maranhão; ministro da Marinha e Conselheiro de Estado presidente do Picuí. Cavaleiro da Casa Imperial, Grão-mestre da Maçonaria, Cavaleiro da Ordem da Rosa; sócio honorário do Ateneu Maranhense, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e fundador da Associação Literária Maranhense. Colaborou no "Jornal de Instrução e Recreio", no "Jornal das Senhoras" e no "Correio das Modas", foi co-fundador da "Nova Epoca", "Século", "A Situação". É o patrono da cadeira n.º 28 da Academia Maranhense de Letras, e da de n.º 23 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, esta fundada por Domingos Américo

Bibl.: "Historia interna do direito romano privado, até Justiniano" — Rio, 1854; "O ciganhinho do Norte", poesia — Rio, 1855; "Historia da independencia da provincia do Maranhão" — São Luís, 1862; "Questão religiosa" — Rio, 1873; "Voto de graças" — Rio, 1874; "Força naval" — Rio, 1888; "Maria", poesia traduzida

JOÃO CLÍMACO LOBATO, nascido no Maranhão em 1822. Bacharel em direito pelo Recife, foi promotor público, juiz municipal e procurador fiscal. Teatralogo, romancista e jornalista colaborou em "O Constitucional", de São Luís, e o "Belo Sexo" de Recife. Era sócio efetivo do Ateneu Maranhense.

Bibl.: "Maria", drama em 3 atos — 1851; "A cigana brasileira", romance — S. Luís, 1853; "O Diabo", romance — Maranhão, 1856; "A doida ou a Justiça de Deus", drama em 3 atos — "O outro", drama em 3 atos; "A neta do pescador", drama em

atos; "Paranguira", drama em 2 atos; "O Diabo", comédia em 3 atos; "A mãe d'agua", comédia em 2 atos; "As duas fadas", comédia em 1 ato; "O diabinho em meu quarto", comédia em 1 ato; "Mysterios da villa de São Bento"; "O rancho do Pai Thomaz", romance.

FRANCISCO GAUDÊNCIO SABBAS DA COSTA, nascido no Maranhão a 5/12/1829 e falecido em outro de 1874. Dramaturgo e romancista. Funcionário público, foi conferente das Alfândegas da Belém e S. Luis. Usou o pseudônimo de Golodron de Bivac.

Bibl.: "Francisco II ou a Liberdade da Itália", drama em 5 atos — 1861; "Garibaldi ou o seu primeiro amor" — drama em 3 atos e prólogo — 1862; "Pedro V ou O moço velho", drama em 5 atos — S. Luis, 1862; "A buena-dicha", comédia-drama em 2 atos prólogo e epílogo — 1862; "O escriptor publico", comédico em 1 ato — 1862; "O amor fatal", romance — 1862; "O Barão de Oyapoc", drama em 3 atos e prólogo — 1863; "Beckman", drama histórico em 7 atos — S. Luis, 1866; "Os bachareis", comédia em 3 atos — 1870; "Rosina", romance — S. Luis, 18..; "A Revolta", romance histórico — S. Luis, 1874. Colaborou em "A casca da caneleira".

JOAQUIM GOMES DE SOUSA, nascido na fazenda Conceição, em Itapecurú-mirim, a 15/2/1829 e falecido em Londres, Inglaterra, a 1/6/1863. Professor, matemático, astrónomo, pensador, poliglota e parlamentar. Doutor em ciências matemáticas e físicas pelo Rio de Janeiro e em ciências médicas por Paris. Lente da Academia Militar do Brasil; secretário da Correção da Côrte; sócio das Universidades e Academias de Londres, Berlim e Viena. Deputado geral pelo Maranhão. É o patrono da cadeira n.º 8 da Academia Maranhense de Letras, fundada por Armando Vieira da Silva.

Bibl.: "Resolução das equações numéricas" — 1850; "Recueil de memoires d'analyse mathematiques" — Leipzig, 1857; "Dissertação sobre o modo de indagar os novos astros sem auxilio de observações directas" — Rio, 1858; "Anthologie Universelle — choix des meilleures poesies de diverses nations dans les langues originales" — Leipzig, 1859; "Mélange de calcul intégral" — Leipzig, 1882; "Physiologia geral das sciencias mathematicas"; "Leis da natureza ou Código de legislação em que, passando em revista o Universo, pretende expor as leis fixas, gerais e invariaveis que presidiram a sua organização"; e mais uma série de memórias.

As leis da natureza

Bem que tenha estudado mathematica durante muitos annos, e saiba melhor analyse que qualquer outro ramo de

conhecimentos humanos, o meu trabalho de predileção, aquelle que eu considero como o fim da minha vida, e pelo qual sobretudo espero merecer alguma cousa dos meus contemporaneos, si é que terei de merecer alguma cousa, é pela obra que preparo com o titulo de **Leis da natureza**, codigo de legislação em que, passando em revista o Universo inteiro, pretende expor as leis fixas, gerais e invariaveis que presidiram á sua organização”.

O complexo das cousas existentes é tratado como um só facto.

O livro tem por fim desenvolver o seguinte programa :

O creador da natureza, depois de haver formado a materia gosando das propriedades que são a condição da sua existencia (extensão e impenetrabilidade), jorra-a no espaço; e fazendo actuar sobre ella um pequeno numero de agentes, cruza os braços, e vê o universo desenvolver-se deante de seus olhos.

Esta obra, escrita em francês, **ou je ne vois pas avoír totalement manqué de genie**, na fraseologia de Montesquieu, distingue-se, além da esplendida magnificencia do assumpto, pelo seu character de universalidade, e pelas suas formas necessarias e imperiosas, de cujas paginas o arbitrio se acha banido para sempre.

Compor-se-há de tres partes, formando ao todo este volume in 8.º, de 500 a 600 paginas cada um, distribuidos do modo seguinte :

1.ª parte — **Os tres reinos da natureza** — 2 vols. Trato de todas as sciencias phisicas, organicas e geologicas. (deve sahir brevemente).

2.ª parte — **Espirito humano** — 3 vols. Trato dos principios constitutivos do espirito humano, das questões que são do dominio da metaphysica e de todas as sciencias que derivam do espirito do homem (sciencias juridicas, sociais, belas artes, sciencias de observação, contemplação da natureza, etc). É no nosso tempo o que Bacon fez no seu, com um plano totalmente differente.

3.ª parte — **Historia** — 2 vols. Tratada não como sciencia de observação, porem como consequencia rigorosa dos conhecimentos adquiridos anteriormente, exponho tudo de um modo synthetico, banindo todo o arbitrio e fazendo ver a logica imperiosa dos acontecimentos. Sob este prisma, a historia explicará como o genero humano, constituido de

uma mesma materia prima e partindo de uma ou de um pequeno numero de raças primitivas, formou differentes caracteres nacionais. Disto deduzirei relações intimas entre os factos mais importantes e mais insignificantes de um mesmo país".

(Gomes de Sousa) (*)

MANUEL TAVARES DA SILVA, nascido em Guimarães a 22/7/1829 e falecido no Anil, subúrbio de São Luis, a 10/7/1907. Bacharel em teologia pela Universidade de Coimbra, cônego magistral, arcebispo da Sé do Maranhão, professor e reitor do seminário de São Luis. Orador sacro e jornalista; fundou o "Cristianismo" e "O País" e colaborou em "A Fé". Era sócio do Ateneu Maranhense.

Bibl.: "Oração recitada nas ezequias de S.M.F. d. Maria II, Rainha de Portugal" — S. Luis, 1854; "Sermão" — S. Luis, 1857; "Manual Ecclesiastico ou Collecção de Formulas" — S. Luis, 1876.

ANTONIO RODRIGUES PEREIRA LABRE, nascido em Pastos Bons. Coronel da Guarda Nacional; foi deputado provincial no Amazonas. Publicista e etnógrafo.

Bibl.: "Rio Purús" — S. Luis, 1872; "A seringueira" — Belém, 1873; "Achy ou os catanichys: estudos ethnographicos de alguns selvagens habitantes do Rio Purús".

JOÃO CÂNDIDO DE MORAIS RÊGO, nasceu no Maranhão e faleceu no Rio de Janeiro a 24/11/1888. Foi Chefe de Secção da Secretaria do Governo Provincial do Maranhão. Literato e bibliófilo.

Bibl.: "Almanack administrativo da Provincia do Maranhão" — 1869 a 1875.

FRANCISCO MANUEL DA CUNHA JUNIOR, nascido em Cururupú e falecido no Rio de Janeiro no ano de 1895. Educador e político; exerceu o magistério em São Luis e foi senador pelo Maranhão. Coronel honorário do Exército; Oficial da Ordem da Rosa; cavaleiro da Ordem de Cristo.

Bibl.: "Projecto de um banco de emissão sobre o credito territorial e predial do Imperio do Brasil" — Rio, 1877; "Guerra do Paraguai: ataque de 3 de maio de 1867" — Rio, 1885.

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO, nascido em Barcelos, Vitória do Baixo Mearim, a 19/1/1830 e falecido em São Luis a 14/7/1864. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Olinda. Poeta e filólogo, o precursor, nas letras pátrias, da poesia social sôbre o negro escravo. É o patrono da cadeira

(*) Texto gentilmente oferecido pelo prof. Jerônimo de Viveiros.

n.º 20 da Academia Maranhense de Letras, fundada por Barros e Vasconcelos. Jornalista, colaborou em "O Progresso" e no "Diário do Maranhão".

Bibl.: "As sertanejas", obra póstuma — S. Luis, 1868. Escreveu, com Gentil Braga e A. Marques Rodrigues, "As tres liras" e colaborou em "A casca da caneleira"; escreveu, ainda, um juízo crítico sobre as "Postilas gramaticais", de Sotero.

Solao

Jovino — O senhor de escravo

CANTO I

Jovino :

Ó crioula, esses teus olhos
De luz tão meiga e lasciva,
São quaes pombinhas que trazem
De amores terna missiva.

Cesarina :

Ai ! pobre de mim coitada,
Que sou negra e sou captiva.

Jovino :

És captiva mas dominas,
Tens da belleza o condão :
Eu sou branco, mas captivo
Hei no peito o coração.

Cesarina :

Vou cumprir minha tarefa,
Tres arrobas de algodão.

Jovino :

Alli na matta ao murmúrio
Do regato que deriva,

Num leito molle de relvas,
De seres forra quem priva ?

Cesarina :

Ai ! triste de mim coitada
Que sou negra e sou captiva !

Jovino :

Hei de pôr-te de sapatos,
Luvas de seda na mão,
Se quiseres ouro e per'las
Não pedirás nada em vão.

Cesarina :

Vou cumprir minha tarefa,
Tres arrobas de algodão.

Jovino :

És escrava — serás livre,
Erguerás a fronte altiva
Entre os que ora te desprezam,
Se me não fores esquiua...

Cesarina :

Ai ! triste de mim coitada
Que sou negra e sou captiva !...

1909
1909
20/18

CANTO II

Já os caminhos se escurecem
Da matta co'a sombra espessa,
Vem as negras uma a uma
Com seus cofos na cabeça.
Qual cantando vem alegre,
Qual mais velha vem gemendo,
Qual, em tom sentido e grave,
Tristes cantos vem tecendo.
Ante o feitor se pesaram
Mil arrobas de algodão.
E ao duro lidar do dia
Sucedo o duro serão.

Jovino :

Ó Feitor, lá no terreiro
Forma toda a escravatura.

Feitor :

Olá ! cheguem-se todos
Aqui houve travessura...

Jovino :

Mande vir cordas e banco.
Seja o castigo exemplar...
Sae á frente, Cezarina,
Vae-te no banco assentar.
Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella.

Cezarina :

Meu Senhor, por piedade,
Por amor de vosso pae !
Sou castigada sem culpa.
Meu Senhor, ah ! perdoae !

Jovino :

Faceira, esquiva e donzella,
Ninguem me peça por ella.

Cezarina :

Eu dei conta da tarefa,
Nunca fiz mal a ninguem,
Sou humilde e sou creança,
Tanto odio donde vem ?

Jovino :

Faceira, esquiva e donzella,
Ninguem me peça por ella.

Antonio :

Jorra o sangue, insopa a terra.
Olhe... a pobre vae morrer...
Minha filha !... o que inda falta,
Meu Senhor, eu vou suffer !

Jovino :

Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella.

Antonio :

Meu Senhor, eu nada valho,
Ah ! sou negro..., mas sou pae...
Por amor dos vossos filhos
Oh ! meu Deus, ah ! perdoae !

Jovino :

Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella...

CANTO III

Apoz os cães ladravam
Na floresta escura brava.
Jovino, abrindo caminho
Co'o facão, lá se embrenhava !...

Jovino :

Hekô ! meus cães bens de raça !
Heis de me dar muita caça !...

Parte dos cães à direita,
Parte à esquerda latiam;
A um lado pende Jovino,
A outro os negros corriam,

E eu atraz de um jatobá.
Branco só vós é que sois;
Mas homens somos nós dois.

Jovino :

Hekô ! meus cães bons de raça !
Hels de me dar muita caça !

E no meio da espessura
Do emaranhado cipó,,
O Senhor de mil escravos
De repente se achou só.

Jovino :

Hekô ! meus cães bons de raça !
Hels de me dar muita caça !

Jovino :

Quem vem lá, quebrando o matto?
Olá ! quem é que está ah ! ?

Antonio :

Tu andas após das antas,
Mas eu ando após de ti !...

Jovino :

Antonio — o negro fugido...
u, infame calhambola !
em mais um passo ou desleixo
obre ti esta pistola !
Busquel-te por toda a parte.
a sim hel de amarrar-te.

Antonio :

arrar-me?... isso é mais fino...
a tambem aqui ha.
estaes a descoberto,

Jovino :

Como ? oh negro ! pois atreves-te,
Ousas um branco attacar ?!
Meus negros aqui não tardam,
Pensas tu que has de escapar ?
Busquel-te por toda a parte
Ora, sim, hel de amarrar-te !

Antonio :

Se um brado só levantardes
Morto vos deitarei já !
Vós estaes a descoberto,
E eu atraz de um jatobá...
Branco só vós é que sois;
Mas homens somos nós dois !...

Treme Jovino de colera,
Dos beiços sangue lhe corre.

Jovino :

Pois que o queres, insolente,
Infame, captivo morre...
Busquel-te por toda a parte;
Mas agora hel de matar-te.

Ralvoso desfexa o tiro,
Risadas o negro dá...

Antonio :

Vós estaes a descoberto,
E eu atraz de um jatobá.
Branco só vós é que sois;
Mas homens somos nós dois !...

CANTO IV

Dão-se tiros no terreiro
Tangido ronca o tambor,
Vinte negros battem matto
Em procura do Senhor:
A caçar elle sahü,
Nunca mais ninguem o viu.

E aos negros que veem do matto
Perguntam: qu'he do Senhor?
Respondem tristes, limpando
Da negra testa o suor:
A caçar elle sahü
Nunca mais ninguem o viu!...

(Poesia inédita coligida por Henriques Leal no "Panteon Maranhense" — Tomo II).

BELARMINO DE MATOS, nascido no Axixá, então municipio de Icatú, a 24/5/1830 e falecido em S. Luis a 27/2/1870. Editor e jornalista; fundou, em 1857, a Associação Tipográfica Maranhense. Henriques Leal chamou-o o Didot maranhense.

JOÃO MENDES DE ALMEIDA, nascido em Caxias a 22/5/1831 e falecido em S. Paulo em 1898. Bacharel em direito por S. Paulo. Começou a vida pela magistratura que trocou pela advocacia e pela politica, radicando-se em S. Paulo que o elegeu deputado geral. Jornalista e publicista; fundou a "Opinião Conservadora" e "A Sentinela" e colaborou no "Partido Conservador", na "Sentinela da Monarquia", em "A Lei" e o "Diário de São Paulo".

Bibl.: "Algumas notas genealogicas, livro de familia — Portugal, Hespanha, Flandres, Brabante, Brazil, S. Paulo, Maranhão; Séculos XVI/XIX — S. Paulo, 1886; "A Capitania de São Vicente, sua origem" — S. Paulo, 1887; "O Senado e a reforma constitucional"; e deixou incompleto um "Diccionario geographico da provincia de São Paulo".

RICARDO ALVES DE CARVALHO, nascido no Maranhão em 1833 e falecido no Rio de Janeiro a 5/4/1889. Foi vereador e presidente da Câmara Municipal de S. Luis; deputado provincial em cito legislaturas. Jornalista, colaborou em "O Conservador" e "O Telegrafo", ambos de São Luis.

Bibl.: "Provimientos proferidos em correição pelo Dr. Manoel Correia Lima, ex-julz de direito da comarca de Brejo, no anno de 1880" — S. Luis, 1861; "Recapitulação das façanhas do tenente-coronel Ricardo da Silva Ferro" — S. Luis, 1864; "O assassinato do tenente Roberto Francisco Coelho e os calumniadores perante a opinião pública" — S. Luis, 1864.

FRANCISCO SOTERO DOS REIS JUNIOR, nascido em S. Luis a 1/2/1833. Poeta, cedo abandonou as musas para se dedicar ao magistério. Funcionário da Fazenda estadual; Inspetor do Tesouro do Piauí e da Paraíba; deputado provincial pelo Maranhão. Não sabemos que tenha deixado livros publicados.

JÓAQUIM DE SOUSA ANDRADE (Sousândrade), nascido em Guimarães a 9/7/1833 e falecido em S. Luis a 21/4/1902. Bacharel em letras pela Sorbonne e engenheiro de minas por Paris; abandonou, porém, os estudos para se dedicar à lavoura. Foi professor de grego no Liceu Maranhense. Poeta e filósofo, poderíamos dizer que, com a extravagância e singularidade de sua lira, teria um inconciente precursor dos modernistas de hoje. Viajou pelo Amazonas, atravessou os Andes e visitou a América do Norte; dessa sua peregrinação deixou-nos o estranho poema "Gueza Errante". É o patrono da cadeira n.º 18, da Academia Maranhense de Letras, fundada por Clodoaldo Freitas.

Bibl.: "Harpas selvagens" — Rio, 1857; "Gueza Errante" — S. Luis, 1866; "Impressões", poesias — S. Luis, 1868; "Eolias" — S. Luis, 1868; "Obras poéticas", 1.º tomo — New York, 1874; "Novo Eden" — S. Luis, 1888. Foi um dos colaboradores de "A casca da caneleira" e foi o autor do desenho da bandeira maranhense.

Os Andes

Eia, imaginação divina!

Os Andes

Volcanicos elevam cumes calvos,
 Circundados de gelos, mudos, alvos,
 Nuvens fluctuando — que espectac'los grandes!
 Lá, onde o poncto do kondor negreja,
 Scintillando no espaço como brilhos
 D'olhos, e cae a prumo sobre os filhos
 Do lhama descuidado; onde lampeja
 Da tempestade o ralo; onde deserto,
 O azul sertão formoso e deslumbrante,
 Arde do sol o incendio, delirante
 Coração vivo em ceu profundo aberto!

.....
 Porem, não s'interrompa esta paisagem
 Do sol no espaço! mysteriosa calma
 No horizonte; na luz, bella miragem
 Errando, sonhos de doirada palma!
 Eia, imaginação divina! Sobre
 As ondas do Pacifico azulado
 O phantasma da Serra projectado
 Aspero cincto de nevoeiros cobre:
 D'onde as torrentes espumando saltam
 E o lago anlla seus lençoos d'espelho,

E as columnas dos picos n'um vermelho
 Clarão ao longe as solidões esmaltam.
 A fórma dos Andes tomam solitaria
 Da eternidade em roto vendaval
 E os mares compellindo procellaria,
 Condensa, altiva, indomita, infernal !
 (Ao que do oceano sobe, avista a curva
 Perdendo-se lá do ether no infinito,
 Treme-lhe o coração; a mente turva
 S'incline e beija a terra — Deus bemdicto !) !
 Ou da noite austral, co'a flor do Prado
 Comunicando o astro; ou a do bronco
 E convulsivo se annelar d'um tronco
 De constrictor, o paramo abrazado !

(“Gueza Errante”, Canto I — Sousândrade).

GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA, nascido em São Luis a 25/3/1835 e falecido a 25/7/1876. Bacharel em ciências jurídicas e sociais por Olinda; advogado e magistrado. Foi deputado provincial e geral pelo Maranhão; secretário do governo do Rio Grande do Norte; lente de retórica e filosofia. Poeta, jornalista, cronista, parlamentar e professor. Sócio do Ateneu Maranhense e do Ateneu Paulistano; colaborou em “O Publicador Maranhense” e no “Semanário Maranhense” e redigiu a “Ordem e Progresso”, “A Coalizão” e “O Liberal”; usou os pseudônimos de Flávio Reymar e Anselmo Pelitot. É o patrono da cadeira n.º 7 da Academia Maranhense de Letras, fundada pelo prof. Alfredo de Assis.

Bibl.: “Um presidente e uma assembléa” — S. Luis, 1862; “Um ex-diplomata encadernado” — S. Luis, 1865; “Clara verberna”, poema de Flávio Reymar — S. Luis, 1866; “Ao amanhecer” — S. Luis, 1866; “Nas horas de calma” — S. Luis, 1866; “Eloa”, trad. de A. de Vigny — S. Luis, 1867; “Entre o céu e a terra” — S. Luis, 1869; “Sonidos”; e traduziu o “Tannhauser”, de Heine, “Evangelina”, de Longfellow, e “O Oriente”, de Musset.

O orvalho

Nas flores mimosas, nas folhas virentes
 Da planta, do arbusto, que surge do chão,
 Reunem-se as gottas do orvalho nitentes,
 Tombadas á noite da aérea soldão.

Provindas dos ares, dos astros cahidas
Em globos argenteos de um puro brilhar,
Descansam nas flores, ás folhas dão vida,
Remontam-se aos astros, erguendo-se ao ar.

A luz das estrellas, do vidro mais fino,
O tremulo, incerto, brilhante luzir,
Não tem mór belleza, fulgor mais divino,
Nem pode mais claro, mais bello fulgir.

E o sol, que rutila no manto dourado,
Feitura sublime das nuvens do ceu,
Beijando estas gottas co'um beijo inflamado,
Desfaz taes prodigios nos beijos que deu.

Quem foi que as vertêra, quem foi que as chorara,
Quem, limpido orvalho, do ceu vos lançou ?
Quem poz sobre a terra belleza tão rara,
Quem foi que nos ares o orvalho formou ?

Dos anjos que outr'ora baixaram da esphera,
Morada longinqua dos Anjos de Deus,
São prantos o orvalho, que amor os vertera,
Depois que perdidos volveram-se aos ceus.

Baixados á terra, sedentes de amores,
Gozaram delicias de um breve durar,
Depois, em lembrança dos tempos melhores,
Os anjos à noite costumam chorar.

E o pranto saudoso dos olhos vertido
Converte-se em chuva de fino crystal,
Procura das flores o calix querido,
Recae sobre as plantas do monte ou do val.

E os anjos sosinhos vagueiam no espaço,
Buscando as imagens que o ceu lhes roubou,
Seguidos das nuvens, do lucido traço,
Que o brilho das azas traz elles deixou.

E a voz que dos labios lhes sae suspirante,
Semelha um queixume pungente de dor;
E o ar que circula girando incessante,
Repete os suspiros só filhos do amor.

Em vão taes suspiros, tão tristes endeixas,
 Pezares tão fundos, são todos em vão;
 Ninguem os escuta, carpidos ou queixas
 Vae tudo sumindo na etherea soidão.

E os anjos que outr'ora viveram de amores
 Gozaram delicias de extremos sem par,
 Saudosos relembram seus tempos melhores
 E têm por consolo seu triste chorar.

E o pranto saudoso dos olhos vertido
 Converte-se em chuva de fino crystal;
 Procura das flores o calix querido,
 Recae sobre as plantas do monte ou do val.

(Gentil Braga)

MARTINIANO MENDES PEREIRA, nascido em Anajatuba em 1836 e falecido no ano de 1898. Bacharel em direito pelo Recife, foi promotor público no Maranhão e juiz neste Estado e no do Pará. Jornalista, romancista e gramático. Colaborou no "Diário do Maranhão" e na "Lei"; fundou com João Coqueiro e Almeida Civeira, a Escola "Onze de Agosto".

Bibl.: "Grammatica lusó-latina" — 1886; "Cartas ao Imperador sobre a reorganização judiciaria", por Numa — 1879; "Os patifes da politica" e "Filhos sem mãe", romances inéditos.

ANTÔNIO JOAQUIM FRANCO DE SÁ, nascido em Alcântara a 16/7/1836 e falecido em Recife a 29/1/1856. Era estudante de direito na capital pernambucana, quando morreu. Poeta de fácil inspiração, foi uma promissora esperança cedo roubada às letras maranhenses.

Bibl.: "Poesias de Antonio Joaquim Franco de Sá" — Rio, 1867, publicação póstuma feita por seu irmão Felipe Franco de Sá, então senador e ministro do Império.

Morrer cedo

Como é triste morrer na flor da vida,
 quando se tem um peito de poeta,
 quando o futuro vê-se cheio de flores,
 e além brilhante meta!

Quando da mente se conhece a fôrça,
 quando palpita o coração de amor,
 quando tudo é risonho, tudo diz-nos:
 a vida não é dor!

Quando idólatra mãe, toda ternura,
quando extremoso pai inda se tem,
quando do mundo, que se julga belo,
não sofreu o desdém!

Quando se fantasia altos destinos,
quando a pátria que se ama com paixão,
quando ao nome celeste — liberdade —
nos pulsa o coração!

Quando a fronte nos queima o pensamento,
quando se sente nela um não sei quê,
que glória nos promete no futuro,
como a André Chenier!

Quando tudo é assim, ó! como é triste,
como é triste, tão cedo se morrer!
Deixar os pais em pranto, a pátria, o amigo,
que nos mandam viver!

Deixar tudo que o mundo tem de belo,
virtude — glória — mocidade — amor —
e os pais, coitados!, que perdendo o filho
estalarão de dor!

Meus Deus! ó! quão terrível são as vezes,
quão insondáveis, os decretos teus!
Não serei eu, porém — vil creatura —
que acusarei meu Deus.

A. Franco de Sá.

NUNO ALVES PEREIRA E SOUSA, nascido no Maranhão a 12/8/1836. Engenheiro civil e oficial da arma de artilharia do Exército. Literato.

Bibl.: "Arithmetica de Vovô", com Ernesto Possolo — Rio, 1847; "Folhas soltas", contos — Rio, 1860; "O menino endiabrado" — Rio, 1870; "Historia de um bocadinho de pão", trad. de Macé — Rio, 1873; "Primeiro livro da infância", trad. de De Lapalisse — Rio, 1875; "Primeiro livro da adolescência", trad. de Lapalisse — Rio, 1878; "Contos de Christovão Schmid", tradução — Rio, 1878; "Os servidores do estomago", tradução de Macé — Rio, 1878; "O que custam as mulheres", romance traduzido — Rio, 1880; "Instrucção e recreio" — Rio, 1881; "Conhecimento dos conhecimentos uteis", tradução de Bichat — Rio, 1881; "Os prazeres da córte e os prazeres do campo" — S. Luis, 1863.

AUGUSTO FREIRE DA SILVA, nascido em São Luis a 17/10/1836 e falecido em São Paulo a 7/3/1917. Bacharel em direito por São Paulo; Juiz municipal em Batatais e Limeira e promotor público em Franca; vice-diretor do Colégio Ipiranga, de São Paulo, professor de gramática no Curso Anexo da Faculdade de Direito de São Paulo; Inspetor interino da Instrução Pública, Procurador dos Feitos da Fazenda e Diretor do Ginásio, tudo no referido Estado. Membro do Ateneu Maranhense, da Sociedade "União Literária" e da Sociedade Literária Auxiliadora da Instrução Popular. Professor e gramático.

Bibl.: "Novo methodo de ensinar a ler e escrever" — Paris, 1863; "O acautelador dos bens de defunctos e ausentes, vagos e de evento" — S. Luis, 1868; "Noções de prosodia e orthographia para uso da infancia que frequenta as aulas do primeiro grau do Instituto Santista, intercaladas de um resumo da etymologia e syntaxe, extrahida da "Grammatica Portugueza", de Francisco Sotero dos Reis pelo Doutor Pedro Nunes Leal — S. Luis, 1871; "Novo methodo de ensinar a ler e escrever, accrescentado da "Civilidade Primaria", de Chantal, de um resumo da doutrina christã, extrahido do Catecismo Historico de Fleury, e das primeiras noções de calculo" — Paris, 1875; "Rudimentos de grammatica portugueza para uso dos alumnos de primeiras letras" — S. Paulo, 1879; "Compendio de Grammatica Portugueza".

AUGUSTO OLÍMPIO GOMES DE CASTRO, nascido em Alcântara a 7/11/1836 e falecido no Rio de Janeiro a 31/1/1909. Publicista, juriconsulto, parlamentar e soberbo orador. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Recife; foi deputado provincial e geral pelo Maranhão; presidente das provincias do Piauí e do Maranhão; senador e conselheiro do Império; nomeado ministro da Marinha em 1877, não o aceitou. Colaborou, como jornalista, em "O Tempo", "O Nacional", "A Situação", "O País" e o "Jornal de Recife". Era sócio do Ateneu Maranhense e é o patrono da cadeira n.º 39 dos sócios efetivos da Academia Maranhense de Letras, fundada por Pedro Braga Filho.

Não sabemos que tenha deixado obras publicadas.

FRANCISCO DE PAULA BELFORT DUARTE, nascido no Maranhão e falecido no Rio de Janeiro. Bacharel em ciências jurídicas e sociais por São Paulo. Advogado, parlamentar, jornalista e teatrólogo; foi diretor de debates no Senado. Redator de "O Liberal"; usava, no "Ensáio Paulistano" o pseudônimo de Belarte. Republicano ardoroso e idealista, tomou parte no movimento do Maranhão e integrou a Junta Governativa.

Bibl.: "O romance de um moço rico", comédia-drama em 5

atos e 7 quadros, com Luis Bivar e Salvador de Mendonça — S. Paulo, 1860; "Uma festa de indigencia" — S. Paulo, 1864.

CARLOS LUIS D'AMOUR (Dom), nasceu em Timon a 11/4/1837 e faleceu no ano de 1921. Bispo de Mato-Grosso; prelado assistente do trono pontifício e conde romano. Conselheiro do Império e Comendador da Ordem de Cristo. Orador sacro.

Publicou diversas pastorais; Baía, 1874, 1875, 1875, 1875 e 1876; Cuiabá, 1888.

JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO, nascido em São Luis a 30/4/1837 e falecido no Rio a 27/2/1910. Matemático, professor e poeta. Bacharel em ciências pela Faculdade de Paris e doutor em ciências físicas e matemáticas pela Universidade de Bruxelas; preparador-auxiliar da cadeira de Física Experimental da Faculdade de Ciências de Paris. Diretor do Ginásio Nacional; Inspetor do Tesouro do Maranhão; chefe do Distrito Telegráfico do Maranhão; lente de matemática do Liceu Maranhense; oficial da Ordem da Rosa. Fundou com Almeida Oliveira, Jansen Ferreira e Martiniano Mendes Pereira a "Sociedade Promotora da Instrução Pública" — Escola "Onze de Agosto".

Bibl.: "Tratado de arithmetica" — Paris, 1860; "Soluções das questões propostas no Tratado de arithmetica" — Paris, 1862; "Metrologia moderna ou exposição circunstanciada do systema métrico decimal" — S. Luis, 1863; "Pratica das novas medidas e pesos" — S. Luis, 1856; "Curso elementar de mathematica" — Tomo I, S. Luis, 1869, Tomo II, S. Luis, 1874; "Primeiras noções de calculo" — S. Luis, 1871; "Taboas estereometricas" — S. Luis, 1871; "Curso médio de mathematica" — S. Luis, 1902; e "Cálculos práticos", "Introducção ao alto calculo" e "Curso de mecânica", inéditos.

TEMISTOCLES DA SILVA MACIEL ARANHA, nascido em S. Joaquim do Bacanga, no sitio Maracujá, a 8/8/1837 e falecido em S. Luis a 27/4/1887. Jornalista e professor; fervoroso abolicionista, libertou seus escravos. Lente de geografia no Liceu Maranhense; presidente da Associação Comercial do Maranhão; membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade de Geografia de Lisboa e do Ateneu Maranhense. Foi deputado à Assembléa Provincial e era Comendador da Ordem da Rosa.

Colaborou no "Jornal do Comércio", de São Luis, era "A Imprensa", foi redator do "Publicador Maranhense", fundou "O País" e "O Comércio" e sucedeu a José Cândido de Moraes na direção do "Farol Maranhense".

FRANCISCO DIAS CARNEIRO, nascido em Passagem Franca a 23/11/1837 e falecido em Cartias no ano de 1896. Formado em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Recife. Magistrado,

industrial e agricultor; foi deputado provincial em várias legislaturas e deputado geral por duas vezes. Poeta e parlamentar; um dos fundadores do "Jornal da Lavoura". Vice-Presidente do Maranhão. É o patrono da cadeira n.º 27 da Academia Maranhense de Letras, criada por Sousa Bispo.

Bibl.: "Poesias fugitivas"; "Noite do Diabo", conto; "Poesias diversas"; "Cenas do campo" — Rio, 1872; "Poesias" — S. Luis, 1878. Colaborou em "A casca da caneleira" sob o pseudônimo de Sephani von Ritter.

Pelo Itapecurú

A tarde era bella; — sopravam macias
 As brisas; tardias
 Rolavam-se as nuvens do espaço no azul;
 As sobras cahiam do outeiro vizinho;
 As aves no ninho;
 O rio pertinho
 Com margens de areia sem vasa e paul.

As folhas se agitam; a vara estridente
 Fere a agua dormente...
 Eis passa uma barca ligeira a correr.
 Às vezes um surdo gemido se ouvia;
 A quilha tremia;
 A areia rangia
 E a barca singrava, sem nunca empecer.

Seus galhos pendentes, a velha igarana
 Balança de ufana
 Ao sopro indolente do fresco terral;
 E os ramos mais fortes nos troncos ferrados,
 De leve abalados
 Os fructos medrados
 Atufam nas ondas do puro crystal.

As aves já dormem; — o som que rebenta
 É voz sonolenta
 De algum passarinho, que tarda em pousar;
 As garças somente se encolhem de frio
 A beira do rio,
 Fitando o desvio
 Dos peixes que a sentem, no fundo a passar.

Silencio! escutemos; — de leve co'a aragem
Ciciar a ramagem.
Dão silvos as garças que espanta o rumor, —
E ao jogo das varas no esforço ruidoso,
Entoa amoroso
Seu canto saudoso
Dos rudes barqueiros um bom trovador.

.....

.....

O verso e a harmonia que cantam da proa
Se espalham e soa
Nos ecos dos montes um cantico igual,
E a barca ligeira, que encrespa a torrente...
No canto indolente,
Descuida-se a gente,
E a barca se enlaça num crú cipocal.

E logo se revolta no leito do rio,
Como um corropio
Descahe na corrente das aguas á foz;
Mas subito estaca; que as varas se curvam,
As ondas se turvam,
Entesam-se, encurvam
E estalam-se os nervos dos rijos cipós.

E a barca passava; — na aerea penugem
De limpida nuvem
Prateiam-se os limbos de magica luz;
No frouxo ambiente destouca-se a lua,
A nuvem recua,
Mais bella, mais nua,
A virgem da noite seus nautas conduz.

As vezes de todos se escuta um gemido,
Plangente, estendido...
Seria desastre de algum nadador?
Percurte nos ares o som lastimoso...
Um ai! fervoroso...
É o sopro afanoso
Dos peitos que oprimem cansaço e labor.

E as varas de novo se enristam; a proa
 Não corre, mas voa,
 Na esteira de espuma que atrás lhe ficou;
 E ao fresco da noite, que alegre corria,
 A barca subia,
 Desaparecia,
 Sumindo-se ao longe do rio... e chegou.

(Dias Carneiro)

MIGUEL VIEIRA FERREIRA, nascido em São Luis a 6/12/1837. Bacharel e doutor em ciências físicas e matemáticas pela Escola Central, do Rio de Janeiro. Abandonou o Exército no posto de 2.º Tenente; foi funcionário do Observatório do Rio de Janeiro e integrou a Comissão de Limites com o Perú. Redigiu "O Artista".

Bibl.: "Ensaio sobre a Filosofia Natural nos Estudos Cosmológicos" — 1861; "Reflexões acerca do progresso material da Província do Maranhão".

JOAQUIM MARIA SERRA SOBRINHO, nascido em S. Luis a 20/7/1838 e falecido no Rio de Janeiro a 29/10/1888. Foi lente de gramática e literatura no Liceu Maranhense; secretário do Governo da Paraíba; Diretor do Diário Oficial, no Rio; deputado provincial e geral. Jornalista, colaborou, no Maranhão, no "Publicador Maranhense", "A Imprensa" e "A Coalizão" e, no Rio, na "Reforma", "O Abolicionista", "Gazeta da Tarde", "O Globo", "Folha Nova" e "O País" e, mais, em S. Paulo, em "A Província"; fundou, com Sotero, Gentil Braga, Henriques Leal, Sousândrade, Cesar Marques, Sabas da Costa, Celso Magalhães e Martins Costa, o "Semanário Maranhense", desaparecido a 8/9/1848. Orador, a tribuna serviu-lhe para pregar o ideal abolicionista, de que foi paladino. Teatrólogo e poeta. É o patrono da cadeira n.º 21 dos sócios efetivos da Academia Brasileira de Letras, fundada por José do Patrocínio, e da de n.º 12, da Academia Maranhense de Letras, fundada por Clodomir Cardoso.

Bibl.: "Biographia do actor brasileiro Germano Francisco de Oliveira" — S. Luis, 1862; "Quem tem boca vai a Roma", comédia — 1863; "Mosaicos", poesias — Paraíba, 1864; "O salto de Leucade", diálogo fúnebre — S. Luis, 1866; "Um coração de mulher", poema-romance — S. Luis, 1867; "Remorso vivo", drama fantástico em colaboração com Furtado Coelho — Rio, 1867; "Versos de Pietro Castellamare" — S. Luis, 1868; "O jogo das libras", comédia — 1868; "Quadros" — S. Luis, 1873; "Pomba sem fel", comédia — 1873; "Sessenta annos de jornalismo: a imprensa no Maranhão" — S. Luis, 1883; "Os melros brancos", comédia tradu-

zida; "Coisas da moda", comédia; "Rei morto, rei posto", comédia; "A noite do diabo", conto; "A capangada" e "Epicédio á morte de Manoel Odorico Mendes".

Rasto de sangue

É a hora do crepúsculo
Que viração tão grata!
Geme o riacho quérulo,
Nem um cantor na mata!

Desce a ladeira íngreme
Um touro de repente,
E vae nas frescas águas
Fartar a sêde ardente.

Os juncos tremem: súbito
Soa medonho ronco;
E o jaguar precipite
Pula detraz de um tronco!

De balde o touro curva-se
Recúa, dá um salto...
É o jaguar mais flácido,
Sabe pular mais alto!

O touro parte célere,
Soltando um grito horrendo!
Sobre elle a fera escanCHA-se,
Tambem lá vae correndo!

Voam por esses paramos
O touro em grandes brados,
Saltar querem das órbitas,
Seus olhos inflamados!

Espuma, arqueja! A lingua
Da bocca vae pendente!
Garras e dentes crava-lhe
A féra impaciente!

Largo rastilho rúbido
Embebe-se na areia;
O sangue jorra cáldo
Da lacerada veia!

Contráe-se a forte victima
Luctando com braveza!
Porém, o algoz impávido
Lá vae... não deixa a preza!

Correram mais! que insânia,
Que scena pavorosa,
Passada no silêncio
Da selva escura e umbrosa.

Enfim, num precipício
Os dois vão baquear...
Cahiram lá exânímes
O touro e o jaguar!

("Quadros" — Joaquim Serra)

JOSÉ ALVES PEREIRA DE CARVALHO, nascido no Brejo a 1/2/1839 e falecido no Rio a 6/8/1886. Bacharel em direito por São Paulo. Advogado e jornalista. Foi vereador municipal; redigiu o "Reporter", a "Lanceta", o "Liberal" e a "Gazeta Fluminense".

Bibl.: "Diccionario arresoadado de direito, legislação e jurisprudência".

dência" (2 volumes); "Conferência dos humanos" — Rio, 1867; "Quadro synoptico do Imperio do Brasil" — Rio, 1878.

JOSÉ JOAQUIM TAVARES BELFORT, nascido no Maranhão a 18/3/1840 e falecido em Pernambuco a 11/7/1887. Bacharel em letras pelo colégio Pedro II e doutor em direito pela Faculdade de Recife; professor catedrático desta última. Deputado geral pelo Maranhão; comendador da Ordem da Rosa. Advogado, jornalista e parlamentar. Redator de "A Coalizão".

Bibl.: "Tese à Faculdade de Direito do Recife" — 1867; "Resposta à fala do trono" — Rio, 1866; "A reforma do ensino superior no Império" — Recife, 1873; "Faculdade de Direito do Recife", memória — 1874; "Apontamentos para a estatística de Pernambuco", in "Jornal do Recife".

LUIS RAIMUNDO DA SILVA BRITO (Dom), nascido em São Bento a 24/8/1840 e falecido em 1915. Foi lente do Seminário de Santo Antonio e reitor do de N. S. das Mercês; vigário geral do arcebispado do Rio de Janeiro e Arcebispo de Olinda; professor da Escola Normal e vice-reitor do Colégio Pedro II; sócio correspondente do Ateneu Maranhense; Teologo da Nunciatura Apostólica. Orador sacro, o mais ouvido na Côrte a seu tempo.

Bibl.: "Licções de religião explicadas na Escola Normal da Côrte" — Rio, 1887; "Cartas pastorais"; "Echos do Governo Luis Domingues"; "Poliantéa".

FELIPE FRANCO DE SÁ, nascido no Rio de Janeiro a 2/5/1841 e falecido em 8/3/1906. Bacharel em ciências jurídicas e sociais por Pernambuco. Jornalista, parlamentar e estadista. Foi promotor público, deputado geral em várias legislaturas, senador e conselheiro do Império e ministro do Exterior, da Guerra e do Império; Grã-Cruz da Ordem Russa de Sant'Ana e dignitário da Ordem do Duplo Dragão, da China. É o patrono da cadeira n.º 29 da Academia Maranhense de Letras, fundada pelo Prof. Rubem Almeida. Redigiu, em São Luis, "A Coalizão" e "O Publicador Maranhense".

Bibl.: "Justificação do ex-promotor público da capital do Maranhão" — 1872; "Obras" — Maranhão, 1872; "Reforma constitucional", discurso — 1879; "Discurso pronunciado na Câmara dos Deputados na sessão de 30/6/1879" — Rio, 1879; "A reforma da Constituição: estudo de historia pratica e direito constitucional" — 1880; "A Lingua Portuguesa" — S. Luis, 1915; "Discursos proferidos no Senado".

FRANCISCO RAIMUNDO EWERTON QUADROS, nascido no Maranhão a 17/10/1841. Bacharel em ciências físicas e matemáticas; militar, fez as campanhas do Uruguai e do Paraguai, morrendo já no século XX, no posto de general. Escritor espiritualista.

Bibl.: "Historia dos povos da antiguidade sob o ponto de vista espirita até a vinda do Messias, de conformidade com as des-

cobertas modernas" — Rio, 1882; "Catecismo espirita" — Rio, 1883; "Conferência sôbre o Espiritismo" — Rio, 1885; "Memoria sobre os trabalhos de observação e exploração expedida pela 2.^a Secção da Comissão Militar encarregada da linha telegráfica de Uberaba a Cuiabá, de fevereiro a junho de 1889"; "Os astros" — Rio, 1893.

HONORATO CÂNDIDO FERREIRA CALDAS, nascido no Maranhão a 28/10/1849 e falecido em 1906. General de brigada do exército; oficial da Ordem da Rosa e Cavaleiro da de São Bento de Aviz. Fez a Campanha do Paraguai. Jornalista e publicista.

Bibl.: "A deshonra da República", artigos de imprensa — Rio, 1895.

ANTÔNIO DE ALMEIDA E OLIVEIRA, nascido em Codó no ano de 1843 e falecido a 27/10/1887. Publicista, juriconsulto, pedagogo e parlamentar. Bacharel em direito pelo Recife, foi promotor público em Guimarães e advogado em São Luis; deputado geral pelo Maranhão; ministro da Marinha no Gabinete Lafaiete; presidente de Santa Catarina; oficial da Ordem da Rosa; sócio do Ateneu Maranhense. Fundou com João Coqueiro e Mendes Pereira a Escola "Onze de Agosto" e com Enes de Sousa uma biblioteca popular. Colaborou em "O Liberal" e fundou, ainda com Enes de Sousa, "O Democrata". É o patrono da cadeira n.º 1 da Academia Maranhense de Letras, fundada por Barbosa de Godois.

Bibl.: "A necessidade da instrucção — dedicada á Associação dos Artistas" — S. Luis, 1871; "A instrucção e a ignorância" — S. Luis, 1871; "A sociabilidade e o principio da associação" — S. Luis, 1871; "O ensino publico: obra destinada a mostrar o estado em que se acha e as reformas que exige a instrucção publica no Brasil" — S. Luis, 1874; "O arado: carta aos lavradores maranhenses" — S. Luis, 1878; "A Assignação de dez dias no foro Commercial e Civil" — Destêrro, 1878; "Acção decennial no foro commercial e civil" — Destêrro, 1879; "Fallá com que abriu a sessão extraordinária da Assembléa Provincial de Santa Catharina em 2 de janeiro de 1880" — Destêrro, 1880; "Relatorio com que ao excellentissimo senhor coronel Manoel Pinto de Lemos, primeiro vice-presidente, passou a administração da Provincia de Santa Catharina em 20 de maio de 1880" — Destêrro, 1880; "Instrucção publica — reorganização do ensino inferior e superior" — Rio, 1882; "Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa pelo Ministro da Marinha" — Rio, 1884; "A Lei das execuções — commentario á Lei de 5 de outubro de 1885 e regulamento de 23 de junho de 1886" — Rio, 1887; "O beneficio da restituição **in integrum**" — Rio, 1896; "A prescripção do Direito Civil e Commercial" — 1896; "Discurso sobre a educação do sexo feminino —

pronunciado no acto da installação da Biblioteca Popular"; "Conferencias" — Maranhão, s/d.

RAIMUNDO DA PURIFICAÇÃO DOS SANTOS LEMOS, nascido em Monção no ano de 1842 e falecido no Rio de Janeiro a 23/1/1898. Cônego secular; examinador sinodal do bispado. Professor, jornalista e orador sacro. Fundou o "Eco da Juventude", redigiu "A Nação" e publicou a "Seleta Nacional", com o Padre Fonseca.

Bibl.: "Discurso" — Maranhão, 1877.

RAIMUNDO ALVES DA FONSECA, nascido em S. Antônio de Jeromenha, Piauí, a 26/7/1842 e falecido em São Luis, onde viveu e se ordenou, a 27/4/1884. Padre secular, foi vice-reitor e secretário do Seminário das Mercês; fundou com o Cônego Raimundo da Purificação o "Colégio da Imaculada Conceição"; professor de filosofia do Liceu Maranhense. Capitão-capelão do exército e cônego honorário da catedral. Fundou "A Lanterna de Diogenes" e colaborou no "Eco da Juventude", em "A Civilização" e "A Nação".

Bibl.: "O Mundo marcha — refutação a E. Pelletan" — 1867; "Selecta Nacional", em colaboração com o Cônego R. da Purificação — S. Luis, 1870; "Epitome da Historia do Maranhão" — S. Luis, 1872.

ANTONIO JANSEN DE MATOS PEREIRA, nascido no Maranhão a 13/6/1842 e falecido em S. Luis a 23/2/1907. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pelo Recife. Orador, jornalista, parlamentar, advogado e professor. Professor de historia no Pequeno Seminário das Mercês e no Liceu Maranhense; deputado provincial, geral e senador constituinte pelo Maranhão. Fundou "O Liberal" e redigiu o "Publicador Maranhense" e "O Nacional".

BENEDITO RAIMUNDO DA SILVA, nascido no Maranhão no ano de 1842. Bacharel em direito; amigo de Benjamin Constant, junto a este influiu, com João Barbalho, para a criação da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Professor notavel; jornalista e pedagogista. Diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro.

Deixou vários trabalhos sôbre o ensino.

LUIS DE SOUSA DA SILVEIRA, nascido em São Luis a 18/11/1843. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Recife, fez a carreira da magistratura em Alagoas, Maranhão e Paraíba; foi Chefe de Polícia no Amazonas e no Piauí. Jurista e jornalista; colaborou na "Republica Federativa", do Recife, e em "O Despertador", da Paraíba.

Bibl.: "Dissertação e teses" — Rio, 1870; "O que deve conter uma Constituição" — 1872; "Anotações á lei do elemento servil" — S. Luis, 1876; "Podem os juizes municipaes conceder **habeas-**

corpus" — S. Luis, 1878; "Projecto de Constituição do Estado da Paraíba" — Paraíba, 1876; e mais alguns opúsculos sôbre matéria jurídica.

ANTÔNIO JOSÉ DE LEMOS, nascido em São Luis a 17/12/1843 e falecido no Rio de Janeiro a 8/12/1913. Começou a vida como Escrevente da Armada, passando a Oficial da Fazenda da Marinha e Secretário do Arsenal e da Capitania dos Portos do Pará. Foi vereador e presidente da Câmara Municipal de Belém; senador estadual no Pará e Intendente de Belém. Jornalista, redigiu "O Pelicano", dirigiu "O Tacape", colaborou em "O Liberal do Pará" e foi um dos proprietários de "A Província do Pará".

Bibl.: "Discursos políticos — Belém, 1904; e mais alguns panfletos de natureza política.

JOÃO TOLENTINO GUEDELHA MOURÃO, nascido em Passagem Franca a 10/9/1845 e falecido em Salvador, Baía, a 4/12/1904. Monsenhor; doutor em cânones pela Universidade Gregoriana; reitor do Seminário do Maranhão; prelado doméstico de S. S. o Papa Leão XIII; deputado provincial e geral pelo Maranhão. Professor de História do Brasil no Liceu Maranhense. Redigiu a "Boa Nova" e fundou "A Cruzada", "A Civilização", a "Aurora Maranhense" e "O Partido Católico", todos periódicos de São Luis.

Bibl.: "A maçonaria revelada por si mesma no manifesto do Grande Oriente" — Belém, 1872; "Conferências na Igreja de Santo Antônio" — S. Luis, 1887; "Oração fúnebre nas exequias de S. S. o Papa Pio IX"; "Carta aos maçons do Maranhão" — 1886/1881.

JOSÉ JACINTO RIBEIRO, nascido em São Luis a 5/3/1846. Funcionário público em São Paulo; jornalista e publicista. Colaborou no "Diário do Maranhão", de S. Luis, e no "Diário Popular", de S. Paulo.

Bibl.: "Almanack do Diário do Maranhão para o anno de 1878" — S. Luis, 1877; "Monografia da cidade de Pirassinunga" — S. Paulo, 1898; "Chronicas paulistas", e mais alguns trabalhos de carater administrativo.

E mais Antônio Corrêa de Lacerda (1777/1852), português de nascimento e brasileiro naturalizado, médico e publicista, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; D. Joaquim Gonçalves de Azevedo (1812/1879), arcebispo da Baía, professor; José Alves Nogueira da Silva (1814/1895), médico e publicista; Augusto Dias Carneiro (1821/1874), engenheiro, professor e publicista; Pedro Martinus Rolemberg Hoyer (1825/1881), dinamarquês de origem, industrial, economista e publicista ("Democracia e Socialismo"); Américo Hipólito Ewerton de Almeida (1833/ ?), médico e publicista; Américo Monteiro de Barros (1835/ ?), enge-

nheiro, oficial do exército e publicista; João Raimundo Pereira da Silva (1835/1892), médico, parlamentar e publicista; Joaquim da Costa Barradas Junior (1835/1908), juriconsulto, ministro do Supremo Tribunal Federal; Raimundo Teixeira Belfort Rôxo (1838/1890), engenheiro e publicista; Alexandre Marcelino Baima (1839/1904), general médico do exército e publicista; Ricardo Ernesto Ferreira de Carvalho (1839/1919), engenheiro agrônomo, publicista e professor. E, ainda, Adelino Pais de Azevedo, Adriano Pedro dos Santos; Agostinho José da Costa Cururuca; Aires da Serra Couto-Maior; Alexandre Fernandes da Veiga Lima; Alexandre José Rodrigues; Alexandre Magno Rodrigues; Alfredo Vale de Carvalho; Antonio A. Rodrigues, comendador; António Augusto de Barros e Vasconcelos, barão de Penalva; António de Barros e Vasconcelos Sobrinho; António da Cunha Rabelo; António Francisco Faria de Matos; António Gonçalves de Azevedo; António Joaquim Tavares; António M. de Carvalho Oliveira; António Marcelino Nunes Gonçalves; António Marques Póvoas; António Martiniano Veras; António Rodrigues Sudré, padre; Augusto Cesar Reis Raiol; Augusto Vespúcio Nunes Cascais; Caetano de Brito Sousa Gaiôso; Caetano Cândido Cantanhede; Cândido Bráulio da Costa Canais; Carlos Antônio Colás; Casemiro José Morais Sarmiento; Celestino Franco de Sá; Cirilo dos Santos Lima; Coriolano César Ferreira Rosa; Daniel Rodrigues de Sousa; Davi da Fonseca Pinto; Eduardo Américo de Morais Rêgo; Eduardo de Freitas, Elpidio Gonçalves Nina; Eponina Condurú Serra; Fábio Gomes Farias de Matos; Fernando Antônio Corrêa Junior; Fernando Vieira de Sousa; Francisco José Gomes Pereira; Francisco José dos Reis; Francisco de Sales Nunes Cascais; Isidoro Jansen Pereira; J. J. Silva Maçarona; Jesuina Augusta Serra; João Emiliano Vale de Carvalho; João Francisco Corrêa Leal; João Marcelino Romeu; João Marcelino da Silveira; João da Mata Ferreira; João de Morais Martins; João Vieira Braga; Joaquim Corrêa Tôrres; Joaquim Francisco Pereira da Silva; Joaquim Tito de Pinho Lima; José Bernardes Belfort Serra; José Francisco de César Campos; José Gauné; José Gonçalves Ferreira da Cruz Tezinho; José Gonçalves Teixeira; José Inácio Portugal; José Joaquim Pereira dos Santos; José Mariano da Costa; José Nepomuceno Frazão; José Pais de Vasconcelos; José Ribeiro da Cunha; José Ricardo de Sousa Neves; José da Silva Maia; Leonardo Luciano de Campos; Luís Cardoso Cajueiro; Luis Carlos Pereira de Castro; Luís Gonzaga Cordeiro; Luís Miguel Quadros; Luís Raimundo da Costa Leite; Luís da Rocha Santos; M. A. Pinto de Sampaio; Manuel Duarte Bogéa do Vale; Manuel Rodrigues d'Oliveira; Nuno Cândido de Almeida; Odorico Launé da Silva Azevedo; Ovidio Gama Lobo; Pedro Wenesopp Cantanhede; R. A. de Carvalho Filgueira; Rai-

mundo Alexandre Vale de Carvalho; Raimundo Brito Gomes de Sousa; Raimundo Ferreira Freire; Raimundo Jansen Serra Lima; Raimundo Pereira e Sousa; Raimundo V. Morais Rêgo; Ricardo Henriques Leal; Rogério Augusto Pereira; Sabino Henriques da Luz; Sebastião José da Silva Braga; Teófilo do Nascimento Ferreira; Túlio F. de Gouveia Pimentel Beleza; Vergílio de Jesus Cantanhede, etc.

CAPÍTULO V

Século XIX; o ciclo de 1868 a 1894. O naturalismo, o parnasianismo e o simbolismo. Os homens de letras do Maranhão passam a ser, essencialmente, literatos nacionais.

Este terceiro ciclo do século XIX, de fato o segundo da história literária do Maranhão, abrange, conforme a distribuição cronológica que Reis Carvalho deu a seu já referido ensaio, o período que vai de 1868 a 1894, ou seja, praticamente, até o fim da centúria e compreende a geração nascida no terceiro quartel do século, que o domina literariamente muito embora, vindos da fase anterior, ainda estivessem vivos Frederico Corrêa, Dias Carneiro, Souza Andrade, Joaquim Serra, Cândido Mendes, Henriquez Leal, César Marques, Temístocles Aranha, e outros menores. É limitado, no tempo, pela suspensão do "Semanário Maranhense", naquele ano (justamente no dia 8 de setembro de 1848) e pela publicação dos "Frutos Selvagens", de Xavier de Carvalho, neste outro, correspondendo, rigorosamente, êsse nosso ciclo literário, àquele, da literatura nacional, que vai de 1861 a 1900 e em que se revelam, na evolução do movimento romântico, as manifestações do naturalismo e do realismo, do parnasianismo e do simbolismo.

Olhado sob o prisma mais lato dos horizontes nacionais, o panorama da literatura oferece-nos, nesta fase, características interessantes, que definem aquelas mesmas mutações da escola romântica, e às vezes até paradoxais, como seja a insinuação de uma língua brasileira, co-irmã da portuguesa, cujos defensores e paladinos assim pretendiam justificar os regionalismos e neologismos, mesmo de construção fraseológica, de que se enriquecera a língua de Camões aquém Atlântico, enquanto sobrepairava o ambiente a preocupação da observância das regras linguísticas das escolas clássicas e da defesa da vernaculidade.

do idioma. A poesia eleva-se ao condoreirismo que, pelas liberdades naturais ao próprio estilo, faz surgir a reacção parnasiana, exigente na forma, no ritmo e no metro, e, a seguir, decai no simbolismo nefelibático e obscuro dos discipulos de Cruz e Sousa. O romance assume o máximo de caracter regionalista, muito próprio ás tendências de nacionalismo literário, e, depois, entra no campo da observação psicológica e chega aos exageros da escola realista, como em "A Carne", de João Ribeiro. O teatro e a imprensa não desmerecem das demais atividades ou manifestações.

Visto sob o ângulo mais estreito dos limites provinciais, o panorama literário oferece-nos, sem prejuizo daquela visão geral em que está perfeita e acentuadamente integrado, um característico essencial: os homens de letras do Maranhão não mais ficam na terra berço ou dela saem depois de firmado o nome de intelectual, mas procuram cedo, muito cedo, emigrar para as metrópoles maiores do sul, mal ensaiam os primeiros versos, crônicas ou comédias, indo confirmar lá fóra, pessoalmente, a fama de Atenas Brasileira, levando-a quiçá mais longe.

Aqui, pela vez primeira, discordamos de Reis Carvalho, quando diz que **inferior à fase precedente por lhe faltarem individualidades que lhe sejam o que para aquela foram Gonçalves Dias e João Lisboa, o segundo momento literário conta maior número de escritores de valor e mais variadas manifestações.** Inferior por que? O próprio ensaísta se desdiz quando reconhece que a quantidade de intellectuais de valor e de mais variadas manifestações, é maior; di-lo, ressalte-se, só porque não se repetiram um cantor dos Timbiras e um Timon! Em compensação, tivemos, na poesia, Adelino Fontoura, Teófilo Dias, Raimundo Corrêa, Hugo Leal, Euclides Faria e Teixeira de Sousa; na prosa, Celso de Magalhães, Aluizio Azevedo, Coelho Neto e Graça Aranha; e, finalmente, no teatro, Artur Azevedo, que foi também poeta e contista.

Poder-se-á considerar inferior áquele um ciclo que oferece literatos de tão elevado quilate? Não nos teria compensado da perda de Gonçalves Dias, o aparecimento de seu sobrinho Teófilo e de Raimundo Corrêa? O claro deixado por João Lisboa não teria sido com justeza preenchido por Aluizio Azevedo e Coelho Neto? E não nos deu ainda essa geração, para compensar-nos da morte de Gomes de Sousa, um filósofo e pensador do porte de Teixeira Mendes, o arauto do positivismo no Brasil, e mais ainda um sábio da qualidade de Nina Rodrigues e um teatrólogo como Artur Azevedo?! Que mais poderíamos querer ou pretender que não passasse a ser injustificada ambição?!

Si pudéssemos representar a atuação ou influência, no palco

das letras nacionais, dos nossos vultos maranhenses dêses dois ciclos, de maneira concreta para somarmos os respectivos algarismos, não sabemos si o total do primeiro seria superior à soma do segundo...

A fase não foi inferior; não, e, muito pelo contrário, essa nova plêiade veio apenas confirmar, para a terra natal, o título honroso de Atenas, herdado daqueles outros. O que aconteceu, e se não pode esconder, é que aquela emigração em massa de valores, dos mais altos que temos tido, marcou o início, não queremos chegar ao exagero de dizer — de nossa decadência intelectual, mas de nossa estagnação, da diminuição de nossa atividade intelectual, como si a capacidade geradora ou produtora da gleba tivesse atingido seu ponto de saturação; daí para cá, sim, não mais tivemos, a um só tempo, tantos e tão grandes expressões literárias concorrentemente, e nem mesmo figuras que marcassem momentos, de transição na evolução da literatura pátria ou definissem, personificando-a ou chefiando-a, uma escola ou tendência literária, tais como Odorico Mendes, Gonçalves Dias, João Lisboa e Trajano Galvão, entre os primeiros, e Teófilo Dias, Raimundo Corrêa, Teixeira de Sousa, Aluizio Azevedo, Coelho Neto, Graça Aranha, Artur Azevedo e o próprio Celso Magalhães, entre os últimos.

Estudemos rapidamente, como só o permite a feição dêste trabalho, os valores maiores dêste segundo ciclo, para, em seguida, registrar-lhes os traços bio-bibliográficos, dêles e dos menores seus contemporâneos.

Teófilo Dias, di-lo Ronald de Carvalho, é um **lirista eloquente, volutuoso, cheio de uma exaltação permanente pelo vocábulo, cintilante, preferindo a elegância da expressão à profundidade dos conceitos**. As suas "Fanfarras", publicadas em São Paulo, em 1882, marcam o aparecimento da reação parnasiana na literatura brasileira, em a qual ocupa destacado lugar pelo colôrido e sonoridade de suas poesias em que canta as mais profundas e intensas comoções sem sacrificar a perfeição da forma e da linguagem, mesmo quando chega a versejar o amor animal, impetuoso e transbordante, como o fez em "A matilha", onde ha forte influência realista.

Raimundo Corrêa, o maior poeta da geração, constitui, com Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, a trindade máxima do nosso parnasianismo e, mais do que Teófilo, que ainda publicou no Maranhão o seu livro de estréia, é um poeta eminentemente brasileiro e maranhense só de nascimento — mas não acidentalmente como têm pretendido uns poucos menos informados. Distinguindo-se, entre os seus pares, pela subjetividade de sua inspiração profunda, ele, psicólogo e filósofo, soube, como ninguém,

interpretar nos seus delicados versos as paixões que turbilhonam no coração humano e que pesavam sôbre o seu coração de artista, tornando-lhe o espírito atribulado e fazendo-o nervoso e supersticioso — a "Saudade", "O Monge", "Soror Pálida", "As Pombas", "Mal secreto", são gemas preciosas na coleção de jóias versificadas que soube burilar. Foi, di-lo Estevam Cruz na sua "História Universal da Literatura", **poeta em toda a extensão da palavra, profundo no conceito e apurado na teoria do verso.**

Adelino Fontoura e Hugo Leal, embora menores, foram dois românticos de acentuada expressão parnasiana e ainda dois grandes poetas, especialmente o primeiro com a espontaneidade, delicadeza e acabamento de seus admiráveis sonetos, tais como "Celeste", "Beatriz", "Despedida", "Fruto proibido" e "Atração e Repulsão", transcritos comumente em nossas antologias. Euclides Faria, conquanto se tenha revelado um correto lírico em "Brisas da Amazônia", foi por excelência poeta satírico, popular e humorista, simples e fácil, embora nem sempre escrupuloso na forma. Teixeira de Sousa, menor embora que Teófilo Dias, desempenha papel semelhante ao seu no cenário da literatura brasileira, e mais extremado, inaugurando a poesia social inspirada em idéias científicas e filosóficas, no que foi acompanhado por Teixeira Mendes, seu contemporâneo, que entretanto era antes pensador que poeta, apóstolo que foi do Positivismo. Sílvio Romero, estudando a obra dêsse nosso poeta social, proclamou "Os dois anfiteatros" certamente a sua mais feliz produção, como uma das **poesias do gênero mais belas que existem em língua portuguesa**".

E agora passemos aos prosadores.

• Celso Magalhães, precursor do folclorismo, é o criador do romance maranhense, e fê-lo na escola realista, com "Um estudo de temperamento", publicado após sua morte em 1881, sôbre motivos sertanejos, desenvolvido que foi o tema sôbre o cenário de Viana, sua terra natal; profundo, e mesmo minucioso, no seu espírito de observação, descrevendo com fidelidade tudo o que via, e só o que via, o romancista peca entretanto quanto à pureza da linguagem.

Aluizio Azevedo, que se lhe segue, firma com "O Mulato", publicado no mesmo ano em que apareceu "Um estudo de temperamento", o movimento de reação em que se agiganta ao lado de nomes imortais da literatura brasileira, como Machado de Assis, Júlio Ribeiro e Raul Pompéia, fazendo-se o príncipe de nossos naturalistas. Explorando inteligentemente, com o fulgor de sua pena privilegiada, o preconceito de côr, tão arraigado no Maranhão de outrora, descrevendo os meios e os costumes com o rigor causticante de seu estilo realista, Aluizio; com o seu "Mulato", em que alguns quiseram ver a romantização da vida de

Gonçalves Dias, o nosso **imortal marabá**, causou escândalo na província e chamou a si a atenção dos críticos de todo o país. "O Homem", "O Coruja", "O Cortiço", "O Esqueleto", "A mortalha de Alzira", "O livro de uma sogra", garantem-lhe, sem favor, o título de príncipe dos realistas brasileiros. Dêle disse M. Nogueira da Silva: **romancista sem par em nossas letras, ocupando lugar de marcante e inconfundível destaque na evolução do romance nacional, incontestavelmente o criador, entre nós, do gênero realista, a obra de Aluizio Azevedo é, sem dúvida, a mais sólida das que já foram escritas no Brasil e ficará para todo o sempre, porque o drama de seus livros é o drama do próprio coração humano e a paisagem em que se desenvolve é a terra brasileira.**

Coelho Neto, certamente o mais fecundo escritor brasileiro de seu tempo e um dos mais copiosos em todos os tempos, é o estilista aprimorado que se distingue, não obstante a acelerada produtividade que o não obrigou a sacrificar a qualidade à quantidade, pelo burilado das frases, pela opulência do vocabulário, pela riqueza das expressões, pelo brilho do talento, enfim pelas próprias galas do estilo raro e inconfundível. E êste foi o seu defeito único: a magnificência de suas palavras e a fantasia de seu fraseado, ás vezes quase precioso, fizeram-n'o incompreendido dos mediócras. Não obstante, foi, e com justiça, o **príncipe dos prosadores brasileiros**. Luis Carlos, querendo fazer-lhe o elogio na Academia Brasileira de Letras, acabou por exclamar: **como fazer o elogio de um condor que está defrontando o sol no pincaro mais alto?**

X Graça Aranha, como Aluizio Azevedo, marca um momento na história da literatura nacional, e fá-lo tão ruidosa e escandalosamente que chega a romper com a Academia Brasileira, de que era membro efetivo, e a se desligar desta, por não querer ela abandonar o seu conservadorismo para atender ás idéias renovadoras e revolucionárias que o animavam, luta em que, nas poltronas acadêmicas, defrontou o conterrâneo Coelho Neto. Diz Mario R. Martins, estudando-o na sua "Evolução da Literatura Brasileira" (2.º tomo), que o autor de **Canaã impõe-se ao historiador sereno como uma das figuras mais representativas de nossa literatura. Erudito e culto, contraditório e imprevisito, idealista e cético. Pregou a solidariedade humana, mas dividia a humanidade em dois grandes rebanhos: um que baliava dizendo "sim", o outro que berregava dizendo "não". E conclui: zombando dos ídolos, dos preconceitos e dos dogmas, êle próprio dizia "não".**

X Finalmente, Artur Azevedo, que se inclui também no número de nossos bons poetas e de nossos melhores prosadores, distingue-se especialmente na literatura brasileira como teatrólogo de

primeira grandeza. Foi um dos raros dramaturgos nacionais que repetiram Antônio José, com inteligência, graça e sintaxe, três qualidades que dificilmente se associam. Apesar da sintaxe, o povo o aplaudiu calorosamente (Mário R. Martins, obra citada). Roberto Seidl, no seu ensaio bibliográfico, resalta que a popularidade de Artur Azevedo não veio somente da luz da ribalta e que poucos escritores brasileiros escrevem como ele escreveu.

Como ressaltamos de início, o característico essencial d'êste ciclo literário do Maranhão é o fato de os nossos literatos, então, terem sido antes brasileiros que maranhenses. Com efeito, todos êles, os maiores, daqui se foram mal se ensaiaram na república das letras e foi lá fóra, no sul do país, que se revelaram ou impuseram, escrevendo como poetas e prosadores nacionais, completamente desligados do meio regional. Assim foram Teófilo Dias e Raimundo Corrêa, Coelho Neto e Graça Aranha, e também os irmãos Azevedo, muito embora tivessem, êstes dois, aqui se iniciado e aqui deixado a amostra do que iriam ser; excetuam-se Celso Magalhães e Euclides Faria, menores ambos e talvez pela circunstância mesmo de não terem seguido as pegadas daqueles — Celso aqui ficou e Euclides apenas acabou por se transferir para o Pará. E mesmo Teixeira Mendes, o filósofo e pensador, e Nina Rodrigues, o sábio médico, que não quisemos incluir ou ressaltar nesta apreciação geral por terem antes sido homens de ciências que de letras, êles também foram nomes nacionais, e tanto que o último já tem sido dado como baiano de nascimento.

EUCLIDES FARIA, nascido em São Luis a 26/3/1846 e falecido em Belém, Pará, a 11/10/1911. Poeta humorista e lírico coreto. Cronologicamente, embora, pareça estar mais justamente no ciclo anterior, pertence de direito a êste outro. Joaquim de Albuquerque, o seu pseudônimo nas "Secas e Mecas" da "Civilização".

Bibl.: "Diversos" — Maranhão, 1875; "Arabescos" — Maranhão, 1875; "Miscelanea" — 1882; "Cartas ao compadre Tiburcio" (Noticias da capital por Lourenço Gomes Furtado) — S. Luis, 1880; "Cartas a pae Tobias" — 1883; "Retratos a giz" — Maranhão, 1886; "Obras" — Maranhão, 1886; "Brisas da Amazônia" — 1897; "O Tacacá", revista em 1 ato, publicada com a segunda edição das "Cartas ao Compadre Tiburcio" — Maranhão, 1908.

Não...

Quando valsas, Nenen, teu pé mimoso,
Pisa com tanta graça sobre as salas,
Que todo atralhado eu fico em talas,
Em face d'esse pé tam buliçoso.

O timbre de tua voz, tam mavioso,
Causa tal impressão quando me falas,
Que me parece ouvir lindas escalas
De um estudo apurado e caprichoso !

Esse terno volver dos olhos teus,
Revelando fiel tudo o que sentes,
Encandeia-me a vista e fere os meus.

Mas... todos esses dotes excelentes
Não compensam o pesar (oh ! santo Deus !)
De ver, quando sorris, que não tens dentes.

(Euclides Faria)

ANTÔNIO ENES DE SOUSA, nascido em São Luis a 6/5/1848 e falecido no Rio de Janeiro a 3/3/1920. Doutor pela Universidade de Zurique e engenheiro de minas pela Academia Real de Freiberg; professor da Escola Politécnica do Rio, diretor da Casa da Moeda e deputado à constituinte federal; membro da Sociedade de Ciências Naturais de Zurique e da Sociedade Química de Berlim. Fundou, com João Coqueiro e Almeida Oliveira a Escola "Onze de Agosto"; é o patrono da cadeira n.º 24 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada por José Domingues.

Bibl.: "Conferencias publicas" — Maranhão, 1870; "Relatório da Exposição Maranhense de 1871" — 1872; "Dissertação sôbre os amalgamas" — Zurique, 1876; "Dissertação sobre a mineração e metalurgia do ouro" — Freiberg, 1878; "Estudo completo sobre os trabalhos de Desmante" — Rio, 1881; "O trabalho e a vida subterrânea" — 1880; "Os metaes" — 1881; "Estudos sobre a carta geologica e mineralogica do Brasil" — 1880; "Estudo physico-chimico sobre o meteorito cahido em 1880 no Maranhão" — 1881; "Elementos de Educação Civica", de Adolphe Franck; e vários outros trabalhos de carater técnico ou ciêntifico.

JOSÉ ANTÔNIO DE FREITAS, nascido no Maranhão a 10/4/1849. Professor, literato e bibliófilo; membro da Real Academia das Ciências, de Lisboa, e correspondente da Academia Maranhense de Letras.

Bibl.: "Estudos criticos sobre a literatura no Brasil" — Lisboa, 1877; "Estudos criticos sobre a poesia epica no Brasil"; "A Razão na Guerra" — Lisboa, 1880; "Othelo ou O mouro de Veneza", trad. de Shakespeare — Lisboa, 1883; "Hamlet", trad. de Shakespeare — Lisboa, 1887; "Kean, ou o Genio e a Desordem", trad. de A. Dumas — Lisboa, ...; "Historia Universal da Igreja", trad. de João Alzog — Lisboa, ...; "Pretensões argentinas na questão

de limites com o Brasil" — Rio, 1893 (com o Barão de Capangema); "O lyrismo brasileiro"; "Crítica da evolução histórica das gentes"; "Loucura e santidade", trad. de Echegaray; "Guerra em tempo de paz", comédia traduzida do alemão; "O bibliotecário", comédia traduzida do inglês. Dirigiu as "Biografias dos Homens Celebres dos tempos antigos e modernos", editados por Colazzi.

MARCELINO AUGUSTO DE LIMA BARA, nascido em Alcântara, a 2/6/1849 e falecido a 14/1/1897 em Soure, Pará, funcionário público. Poeta e jornalista; profundo conhecedor da lingua guaraní em que compoz várias poesias. Foi redator de "A Esperança", no Maranhão, e do "Diário de Noticias", no Pará.

CELSO DA CUNHA MAGALHÃES, nascido na fazenda Descanso, então município de Viana, e hoje de Penalva, no Maranhão, a 11/11/1849 e falecido em São Luis a 9/6/1879. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Recife. Poeta, novelista, crítico e magistrado; o precursor dos estudos folclóricos no Brasil. É o patrono da cadeira n.º 5, da Academia Maranhense de Letras, fundada por Fran Paxeco, e da de n.º 25, do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, fundada pelo Prof. Antônio Lopes. Colaborou em "O País", sob o pseudônimo de Ballcofrio e no "Semanário Maranhense" e "O Tempo".

Bibl.: "Versos" — S. Luis, 1870; "Um estudo de temperamento", romance — S. Luis, 1871; "A poesia popular brasileira" — 1873; "Processo Valadares", drama — 1873; "O Padre Estanislau", romance naturalista deixado inédito; "Folhetins humorísticos" — 1876.

A Floresta

É de manhã.

Aclarada pela luz gradual que aos poucos doura-lhe os cimos, ostenta-se esplendorosa a mata virgem.

Quem houver viajado pelo norte do Brasil ha-de, por certo, conhecer o acentuado selvagem de suas florestas e ter saudades daquelle vago rümorejar que nellas se escuta, daquella indefinida reunião de harmonias alpestres, e ha-de extasiar-se ainda com a lembrança do aroma acre, saudavel e vivificante de suas arvores seculares.

Não tem as matas a garridice de ornamentação com que arrelam as varzeas, nem a alegria festiva e sempre fresca dos campos, onde a vista procura ás vezes, nos términos enfumaçados da verdura do capim, ou do juncal que ondeia em curvas voluptuosas, a orla do palmeiral, que de longe nos acena.

A imponencia do seu aspecto faz com que se encare a mata virgem com respeito e admiração.

Os madeiros se levantam firmes, direitos, hirtos, soberbos, como reis que são daquellas regiões inhabitadas, e, lá no alto, espalham as ramas, entrançam os galhos, formando enormes docéis de verdura, que sentem por vezes o beijo resfriado das nuvens irisadas que de perto as namoram.

A altura dos troncos parece querer rasgar o espaço, e empinado arrogante do porte desafia as raivas das tempestades.

Na cortiça do angelim pousa um dia a semente da parasita: O sol dá-lhe calor, a noite dá-lhe sereno.

Dilata-se a semente, grela; brota sobre a superficie limosa da casca grosseira da arvore uma folhinha que brinca ao sopro do vento. Depois cresce, cria raizes e introduz-se até o cerne do madeiro, traspassa-lhe a rigidez das fibras compactas e vai florescer ao outro lado.

Então espalha-se por todo o tronco, a mascarar-lhe as rugosidades, em tapete lustroso e florido, e, em cachos rubros, descem as flores ao longo dos galhos.

Os festões balançam-se brandamente e espalham no chão as pétalas vivas e coloridas.

O madeiro sente o aperto sufocador daquelle abraço, e empresta corvavel, seiva e vida á parasita que o enfeita.

Outras vezes, junto á raiz da aracirana, vê-se o rebento de um cipó. A trepadeira acaricia, ageita-se, enrosca-se e vai circulando, pouco e pouco, a circumferencia da arvore.

Um dia chega-lhe ao cimo, e os liames descem, como cordas, dos ramos esgalhados, e veem enterrar novas raizes no solo donde partiram.

Então aquelles cipós procuram-se, unem-se por meio de pontes aereas, emaranham-se e formam uma rede inextricavel onde o afiado brilhante do machado vai embotar-se.

Dir-se-ia, ao ver esses liames, serem elles a cordagem rudimentaria de um navio monstruoso.

Por entre esta rede o macaco salta presto e agil, e para descansar, enrola a cauda no cipó, e deixa pender o corpo, que fica a balouçar, como se fôsse um fruto, nunca visto, daquella vegetação prodigiosa.

De repente passa um relampago fulvo e ouve-se um rugido.

No meio dos galhos, a estalar-lhe os nós, atravessa o corpo mosqueado do jaguar, e o sol, como um raio, enfiando-se por entre a folhagem, vai dourar-lhe por instantes as malhas escuras.

Então, ao deslizar-se ao longo dos troncos, aparece um corpo flácido que se distende, confunde-se com os liames, e, rojando silenciosamente, dependura-se numa rama mais forte fazendo um anel com a cauda. Depois aquelle corpo arremessa-se com um silvo, como a flecha despedida do arco retesado, e a giboia enrosca em um arrocho formidavel o corpo do jaguar.

Ha uma luta titanica.

As unhas do jaguar procuram romper a couraça da cobra, que resiste ao embate.

Ouve-se no meio daquella briga o estalar dos ossos e o ronco atroador da onça que escancara as fauces. O animal esforça-se para vencer o reptil, que afinal o sufoca em suas roscas e vai cevar-se em suas carnes.

Aqui a epopea, mais adiante o idillio.

No entroncamento de dois galhos fez a pomba o seu ninho, bem alto para que os ares corressem mais livres aos filhinhos, e bem macio para lhes não molestar os corpinhos implumes.

Ei-la a esvoaçar em roda, enxotando os insectos, que por ventura se aproximam da prole, e trazendo no bico o alimento que a nutre.

Por toda a parte o belo a manifestar-se de mil maneiras.

Reína por baixo dessas cúpulas verdes uma luz soturna sombreando melancolicamente os relevos, as saliencias, os lineamentos de todos aquelles troncos e cipós.

Dissereis que todas aquellas sinuosidades da cortiça dos madeiros são o esboço incompleto de algum estatuario caprichoso, que quisesse vazar naquelles moldes as feições de grifos e animaes desconhecidos.

Banhada por essa luz esverdeada, a floresta faz lembrar as grutas encantadoras e a imaginação a povôa de habitantes sobre-naturaes.

Junto ás raizes das árvores nascem os cogumelos.

Ás vezes, para dar um tom mais poético á paisagem, como que para libertar o espirito do peso dessa pompa pavorosa, passa o ribeirão, gemendo ao lamber as folhas debruçadas nas margens; corcoveia ante o obstáculo de uma pedra em sua passagem; salta por cima della, formando uma cascatazinha e rumorejando vai perder-se alem em voltas e desvios.

Escuta-se continuamente, ali, como si fôra a harmonia proporcional aquella arrogancia, um murmúrio surdo, um rumor abafado, semelhante ao resflego anciado de um gigante adormecido.

Parece que a floresta é presa de um pesadelo, e aquelle ruido é o anélito de seu peito arquejante.

De envolta com esse fremitos, trazidos pelo vento, espalham-se ondas de perfumes e cheiros embalsamados, que o peito em haustos sorve satisfeito; e sente-se como que aliviado de maguas e pesares.

O observador parece experimentar em si o renascimento de uma nova vida, e, como o Antheu antigo, cobra forças para cometimentos e riscos.

— É que aquelle aroma, único incenso desse templo majestoso, é puro como tudo que se admira na floresta virgem.

Acrescentai a isto tudo o riso escarninho do curupira, com que as crendices populares teem povoado as florestas, a espiar-vos por detrás de um tronco, as flôres selvagens, e toda essa pompa grandiosa da vegetação tropical, e tereis a mata virgem com toda a sua arrogancia.

(“Um estudo de temperamento” — Celso de Magalhães).

JUVÊNCIO AUTO PEREIRA, nascido no Maranhão em 1852 e falecido no Ceará a 2/10/1882. Funcionário aduaneiro. Poeta.

Bibl.: “Virações da tarde” — S. Luis, 1879; “Odolan”, poema — S. Luis, 1882.

OSCAR LAMAGNERE LEAL GALVÃO, nascido no Maranhão em 1852 e falecido em São Luis a 11/11/1923. Médico, professor e poeta.

Bibl.: “A epidemia de Curucara”; “Da acção physiologica da Guanina e a Drenalina sobre o Isocronomismo Cardiaco”.

JOSÉ EDUARDO TEIXEIRA DE SOUSA, nascido em São Luis a 13/10/1852 e falecido em 1922. Médico pela Faculdade do Rio de Janeiro, catedrático da Escola Militar e membro da Academia Nacional de Medicina. Jornalista e poeta; republicano e abolicionista ardoroso. Estudante ainda, redigiu “A Idéia”.

Bibl.: “Humanidade”, poesia — S. Paulo, 1880; “Calderon de la Barca”, conferencia — Rio, 1881; “Tese” — Maranhão, 1905.

Avé América !

Da capitânea na recurva quilha

De pé releva o navegante ousado !

Um clarão de alegria irrompe e brilha

Em seu semblante adusto e resulcado

Das vigílias do mar.

Dir-se-ia ao ve-lo assim, os olhos fitos,

Divisar entre os véus dos infinitos

A imagem fiel do seu senhor !

É que na linha do horisonte opaca
 O venturoso nauta vê, jocundo,
 Um ponto que crescendo se destaca,
 Ponto de que sonhou fazer um mundo,
 E mundo colossal.
 — Terra à vista ! o piloto exclama pasmo.
 E a maruja, esquecendo o vil sarcasmo :
 — Terra à Vista ! responde festival.

Em resplendor diáfano e celeste
 Contorna doiro as orlas do ocidente
 E de verde matiz os mares veste,
 Aromas espargindo no ambiente
 Dos espaços sem fins !
 Salvé ! três vezes salvé ! brada a frota,
 Salvé ! três vezes salvé ! fada ignota
 Que nos trazes abrigo em teus jardins !

Como a lua que surge radiante
 Entre flocos de nuvens vaporosas,
 A natureza virgem, deslumbrante,
 Vem fulgindo ante as turbas sequiosas
 Nas azas do arrebol;
 As flôres da floresta ornam-lhe a comã
 E nos cimos das serras ela assoma
 Banhada pela luz do novo sol !

Do prazer violento na vertigem,
 Colombo se ajoelha ante a miragem :
 — Salvé, terra sublime ! Salvé, virgem !
 Que eu arranquei das ondas á voragem
 Que roubei ao tufão.
 O mistério escondia-se em seu manto ?
 A ciencia mostrou-te vulto santo,
 E a vida te sagrei e o coração !

Oh ! guarda-te a meus olhos nivea opala
 Que avaro oceano em si continha,
 Sereia ideal, murmura, fala;
 Dei-te á Humanidade, tu és minha,
 Em ti o porvir pus !
 Leva-nos a teu porto resplandente,
 E teu seio ao se abrir úmido e quente
 Não se desfaça em borbotões de luz !

E nessa febre rápida, instantanea,
 Vê fenderem-se o nauta as serranias,
 E uma figura de mulher titanea,
 Num turbilhão eolio de harmonias,
 Os pincaros transpor.
 O colo nú, os olhos falscantes,
 As pomas a tremem flutuantes,
 Sob o impulso férvido do amor !

Ei-la que adeja em torno a imensidade,
 E com a voz meliflua dos carinhos :
 — Colombo, diz, eu sou a Liberdade !
 Aqui onde o condor borda os seus ninhos
 Meu ninho se fará.
 Destas florestas surgirão mil povos,
 E, berço enorme de prodigios novos,
 Este deserto a América será !

Ah ! enquanto dos reis o abutre imundo
 Fareja a humanidade inda cativa,
 Um povo entre outro nascerá fecundo
 Trazendo em si a seiva fresca, ativa,
 De um porvir sem igual !
 Deste sólo vulcânico da América
 Ha-de brotar a legião Homérica
 A conquista da Paz Universal !

Avé América virgem ! Avé pura !
 Humanidade, não terás mais dores !
 Surge, fonte de luz ! surge, fulgura !
 E isto dizendo se desfee em flores
 A célica visão !...
 Mas não sonhará o nauta ! A voz profética
 Os espaços retumbam: Avé América !
 Salvé, terra feliz da Promissão.

(Teixeira de Sousa)

FREDERICO PEREIRA DE SA FIGUEIRA, nascido em Colinas
 10/12/1852 e falecido na Barra do Corda a 8/7/1925. Orador
 jornalista; fundou em 1888, com Isaac Martins, "O Norte", da
 Barra do Corda. Foi deputado estadual e vice-governador do Es-
 tado.
 Bibl.: "A instrucção no sertão"; tem mais dois discursos im-
 Dressos.

JOSÉ RIBEIRO DO AMARAL, nascido no Maranhão a 3/5/1853 e falecido a 30/4/1927. Professor e historiador; diretor da Biblioteca Pública do Estado. Fundou, na Academia Maranhense de Letras, de que foi presidente, a cadeira n.º 11 (de João Lisboa), do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, a de n.º 8 (attendorf); catedrático de Geografia e História no Liceu Maranhense e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

.: "Apontamentos para a Historia da Revolução da Bahia" — 1.ª serie, 1898; 2.ª serie, 1900; 3.ª serie, 1906; "Fundação do Maranhão" — S. Luis, 1912; "A fundação de Belem" — 1916; "Limites do Maranhão com o Piauí ou A questão de Tutuycá" — 1919; "A obra pacificadora de Caxias" — 1922; "Ephemérides maranhenses: 1.ª parte, Tempos colonias" — S. Luis, 1923; "Historia do Maranhão — grau primário" — 1914; "O Estado do Maranhão em 1896" — 1898; "Historia Geral: As Revoluções no Segundo Império e a obra pacificadora de Caxias" — S. Luis, 1922; "O Maranhão no Centenário da Independência"; "João Lisboa"; "A Estátua de Benedito Leite"; "Apontamentos para a historia da vida do Senador Candido Mendes de Almeida" — 1913; "A glorificação de Odorico Mendes".

VITOR LOBATO, nascido no Maranhão em 1854 e falecido em São Luís a 11/3/1893. Constituinte estadual de 1891. Jornalista e jornalista, fundou o "Jornal para Todos", "A Flecha" e a "Pacolina", e colaborou no "Diário do Maranhão".

MANUEL DE BETHENCOURT, nascido em Portugal no ano de 1854; depois de radicado no Maranhão, naturalizou-se brasileiro, vindo a falecer em 1916. Aqui, foi o primeiro chefe, animador e orientador do movimento de renascença literária havido em São Luis no começo do século XX e em o qual foi secundado e sucedido por Fran Paxeco, igualmente português, e Antônio Lobo. Poeta, cronista, crítico literário e professor.

JOÃO HENRIQUE VIEIRA DA SILVA, nascido em São Luis a 28/2/1854 e falecido a 22/10/1890. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Fac. de Recife. Orador e professor. Foi promotor público e advogado em São Luis; depois, deputado geral pelo Maranhão (1885) e vice-presidente da Província (1888).

Bibl.: "Bellezas da litteratura latina ou extractos dos principaes prosadores e poetas dos tempos clássicos das lettras romanas, colleccionados e precedidos de uma breve introdução sobre a evolução da litteratura latina" — 1884; "A Angina de Vincent no Rio de Janeiro"; "Successão presidencial".

JOSÉ AUGUSTO CORRÊA, nascido em São Luis a 3/8/1854 e falecido a 16/2/1919. Funcionário federal, foi Inspetor da Alameda de S. Luis e Delegado Fiscal no Maranhão. Professor,

matemático e filólogo. Fundador da cadeira n.º 17 da Academia Maranhense de Letras, patrocinada por Sotero dos Reis.

Bibl.: "Estudinhos da Lingua Portuguesa" — Maranhão, 1883; "Pontos de Arythmetica" — Maranhão, 1885; "Resumo de Algebra" — Maranhão, 1886; "Graziela".

TEÓFILO ODORICO DIAS DE MESQUITA, nascido em Ca-
a 8/11/1854 e falecido na capital do Estado de S. Paulo a
3/1889. Bacharel em ciências jurídicas e sociais por S. Paulo;
e de português na Escola Normal dêsse Estado. Orador, jor-
sta, professor, advogado, magistrado e, sobretudo, poeta. Re-
u, em S. Paulo, a "Gazeta Liberal", o "Partido Liberal", o
ulista", o "Liberal Paulista" e "O Federalista". É patrono de
eiras nas Academias de Letras do Amazonas, São Paulo e
anhão (nesta, da de n.º 19, fundada por Maranhão Sobri-
bem assim da cadeira n.º 36 dos sócios efetivos da Acade-
Brasileira de Letras, fundada por Afonso Celso.

Bibl.: "Flores e amôres" — Caxias, 1870; "Lira dos verdes
" — S. Paulo, 1876; "Cantos tropicais" — S. Paulo, 1878;
farras" — S. Paulo, 1882; "A comédia dos deuses" (poesia)
S. Paulo, 1887.

Procelárias

Rasgando a flôr de um mar sem rumor, largo e plano
Um sulco de ouro e luz — teso concavo pano,
Ao galerno fugaz, que as velas arredonda,
O navio veloz resvala de onda em onda.

É transparente o céu; liso o mar; calmo o espaço;
E do vento e da vaga ao ritmo, ao compasso
Que faz rolar sobre um — outro bordo, a pupila
Do gageiro perscruta a vastidão tranquila,
Cravado no horizonte o olhar profundo e agudo.
Tudo é limpo, azul; é paz, bonança tudo.

Mas eis, que de improviso umas aves estranhas,
Que parecem o vôo arrancar das entranhas
Do horizonte longinquo, ainda ha pouco vasto,
Em nuvens sobrevêm, demandando o navio,
Mosqueadas de negro, audazes, agoureiras,
Contornam o mar e as vergas altano a 22/10/
Sinistras pipilando, e as velas redor o teatral. Co-
Rasgando a sur Sena termina das nense", em S.

São elas que lá vêm, as "procelárias"! — Logo,
Fosforecendo, o mar vibra sulfur e fogo;
Torna-se escuro o ar, negro o céu; e a tormenta,
De súbito caindo, horrisona rebenta;
Pesa no espaço a treva e esfusiam os ventos;
Cortam a escuridão relampagos sangrentos;
A voz do temporal desfeito sobrepuja
A grita de terror que levanta a maruja
Ao tenebroso céu tranzida de agonia.

Mas, renascendo a calma e repontando o dia,
Na deserta amplidão das vagas solitarias
Té onde alcança o olhar, já não ha "procelárias".
Assim vêm, assim vão as bravas avesinhas,
Afrontando o terror das tormentas marinhas,
Desdenhosas da paz, fugindo á calmaria,
Libradas nos tufões. — A luta as inebria.

Os gênios são assim: como as filhas do oceano,
Pairam sobre os bulções do pensamento humano,
Arrostando do mal a infrene tempestade,
— Precursores do bem e nuncios da verdade :
O torpor lhes repugna: o combate os convida;
Só a luta os atrai — porque a luta é a vida !

(Teófilo Dias)

MARIA CRISTINA ALVES DE OLIVEIRA AZEDO M
nascida em São Luis no ano de 1855 e falecida em 1899. F

Bibl.: "Amor e desventuras" — 1899.

RAIMUNDO TEIXEIRA MENDES, nascido em Caxias
1855 e falecido no Rio de Janeiro a 28/6/1927. Apóstolo d
ativismo e republicano ardoroso. Filósofo, ensaísta e poeta;
lizador da bandeira nacional da República. É o patrono
deira n.º 30 da Academia Maranhense de Letras.

Bibl.: "A patria brasileira" — Rio, 1881; "Culto positiv
paes pro Brasil" — Rio, 1881; "A questão do nativismo" — Rio, 18
nas, colle philosophie clinique d'après Auguste Comte" — Rio, 18
a evoluçãberdade espiritual e a organização do trabalho" — Rio
no Rio de "Abolicionismo e clericalismo" — Rio, 1888; "A incorpora
e falecido a 1927. "Ensino septennial teu re o dogma do Positivis
ndega de S. Luis e Republica Ociden il no Ordem e Progresso. For
a" — Rio. "Bandeira Nacional
Co 92: "O comu

— Rio, 1893; "Exame da questão do divórcio" — Rio, 1893; "situation actuelle du Positivisme" — Rio, 1895; "Le Positivisme et la pedantocratie algebrigue" — Rio, 1897; "As últimas condições de Augusto Comte" — Rio, 1898; "O anno sem par" — Rio, 1900; "Hino ao amor" (poesia) — Rio, 1902; "O Culto catholico" — Rio, 1903; "As agitações politicas e a regeneração humana" — Rio, 1922.

ADELINO FONTOURA CHAVES, nascido em Arixá a 30/3/1884 e falecido em Lisboa, Portugal, a 2/5/1884. Poeta; jornalista e jornalista. Antes de entrar na imprensa do Rio de Janeiro, começou a vida como soldado e soldado de policia. Colaborou na "Folha Nova", na "Gazetinha", em "O Combate" e na "Gazeta da Tarde", todos do Rio de Janeiro e foi correspondente deste último vespertino em Paris. Publicou na cadeira n.º 1 dos sócios efetivos da Academia Brasileira de Letras, fundada por Luis Murat, e da de n.º 38 da Academia Maranhense de Letras, fundada por Franklin de Oliveira.

As suas produções poeticas, que nunca fez publicar em livro, foram reunidas nos volumes ns. 93 e 117 da Revista da Academia Brasileira de Letras.

Celeste

É tão divina a angélica aparência
E a graça que flumina o rosto dela,
Que eu concebera o tipo da innocencia
Nessa criança imaculada e bela.

Peregrina do céu, pálida estrêla,
Exilada da etérea transparência,
Sua aparência não pode ser aquela
Da nossa triste e mísera existência.

Tem a celeste e ingênua formosura
E a luminosa auréola sacrosanta
De uma visão do céu, cândida e pura.

E, quando os olhos para o céu levanta,
Inundados de mística doçura,
Nem parece mulher — parece santa !

(Adelino Fontoura)

FUR NABANTINO BELO GONÇALVES DE AZEVEDO, nascido em São Luís a 7/7/1855 e falecido no Rio de Janeiro a 22/10/1910. Dramaturgo, poeta, cronista, jornalista e crítico teatral. Colaborou na "Pacotilha" e no "Semanário Maranhense", em S.

O retrato a óleo", comédia 1902; "A fonte de Castália", dia — 1904; "Guaranábarina", revista — 1906; "O dote", comédia — 1907; "O Oráculo", comédia — 1907; "Entre a missa e o almôço", entreato cômico — 1907; "Vida e morte", comédia — 1908; "O genro de muitas cogras", comédia — 1908; "Os doídos", comédia com Aluizio Azevedo — 1879; "Um filho a pulso", **vau-deville**; "O rapto da bela Helena", tragédia; "As duas princezas", zerguela; "O cordão", burlata; "Os três boticários", "Os meninos de Candinha", "Peri", "A pele do diabo", "Espiritismo", "O anjo da vingança", com Urbano Duarte, "Aimée ou O assassino por amor", comédias; "Pisca-pisca", "Por um fio", "As visitas", "As festas", "Os intermédios", "A Exposição Portuguesa", "O coló", "Fui ver o Sarcey", "Vagabundo" e "Revelação de um segredo", monólogos; "O Alfacinha", "A família Simas", "O conselheiro" e "A terra das maravilhas", esta com E. Garrido e Ribeiro Silva, cenas cômicas; "Calino desempregado", "O coelheiro de bonde", "Das oito ás dez", "Fuzileiro apaixonado", "O guarda Albano", "Oh! chuva!", "Para a casa do Santíssimo" e "Pepe", canções; "Pum!", com E. Garrido, "Herói à força", "Nova viagem à Lua", com Francisco Severo, "Violeta e seus bonecos", "O califa da rua do Sabão", "Joanico", "A vivandeira", "O Liceu Policarpo", "O lago azul", e "O príncipe Topázio", operetas; "O cão do regimento", "Uma causa célebre", "As cebolas de Agapito", "A filha do veterano", "A guardadora de perus", "Marina", "A menina do telefone", "Não entres!", "Os netos da Lua", com Francisco Severo, "O paraíso", "O príncipe da Bulgária", "Uma senhora ilustrada", "Tal qual como lá", "Totó", "Vade retro! Satanaz", "O doutor", "A doutora", "A cruz do alcaide", "Champagnol", "Trocas e baldrocas", "Por um triz", "Coronel", "Befana" — teatro tudo. "Jerusalém libertada", drama de M. Francis — 1877; "A Camargo", ópera de Alberto Vanloo e Eugénio Leterrier — 1879; "Niniche", de Alfredo Hannequin e Alberto Millaud — 1879; "Nhonhô", comédia de Najac e Alfredo Hannequin — 1879. "A mulher do Papa", comédia de A. Hannequin e A. Millaud — 1881; "Fatinitza", ópera cômica traduzida com E. Garrido — 1882; "Gillet de Narbonne", ópera cômica de Henri Chivot e Alfredo Doru — 1883; "Os saltadores", ópera-burlesca de Henri Meilhac e Ludovic Halevy — 1884; "Esganarello", de Molière — 1889; "A guardadora de gansos", opereta de E. Leterrier e A. Vanloo — 1891; "A princeza colombiana", ópera-cômica de M. Ordonneau e E. André — 1895; "A cigarrta e a formiga", de A. Doru e H. Chivot — 1896; "O Tulipa", tradução do "Fanfan" de Paul Ferrier e Jules Prevel — 1897; "O herdeiro do trono", opereta de A. Hannequin e A. Valabreque — 1898; "O pimpolho", comédia de Henrique Crisafuliz e Victor Bernard; "A arquiduqueza", ópera tra-

duzida com E. Garrido; "O dia e a noite", ópera de A. e E. Leterrier; "A canção do Fortúnio", ópera-cômica de Cremieux e Ludovic Halevy; "A escola dos maridos", comédia de Molière — 1897; "Tartufo", de Molière; "A viuva alegre", opereta de H. Meilhac, V. Leon e Lu Stein; "O casamento de Figaro", de Beaumarchais; "Coquelicot", ópera-cômica de Armand Silvestre; "Falka", opereta burlesca de E. Leterrier e A. Vanloo; "O galo de ouro", ópera cômica de M. Ordonneau, traduzida com Azeredo Coutinho; "Os carvoeiros", opereta de Th. Gille; "A torre de Nesle", de A. Dumas e F. Gaillardt, traduzida com Azeredo Coutinho; "A consciência dos filhos", comédia de Gastão Devore; "Rip", ópera cômica de H. Meilhac, Th. Gille e H. Farnie; "O Cristo", drama sacro de Charles Grand-mougin; "O ovo", opereta de A. Vanloo e William Busnach; "As pilulas de Hércules", comédia de Paul Bilhard e A. Hannequin; "Quase!", vaudeville de Paul Gavault e George Berr; "Ressurreição", comédia de Bataillé; "Surcouf", opereta de Chivot e Doru; "A filha do fogo", opereta; "Primeiras proezas de Richelieu", comédia com Artur Barreiros; "As mulheres do mercado", drama; "A pérola negra", drama; "As duas irmãs", drama; "O capadócio", paródia burlesca de "O Trovador"; "As sobrecasacas", farsa; "O rei das areias de ouro", drama; "O anjo do mal", drama; "Máscaras de bronze", drama; "O Duque Gob", com Artur Barreiros; e "Sogro e genro"; tudo teatro traduzido. "O gastrônomo" — 1878; "Bernardo Guimarães" — 1885; "As minhas primeiras peças" — 1903; "A vingança do Sargento-mór" — 1906; "Autobiografia" — 1907; "O maestro Macedo" — 1909; "Separação dos sexos" — 1910; escritos diversos.

Plebiscito

A cena passa-se em 1890.

A família está toda reunida na sala de jantar. O senhor Rodrigues palita os dentes, repimpado numa cadeira de balanço. Acabou de comer como um abade; dona Bernardina, sua esposa, está muito entretida a limpar a gaiola de um canário belga. Os pequenos são dois: um menino e uma menina. Ela distraí-se a olhar para o canário. Ele, encostado à mesa, os pés cruzados, lê com muita atenção uma das nossas folhas diárias.

De repente, o menino levanta a cabeça e pergunta:

— Papai, que é Plebiscito?

O senhor Rodrigues fecha os olhos imediatamente para fingir que dorme.

O pequeno insiste:

— Papai?

Pausa.

— Papai

Dona Bernardina intervem:

— Ó seu Rodrigues, Manduca está lhe chamando.

— Que é? Que desejam vocês?

— Eu queria que papai me dissesse o que é plebiscito.

— Ora essa, rapaz! Então tu vais fazer dez anos e ainda não sabes o que é plebiscito!

— Se soubesse não perguntava.

O senhor Rodrigues volta-se para dona Bernardina, que continua muito ocupada com a galola:

— O senhora, o pequeno não sabe o que é plebiscito!

— Não admira que ele não saiba, porque eu também não sei.

— Que me diz?! pois a senhora não sabe o que é plebiscito?

— Nem eu, nem você; aqui em casa ninguém sabe o que é plebiscito.

— Ninguém, alto lá! Eu creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante!

— A sua cara não me engana. Você o que é, é muito "prosa". Vamos: se sabe, diga o que é plebiscito! Então? a gente está esperando! Diga!...

— A senhora o que quer, é enfezar-me!

— Mas, homem de Deus, para que não há de confessar você que não sabe? Não é nenhuma vergonha ignorar qualquer palavra. Já outro dia foi a mesma coisa, quando Manduca lhe perguntou o que era proletário. Você falou, falou, e o menino ficou sem saber!

— Proletário... — acudiu o senhor Rodrigues, é o cidadão que vive do seu trabalho mal remunerado...

— Sim, agora sabe porque foi ao Dicionário. Mas dou-lhe um doce se me disser o que é plebiscito, sem arredar dessa cadeira.

— Que gostinho tem a senhora em tornar-me ridículo na presença destas crianças!

— Oh! ridículo é você mesmo quem se faz. Seria tão simples dizer: não sei, Manduca, não sei o que é plebiscito; vai buscar o Dicionário, meu filho.

O senhor Rodrigues ergue-se num ímpeto e brada:

— Mas se eu sei...

— Pois, se sabe, diga!

— Não digo para não me humilhar diante de meus filhos! Não dou o braço a torcer! Quero conservar a força moral que devo ter nesta casa! vá para o diabo!

E o senhor Rodrigues, exasperadíssimo, nervoso, deixa a sala de jantar e vai para o seu quarto, batendo violentamente a porta. No quarto havia o de que ele mais precisava naquela ocasião: algumas gotas de água-de-flor-de-laranja e um Dicionário...

A menina toma a palavra:

— Coitado de papai! Zangou-se logo depois do jantar! Dizem que é tão perigoso!

— Não fosse tolo, observa dona Bernardina, e confessasse que não sabia o que é plebiscito.

— Pois sim, acode Manduca, muito pesaroso, por ter sido o causador involuntário de toda aquela discussão; pois sim, mamã, chame papai e façam as pazes.

— Sim! sim! façam mas pazes, diz a menina num tom meigo e suplicante. Que tolce! duas pessoas que se estimam tanto, zangarem-se por causa de plebiscito.

Dona Bernardina dá um beijo à filha e vai bater à porta do quarto.

— Seu Rodrigues venha sentar-se, não vale a pena zangar-se por tão pouco.

O negociante esperava a deixa. A porta abre-se imediatamente. Ele entra, atravessa a casa, e vai sentar-se na cadeira de balanço.

— E' boa! brada o senhor Rodrigues, depois de largo silêncio; é muito boa! Eu ignorar a significação da palavra plebiscito! Eu!

A mulher e os filhos aproximam-se dele. O homem continua num tom profundamente dogmático:

— Plebiscito...

E olha para todos os lados a ver se ha por ali mais alguém que possa aproveitar a lição.

— Plebiscito é uma lei romana, perceberam? E querem introduzi-la do Brasil! E' mais um estrangetismo.

(Artur Azevedo)

CLODOALDO FREITAS, nascido em Oeiras, Piauí, a 7/8/1855 e falecido em Terezina a 29/6/1924. Historiógrafo e ensaista; sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; membro efetivo das Academias de Letras do Piauí e do Maranhão — nesta, fundou a cadeira n° 18, patrocinada por Sousaândrade. Militou por muitos anos na imprensa de São Luís.

Bibl.: "O Inferno" de Dante — tradução em prosa: "História do Piauí"; "Vultos piauienses"; "A moral religiosa"; "O Visconde de Parnaíba"; "Os dramas da Balaiada"; "Histórias piauienses".

RAIMUNDO DE SA' VALE, nascido em São Luís a 8/5/1856 e falecido em Gênova, Itália, no ano de 1914. Bacharel em ciências jurídicas e sociais por Genebra, onde foi professor de Direito Internacional, e doutor em leis pela Universidade de Bruxelas. Con-

sul do Brasil em Barcelona, Espanha e Gênova. Jurista, diplomata, professor e poeta.

FERNANDO MENDES DE ALMEIDA, nascido no Maranhão em 1857 e falecido no ano de 1921. Bacharel em direito por São Paulo e oficial da Guarda Nacional, de cujo Estado Maior foi chefe. Jurista, professor, jornalista e parlamentar. Fundador da Faculdade Livre de Ciências Médicas e Sociais; senador pelo Maranhão. Dirigiu "O Jornal do Brasil" e foi redator de "A Vanguarda", do "Diário de Notícias" e do "Diário do Comércio".

Bibl.: "A geração acadêmica" — 1879; "Teses e discursos para o grau de doutor" — 1880 — "Obras" — Rio, ...

JOSÉ AUGUSTO VINHAIS, nascido em São Luis a 7/1/1857. Oficial de marinha, foi professor de História Naval e, depois, Diretor da Biblioteca da Marinha. Foi Diretor da Repartição Geral dos Telegrafos; deputado à Constituinte de 1891 e moço fidalgo da Real Casa Portuguesa. Jornalista, fez-se ardoroso defensor da causa da abolição; político, organizou o Partido Operário. Colaborou em "O Globo", foi co-fundador de "O País" e redator da "Revista Marítima Brasileira", todos do Rio de Janeiro.

Bibl.: "Desvios normais da bússola" — 1904; "Oceanografia" — 1905; "Zona costeira" — 1908; "Aspecto litorâneo" — 1911; "O descobrimento do Brasil" — 1919; "Principais portos do mundo" — 1919; "Correntes oceânicas" — 1922; "Correntes aéreas" — 1922; "Hidrografia e evolução marítima" — 1925; "Ensaio sobre a Cartografia no século XVI" — 1930; "A causa das marés" — 1931; "Guerreiros e navegadores francêsés" — 1932.

ALUIZIO TANCREDO BELO GONÇALVES DE AZEVEDO, nascido em São Luis a 14/4/1857 e falecido em Buenos Ayres, Argentina, a 21/1/1913. Jornalista, panfleitário, romancista, contista, caricaturista, poeta e diplomata; a mais alta expressão da escola realista no romance brasileiro. Usou, na sua colaboração à imprensa, os pseudônimos de Pitribi, Lhinho, Vitor Leal, Gisoflé e Samicípio dos Lampeões, caricaturista de "Figaro" e do "Mequetrefe". Foi vice-consul em Vigo (Espanha), Iocoama (Japão) e Salto Oriental (Uruguai), consul em La Plata (Argentina), Cardiff (Inglaterra) e Nápoles (Itália), consul-geral em Assunção (Paraguai) e Buenos Ayres (Argentina). Fundou, na Academia Brasileira de Letras de que era sócio efetivo, a cadeira de Basílio de Gama, e é patrono da de n.º 2 da Academia Maranhense de Letras, fundada por Domingos Barbosa.

Bibl.: "Uma lágrima de mulher" — S. Luis, 1879; "O mulato" — S. Luis, 1881; "Condessa Vesper — Memórias de um condenado" — 1882; "Girândola de amores — Mistérios da Tijuca" — 1882; "Casa de pensão" — 1883; "Filomena Borges" — 1884; "O homem" — 1887; "O coruja" — 1887; "O cortiço" — 1890; "O

esqueleto — *Mistérios da Casa de Bragança* — 1891; *"A mortalha de Alzira"* — 1894; *"Livro de uma sogra"* — 1895; romances todos, *"Demônios"* — 1893; e *"Pegadas"* — 1898; contos. *"O touro negro"* — 1910; e *"Cartas"*; crônica e epistolário. *"A flor de liz"*, ópera cômica com Artur Azevedo — 1882; *"Casa de Orates"*, comédia com Artur Azevedo — 1882; *"Venenos que curam"*, comédia traduzida de E. Rouède — 1883; *"Filomena Borges"*, comédia — 1884; *"O caboclo"*, drama traduzido de E. Rouède — 1886; *"Os sonhadores — Macaquinhos no sótão"*, comédia — 1887; *"Os dois"*, comédia com Artur Azevedo — 1879; *"Fritzmack"*, revista com Artur Azevedo — 1889; *"A Republica"*, revista com Artur Azevedo — 1889; *"Um caso de adultério"*, drama traduzido de E. Rouède — 1891; *"O mulato"*, drama; *"Em flagrante delicto"*, comédia traduzida de Emil Rouède — 1891; *"As minas de Salomão"*, fantasia; *"O inferno"*, fantasia com E. Rouède; *"A mulher"*, drama fantástico; *"Fluxo e refluxo"*, facécia; *"Le roi s'amuse"*, traduzido, com O. Bilac, de Victor Hugo, todas peças teatrais. *"Poesias"*. Escreveu ainda *"Dai Nippon"*, um livro sobre o Micaço, quando de sua passagem pelo Japão, e que se perdeu; e *"Japonezas e Norte-americanas"*.

O despertar do cortiço

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma asentada sete horas de chumbo.

Como que se sentia ainda na indolência da neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loira e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alhela.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradoiros, umedeceu o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azulados pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as chúcaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traqui-

nava já, e lá de dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres, que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os loiros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

(“O Cortiço” — Aluizio Azevedo)

HUGO VIEIRA LEAL, nascido em São Luis a 21/7/1857 e falecido no Rio de Janeiro a 16/3/1893. Poeta, jornalista e romancista; republicano ardoroso. Colaborou na “Revista dos Estudos Livres” e em a “Vanguarda”, de Lisboa; foi redator da “Gazeta da Tarde” e da “Gazeta de Barbacena”, aquela no Rio e esta em Minas-Gerais; e fundou, ainda em Portugal, o “Barrete Frigio”.

Bibl.: “Rosa branca”, romance — 1874; “O seminarista”, romance — 1874; “A cruz”, romance — 1875; “Laurita”, romance — 1876; “A enfeitada”, romance — 1876; “Plebeu e pobre”, romance — 1876; “Cora”, drama — 1876; “Rosas de maio”, poesia — Paris, 1878; “Lucrezia”, romance — 1883; “Zuleida” — 1876; “Camões e o Século XIX” — Lisboa, 1887; “Noventa e três”, drama extraído da obra de Vitor Hugo; “Comédia dos vinte anos”, memória do tempo de estudante em Paris — inédita. E mais, inéditos: “Historia da literatura portugueza e brasileira”, “O siciliano”, “Victor Luis”, “Braz Tigre”, “Uma primavera”, “O brasileiro em Paris”, “Lucas vitimas”, “Dr. Juca”, “Conservação, revolução e positivismo”, tradução de E. Litré.

Madrid.

Tu que assististe ás pompas castelhanas
Arreada de sedas e diamantes,
Como no leito pasmas as sultanas,
No lascivo abandono dos amantes.

Tu que ouviste o batido das fanfarras
Vibrando os sons coléricos da morte;
Que sentiste em teu corpo arpias garras
Esfaimadas do bárbaro do norte;

Oh! flor peninsular! flor do ocidente!
Leviana espanhola, ao seio quente
Adormece teu pálido torero.

Pés pequeninos... canta a seguidilha
 Aos frêmitos ardentes da mantilha,
 Sacudindo a cabeça no salero.

(Hugo Leal)

BENEDITO PEREIRA LEITE, nascido no Rosário a 4/10/1857 e falecido em Hyères, França, a 6/3/1909. Político, magistrado e jornalista. Bacharel em direito pela Faculdade de Recife, foi promotor público no Brejo e juiz em várias comarcas; Inspetor do Tesouro Estadual e constituinte estadual de 1891; deputado e senador federal. Governador do Maranhão no quadriênio 1906/1908. Fundou "O Federalista" e redigiu "O Nacional" e "O Debate".

Bibl.: "Negócios da guerra — Revisão Constitucional" — 1903.

HIGINO CUNHA, nasceu em S. José das Cajazeiras, depois Flores e hoje Timon, a 11/1/1858 e faleceu em Terezina, Piauí, a 20/11/1943. Bacharel em direito; poeta, professor e historiador. Catedrático da Faculdade de Direito do Piauí; sócio efetivo da Academia Piauiense de Letras e correspondente da Academia Maranhense.

Bibl.: "Pro Veritate", polêmica literária — Recife, 1883; "O Idealismo filosófico e o Ideal artístico" — Terezina, 1913; "Discursos acadêmicos" — Terezina, 1920/1921; "O Teatro em Terezina" — 1923; "O Ensino normalista no Piauí" — Terezina, 1923; "História das Relações no Piauí" — Terezina, 1924; "Os revolucionários do sul do Brasil" — Terezina, 1926; "O assassinio do Juiz Federal" — Terezina, 1928; "A Igreja Católica e a Nova Constituição da República" — Terezina, 1934; "Memórias" — Terezina, 1930.

HEMETÁRIO JOSÉ DOS SANTOS, nascido em Codó a 3/3/1858. Poeta, professor, gramático e filólogo. Lente de português no Colégio Militar e de literatura na Escola Normal, ambos do Rio de Janeiro.

Bibl.: "Gramática da Língua Portuguesa" — Rio, 1879; "O Livro dos meninos — contos brasileiros" — Rio, 1881; "Pretidão de amor" — 1909; "Frutos cativos", poesia — Rio, 1919; "Carta aos maranhenses".

JOÃO BATISTA DA MOTA AZEVEDO CORREIA, nascido no Maranhão a 29/3/1858. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Publicista e contista.

Bibl.: "Lampejos literários — contos" — Rio, 1880; "Estudo de classificação médico-legal dos ferimentos e outras ofensas físicas, particularmente aplicados a nossa legislação" — Rio, 1887.

JOÃO DE MELO VIANA, nascido em São Luís a 24/6/1859. Médico e literato. Foi médico da Legação Brasileira em Paris; sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras.

Bibl.: "Em tempo de guerra" — 1916; "Opthalmis sympathica"; "Trabalhos na Revista de Medicina de Lisboa".

AMÉRICO GARIBALDI BELO DE AZEVEDO, nascido em São Luis em 1860 e falecido na mesma cidade no ano de 1900. Poeta, jornalista e comediógrafo; irmão de Artur e Aluizio Azevedo.

Bibl.: "Um par de comendadores", comédia — S. Luis, 1895; "Os milagres de S. José de Ribamar", comédia — S. Luis, 1899; "Os viuvos", comédia em versos — S. Luis, 1899; "Um marido modelo", comédia; "O Malaquias"; "Por causa de um chapéu"; "O fim do Mundo"; "De madrugada".

RAIMUNDO DA MOTA DE AZEVEDO CORRÊA, nascido no Maranhão, a bordo de um navio ancorado na baía de Mangunça, a 13/5/1860, e falecido em Paris, França, a 13/9/1911; quando colegial, assinava Raimundo de São Luis Corrêa e depois, até casar-se, Raimundô da Mota de Azevedo Corrêa Sobrinho. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de São Paulo, foi promotor em S. João da Barra (Estado do Rio) e S. João do Príncipe, juiz em Vassouras e Rezende, ainda no Rio, em Tutiaçú, Maranhão e em S. Gonçalo do Sapucaí (Minas Gerais); secretário da Provincia do Rio de Janeiro e diretor da Secretaria das Finanças de Minas Gerais; secretário da Legação Brasileira em Lisboa; e, finalmente, pretor da 2.^a Vara e juiz da 3.^a Vara Cível no Rio de Janeiro. Professor da Faculdade de Direito de Ouro Preto, Minas Gerais, e vice-reitor do Ginásio Fluminense. Poeta, constituiu com Olavo Bilac e Alberto de Oliveira a trindade máxima da escola parnasiana na literatura brasileira. Jornalista, redigiu em São Paulo "A Reação" e "Ciencias e Letras". Fundou, na Academia Brasileira de Letras, a poltrona n.º 25 dos Sócios efetivos, de que é patrono Bernardo Guimarães, e, por sua vez, é o patrono da de n.º 16 da Academia Maranhense de Letras, criada por Corrêa de Araújo.

Bibl.: "Primeiros sonhos" — S. Paulo, 1879; "Sinfonias" — Rio, 1883; "Versos e versões" — Rio, 1887; "Alelúias" — Rio, 1891; "Poesias" — Lisboa, 1889.

Mal Secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse.

Se se pudesse o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse.

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
 Guarda um atroz, recôndito inimigo,
 Como invisível chaga cancerosa !

Quanta gente que ri talvez existe,
 Cuja ventura única consiste
 Em parecer aos outros venturosa !

(Raimundo Corrêa — "Sinfonias")

MANUEL ALVARO DE SOUSA **SÁ VIANA**, nascido no Maranhão a 14/8/1860 e falecido no ano de 1922. Jurisconsulto, professor e publicista. Foi secretário do governo e diretor da Instrução Pública, em Santa Catarina; catedrático da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro; sócio dos Institutos Histórico e Geográfico do Brasil e de São Paulo; membro da Associação aos Advogados de Lisboa e dos Ilustres Colégios de Advogados de Lima (Perú) e La Paz (Bolívia) e sócio correspondente da Academia de Jurisprudência de Barcelona (Espanha); comendador da Ordem de São Tiago. Foi sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras e após sua morte, com o aumento das poltronas do sodalício, escolhido para patrono da de n.º 25, fundada por Oliveira Roma.

Bibl.: "Esboços críticos da Faculdade de Direito de São Paulo" — Rio, 1880; "Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros", memória — Rio, 1894; "Traços biographicos de Augusto Teixeira Mendes" — Rio, 1895; "Trabalhos forenses" — Rio, 1899; "Arbitragem internacional" — Rio, 1901; "Congresso Jurídico Americano" — Rio, 1902; "Das falências" — Rio, 1907; "Elementos de Direito Internacional" — Rio, 1908; "Discursos e conferencias" — S. Luis, 1916; "Cincoenta annos de existencia" — Rio, ...; "Commemoração do centenário natalício de Cândido Mendes"; "L'arbitrage au Brésil"; "L'Amérique en face de la Conflagration Européenne"; "De la non existence d'un Droit International Americain"; "Lição inaugural do Curso de Direito Internacional Público e Democracia".

X **ANTÔNIO BATISTA BARBOSA DE GODOIS**, nascido em São Luis a 10/11/1860 e falecido no Rio de Janeiro a 4/9/1923. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Recife. Foi Procurador da Justiça Federal; professor da Escola Modelo e da Escola Normal, e diretor desta última; Procurador do Tesouro do Estado; e 3.º vice-governador do Estado; tudo no Maranhão. Pedagoga, historiógrafo e poeta; é o autor da letra do Hino Maranhense. Fundou, na Academia Maranhense de Letras, a cadeira n.º 1, de Almeida Oliveira.

Bibl.: "Instrução Cívica" — S. Luis, 1900; "História do Maranhão" (2 vols) — S. Luis, 1904; "Escripta rudimentar" — S. Luis, 1904; "O mestre e a escola" — S. Luis, 1910; "Os ramos da educação na Escola Primária" — S. Luis, 1914; "Hygiene Pedagógica" — S. Luis, 1914; "Synthese da Historia da Educação"; "Um programa de 'História'; "Cantos escolares" ✕

Hino Maranhense

Entre o rumor das selvas seculares,
Ouviste um dia, no espaço azul vibrando,
O troar das bombardas nos combates,
Após um hino festival soando.

Salvé, Pátria ! (
Pátria amada ! (
Maranhão berço de heróis. (Estrb.º
Por divisa tens a Glória, (
Por numes — nossos avós ! (

Era a guerra, a vitória, a morte e a vida,
E com a vitória era a glória entralaçada...
Traía do invasor a audácia estranha,
Surgia do Direlto a luz dourada.

Reprimiste o flamengo aventureiro
E o forçaste a no mar buscar guarida,
E dois séculos depois disseste ao luso :
— A Liberdade é o sol que nos dá vida !

Quando às irmãs os braços estendeste,
Foi com a glória a fulgir no teu semblante.
Sempre envolta na tua luz celeste,
Pátria de heróis, tens caminhado avante.

E na estrada esplendente do futuro
Flitas o olhar, altiva e sobranceira,
Dê-te o porvir as glórias do passado,
Seja de glória tua existência inteira !

(Barbosa de Godois)

JOSÉ EDUARDO ABRANCHES DE MOURA, nascido em São Luis a 14/3/1861. Professor e astrónomo; publicista e geógrafo. Capitão engenheiro do Exército, abandonou a carreira militar;

quando cadete, tomou parte no movimento da proclamação da República e, na revolta de Custódio José de Melo, esteve com os legalistas. Professor do Liceu Maranhense e do curso ginásial do Instituto "Raimundo Cerveira"; fundador e diretor do Observatório de Canutama, no Amazonas, e correspondente do Observatório de Juvisy, na França; diretor do Instituto Ateniense. Amigo e colaborador de Camilla Flamarion. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, em o qual fundou a cadeira n.º 15 sob o patrocínio de Garcia de Abranches, e da Société Astronomique de France.

Bibl.: "Estudos opticos"; "O municipio de Canutama e sua historia — fauna e flora amazonenses"; "Carta do Municipio de Canutama, no Amazonas"; "Estudos de astronomia" (2 vols.); "Planta do Rio Purús"; "Miscelânea mathematica"; "Três theses — Máxima e minima — Theoria dos menores quadrados — Determinantes"; "O pantographo e o planimetro — O compasso de redução — o Azimuthographo Abranches"; "Delimitação intermunicipal no Maranhão"; "Divisão territorial do Maranhão" (relatório); "As ruas de São Luis — sua historia e suas lendas"; "Dictionario do Purús"; "Corographia do Maranhão"; "A cartographia maranhense — Estudos sobre as cartas geographicas do Maranhão desde a sua descoberta" — 1919; "A Ilha de São Luis" — 1920; "Carta topographica da Ilha de São Luis" — 1923; "Carta geographica do Estado do Maranhão" — 1925; "Carta potamographica do Maranhão" — 1926; "Planta da cidade de São Luis" — 1926; "Carta potamographica da Ilha de São Luis" — 1927; "Estudos de climatologia — A friagem no Amazonas" — 1928; "O Maranhão rodoviário" (memória) — 1929; "Arvore genealogica dos municipios maranhenses" — 1930; "Notas sobre os municipios maranhenses" — 1930; "Estudos de climatologia — As chuvas no Canutama, no Amazonas" — 1932; e mais — "Fragmentos...", contos e poesias; "Biographias de sábios antigos e contemporâneos"; e, em colaboração com seu irmão Dunshee de Abranches, "Ephemerides de familia" — Rio, 1934.

ALMIM PARGA NINA, nascido em São Luis a 24/7/1861 e fallecido a 15/1/1908. Médico, professor e publicista; pedagogista e pediatra. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro; foi professor da Escola Normal e do Liceu Maranhense e diretor da Escola Modelo e da Escola Normal do Maranhão. Fundou, em São Luis, o primeiro Jardim da Infância e, com sua irmã Prof. Maria da Glória Parga Nina, o Instituto "Rosa Nina". Membro da Associazion Pedagogica, de Roma (Itália) e do Ligue pour l'Hygiene Solaire, de Paris (França); representante do Maranhão no Congresso de Linguas Vivas de Paris (1903).

Bibl: "Indicações e contra — indicações da peregrina e seus saes nas manifestações agudas da malária" (tese) — 1883; "Roteiro par ao Curso de Pedagogia"; "As novas tendencias da Pedagogia".

JOSÉ NUNES RIBEIRO BELFORD, nascido em São Luis a 29/7/1861. Funcionário público. Poeta.

Bibl: "Tentativas poéticas" — Rio, 1887.

LUIS ANTONIO DOMINGUES DA SILVA, nascido em Tucuruá a 11/6/1862 falecido em São Luis a 11/7/1922. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Recife. Deputado provincial e geral, no Império, e deputado federal, na República. Governador do Estado do Maranhão. Jurista, jornalista e orador primoroso. Ocupou, na Académia Maranhense de Letras, a cadeira n.º 10, sob o patrocínio de Henriques Leal.

Bibl: "Ensino agrícola" — S. Luis, 189...; "Casamento civil e divórcio" — S. Luis, 189...; "O Governo do Maranhão e o Empréstimo Externo" — 1912; "Dois annos de governo" — 1912; "Trabalhos de advocacia".

FRANCISCO JOSÉ VIVEIROS DE CASTRO, nascido em São Luis 13/11/1862 e falecido no Rio de Janeiro no ano de 1906. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Recife; foi promotor público da Corte, juiz do Tribunal Civil e Criminal e desembargador da Corte de Apelação do Rio de Janeiro; lente de Direito Criminal na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Jurista, orador, jornalista, professor, crítico e contista; redigiu "O País", no Maranhão.

Bibl: "Chiquinha Mascote", contos por Ignotus — Rio, 1893; "A nova Escola Penal" — Rio, 1894; "O suicídio na Capital Federal" — Rio, 1894; "Ensáio sobre a estatística criminal da República" — Rio, 1894; "Atentados ao pudor" — Rio, 1895; "Sentenças e decisões em matéria criminal" — 1896; "Os delictos contra a honra da mulher" — Rio, 1897; "Questões de direito penal" — 1901; "Jurisprudência criminal" — 1901; "Ensaios Jurídicos" — Rio, ...; "Questões de literatura e crítica"; "Idéias e phantasias".

RAIMUNDO NINA RODRIGUES, nascido no Maranhão a 14/12/1862 e falecido na Europa em junho de 1906. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro; catedrático de Medicina Legal na Faculdade da Baía; membro honorário da Academia Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro, da Société Médico-Pathologique, de Paris, e da Medico Legal Society, de New York. Medico, professor, criminalista, etnógrafo e patologista; é considerado o criador da antropologia criminal brasileira. Patrono, na Académia Maranhense de Letras, da cadeira n.º 14, fundada por Antônio Lobo, e no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, da de n.º 23, fundada por Bacelar Portela.

Bibl: "A morphea em Anajatuba" — Baía, 1886; "Das amyotrophias de origem peripherica" — Rio, 1887; "Estudo sobre o regime alimentar no norte do Brasil" — Maranhão, 1888; "Fragmentos de pathologia intertropical" — Baía, 1892; "As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil" — Baía, 1894; "A medicina legal no Brasil" — Baía, 1895; "A liberdade profissional em medicina" — S. Paulo, 1898; "L'animisme fetichiste des nègres de Bahia" — Baía, 1900; "Manual de autopsia legal" — Baía, 1901; "O alienado no direito civil brasileiro" — Baía, 1901; "Memoria historica da Faculdade de Medicina da Baía. Anno de 1896; "O problema negro da América do Sul" e "Os africanos na Baía, inéditos; deixou ainda vários estudos e monografias de caracter técnico e científico em revistas especializada.

ANTÔNIO FELICIANO DE ARAÚJO, nascido em Guimarães a 3/12/1863. Foi tipógrafo do "Jornal do Comércio", reporter da "Gazeta da Tarde", da "Folha Nova" e de "Novidades", redator do "Diário Oficial" e fundador, com Aderbal Carvalho e Sílvio Romero, de "O Tempo", todos no Rio de Janeiro. Oficial médico do Exército. Jornalista; romancista, poeta e contista.

Bibl: "O crime da Tijuca" e "Novo Vigário", romances; "As rosas de Terezinha", "Ninguém" e "Bom Jesus do Ensino", contos; "Lyras do ceu", poesias. Sob o pseudônimo de João Calíbyta, deixou na imprensa poemas e hinos religiosos.

HENRIQUE MAXIMILIANO COELHO NETO, nascido em Caxias a 21/2/1864 e falecido no Rio de Janeiro a 28/11/1934. Jornalista, professor, romancista, orador, poeta, teatrólogo e lexicógrafo — o príncipe dos prosadores brasileiros, a seu tempo. Lente de História das Artes na Escola Nacional de Belas Artes, de História do Teatro e Literatura Dramática na, hoje, Escola Dramática "Coelho Neto", e de Literatura no Ginásio de Campinas e no Colégio Pedro II. Secretário do Governo do Estado do Rio; deputado federal pelo Maranhão em três legislaturas; secretário da Liga de Defesa Nacional; Ministro Plenipotenciário e Enviado Especial do Brasil à Argentina, na posse do Presidente Irigoyen; Grande Oficial da Ordem da Corôa, da Bélgica, e Comendador da Ordem Militar de São Tiago da Espada, de Portugal. O único redator brasileiro do grande "Dicionário Lello Universal", de Lello & Irmão, de Portugal; colaborou assiduamente na "Gazeta de Notícias" e em "A Noticia", e escreveu para quase todas as revistas literárias do Rio de Janeiro. Ocupou na Academia Brasileira de Letras, de que foi presidente, a cadeira n.º 2 (Álvares de Azevedo) e é o patrono da de n.º 24 da Academia Maranhense de Letras, fundada por Joaquim Dourado.

Bibl: **Romances** — "A Capital Federal" — 1893; "Miragem" — 1895; "O rei fantasma" — 1895; "Inverno em flor" — 1897; tra-

duzido para o italiano; "O morto" — 1898; "O Rajá de Pendjab" — 1898; "A conquista" — 1898; "O paraíso" — 1898; "A tormentata" — 1901; "O Arara" (na primeira edição com o título de: Inocencio Inocente) — 1905; "O turbilhão" — 1906; "Esfinge" — 1908; "Têi Negro" (Macambira), na versão francesa de Lebesque e Gahisto — 1914, já traduzido também para o alemão e o espanhol; "O mistério", com Medeiros Alquerque, Viriato Corrêa e Afrânio Peixoto — 1920; "O polvo" — 1924; "Fogo fátuo" — 1929.

Novelās, contos e fantasias — "Rapsódias" — 1891; "Praga" — 1894; "Baladilhas" — 1894; "Fruto Proibido" — Recife, 1895; "Sertão" — Rio, 1896 (traduzido para o alemão); "Album de Calibã" — 1897; "Romanceiro" — 1898; "Secara de Rute" — 1898; "A descoberta da Índia", narrativa histórica — 1898; "Apólogos" — 1904; "A bico de pena" — Porto, 1904; "Água de Juventa" — 1905; "Treva" — Paris, 1906 (traduzida para o alemão); "As sete dores de Nossa Senhora", narrativa bíblica — Rio, 1907; "Fabulário" — Porto, 1907; "O Jardim das Oliveiras" — Porto, 1908; "Vida mundana" — 1909; "Cenas e perfis" — 1910; "Mistérios do Natal", narrativa bíblica — Porto, 1911; "Alma" — Rio, 1911; "Palestras da tarde" — Rio, 1911; "Branzo" — Rio, 1812 (traduzido para o alemão); "Melusina" — 1913; "Contos escolhidos" — 1914; "Orações" — S. Paulo — 1923; "Amor" — 1924; "Imortalidade", lenda — 1926; "O sapato de Natal" — 1927; "Velhos e novos" — 1928; "A cidade maravilhosa" — 1928; "Vencidos", 1928; "A árvore da vida" — 1929; "Mano", já traduzido para o francês; "Livro de prata".

Crônicas — "O Meio" — 1889; "Bilhetes postais" — 1892; — "Lanterna mágica" — 1898; "Por montes e vales" — 1899; "Versas" — 1917; "A Política" — 1919; "Frutos do tempo" — Baía, 1919; "Athéticas" — 1920; "Conversas" — 1922; "Vespéral" — 1922; "O meu dia" — 1922; "Frechas" — Rio, 1923; "As quintas" — 1924; "Feira livre" — 1926; "Canteiro de saudade", reminiscências — 1927; "Bazar" — 1928. **Teatro** — Vol. I: "Relicário", Raios X", e "Diabo no corpo"; Vol. II: "As estações", "Ao luar", "Ironia", "A mulher" e "Fim de raça"; Vol. III: "Neve ao sol" e "A muralha"; Vol. IV: "Quebranto" e "Nuvem"; Vol. V: "O dinheiro", "Bonança", "O intruso" e "Patinho torto". E mais: "Artemis" (1898) e "Hóstia" (1898), libretos de ópera, e "Teatro infantil", êste com Olavo Bilac. **Poesia** — "Pelo amor", poema dramático — Rio, 1907; "Versos" — Rio, 1918; e "Saldunes", ação legendária em verso — 1900. **Diversos** — "Compendio de literatura brasileira" — 1905; "Conferências literárias" — 1909; "América" — 1897; "Falando..." — Rio, 1919; "Breviário Cívico" — Rio, 1921; "O adeus a Lauro Muller"; "Euclides da Cunha"; "José de Alencar", "Contos infantis", com O. Bilac.

Em rico estojo de veludo, pousado sobre uma mesa de xarão, jazia uma flauta de prata.

Justamente por cima da mesa, em riquíssima gaiola, suspenso do teto, morava um sabiá.

Estando a sala em silêncio e descendo um raio de sol sobre a gaiola, eis que o sabiá, contente, modula uma volata. Logo a flauta escarvinha põe-se a casquinar no estojo, como a zombar do módulo cantor silvestre.

— De que te ris? indaga o passaro. E a flauta, em resposta:

— Ora esta! pois tens a coragem de lançar tais guinchos deante de mim?

— E tu quem és? ainda que mal pergunte.

— Quem sou? Bem se vê que és um selvagem. Sou a flauta. Meu inventor, Marsyas, lutou com Apolo e venceu-o, por isso o deus, despeitado, imolou-o. Lê os clássicos.

— Muito prazer em conhecer... Eu sou um mísero sabiá da mata. Pobre de mim! fui creado por Deus muito antes das invenções. Mas deixemos o que lá foi. Dize-me: que sabes tu?

— Eu canto.

— O officio rende pouco. Eu que o diga, que não faço outra coisa. Deixarei, todavia, de cantar — e antes nunca houvesse aberto o bico, porque, talvez, sendo mudo, não me houvessem escravizado — si, ouvindo a tua voz, convencer-me de que és superior a mim. Canta! Que eu aprecie o teu gorgelo e farei como fôr de justiça.

— Que eu cante...?!

— Pois não te parece justo o meu pedido?

— Eu conto para regalo dos reis nos paços, a minha voz acompanha os hinos sagrados nas igrejas. Ao ritmo dos meus delicados trillos ballam as damas, gulam-se as endeixas das serenatas de amor, ao luar. O meu canto é a harmoniosa inspiração dos gênios ou a rapsódia sentimental do povo.

— Pois venha de lá esse primor. Aqui estou para ouvi-lo e para proclamar-te, sem inveja, a rainha do canto.

— Isso agora não é possível.

— Não é possível! Por que?

— Não está cá o artista.

— Que artista?

— O meu senhor, de cujos lábios sai o sopro que transformo em melodia. Sem ele nada posso fazer.

— Ah! é assim...?

— Pois como ha de ser?

— Então, minha amiga — modéstia à parte — vivam

os sabiás! Vivam os sabiás e todos os passaros dos bosques, que cantam quando lhes apraz, tirando do proprio peito o alento com que fazem a melodia. Assim, da tua vanglória ha muitos que se ufanam. Nada valem si os não socorre o favor de alguém; não se movem si os não amparam, não cantam si lhes não dão sopro, não sobem si os não empurram. O sabiá vò e canta — vai a altura porque tem azas, gorgoeja porque tem voz. E succede sempre serem os que vivem do prestigio alheio, os que mais alegam triunfos. Flautas... Flautas... Cantas nos paços e nas cathedraes... Pois vem daí a um duetto comigo.

E, ironicamente, a toda a voz, poz-se a cantar o sabiá e a flauta de prata, no estojo de veludo... moita! Faltava-lhe o sopro.

(Fabulário" — Coelho Neto) X N

AGRIPINO AZEVEDO, nascido no Maranhão a 16/3/1864. Professor e jornalista; advogado e político. Bacharel em direito pela Faculdade de Recife. Foi deputado provincial e constuinte no Maranhão; deputado federal; membro da Comissão Redatora da Primeira Constituição do Estado; vice-governador do Maranhão. Professor de Pedagogia na Escola Normal e de Lógica, Historia da Filosofia e Noções de Direito Comercial no Liceu Maranhense. Republicano e abolicionista. Foi redator da "Pacotilha" e proprietário do "Jornal da Manhã", em São Luis.

Não deixou obras publicadas.

JUSTO JANSEN FERREIRA, nascido no Maranhão a 24/3/1864 e falecido a 18/8/1930. Médico, professor, geógrafo e publicista. Catedrático de Geografia Geral e Corografia do Brasil no Liceu Maranhense, e de Física, Quimica e Mineralogia na Escola Normal do Maranhão, professor no Instituto de Humanidades. Fundou, na Academia Maranhense de Letras, a cadeira n.º 4, e no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, a de n.º 19, ambas sob o patrocínio de Cândido Mendes; e, com o aumento das poltronas deste último sodalicio, foi escolhido para patrono da cadeira n.º 30, fundada por Olimpio Fialho. Sócio correspondente dos Institutos Históricos e Geográficos do Brasil e do Ceará, da Sociedade Astrônômica de Paris, da Sociedade de Geografia de Lisboa, e das Sociedades de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e Paraná.

Bibl: "Fragmentos para a Corographia do Maranhão" — S. Luis, 1904; "A propósito da Carta Geographica do Maranhão" — S. Luis, 1904; "Breve noticia sobre o ensino de Physica, Chimica e Mineralogia no Maranhão" — 1907; "A Barra da Tutoya" — S. Luis, 1908; "A mulher e o ensino primário" — 1910; "Carta Geo-

graphiaca do Estado do Maranhão" — 1912; "Carta Geographica da Ilha de São Luis" — 1912; "planta da cidade de São Luis" — 1912; "Ainda a Barra da Tutoya" — 1913; "Cândido Mendes" (discurso) — 1916; "A divisória pelo Parnahyba" — 1921; — "Contribuição para a Historia e Geographia do Maranhão" — 1913; "Pelo Maranhão"; "Geographia médica e climatologica do Estado do Maranhão", memória apresenta ao 4.º Congresso Médico Latino-Americano; — 1910; "O saneamento no Maranhão"; "Climatologia maranhense"; "Do parto e suas consequencias na espécie negra".

AUGUSTO OLIMPIO VIVEIROS DE CASTRO, nascido no Maranhão no ano de 1864 (?) e já falecido. Jurisconsulto e historiógrafo; foi sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Representante do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas da União e, depois, diretor desse órgão; Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Bibl: "O Estado do Maranhão" — S. Luis, 1892; "Contos cômicos de rosa" — S. Luis, 1893; "Tratado de Ciência da Administração e Direito Administrativo"; "O Contrabando"; "Ciência das Finanças"; "Ensáio sobre a Estatística Criminal da República"; e "História do Império no Maranhão" e "História da Missão dos Padres Capuchinhos no Maranhão", estes dois trabalhos na Revista do I.H. e Geográfico Brasileiro.

AUGUSTO CÉSAR DE MACEDO BRITO, nascido no Maranhão. Teatrólogo e poeta.

Bibl: "Teatro" — S. Luis, 1893; "A pérola preta", drama — S. Luis, 1893; "A Legalidade", comédia — S. Luis, 1894; "Amor burlesco", comédia; "Críticos momentos", comédia; "Desonra e crime", drama; "O bigamo", comédia; "Mudar de sexo", comédia.

PACÍFICO DA CUNHA BESSA, nascido no Maranhão. Poeta; usava o pseudônimo de Gil Velhaco.

Bibl: "Versos" — S. Luis, 1887; "Rimas" — S. Luis, 1892; "Notas de flauta".

JOÃO DEUS DO RÊGO, nascido em Caxias a 22/11/1867 e falecido em Belém, Pará, a 30/6/1902. Poeta e jornalista, militou assiduamente nas imprensas de São Luis e Belém. É patrono de cadeira nas Academia de Letras do Pará e do Maranhão; nesta, da de n.º 34.

Bibl: "Primeiras rimas" — Belém, 1888; "últimas rimas", obra póstuma — Belém, 1905.

JOÃO DUNSHEE DE ABRANCHES MOURA, nascido em São Luis a 2/9/1867 e falecido no Rio de Janeiro a 11/3/1941. Escritor, poeta e parlamentar; doutor em ciências jurídicas e sociais e professor da Universidade de Heidelberg, Alemanha. Lente de Física e História Natural do Instituto Kopke e no Colégio Brasileiro-Ale-

não. Colaborou assiduamente na imprensa de São Luis, Manaus, Recife, Salvador, Porto-Alegre e Rio de Janeiro, onde foi secretário de "O País"; e o fez geralmente sob pseudônimos — Oscar de La Tour, Foy, Sediciocrata, Cajulabrega e D. de A., na imprensa política e literária do Maranhão; Barão de S. Bibiano, Lucio Festana, Lobo Cordeteiro, D. de A., Ferreira de Andrade, Ragoas, Xisto Pancada, Severo Satyro, no "Jornal do Brasil"; Hermano Fontes, Abelhudo, F. G., Cosme de Sales, Pacífico Guerra, em "O Dia"; Matias Simplório e Abelhudo, no "Jornal do Comércio", de Juiz de Fôra; A.Z., Eurico o Cyreneo, Puxa-vistas, Tácito Junior, Cosme de Salles, J. Biela, Holley Junior, Rui Braz, J. das Neves, Madi, em "O País"; Chico de Paula, na "Tribunal"; Protheu da Silva, Nonato Protheu, no "Diário de Notícias", da Bahia; Platão Junior, no "Comércio de São Paulo".

Bibl: Poesias: — "Prelúdios" — S. Luis, 1877; "Selva" — S. Luis, 1885; "O perdão de Tiradentes" — Rio, 1893; "Matinas" — 1893; "O 23" — Rio, 1894; "Pela Paz" — Rio, 1895; "Cartas de um Sebastianista" — Rio, 1895; "Áspides" — 1895; "O fantasma civil" — Rio, 1898; "Noites de Calvário", — 1903; "Versos de ontem e de hoje" — 1916. **Contos e fantasias:** — "Primeiros Passos" — S. Luis, 1880; "Invocações ao Tempo" — 1882; "Contos e fantasias" — Rio, 1888; "O futuro de Minas", impressões de viagem — 1899; "Pela Itália", idem — Barcelona, ...; "Espanha e Côte d'Azur", idem — Barcelona, 1913; "Lourdes et Côte d'Argent", idem — Barcelona, 1913; "Pensées" — Paris, 1930; "Minha Santa Teresinha" — Rio, 1932. **Discursos e conferências:** "Sou a Revolução" — S. Luis, 1883; "Idéia do Dever" — S. Luis, 1884; "República e Abolição" — S. Luis, 1884; "Na propaganda" — S. Luis, 1888; "O destino dos Reis" — 1889; "O 89 brasileiro" — 1889; "Contra as oligarquias", manifesto — 1896; "A liberdade de imprensa em 1825" — 1898; "Seremos vencedores", manifesto — S. Luis, 1889; "Prudente de Moraes", necrológio — 1903; "Necrológio político do Senador Benedito Leite" — S. Luis, 1909; "Viagem ao norte do Brasil", discursos — Rio, 1910; "Brasil-Argentina", discurso — 1911; "O maior dos brasileiros", necrológio de Rio Branco — Rio, 1911; "Discursos e apologias" — Rio, 1913; "Lourdes". Conferência — Rio, 1918; "A Conflagração européia e suas causas", conferência — Rio, 1914; "Em torno de um discurso" — Rio, 1914; "Contra a Guerra" — Rio, 1917; "La Sainte des Bresiliens", discurso em Lisieux — Paris, 1929; "Dois sorrisos de Maria", conferência — Rio, 1933. **Jornalismo:** "Prosas fiadas" — 1895; "Como se faz o Jornal do Brasil" — Rio, 1896; "Polêmicas e críticas" — Rio, 1903; "Associação Brasileira de Imprensa", relatório — Rio, 1911; **Direito, economia e ciências:** "O micróbio do cancio" — S. Luis, 1887; "Transformação do trabalho" — S. Luis, 1888; "Os crimes do Gra-

já" — 1888; "Anistia por habeas-corpus" — 1888; "A reprodução na escala animal" — Rio — 1890; "O mundo biológico", lições — Rio, 1893; "Cartas de Cily" — 1903; "Institutos equiparados", relatório — Rio, 1904; "Exames gerais de preparatórios", inquérito — Rio, 1904; "Ensino Superior e Faculdades Livres", inquérito — Rio, 1905; "L'état de Maranhão et ses richesses" — Paris, 1906; "Reforma da Justiça Militar" — Rio, 1907; "Tratados de comércio e navegação do Brasil" — Rio, 1909; "O guarda da Alfândega na legislação aduaneira" — Santos, 1910; "Expansão econômica e comércio exterior do Brasil" — Rio, 1915; "Brasil and Monroe Doctrine", memória — Rio, 1915; "A Inglaterra e a soberania do Brasil" — Rio, 1915; "A cultura do arroz e o protecionismo agrícola" — S. Paulo, 1916; "A Black-list e o projeto Dunshee" — Rio, 1916; "Ainda a Black-list" — Rio, 1916; "O Brasil e o Arbitramento" — Rio, 1911; "Código Penal Militar", projeto — Rio, 1916; "As estradas de rodagem e o futuro econômico do Brasil" — 1919; "A paz auro péica e as restrições constitucionais do Brasil" — 1919; "A grande guerra e os novos imigrantes" — 1919; "A guerra da Paz" — 1921; "Companhia Brasileira Comercial e Industrial", relatórios — 1927; "O Tratado de Versailles e os alemães no Brasil" — Rio, 1924; "A Nova Europa" — 1924; "Interesses holandeses" — 1927; "Reclamação Suíça" — 1928; "As indústrias de tecidos e as tarifas aduaneiras" — 1925; "A questão do papel" — 1926; "Cargas dinamarquesas" — 1928; "Os atos de guerra e o direito de propriedade dos particulares" — 1929; "O instituto de prescrição e a Grande Guerra de 1914" — 1929; **História:** "A República em Maranhão" — 1890; "Memórias de hum Histórico" — Rio, 1896; "A crise social" — 1898; "Crepúsculo de século" — 1900; "A revolução do vintem" — 1901; "O 10 de Abril" — 1901; "A eleição de Deodoro" — 1902; "O Acre — território? região do Amazonas?" — 1906; "O Tatado de Bogotá" — Rio, 1907; "Atas e atos do Governo Provisório" — Rio, 1907; "Limites com a Colômbia" — 1907; "As cabeceiras do Rio Verde" — 1907; "Limites com o Perú" — Rio, 1910; "Rio Branco" — Rio, 1911; "A revolta da Armada e a revolução rio-grandense" — Rio, 1914; "A Ilusão Brasileira" — Rio, 1917; "Governos e Congressos da República" — S. Paulo, 1917; "Garcia de Abranches, o Censor — O Maranhão em 1822" — S. Paulo, 1922; "Efemérides de família", com seu irmão Abranches de Moura — Rio, 1934; "O golpe de Estado — atas e atos do Governo Lucena"; "Rio Branco íntimo"; "Maranhão de outr'ora"; Personagens da Setembrada"; "CocKrone e Garcia d'Abranches"; "História Internacional do Brasil". **Literatura:** "Literatura Maranhense — Os novos atenienses" — 1897; "Papá Basílio", romance de **Ferreira de Andrade** — Rio, 1898; "As Sertanejas", crítica de arte — 1897; "A Conferência dos Judas", paródia à **Conferência dos Divinos**, de Ferreira Viana — 1898; "Sylvio

Romero" estudo crítico-biográfico — 1899; "Dialogos dos mortos", imitação de Luciano — 1902; "O crime do Congo", trad. de Conan Doyle — 1915; "Cartas..." — Rio, 1934; "A Setembrada", romance-histórico — Rio, 1934; "A viuva Raux", trad. de Anatole France e André Maurois. **Política:** "Acrise da República" — 1897; "Cronicas" — Juiz de Fora, 1898|1900; "Cartas Politicas" — 1898; "Pela Política" — 1899; "A Política" — 1899; "A politica dos governadores — cartas a Rabagas" — 1899; "O Livro Negro" — 1903; "O Livro Verde" — 1903; "O Livro Branco" — 1903; "O Evangelho da República e seus Apóstatas" — 1903; "Entre revoltas e revoluções" — 1903. "Viagens misteriosas" — 1905/1906; "Da Europa" — 1906; "Os escravos brancos da Republica" — 1907; "Do Alèm" — 1915; "A administração da República e a obra financeira do Dr. Rodrigues Alves" — Rio, 1915; "A.B.C. e a politica americana" — 1915; "Em face da guerra" — 1916; "A Alemanha e a Paz" — Rio, 1917; "Candidaturas presidenciais" — 1917; "Cartas americanas" — 1918; "A Presidência Rodrigues Alves"; "A Estinge do Grajaú"; "Obra Parlamentar" — Rio, 1917.

JOSÉ PEREIRA DA **GRAÇA ARANHÃ**, nascido em São Luis a 20/7/1868 e falecido no Rio de Janeiro a 26/1/1931. Bacharel em direito pela Faculdade do Recife, onde foi discípulo de Tobias Barreto. Romancista, dramaturgo e diplomata, fez-se a mais alta expressão dos corifeus do movimento modernista na literatura nacional, a ponto de romper com a Academia Brasileira, onde ocupava a poltrona de Tobias Barreto, pelo fato de não ter querido ela aderir às suas idéias inovadoras. Foi sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras e, com o aumento de seu quadro social efetivo, escolhido para patrono da cadeira n.º 23, fundada por Clodoaldo Cardoso.

Bibl: "Canaã", romance — Rio, 1902; "Malazarte", tragédia — Rio, 1911; "Estética da vida" — 1920; "Viagem maravilhosa" — Rio, 1929; "O meu próprio romance" — Rio, 1931; "Machado de Assis e Joaquim Nabuco", ensaios, "Espírito moderno", conferências e ensaios; "Discurso de recepção a Sousa Bandeira, na Academia Brasileira de Letras."

Mocidade e revolução

— Revolucionário? indagou Teresa.

— Sim. Aqui somos todos. Cada um a seu modo, até Araci, afirmou a mãe. Eu não posso pegar em armas mas sou pela gente que padece dos déspotas. E abençoo estes meninos de coragem, que se bateram em Copacabana, que estão no sul e no norte salvando a vergonha nacional.

A evocação da mocidade heróica emudeceu a todos. Teresa recebeu o ímpeto da revolta contra o despotismo, a ra-

pina e a deshumanidade dos flageladores do país e o seu coração bateu o ritmo da libertação. Ela queria saber mais e mais da agonia do povo e das esperanças de salvação. Manuel respondia-lhe, radiante de se expandir sobre o que era a sua vida :

— Um ano de revolução e o governo, com todo o seu poder, o seu dinheiro, a sua corrupção, não venceu.

— E não vencerá, já concluía Teresa, espantando-se ela própria de sua fé repentina.

O sentimento agira bruscamente sobre a inteligência e criara a convicção precipitada.

— Não vencerá, repetiu entusiasmado Manuel. Pode haver minutos de parada, mas o espírito revolucionário não se detem e não há força que o abate. O impulso vem do fundo da alma nacional e procura reagir contra esta onde de lama, esta infâmia das gentes, que se apossaram do governo para depredar o país, porque neste despotismo a finalidade é locupletarem-se os governantes e toda a rédua que o serve. A revolução vem de longe e é sobretudo uma revolução da mocidade.

— É a sua força e sua beleza, exclamou Vieira, arrebatado pelas palavras de Manuel que prosseguia :

— A mocidade esteve no Brasil longo tempo servil, dando tristes sinais de decrepitude. Ela estava na indolência e formava clientela dos políticos. Não era mais a mocidade desinteressada, que fez a abolição e a república, era uma massa indigente, miserável, viciada pela volúpia e procurando o dinheiro no jogo, nos empregos públicos, nos negócios equívocos. Uma materialidade absoluta unia solidariamente velhos e moços.

— E como a mocidade se transformou nesta legião de loucos, de revolucionários?... Diga, insistia inquieto Teresa.

— A explicação é difícil. O fato é que ela se transformou e o ideal a move e a faz heróica. Talvez a guerra européia despertasse o idealismo universal. Talvez o individualismo desse uma nova afirmação ao homem, que se separou do rebanho, viu por si mesmo e teve horror. No Brasil a mocidade é a revolução contra tudo e contra todos. Já homens moços tem vergonha de servir ao governo. Este sentimento de pejo é o mais vivificador sopro da vida nova do país.

— A revolução está em toda a parte, afirmou Vieira.

ABELARDO SARAIVA DA CUNHA LOBO, nascido em São a 24/1/1869 e falecido no Rio de Janeiro a 12/5/1933. Bacharel em direito pela Faculdade de Recife e doutor pela do Rio de Janeiro. Escritor, jurista e diplomata. Foi juiz de direito em Barra do Corda, Maranhão, e S. José dos Pinhais, Paraná; professor substituto da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro e lente de direito Romano na do Recife. Consul do Brasil em Vera-Cruz (México) e representante da Universidade do Rio de Janeiro nas solenidades do Centenário da Universidade de Buenos Ayres (Argentina) e na Exposição de Tóquio (Japão); delegado do Brasil ao 3.º Congresso Científico Pan-americano de Lima (Perú), de que foi vice-presidente. Doutor "honoris-causa" pelas Universidades de Buenos Ayres e de San Marcos de Lima; Grande Oficial da Ordem do Sol (Perú). Presidente da Sub-comissão Legislativa do Processo Civil.

Bibl. Conferências — "O Direito Romano e seu desenvolvimento na era christã — 1913; "Physiologia do Direito Romano — systole e diastole" — 1915; "Os grandes jurisconsultos romanos, segundo a lei das citações" — 1915; "Centenário do Nascimento de Nascimento de Teixeira de Freitas" — 1916; "Tobias Barreto, professor de direito" — 1918; "Fontes positivas do Direito Ibero-americano — Fuero juzgo ó El Libro de los Juces" — 1921; "Estudos do Direito Romano na Peninsula Ibérica — La Ley de las Siete Partidas del muy noble Rey Don Afonso, el Sabio" — 1921; "Tobias Barreto, jurista, filósofo e poeta" — 1921; "Psychologia Jurídica dos Romanos — Cícero, Savigny e Jhering" — 1921; "O Professor José Léon Suarez" — 1923; "Kant e o Direito" — 1924; "A Universidade Maior de San Marcos de Lima" — 1925; "O ensino do Direito no meu tempo" — 1926; "A Academia no meu tempo" — 1927; **Discursos** — "1.º Centenário da Universidade de Buenos Ayres" — 1921; "Discurso proferido pelo representante de todas as delegações estrangeiras à comemoração do 1.º Centenário da fundação da Universidade de Buenos Ayres" — 1921; "III Congresso Científico Pan-americano de Lima" — 1924; "Ao Presidente da Sétima Secção do Congresso" — 1924; **Livros** — "Curso de Direito Romano" — Rio, 1931; "Sentimento e ação" — Rio, 1934. **Textos** — "O Direito Brasileiro vigente na época da Independência" — 1922; "Memória apresentada ao Congresso" — 1924; "O ensino jurídico" — 1927. Deixou ainda uma série de estudos jurídicos na imprensa e algumas poesias assinadas por Paschoal Lenhard.

AUGUSTO TASSO FRAGOSO, nascido em São Luís a 28/8 /1869 e falecido no Rio de Janeiro a 20/9/1945. General do Exército; engenheiro militar e bacharel em matemática e ciências físicas e naturais. Historiador, geodesta, sociólogo e astrónomo. Foi Adido Militar na Argentina; Diretor da Intendência de Obras da

Prefeitura do Distrito Federal; Diretor do Material Bélico; Chefe da Casa Militar do Pres. Wenceslau Braz; Chefe do Estado Maior do Exército; Juiz do Supremo Tribunal Militar; e membro da Junta Governativa que em 1930 depoz o Presidente Washington Luís. Eleito deputado federal à Constituinte de 1891, na aceitou. Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão; sócio benemérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (cadeira n.º 31, patrocinada pelo Mal. José Bernardino Bormann); patrono da cadeira n.º 36 da Academia Maranhense de Letras.

Bibl: "Obras" — 1899; "Os mestres da Guerra", tradução de Rousset — Rio, 1901; "A Batalha do Passo do Rosario" — Rio, 1922; "Historia da Guerra entre a Triplíce Alliança e o Paraguay" 5 volumes) — Rio, 1934; "A Paz com o Paraguay depois da Guerra do Triplíce Aliança", separata do Revista de I.H.G. Brasileiro, vol. 174 Rio, 1941; — "A Revolução Farroupilha"; "Determinação da hora por alturas correspondentes de estrelas diversas"; "Problema da pólvora no Brasil"; "Methodo de Schneiber"; "Franceses no Rio de Janeiro".

AGOSTINHO RAIMUNDO GOMES DE CASTRO, nascido no Maranhão. General do Exército; militar e escritor.

Bibl: "A Patria Brasileira" — Rio, ...; "A Logica" — Rio, 1909; "As raças humanas" — Rio, 1925; "O Positivismo".

MANUEL JANSEN FERREIRA, nascido no Maranhão em 1865 e falecido no ano de 1925. Orador, professor e editor.

Bibl: "Noções de Corografia do Maranhão".

FÁBIO HOSTILIO DE MORAIS RÊGO, nascido no Maranhão. Engenheiro e publicista.

Bibl: "Breve noticia sobre a provincia do Maranhão" — Rio, 1875; "Ligeiro estudo sobre o estado economico e industrial do Maranhão" — Rio, 1877.

ANTÔNIO AUGUSTO RODRIGUES, nascido no Maranhão. Professor e publicista.

Bibl: "Lições de Geografia, especialmente do Brasil" — S. Luis, 1876; "Lições de Historia Santa" — S. Luis, 1887.

ANA OLIVEIRA SANTOS, nascido no Maranhão. Poetisa; usava o pseudônimo de Papillon Bleu.

Bibl: "Acordes" — S. Luis, 1899.

SOFIA SÁ DE SOUSA, nascida no Maranhão. Escritora, versada em literatura alemã.

Bibl: "Os bandidos", tradução de Schiller — S. Luis, 1900.

E mais Júlio Maria Sena de Freire (1849/1895), médico, poeta e publicista; Francisco Frutuoso Ferreira (1850/?), poeta; Domingos Almeida Martins Costa (1851/1891), médico, professor e autor de várias obras científicas, membro da Academia Nacional de Medicina; Caetano César de Campos (1852/1920), engenheiro e litera-

to; José Viana Vaz (1852/1922), advogado, publicista, parlamentar e magistrado, o primeiro diretor da Faculdade de Direito do Maranhão; Leopoldo Damasceno Ferreira, cônego (1858/1906), orador sacro, poeta e professor; Eusébio de Almeida Martins Costa (1858/1918), médico, professor e autor de livros científicos; José Eulálio da Silva Oliveira, general (1859/1917), engenheiro, matemático, professor da Escola Militar e publicista; Teodoro da Silva Baima (1862/1918), médico, professor, bacteriologista e autor de obras científicas; Manuel Jansen Muller (1862/1922), professor e economista; Arão Araruama do Rêgo Brito (1864/1922), magistrado, juriconsulto e professor; João Francisco Gromwell (1865/1901), jornalista e cronista, usava o pseudônimo de Jamegão. Ainda, Adelina Teixeira Mendes, poetisa; Alberto Couto Fernandes, filólogo, autor de vários trabalhos sobre a lingua internacional — Esperanto; Alfredo Bandeira Hall, médico e professor ("Gramatica Inglesa"); Alfredo Gabriel de Morais Rego, matemático e publicista; Ana da Silva Freire; Antônio Cândido de Morais Rêgo, matemático e publicista, Antonio Machado, Antônio de Sousa Rubim, jornalista; Apolonia Pinto, poetisa — a maior artista do teatro nacional — a seu tempo Artur Pereira; Augusto César Lopes Gonçalves, historiógrafo ("O Amazonas — esboço histórico e corográfico"); Carlos de Morais Rêgo; Carlos Vitruvius Accioli Lobato; Cipriano de Sousa Freitas, médico e publicista; Eduardo Ribeiro; Felicíssimo Rodrigues Fernandes, médico, professor e publicista; Felipe Duarte; Francisco da Cunha Machado, magistrado e juriconsulto; Hastínfilo de Moura, general, historiógrafo, sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras; Henrique Alves de Carvalho, crítico, jornalista e parlamentar; Hugo Barradas; Isaac Martins, professor e jornalista ("O Norte", da Barra do Corda); João Afonso do Nascimento (Joafnas), brilhante jornalista e cronista elegante ("O Malho"; "Jornal Para Todos"); Joaquim Pinto Lisboa; José Gregório dos Reis; José Manuel Garcia, professor e publicista; José Pereira Leite; Libânio Vale; Montrose Miranda; Pedro Freire; Napoleão Lobo; Raimundo do Amorim Figueira, oficial do exército, publicista e parlamentar; Raimundo Capela; Raimundo Vieira Nina, etc.

CAPITULO VI

Século XX: o ciclo de 1894 a 1932. O decadentismo; a reação local para restabelecer, no Maranhão, os fóros de Atenas Brasileira. A Academia Maranhense de Letras.

— • —

Este primeiro ciclo do século XX, o quarto da literatura própria do Maranhão, e que será o penúltimo do nosso estudo, caracteriza-se, essencialmente, pela reação local que se esboça, e mesmo se efetiva, embora efêmera, para restabelecer em São Luis um clima intelectual, à sombra das glórias de um século antes, que permita, aos novos, conservar para a terra, e na terra, a fama de Atenas Brasileira que aqueles maiores para ela haviam conquistado e que, com a emigração em massa dos literatos do terceiro ciclo, havia se ensombrecido. Este, sim, o característico essencial, porque no mais é simples prolongamento do ciclo anterior, apenas a inclinação simbolista predominando sobre as vocações poéticas.

O Maranhão não era mais aquêlê centro humanístico onde haviam pontificado um Timon e um Sotero, e tão pouco os seus grandes poetas do momento revelavam, como Odorico Mendes e Gonçalves Dias, o desejo nostálgico de virem dormir o último sono **sob as palmeiras onde cantam os sabiás!** Adelino Fontoura, Teófilo Dias, Hugo Leal, Aluizio Azevedo, Euclides Faria, Teixeira de Souza, Coelho Neto, Artur Azevedo, Nina Rodrigues, Teixeira Mendes, Graça Aranha, João de Deus, todos se haviam ido de uma vez para sempre e já haviam morrido alguns, ou morreriam todos, em terras estranhas, sem nunca pensarem em voltar ao berço natal — eram essencialmente literatos nacionais!

Contra isso é que se juntou e levantou a mocidade da nova geração.

Diz Antônio Lobo, em "Os Novos Atenienses", que seria mais acertado contar êste ciclo a partir de 1899, ano em que a passagem

de Coelho Neto, por São Luis, deu ensejo a uma ocorrência que, a seu ver, marcou definitivamente a hora inicial do movimento de reação: foi a homenagem prestada ao **príncipe dos prosadores brasileiros** no dia 8 de junho dêsse ano. O brinde de honra, no banquete que lhe foi oferecido, foi feito por um dos poucos sobreviventes daquela plêiade de genuínos atenienses, si não o único sobrevivente — Sousândrade; e **houve alguém que visse, palpitante de entusiasmo, o símbolo grandioso de duas gerações literárias que se dessem as mãos, por cima dos anos tristes de decadência mental que entre uma e outra se cerravam, para depois, unidas e fortes, prosseguirem na tarefa nobre do restabelecimento dos créditos mentais da terra feliz que lhes serviu de berço.** E conclui Lobo: **data com efeito, da passagem de Coelho Neto pelo Maranhão, o início da vigorosa e promissora renascença literária que de presente assistimos.**

Neste ou naquele ano — 1894 ou 1899, o início está mais ou menos fixado no tempo, identificado com o lançamento dos "Frutos Selvagens", de Xavier de Carvalho, ou com a passagem de Coelho Neto pelo Maranhão. Difícil, si não impossível, marcar-lhe o término. É que, arrefecido aquele entusiasmo, a reação foi se enfraquecendo gradativamente, insensivelmente, até desaparecer de todo, após a morte de Antônio Lobo, em 1916, e a ida para a Europa de Fran Paxeco, em 1923, êles os dois maiores paladinos da causa. À falta de uma data, um fato literário preciso e de maior repercussão, vamos marcar-lhe o fim no ano de 1932, quando aqui se fundou o Cenáculo "Graça Aranha"; não que essa sociedade literária dos moços da geração seguinte tenha desempenhada um papel mais saliente ou duradouro na história da evolução de nossas letras provinciais, mas simplesmente porque já identificada com a chamada escola modernista.

Reuniram-se, os primeiros **novos atenienses**, como chamou Lobo aos seus contemporâneos e companheiros, em torno de Manuel de Bethencourt, o velho mestre português que se naturalizara brasileiro e era, então, lente de Filosofia no Liceu Maranhense; e êle procurava, prazerosamente, orientá-los, falando-lhes de Tolstol, de Dostoiéwsky, de Gogol, de Tourguenef, de Zola, de Comte, de Spenser, de Mill, e Ardigó, ouvindo-lhes os primeiros ensaios, respondendo-lhes ás inquirições, aconselhando-os, incentivando-os. E três periódicos tentaram, infrutiferamente, transmitir ao público o entusiasmo e os propósitos dos moços: "O Século", a "Filomatia" e "O Estudante". Todos fracassaram e cedo, transferindo-se Bethencourt para o Amazonas e idos muitos dêsses seus discípulos para os cursos superiores fóra do estado, desfez-se o primeiro impulso.

Desfez-se para reaparecer imediatamente, com maior vigor, animado pela figura brilhante, inquieta e dinâmica de um outro português que em boa hora veio dar a nossa terra e que se deixou apaixonar pelo Maranhão — Fran Paxeco. O lugar de Benincourt, entretanto, foi ocupado pelo Cônego Damasceno Ferreira, piauiense de nascimento. Pedro Nunes Leal, um outro remanescente da velha guarda, acorreu a ajudá-los no governo dos espíritos moços que, por sua vez, eram liderados por Antônio Lobo. Ribeiro do Amaral, Justo Jansen, Barbosa de Godois, José Augusto Corrêa e o piauiense Clodoaldo Freitas, também comungaram com os jovens.

E o renascimento se fez, promissor e vigoroso; mas, infelizmente, não tanto vigoroso que cedo não se viesse a arrefecer.

O "Centro Caixaerial", que a febre de entusiasmo do momento fizera aparecer para instrução dos rapazes pobres do comércio, foi o local obrigatório de uma série de conferências literárias proferidas, geralmente, pelo novos intelectuais, e, também, a fonte originária de não pequena quantidade de sociedades culturais que então se fundaram: "Oficina dos Novos", "Renascença Literária", "Grêmio Literário Maranhense", "Cooperação Sotero dos Fieis", "Clube Nina Rodrigues", "Grêmio Odorico Mendes" — mais tarde apareceriam outras como a "Sociedade Literária Barão do Rio Branco" e a "Távola do Bom Humor". "Os Novos", "A Atualidade", "A Renascença", a "Revista do Norte", a "Nova Atenas", foram órgãos dessa sociedades, de existência tão efêmera quanto elas próprias.

E, finalmente, começaram a aparecer os primeiros livros dos **novos**: "Minaretes", de Viriato Corrêa, "A vida maranhense", de Astolfo Marques, "Rosas", de Alves de Farias, "Pâmpanos", de A. Costa Gomes, "A carteira de um neurastênico", de Lobo, "Protofonias", de Inácio Raposo, "Papéis velhos", de Maranhão Sobrinho, "Harpas de fogo", de Corrêa de Araujo, "Poesias", de Vieira da Silva, e, principalmente, "Frutos Selvagens", de Xavier de Carvalho, cujo aparecimento, para Reis Carvalho, marca o início do movimento de renascença, e "Mosaicos", de Domingos Barbosa, que ela considera o livro característico da ciclo.

Dos nomes maiores desta fase, é de se ressaltar inicialmente, entre seus poetas, o de Catulo, bardo popular que o foi mais do que nem um outro no Brasil, em qualquer tempo, e que vindo, pela idade, do ciclo anterior, só brilhou neste segundo, e não logo no começo, passando antes, ainda no máximo de sua fama e glória, ao seguinte, o atual; entretanto, foi ainda, e essencialmente, um poeta nacional, vivendo sempre no Rio de Janeiro e completamente desligado do Maranhão. Si se pode falar de uma escola sertanista na poesia brasileira, Catulo da Paixão Cearense, que

Coelho Neto disse ser **um gênio agreste, um caso único na Poesia Brasileira**, será incontestavelmente o seu chefe. Belmiro Braga resume a sua crítica à resposta monossilábica a uma pergunta por si mesmo formulada: **Maior do que Catulo? Ninguém.**

Não tendo, é fato, obtido sequer, até hoje, a inclusão de seu nome nos compêndios de literatura nacional, Maranhão Sobrinho, que enumeramos em segundo lugar entre os nossos poetas de então, foi por certo, como poeta, maior que o cantor do "Luar do Sertão", que antes deverá ser considerado um inspirado seresteiro, e, por isso mesmo, ainda está a exigir aquele, dos maranhenses, que lhe façam a justiça devida, para que, conhecendo-o, a façam também os demais brasileiros. Do tipo clássico do boêmio, é romântico, é parnasiano e é simbolista, ao sabor da **inspiração do momento**, di-lo Antônio Lobo. De uma fecundidade quase assombrosa, Maranhão Sobrinho, que morreu aos trinta e seis anos, deixou poesias que se contam às centenas, algumas desperdiçadas na pedra das mesas de botequins. Só os seus maravilhosos sonetos são mais de trezentos!

Distinguem-se ainda, na poesia, Corrêa de Araújo, de quem disse Lobo, comparando-o ao anterior: **não vivesse hoje, entre nós, o Corrêa de Araújo, e ele** (Maranhão Sobrinho) seria, **incontestavelmente, o "primus inter pares"**. E mais Xavier de Carvalho e Aluizio Porto, dois soberbos sonetistas, Vespasiano Ramos como Maranhão Sobrinho um grande boêmio e um grande poeta, Ulpiano Brandão e, um pouco mais novos, Manuel Sobrinho, Assis Garrido e Carlos Alberto. **Um grande poeta nos nasceu, e, o que é mais, uma raridade nacional, um Poeta épico. Alviçarasi**, foram as palavras com que Afrânio Peixoto sandou o aparecimento de "Os Brasileidas", dêsse último, em 1931.

Dentre os prosadores, agiganta-se aos nossos olhos, à frente de todos, a figura de Humberto de Campos, dono de uma pena cintilante e que dispensa qualificativos ou transcrições críticas, mesmo porque a sua lembrança ainda está viva em nossa memória e que, sem favor,, é a expressão máxima do ciclo sob todos os aspectos — prosador e poeta êle foi. Completam a constelação em que fulgiu como estrela de primeira grandeza: Viriato Corrêa, hoje em dia o único representante vivo de Atenas na Academia Brasileira de Letras; Antônio Lobo, indiscutivelmente o chefe do movimento de renascença; Domingos Barbosa que Medeiros e Albuquerque reconheceu e proclamou ser **um contista excelente, que tem brilho e tem emoção**; Raúl Azevedo, Astolfo Marques, Luso Tôrres, Godofredo Viana e Astolfo Serra, êste bem mais novo que os outros.

Duas figuras que merecem especial destaque, embora tenham sido mais homens de ciência que de letras, são Raimundo Lopes e Aquiles Lisboa.

Antes de encerrarmos esta rápida exposição preliminar deste capítulo, deixemos registrada a fundação, a 10 de agosto de 1908, da Academia Maranhense de Letras, em que se acabou por se transformar a Oficina dos Novos, ressaltando, no cometimento, as figuras ímpares de Antonio Lôbo e Fran Paxeco, seus criadores. Foram-lhe os fundadores efetivamente, não se contando nesse número os que além destes os Estatutos primitivos assim mandaram considerar, os seguintes: Clodoaldo Freitas, Antônio Lôbo, Godofredo Viana, Ribeiro do Amaral, Barbosa de Godois, Domingos Barbosa, Fran Paxeco, Xavier de Carvalho, Asolfo Marques, Alfredo de Assis Corrêa de Araújo e Vieira da Silva.

Eis o quadro atual do mais alto sodalício literário do Maranhão, com todos os seus patronos e todos os seus sócios efetivos:

Patronos	Academicos Antecessores	Academicos atuais
1 Almeida Oliveira	Barbosa de Godois	Luís Carvalho
2 Aluizio Azevedo	Domingos Barbosa	Fernando Viana
3 Artur Azevedo	A. Costa Gomes	Assis Garrido
	J. Costa Gomes	Luís Rêgo
4 Cândido Mendes	Justo Jansen	Lago Burnet
5 Celso Magalhães	Fran Paxeco	Luso Tôrres
6 Frederico Corrêa	—	Alfredo de Assis
7 Gentil Braga	—	Jerônimo de Viveiros
8 Gomes de Sousa	A. Vieira da Silva	Mário Meireles
9 Gonçalves Dias	Xavier de Carvalho	Costa Fernandes
	Catulo Cearense	Nascimento Morais
10 Henriques Leal	Astolfo Marques	—
	Luís Domingues	
11 João Lisbôa	Ribeiro do Amaral	
12 Joaquim Serra	Clodomir Cardoso	
13 José Cândido de Morais	Almeida Nunes	Fernando Perdigão
	Clarindo Santiago	
14 Nina Rodrigues	Antonio Lopes	Odilon Soares
	Antonio Lôbo	Silvestre Fernandes
	Aquiles Lisboa	Vieira Filho
15 Odorico Mendes	Godofredo Viana	Mata Roma
16 Raimundo Corrêa	Corrêa de Araújo	Astolfo Serra
17 Sotero dos Reis	José A. Corrêa	
18 Sousândrade	Clodoaldo Freitas	

19	Teófilo Dias	Maranhão Sobrinho	Manuel Sobrinho
20	Trajano Galvão	Barros e Vasconcelos	—
21	Maranhão Sobrinho	Raimundo Lopes	Isaac Ferreira
22	Humberto de Campos	Ribamar Pinheiro Corrêa da Silva	José Sarney
23	Graça Aranha	—	Clodoaldo Cardoso
24	Coelho Neto	—	Joaquim Dourado
25	Sá Viana	Oliveira Romra	Raul de Freitas
26	Antonio Lôbo	—	Laura Rosa
27	Dias Carneiro	Sousa Bispo	Arnaldo Ferreira
28	Vieira da Silva (L. A.)	—	Carvalho Guimarães
29	Franco de Sá (Felipe)	—	Rubem Almeida
30	Teixeira Mendes	—	Alarico da Cunha
31	Raimundo Lopes	—	Josué Montelo
32	Vespasiano Ramos	—	Mariana Luz
33	Pedro Nunes Leal	—	Viriato Corrêa
34	João de Deus do Rêgo	—	Serra de Castro
35	César Marques	—	Raul Azevedo
36	Tasso Frágoso	—	Bacelar Portela
37	Xavier de Carval- ho	—	Ribamar Pereira
38	Adelino Fontoura	—	Franklin de Oliveira
39	Gomes de Castro (A. O.)	—	Pedro Braga Filho
40	Dunshee de A- branches	—	Joaquim Luz

Convem ressaltar que a Academia, quando fundada, o foi só com vinte poltronas, progressivamente aumentadas, por várias reformas do Estatuto, até o clássico número de quarenta, fixado pelo diploma de 1946.

Passemos, por fim, ao registro bio-bibliográfico dos que integram este penúltimo ciclo da história literária do Maranhão, a maioria deles ainda viva e á testas, aqueles que se deixaram ficar na terra, do movimento renovador que mais uma vez anima os moços de Atenas — os novíssimos atenienses, si assim os podemos chamar.

CATULO DA PAIXÃO CEARENSE, nascido em São Luís a 8/10/1863 e falecido no Rio de Janeiro a 10/5/1946. Poeta sertanista e trovador popular; violonista e cancionista. Era datilógrafo do

Ministério da Viação. Foi o segundo ocupante da cadeira de Gonçalves Dias (n. 9) na Academia Maranhense de Letras.

Bibl: "Cancioneiro popular de modinhas brasileiras" — Rio, 1900; "Lira brasileira" — Rio, 1908; "Poesias populares" — Rio, 1909; "Novos cantares" — Rio, 1909; "Sertão em flor" — Rio, 1919; "Meu sertão" — Rio, 1919; "Poemas bravios" — Rio, 1912; "Alma do sertão" — Rio, 1928; "Mata iluminada" — Rio, 1928; "Fábulas e alegorias" — Rio, 1934; "O sol e a lua" — Rio, 1934; "Um boêmio do céu" — Rio, ; "Meu Brasil" — Rio, ; "Testamento da árvore" — Rio, ; "Um caboclo brasileiro"; "O milagre de S. João"; "Aos pescadores"; "Oração à Bandeira".

O luar do sertão

Estrilho: Não há, ó gente, ó não,

Luar como êsse do sertão!

Ó, que saudade
do luar da minha terra,
lá na serra,
branquejando folhas secas
pelo chão!
Este luar, cá da cidade,
tão escuro,
não tem aquela Saudade
do luar
lá do sertão.

Se a lua nasce
por detrás da verde mata,
mais parece
um sol de prata,
prateando
a solidão!
E a gente pega na viola
que ponteia
e a canção
é a lua cheia
a nos nascer do coração!

Quando vermelha,
no sertão,
desponta a lua,

dentro d'alma,
onde flutua,
também,
rubra,
nasce a dôr!
E a lua sobe...
E o sangue muda
em claridade!...
E a nossa dôr
muda
em saudade...
branca...
assim...
da mesma
côr !!!

Ai!... Quem me dera
que eu morresse lá na serra,
abraçado a minha terra,
e dormindo de uma vez!
Ser enterrado
numa gruta pequenina
onde, à tarde,
a sururina
chora a sua viuvez!

Diz uma trova
Que o sertão todo conhece,

que, se à noite,
o céu floresce,
nos encanta e nos seduz,
é porque rouba dos sertões
as flores belas
com que faz essas estrelas
lá do seu jardim de luz!

Mas como é lindo ver,
depois,
por entre o mato,
deslizar,
calmo,
o regato
transparente como um véu,
no leito azul das suas águas,
murmurando,
ir, por sua vez,
roubando
as estrelas
lá do ceu!

A gente fria
desta terra,
sem poesia,
não se importa com esta lua,
nem faz caso do luar!
Enquanto a onça,
lá na verde capoeira,
leva uma hora
inteira,
vendo a lua,
a meditar!

Cóisa mais bela neste mundo
não existe,
do que ouvir
um galo triste,

no sertão se faz luar! !
Parece até que a alma da lua
é que descanta,
escondida
na garganta,
dêsse galo,
a soluçar!!

Se Deus me ouvisse
com amor
e caridade,
me faria
esta vontade
— o ideal do coração.
Era que a morte,
a descantar,
me surpreendesse,
e eu morresse
numa noite
de luar,
no meu sertão!!

.....
E quando a lua surge em noites
estreladas,

Nestas noites enluaradas,
Em divina aparição,
Deus faz cantar o coração da
Natureza

Para ver toda a Beleza
do Luar do Maranhão!

(CATULO)

ANTONIO FRANCISCO LEAL LOBO, nascido em São Luís a 4/7/1870 e falecido na mesma cidade a 24/6/1916. Jornalista, polemista, romancista, professor, poeta, crítico e orador — um grande jornalista e um grande tribuno. Foi Oficial de Gabinete do Governo; professor da Escola Normal e do Seminário das Mercês; Diretor do Liceu, da Instrução Pública e da Biblioteca Pública, tudo

no Maranhão. O principal incorporador da União Estudantil "Silvio Romero" e fundador, com Fran Paxeco, da Academia Maranhense de Letras! Colaborou em "O Século", a "Filomatia", "Revista Elegante", "Federalista", "Diário do Maranhão", "A Cruzaria", a "Pacotilha", redigiu "A Tarde" e fundou a "Revista do Norte". Membro honorário de todas as sociedades culturais ou literárias do Maranhão de seu tempo, fundou, na Academia Maranhense, a cadeira n.º 14, sob o patrocínio de Nina Rodrigues e, com o aumento das poltronas do sodalício, foi escolhido para patrono da de n.º 26, criada por Laura Rosa.

Bibl.: "A Biblioteca do Maranhão em 1900", relatório — São Luís, 1901; "Debalde", romance traduzido de Sienkiwicz e antes publicado em folhetim da "Revista do Norte" — S. Luís, 1901; "O juiz sem juízo", comédia traduzida de Bisson, com Fran Paxeco; "A carteira de um neurastênico", romance antes publicado em folhetim da Revista do Norte, sob o pseudônimo de Jaime Avelar — S. Luís, 1903; "Henriqueta", tradução de François Coppée, no rodapé do "Diário do Maranhão" — 1893; "Positivismo e micróbios" — S. Luís, 1908; "A doutrina transformista e a variação microbiana", ensaio — S. Luís, 1909. "Os novos atenienses" — S. Luís, 1909; "Pela rama", crônicas — S. Luís, 1912; "A Política maranhense", obra póstuma, — S. Luís, 1919. Deixou, ainda, um "Relatório apresentado ao Sr. Governador do Estado do Maranhão, Dr. João Gualberto Torreão da Costa" — (S. Luís, 1899) e, inéditos, "Retalhos da vida" (contos), "Comentos e opiniões" (crítica), "Ensaíos de Lógica", e planejava, ao morrer, o romance "A cidade eterna" e reunir suas conferências às de Domingos Barbosa e Antônio Lopes num volume que se intitularia "A flor dos lábios".

O canto de cisne...

O *Semanario Maranhense* (1867-68) foi o canto de cisne da brilhante geração literaria que, em meados do século findo, no Maranhão viveu e trabalhou, explorando, com maestria e fulgor, quasi todos os variadissimos departamentos da produção mental. Nesse periodico colaboraram todos os espiritos superiores da epoca, não só os que já vinham do passado, tomando parte ativa nos movimentos anteriores, como também os que posteriormente haviam surtido para as letras, e que ainda se achavam, portanto, na fase incipiente dos ensaios e das tentativas, por onde naturalmente se estrelam todos aqueles que o mundo da publicidade literaria, desde os primeiros anos, sugestionalmente atrae.

Assim é que, ao lado de Sotero dos Reis, de Souza Andrade, de Marques Rodrigues, de Antônio Henriques, de Ce-

sar Marques, de Gentil Braga, de Joaquim Serra, figuravam os nomes de Heraclito Graça, de Martins Costa e de Celso de Magalhães, este ultimo talhado, pela excelencia do seu espirito, pela precocidade da sua cultura, e, sobretudo, pela orientação superior que lhe norteava a atividade mental, para ocupar um posto de honra na literatura do seu paiz, se a morte o não houvesse desgraçadamente colhido, em plena mocidade, quando dispunha os materiais para os seus sonhados trabalhos futuros sobre o nosso folk-lore, trabalhos de que ainda nos conseguiu legar riquissimas e promissora samostras.

Dezapparecido O semanario, toda a brilhante colmeia debandou, disseminando-se os seus operarios por diversos rumos, ao saber das inevitaveis exigencias da vida, que sobre cada um deles se faziam de modo diferente sentir. A morte, em breves, fulminou diversos, e os sobreviventes ou emigraram para a capital do paiz, em busca de posições mais vantajosas, ou se deixaram esterilizar e abover por cojitações de ordem pratica, totalmente infensas ás suas preocupações de outras eras.

Começou então para o Maranhão essa tristissima e calijinosa noite, em que, por tão longo tempo, viveram imersas as suas letras, noite cortada, por vezes, pelo clarão fujidio de algum astro errante, que para logo se ia eclipsar na morte, ou perder-se na distancia a que era impellido pelas inelutaveis fatalidades da sua trajetoria.

Pouco a pouco se foram obliterando as reminiscencias das epocas fecundas do pasado, e o espirito publico, dezabituaado ao espetaculo dos torneios literarios e inspirando-se no criterio daqueles que apenas viam, no cultivo dezinteressado das letras, uma simples diversão de ociozos e de pelintras, começou insensivelmente a criar entre nós uma atmosfera pronunciadamente hostil a todo e qualquer trabalho de semelhante natureza. As raras tentativas de reação contra esse estado de coizas, que, de quando em vez, a medo apontavam, viam-se irremediavelmente condenadas ao fracasso, por falta absoluta de repercussão alentadora no meio social em que se produziam. E os seus promotores, ante a barreira inexoravel da indiferença publica, indiferença, em alguns cazos, transformada até em aggressão, exercida por certos orgãos de publicidade, ou dezanimavam de vez, submetendo-se ás injunções de que eram alvo e indo engrossar as fileiras dos homens praticos incenzados pela opinião, ou então, quando sentiam as espinhas rebeldes aos salamaleques requeridos, emigravam da provincia, indo levar a outras mais afortunadas o concurso preciozo dos seus talentos e da sua atividade. Ainda,

em 1831 quando Aluizio Azevedo publicou *O mulato*, houve um jornal maranhense que, por entre apódos e agressões, lhe deu de conselho que trocasse a pena por um sacho e fosse capinar roças no interior. "A lavoura, meu bruto, que de braços para a lavoura é que andamos carecendo", clamava irado o foliculario indijena, guindado a patrono do algodão e do arroz. E o jornal que assim maltratava o artista maranhense, cuja estréa era acolhida com palmas e flores por toda a imprensa do Sul, e que é hoje, indubitavelmente, uma dos nomes mais gloriosos e nobres da literatura brasileira, ostentava — como bem o frizou Coelho Neto — no seu cabelhaço, em letras gordas e berrantes, este titulo incrível: *A civilização...*

Não nos compete agora assinalar aqui todas as tentativas operadas, depois da morte do *Semanario Maranhense*, em prol do nosso reergulmento mental. Semelhante empreitada, além de perfeitamente dispensavel pelo escopo do presente trabalho, que não e, de modo algum, historiar essas reações isoladas e infrutíferas contra o prolongado estado de apatia das nossas letras, mas apenas registrar a faze atual a que chegamos, finando-a, tanto quando possível, aos seus antecedentes imediatos, ficaria, se a tentássemos, fatalmente incompleta, a mingoa de dados precisos e exatos em que se pudesse firmar. Basta-nos, pois, deixar assinalado que vida literaria local absolutamente a não tínhamos e que, se continuavamos condignamente representados, na cultura geral brasileira, não era absolutamente pelo que aqui fazíamos, e sim pelo que na capital do paiz operavam escritores maranhenses, muito cedo emigrados da terra natal, em busca de campo mais propicio ás multiplas expansões da sua actividade espirítua. Erani esses os depositarios fieis das nossas tradições, os continuadores imperturbitos da grande obra do nosso passado, os herdeiros directos do nosso nome literario, os únicos que nos asseguravam ainda incontestado direito ao resaçante cognome de *Athenas brasileira*. Não fossem os seus trabalhos, na imprensa e no livro, não fossem as continuadas e brilhantes exteriorizações do seu vigor cerebral, e *Athenas* para nós se teria transformado de vez numa triste *Babilonia de exilio*, a cujos saigueiros se balouçariam, emudecidas para sempre, as líras de ouro dos nossos poetas, cujos acordes inspirados tao alto haviam erguido outrora o nome da terra maranhense".

LEOPOLDO AUGUSTO DE SOUSA, nascido em São Luis a 4/2/1871 e falecido a 23/6/1897. Funcionário postal em Belém do Pará. Jornalista e poeta.

Bibl: "Sombras", poesias — 1890.

ARTUR DE SOUSA LEMOS, nascido no Riachão a 1/4/1871. Bacharel em direito pela Faculdade de Recife, foi promotor público em sua terra natal, Procurador Fiscal do Tesouro Estadual do Pará, Consultor Jurídico do Ministério da Viação e catedrático de Direito Constitucional na Faculdade de Direito do Pará. Deputado estadual e federal e senador pelo Pará. Parlamentar, jurista e poeta.

Bibl: "Questões sociais. Direito e economia" — Rio, 1918; "Cecyinha", sonetos — Rio, 1928; "Artur Lemos. Consultor Jurídico do Ministério da Viação. Pareceres" — Rio, 1921.

JOÃO PARSONDAS DE CARVALHO, nascido em Riachão e falecido em Imperatriz a 20/7/1926. Autodidata, espírito brilhante e estudioso sertanista. Foi colaborador da "Pacotilha", no Maranhão, e do "Jornal do Comércio", no Rio. Era sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras e fundador da cadeira n.º 12 (Faula Ribeiro) do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão.

Bibl: "A Amazonia — do Tartarugal ao Gurupy"; "A Amazonia — do Gurupy ao Balsas"; monografias na Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (1901). Pretendia, ao morrer, a publicação de um sistema filosófico, em sete volumes, e muitos lhe atribuem a autoria de "O Sertão", publicado sob a responsabilidade de sua irmã Carlota Carvalho.

JOSÉ DOMINGUES DA SILVA, nascido em Turiaçu a 31/5/1871 e falecido em São Luis a 7/9/1946. Engenheiro pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro; foi diretor da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte e da Estrada de Ferro S. Luis — Teresina. Jornalista e publicista; presidente e sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, onde ocupava a cadeira n.º 24, de Enes de Sousa. Colaborou assiduamente em quasi todos os jornais de S. Luis de seu tempo.

Bibl: "Problemas maranhense" — S. Luis, 1923; "O alto Turi" — S. Luis, 1926; "O ouro do noroeste do Maranhão", conferência — S. Luis, 1933.

INÁCIO XAVIER DE CARVALHO, nascido em São Luis a 26/8/1871 e falecido no Rio de Janeiro a 17/5/1944. Bacharel em direito pela Faculdade de Recife, foi Juiz Substituto Federal no Maranhão. Magistrado, professor, jornalista e poeta — um notável sonetista. Fundou, na Academia Maranhense de Letras, a poltrona n.º 9, de Gonçalves Dias, e com o aumento das cadeiras do

sodalício foi escolhido para patrono da de n.º 37, fundada pelo poeta Ribamar Pereira.

Bibl: "Frutos selvagens" — S. Luis, 1894; "Missas Negras" — S. Luis, 1902.

Para traz

Quando um dia eu parti da alegre Ermida
Das minhas puras illusões da Infancia,
Esta alma toda a transpirar fragrança,
Nem presentio os transees da partida...

Andel... Um dia, a estremecer com ancia,
Pondo os olhos na estrada percorrida,
Vi meus Sonhos cahindo de vencida,
Apagados nas brumas da distancia...

E eu quiz ir para traz, num doudo assomo...
Ah! mas toda a extensão da estrada incalma
Via-a entulhada por montões de escombros...

— Queres voltar, meu coração, mas como?
Se tens tantos Vesuvios dentro d'alma
E um milhão de Termópilas nos hombros?

("Missas Negras" — X. de Carvalho)

ALUIZIO DA SILVA PÓRTO, nascido em São Luis a 20/9/1872 e falecido no Rio de Janeiro a 23/1/1893. Poeta e jornalista — também um dos nossos mais notaveis sonetistas. É considerado o precursor do movimento de reacção que caracteriza êste ciclo literário do Maranhão.

Bibl: "Poemas do coração", obra póstuma — S. Paulo, 1928.

Arrependida

Eu te chamei num verso — estrela da alvorada,
Da estética na forma, artista e sonhador;
E tu balbuciaste em certo mau humor:
"Não quero ser estrela, a estrela é desolada".

Num doce madrigal, num cântico de amor,
Eu te chamei também — camélia descorada,
Bem juntinho de mim, vivendo descuidada.
E tu achaste o verso lindo, e fotse aquela flor...

Havia um certo "chic", um quê de donairoso,
Romântico, ideal, poético, formoso,
Em ser aquela flor palidamente bela...

Mas hoje que tu vês que vou cindir os mares,
Que vai seguir-me a estrela errante pelos ares,
Tu te arrependes, flor... e queres ser estrela!

(Aluizio Porto)

DOMINGOS DE CASTRO PERDIGÃO, nascido em Pinheiro a 1/11/1872 e falecido em São Luis a 5/1/1929. Funcionário público estadual; foi Diretor da Biblioteca Pública e representante do Maranhão à Exposição Nacional de 1908; um dos fundadores da Faculdade de Direito do Maranhão que lhe conferiu o título de doutor "honoris causa". Criou, no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, a cadeira n.º 22, de César Marques.

Bibl: "Cathalogo do Estado do Maranhão na Exposição Nacional de 1908" — Rio, 1908; "O Maranhão na Exposição Nacional de 1908" — S. Luis, 1908; "Album do Tricentenário" — S. Luis, 1913; "A Bibliotheca Pública do Estado do Maranhão" — S. Luis, 1915; "O que se deve comer" — S. Luis, 1918; "A Bibliotheca Pública do Maranhão em 1919" — S. Luis, 1920; "Exposições e feiras" — S. Luis, 1922; "O Esperanto — As bibliothecas infantis — "O Colegio Perdigão" — S. Luis, 1922; "O que se deve ler" — S. Luis, 1923.

TEODORO DA SILVA RIBEIRO JUNIOR, nascido em Caxias a 23/3/1873. Poeta, jornalista e filólogo.

Bibl: "Sabatinas literárias" — Bordeaux, 1920; "Origens da Literatura" — Rio, 1944.

MARIANA LUZ, nascida no Maranhão. Professora e poetista; fundou, na Academia Maranhense de Letras, a poltrona n.º 32, de Vespasiano Ramos.

Bibl: "Murmúrios", livro inédito de poesias.

AQUILES DE FARIA LISBOA, nascido em Cururupú a 28/9/1872 falecido em S. Luis 18/4/1951. Médico, leprólogo, jornalista, botânico e poeta. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Foi Delegado Geral do Recenseamento no Maranhão (1920), Prefeito Municipal de Cururupú (1925), Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e Governador do Estado do Maranhão (1936). Fundou, no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, a cadeira n.º 17, de Frei Custódio Serrão, e foi o titular da de n.º 14, da Academia Maranhense de Letras, patrocinada por Nina Rodrigues.

Bibl: "O serviço de algodão e o seu insucesso" — S. Luis, 1916; "Osvaldo Cruz" — S. Luis, 1917; "Da mestiçagem vegetal e suas leis"; "Questões de interesse público" — S. Luis, 1921; "Considerações gerais sobre o problema biológico da seleção" — S. Luis, 1921; "Pelo Maranhão" — S. Luis, 1922; "Pela honra do Maranhão" — S. Luis, 1925; "Divulgação do ensino primário" — Rio, 1926; "Em defesa do regime pervertido e do Maranhão arruinado" — Rio, 1926; "Pela Pátria, contra a Lepra, o mais perigoso dos seus inimigos" — Rio, 1932; "No centenário de Goethe" — Rio, 1932; "Razões de queixas e esperanças do Maranhão" — S. Luis, 1934; "Homenagem do Jardim Botânico do Rio, de Janeiro à memória de Warming" — S. Luis, 1935; "O plano de um governo e as razões de uma oposição" — S. Luis, 1935; "Carta do Marquez de Pombal" — S. Luis, 1935; "Catecismo Cívico" — S. Luis, 1935; "O dissídio maranhense" — S. Luis, 1935; "Dois discursos do General Dalro Filho" — S. Luis, 1935; "A homenagem do Maranhão ao General Dalro Filho" — S. Luis, 1936; "Os problemas dos Jardins Botânicos" — São Luís, 1936; "Catecismo de defesa contra a Lepra" — São Luís, 1936; "O Problema da Paz" — S. Luís, 1948; "Profilaxia da Tuberculose" — Rio, 1949; "A Lavoura e a Guerra"; "Em torno daquestão da pesca no Município de Cururupú"; "O Posto de Socorro aos Ulcerados"; "O Instituto Cururupuense"; "A Diamba"; "O melhor meio de divulgação do Ensino no País", tese premiada pela Academia Brasileira de Letras; "A Lepra sob o ponto de vista da hereditariedade mórbida" — Belém,...; "A Campanha contra a Lepra na Amazônia"; "Plano de organização da Colonia de Leprosos da Ponta do Bonfim"; "Os postulados da Leprologia Moderna e os obstáculos que oferecem à eficiência da Profilaxia anti-lazarina"; "Os prodígios da Fé: cura espontânea senão miraculosa de um caso de lepra"; "O problema da Lepra"; "A imigração e a Lepra"; "Necessidade de um Convênio Internacional Sulamericano para defesa comum contra a Lepra", tese aprovado pelo Congresso Rotário de Valparaíso; "Bilharose"; "Estrigilose renal humana"; "Na semana da temperança"; "Raízes positivas da nossa Equação Nacional"; "No jubileu de Rui Barbosa"; "Estudo dos problemas de seleção no Posto Zootécnico de Cajapió"; "A Moral e a Eugenia"; "Reglas y consejos sobre investigation científica" tradução de Santiago Ramon y Cajal; "Pro Dignitate Medicinæ"; "Necropsia do Estado Novo"; "Finis Republicæ"; "O Problema da Lepra no Brasil e as causas que lhe impossibilitam a solução".

FRANCISCO LISBOA DE MARA, nascido no Maranhão no ano de 1874. Capitão de Infantaria do Exército. Publicista.

Bibl: "Histórico sobre os abastecimentos de água à capital do

Império desde 1861 a 1880" — Rio, 1889; "Subsídios para a História Militar do Brasil" — Rio, 1890.

MANUEL FRANCISCO PACHECO (Fram Pacheco), nasceu em Setúbal, Portugal, a 9/3/1874 e falecido em Lisboa, a 17/9/1952. Jornalista, professor, historiógrafo, geógrafo, diplomata e orador; ligou-se à história literária do Maranhão pelo papel saliente que desempenhou no movimento de renovação deste ciclo. Consul de Portugal no Maranhão, no Pará, em Cardiff e Liverpool; secretário da Presidência da República de Portugal em 1916; secretário da Comissão de Fomento da Exportação Portuguesa. Professor honorário da antiga Faculdade de Direito do Maranhão; sócio do Instituto Arqueológico de Pernambuco, do Histórico e Geográfico do Pará e das Sociedades de: Geografia do Rio de Janeiro e de Lisboa. Criou, no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, a cadeira n.º 14, de Pereira do Lago, e na Academia Maranhense de Letras a de n.º 5, de Celso Magalhães.

Bibl: "O Sr. Silvio Romero e a literatura portuguesa" — S. Luis, 1900; "O Maranhão e os seus recursos" — S. Luis, 1902; "O comércio maranhense" — S. Luis, 1903; "O sonho de Tiradentes", teatro — S. Luis, 1903; "Os interesses maranhenses" — S. Luis, 1904; "A literatura portuguesa na Idade Média" — S. Luis, 1909; "Portugal e a Renascença" — S. Luis, 1912; "Os Braganças e a Restauração" — S. Luis, 1912; "Angola e os alemães" — S. Luis, 1916; "O trabalho maranhense" — S. Luis, 1916; "Portugal e o Maranhão" — S. Luis, 1919; "Geografia do Maranhão" — S. Luis, 1923; "Trabalhos do Congresso Pedagógico do Maranhão" — S. Luis, 1923. A sua bibliografia é bastante vasta; enumeramos tão somente o que escreveu sobre o Maranhão ou no Maranhão, convido acrescentar um trabalho inédito e que lamentavelmente se considera perdido — "Figuras Maranhenses".

ANTÔNIO REIS CARVALHO, nascido em São Luis a 10/4/1874 e falecido no Rio de Janeiro no ano de 1946; era mais conhecido pelo pseudônimo de Oscar d'Alva. Funcionário público. Jornalista, ensaísta, poeta e teatrólogo. Sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras.

Bibl: "Prelúdios" — Rio, 1894; "Cavatinas" — Rio, 1904; "A questão do ensino" — Rio, 1907; "A Guerra e a Grande Guerra" — 1915; "Senhora", teatro com Marinho Aranha; "Ensaios"; "Poemas sociológicos"; "Poemas do coração"; "Poesias" — Manaus, ...; "Noções de Filosofia"; "A ditadura republicana" — Rio, 1935; e mais um importante ensaio publicado no volume XX da Biblioteca Intercional de Obras Célebres, de que foi um dos colaboradores brasileiros — "Literatura Maranhense".

RAUL AZEVEDO, nascido em São Luis a 3/2/1875. Funcionário público; foi Secretário do Governo, Secretário de Estado, Di-

retor da Biblioteca Pública e Deputado Estadual, no Amazonas. Romancista, cronista, contista e jornalista. Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da Academia Maranhense de Letras, sendo posteriormente eleito para o quadro efetivo desta última, ocupando a cadeira n.º 35, de César Marques;

Bibl: **Romances** — "Doutor Renato" — Rio, 1903; "Tríplice Aliança" — Rio, 1907; "Amores de gente nova" — Lisboa, 1916; "Onde está a felicidade" — Lisboa, 1919; "Roseiral" — Rio, ...; "Aquele mulher" — Rio, ...; "Louras do Sul, morenas do norte" — Rio, 1947; "Quando a raça se humanisar". **Contos** — "Termuras" — S. Paulo, 1897; "Vinda Elegante", com Antônio Maria Pereira — Lisboa, 1913; "Amigos e amigas" — Manaus, 1920; "Senhoras e senhorinhas" — S. Paulo, ... **Críticas e viagens** — "Homens e livros" — Rio, 1903; "D'além mar" — Lisboa, 1913; "Confabulações" — Lisboa, 1919; "Bazar de livros" — Rio, ...; "Vida e morte de Stefan Zweig" — Rio, ...; "No Amazonas" — Manaus, ...; "Chile — Amazonas"; "Aspectos e sensações", com Antônio Maria Pereira — Lisboa, ... "Confidências e depoimentos". **Conferências** — "A alma inquieta das mulheres", trabalho premiado pela Academia Brasileira de Letras — Manaus, ...; "**Crônicas** — "Artigos e crônicas" — Porto, 1896; "Na rua" — Lisboa, 1902; "A esmo" — Porto, 1903; "Terra a terra" — Manaus, ...; "Hora de sol" — Juiz de Fora, ...; "Vida dos outros" — Rio, ...; **Ensaícos** — "Meu livro de saudades" — Rio, ...; "Terras e homens" — Rio, 1948.

São Luis, Atenas

... Há nesta região opulenta da nobre América uma cidade que sendo vista ou lida a sua história, apreclados os fatos e os costumes, nos traz uma certa lembrança nossa. A savana de Bogotá dizem que não tem rival no mundo inteiro. E o novo Reino de Granada é todo êle uma invocação. Batisou-o o Marechal esponhol Ximenes de Quesada, o Conquistador, no ano já bem distante de 1534. O Maranhão também. O seu clima é doce e suave como o nosso. Certo que São Luis não é afastada do mundo como Santa Fé de Bogotá a mais de mil quilômetros do mar, — no dizer de notável diplomata brasileiro que acrescentava viver a sugestiva cidade: "a desenvolver e aprimorar a sua Raça e a sua inteligência, livre de corrupções extranhas. Pequena pela população e grande pela cultura, a pitoresca urbe tem realizado progressos marcadamente intelectuais. Há cem anos tinha uma população pequena, mas consagrada como a Athenas Americana, e ainda agora é

manifesto o pendor artistico dos seus filhos. Poetas, prosadores diletantes, creditos, Bogotá sempre os contou em região..."

Assim, o Maranhão, Terra de Tradições, de Invocações. Cidade sugestiva, das mais antigas do País, os seus velhos edificios e muros cobertos de musgo, a sua arquitetura colonial, e o grande progresso de hoje não pertubaram bastante, como não pertubaram em Bogotá, o seu doce sossego... Há em tudo uma larga serenidade. É o estudo, a reflexão, o saber. É o panteismo. E Santa Fé de Bogotá é conhecida pela Athenas Americana como São Luiz do Maranhão é chamada a Athenas Brasileira. As duas velhas e serenas cidades são como que tocadas duma grande e profunda saudade.

* * *

...Chamam-te, meu Maranhão, de Athenas Brasileira! Em todo este vasto País, dos escampados do Sul ás florestas densas do Norte, eras e és pela alta intellectualidade, a Athenas nacional. A Grécia formosa e amada foi o centro principal da civilização helênica. Tu foste o berço magnifico da civilização patricia. Na arqueologia tens alguns pontos de contacto com a admiravel cidade grega. As ruinas suntuosas de Athenas ...Como vivem em nossa memória os monumentos de Acrópole, o pórtico de Eumene, as tradicionais ruinas do Areópago, o Teatro de Dionisios, os monumentos de Philopappos e de Trasillos e Asklopillon, a necrópole sagrada, o Odeon de Herodes de Aticus, os pórticos célebres de Atalla e Agora, o Ginasio, e o monumento de Lyzsicrate, o arco de Hadrien!

És também, minha Terra, uma das sentinelas do escrever e do falar da amada lingua portugueso-brasileira! Todos respeitam o teu apuramento no dizer, a dição correcta e formosa, a linguagem escoreita e pura, a riqueza suntuosa e invulgar dos vocábulos, a elegante sinfonia da frase, a prosa cintilante e a ronda do Verso escultural, cheio de ouro e luz, alindando a Idéia perfeita!

Os conquistadores ousados do Maranhão, naquele ano bem longinquo de 1615 — há mais de três longos séculos! — na visão larga e audaciosa do futuro, rendiam soienes graças ao Senhor dos Exércitos, e à Virgem Senhora da Vitória, já designada padroeira da cidade de São Luiz...

E os olhos tocados de intraduzivel Saudade, voltados para o alto, para o Ceu imenso, as mãos postas, a Mulher Maranhense, o Homem e a Criança maranhenses devem orar sem-

pre pela unidade e felicidade da sua Pátria, pela ventura da nossa querida, augusta e gloriosa Terra Natal."

("O Maranhão e as suas glórias", in "Terras e Homens" — Raul de Azevedo).

INÁCIO DE VIVEIROS RAPOSO, nascido em Alcântara a 16/7/1875 e falecido no Rio de Janeiro no ano de 1945. Professor, jornalista, poeta e pintor; membro do Instituto Arqueológico de Alagoas.

Bibl: "Protoíonias" — S. Luis, 1901; "Mestre Cúia" — Rio, 1907; "Cânticos" — Rio, 1910; "A tomada de Almourol", poema; "Pela França" — 1914; "Deus diante da Filosofia"; "História de Vassouras" — Rio, 1935; "Vingança de amor"; "A mulher que foi Papa", romance.

ALFREDO BRITO, nascido em São Luis a 2/5/1876. Funcionário público federal. Poeta.

Bibl: "A Ceia dos Coiós", paródia à "Ceia dos Cardeais", de Júlio Dantas" — Rio, 1902.

JOÃO DA COSTA GOMES, João Quadros aliás, como literariamente conhecido; nasceu no Maranhão, ao que supomos no ano de 1876. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade do Rio de Janeiro, foi advogado e magistrado. Jornalista e contista; ocupou, na Academia Maranhense de Letras, a poltrona n.º 3, de Artur Azevedo.

Bibl: "Contos infantis" — Lisboa, 1917;

RAUL ASTOLFO MARQUES, nascido em São Luis no ano de 1876 e falecido na mesma cidade a 20/5/1918. Jornalista, cronista, novelista e folhetinista. Sócio fundador da Academia Maranhense de Letras, criou a cadeira n.º 10, sob o patrocínio de Henriques Leal.

Bibl: "Por amor", romance traduzido de Paul Bernay — S. Luis, 1903; "A vida maranhense", contos — S. Luis, 1905; "O Maranhão por dentro", revista — S. Luis, 1907; "Natal", quadros — S. Luis, 1908; "De São Luis a Terezina", in Diário do Maranhão — S. Luis, 1908; "Esboços e quadros" — S. Luis, 1909; "O doutor Luis Domingues", esboço político — S. Luis, 1910; "Quatro anos de crônica" — S. Luis, 1911; "A Nova Aurora", narrativa maranhense — S. Luis, 1913; "As festas populares maranhenses", narrativa histórica. Deixou inédita, afigura-se-nos hoje perdida, uma "Seleção Maranhense".

AGOSTINHO PEREIRA DOS REIS, nascido em Alcântara a 23/6/1877 e falecido em São Luis a 3/11/1924. Foi tipógrafo e funcionário público, dedicando-se, depois, inteiramente ao jornalismo. Trabalhou no "Federalista" e na "Campanha" e foi gerente

e redator da "Pacotilha"; fundou com José Gomes de Castro e Edgar Matos, a revista literária "Paróplia". Poeta; polemista de amplos recursos, sereno e vigoroso. Foi membro da Oficina dos Novos.

Bibl: "Chapas", Poemas.

GODOFREDO MENDES VIANA, nascido em São Luis a 14/7/1878 e falecido no Rio de Janeiro a 12/8/1944. Jurisconsulto, professor, escritor e tribuno de raras qualidades. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade da Baía, foi promotor e juiz no Maranhão, e juiz substituto federal no mesmo estado. Catedrático de Direito Público Constitucional na antiga Faculdade de Direito de São Luis; foi deputado estadual e federal pelo Maranhão e, ainda, senador constituinte de 1936. Governador do Maranhão no quadriênio 1922-1926. Fundou, na Academia Maranhense de Letras, a poltrona n.º 15, de Odorico Mendes.

Bibl: "No País do Direito" — S. Luis, 1903; "Formas processuais" — S. Luis, 1914; "Projeto do Código do Processo Criminal do Estado do Maranhão" — 1917; "Prática do Processo Criminal e Formulário" — S. Luis, 1918; "Terra do ouro", evocações históricas; "Ocasão de pecar" "Teoria e prática do Direito Constitucional"; "Código do Processo Civil e Comercial do Estado do Maranhão"; "Na tribuna", discursos; "Em guarda"; "A Paz e a Guerra", conferências; "Por onde Deus não andou", romance regional — Rio, 1946.

JOSÉ LUSO TÓRRES, nascido em São Bento a 10/6/1879. Coronel reformado do Exército Nacional; foi deputado estadual no Maranhão, Prefeito Municipal de São Luis e Interventor Federal no Estado. Jornalista, cronista, crítico e poeta, é uma das expressões mais fortes da geração. Consultor-técnico do Diretório Regional de Geografia do Maranhão, presidente do Departamento de Literatura da Sociedade de Cultura Artística do Maranhão e membro da diretoria da União Cultural Brasil-Estados Unidos. Fundou, no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, a poltrona n.º 21, de Henriques Leal, e na Academia Maranhense de Letras, de que já foi presidente, a de n.º 6, sob o patrocínio de Frederico José Corrêa.

Bibl: "Corrente calamo", crônicas — S. Luis, 1910; "Chapas", poesias; "Dizer e realizar"; "Gonçalves Dias", discurso — S. Luis, 193.

Manuel de Bethencourt

Mestre da mocidade maranhense, grande mestre foi Manuel de Bethencourt. Mestre que os discípulos veneravam e os outros mestres respeitavam.

Em 1884 submeteu-se a concurso para a cadeira de filosofia do Liceu. Não teve antagonista e conquistou brilhante-

mente o seu lugar. Antes disso, já a sua nomeada estava feita no conceito de todos os elementos representativos do magistério em nossa província.

Possuía Bethencourt vasto conhecimento das diversas correntes filosóficas e era considerado como autoridade em filologia. Em sua casa de residência dava aulas, em especial de língua portuguesa, e os seus cursos sempre acusavam numerosa matrícula. Era desses que não se adstringiam à trilha rotineira dos programas de então, e apontava a seus ouvintes as múltiplas sendas por onde poderiam seguir, já na leitura dos bons autores para aperfeiçoamento da sintaxe e do estilo, já na aquisição de novas idéias por curiosidade científica. Era mestre que via longe e não se encerrava na muralha chinesa dos preconceitos. Além disso, alimentava a paixão do jornalismo, cujas colunas frequentava em colaboração quotidiana. O período de sua maior atividade foi aquele em que esteve na redação da "Cruzada", jornal de cerrado combate político, no qual mantinha duas secções diárias — "Prosas e glosas" e "Jornalismo da terra". Nesta última seção Bethencourt, além de discutir os fatos do dia, defendia com superior orientação de mestre, os foros da boa linguagem, que os adversários não raro maltravam. É de calcular-se a repercussão que tinham, no ambiente gramatical da cidade, as palmatoadas de Bethencourt... E nós, seus alunos, acompanhávamos com o máximo interesse as lições cheias de espiritualidade que êle distribuía. Além de vastos conhecimentos, era dotado de excelente memória. Eis aqui um fato. Quando iniciava o meu curso secundário ouvi de um tipógrafo muito lido — Saturnino Ramos da Cunha — que a palavra sociologia fôra engenhada por Augusto Comte.

No dia seguinte, em casa de Bethencourt, terminada a lição, formamos, como era costume, a nossa roda em torno do mestre, sempre loquaz e de bom humor, com quem cada aluno trocava palavras de despedida ou de consulta. Animei-me e pedi-lhe informação sobre o que me dissera o outro a respeito de sociologia. A resposta veio sobre toda a turma, já todos nós prontos para a saída, como se Bethencourt esperasse a pergunta. Fez-nos uma rápida preleção sobre a formação dos híbridos, citou-nos vários outros exemplos, falou das circunstâncias em que surgiam e, ás vezes, se impunham, e terminou mais ou menos assim: — o vocábulo é um neologismo, mas fiquem sabendo que Augusto Comte não via com bons olhos a mania dos criadores de neologismos. Afirmou-nos depois que sociologia fôra um neologismo

à altura do gênio criador, porquanto, tratando-se da ciência que estuda os fenômenos sociais, o vocábulo reunia em uma só homenagem o espírito imortal da Grécia e de Roma, os dois grandes troncos por onde circulou a seiva da civilização.

Alguns anos depois, em umas férias, na Escola Militar da Práia Vermelha, lendo o tomo IV do Cours de Philosophie Positive', edição de 1877, às páginas 125, deparou-se-me esta nota de Comte, acêrca da palavra que êle criara: "Je crois devoir hasarder, dès à present, ce terme nouveau, exactement equivalent à mon expression, déjà introduite, de "physique sociale", afin de pouvoir désigner par un nom unique cette partie complémentaire de la philosophie naturelle qui se rapporte à l'étude positive de l'ensemble des lois fondamentales propres aux phénomènes sociaux. La nécessité d'une telle dénomination, pour correspondre à la destination spéciale de ce volume, fera, j'espère, excuser ici ce dernier exercice d'un droit légitime, dont je crois avoir toujours usé avec toute la circonspection convenable, et sans casser d'éprouver une profonde répugnance par toute habitude de néologisme systématique."

Reli a nota do cada vez mais extraordinário filósofo e senti despertar em mim a cena daquela tarde de aula em casa de Bethencourt, e vi-lhe a fisionomia radiante, o pince-nez a oscilar-lhe no nariz adunco e ouvi-lhe a vez de fino metal acordando-me no acervo das lembranças todo um mundo que eu deixara longe e o tempo distanciara ainda mais...

("Mestres do tempo antigo", in Revista da Academia Maranhense de Letras, vol. V — Luso Tôrres).

BENEDITO DE BARROS E VASCONCELOS, nascido em São Luis a 31/7/1879. Magistrado, jornalista, romancista e poeta. Desembargador aposentado da Côrte de Apelação do Maranhão; foi presidente do Conselho Administrativo do Estado e Secretário do Interior. Fundou em Barra do Corda, com Frederico Figueira, o Ateneu Sertanejo. Criou, no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, a cadeira n.º 3, de Diogo de Campos, e na Academia Maranhense de Letras a de n.º 20, sob o patrocínio de Trajano Galvão; sócio efetivo da Federação das Academias de Letras do Brasil. Gil Campesino, o seu conhecido pseudônimo.

Bibl: "Redenção", romance — S. Luis, 1917; "A Tutóia e o Delta do Parnaíba" — S. Luis, 1919; "O Parnaíba no Maranhão" — S. Luis, 1926; "A independência e o nacionalismo", conferência; e tem em preparo, já anunciada na bibliografia da Federação das

Academias de Letras do Brasil, uma "História da Literatura do Maranhão".

JOSÉ AMÉRICO OLÍMPIO AUGUSTO CAVALCANTI DOS ALBUQUERQUES MARANHÃO SOBRINHO, nascido em Barra do Corda a 25/12/1879 e falecido em Manaus, Amazonas, a 25/12/1916. Poeta de profunda inspiração, fecundo, correto e elegante, é talvez o maior da geração, ombreando com os grandes desta terra de poetas. Foi funcionário público. Faleceu, na Academia Maranhense a poltrona n.º 19, sob o Patrocínio de Teófilo Dias e com o acréscimo do quadro social foi escolhido para patrono da de n.º 21, criada pelo prof. Raimundo Lopes.

Bibl: "Papeis velhos" — S. Luis, 1908; "Estaluetas" — S. Luis, 1909; "Vitórias régias" — Manaus, 1911.

Soror Tereza

...E um dia as monjas foram dar com ela
morta, da cor de um sonho de noivado,
no silêncio cristão da estreita cela,
lábios nos lábios do Crucificado...

Somente a luz de uma piedosa vela
ungia, com um óleo derramado,
o aposento tristíssimo de aquela
que morrera num sonho sem pecado...

Todo o mosteiro encheu-se de tristeza,
e ninguém soube de que dor escrava
morrera a divina soror Tereza...

Não creio que do amor e morte venha
mas, sei que a vida de soror bojava
dentro dos olhos do Sentier da Penha...

(“Papeis velhos” — Maranhão Sobrinho)

CLDOMIR SERRA SERRÃO CARDOSO, nascido em São Luís a 27/12/1879 e falecido no Rio de Janeiro a 30/7/53. Jurisconsulto, escritor e orador parlamentar de largos recursos. Foi deputado estadual e federal e senador, mais de uma vez, pelo Maranhão; Prefeito de São Luís e Interventor Federal no Estado. Fundou, na Academia Maranhense de Letras, a cadeira n.º 12, sob o patrocínio de Joaquim Serra.

Bibl: "A defesa de um casamento arguido de inexistente" — S. Luis, 1919; "Jubileu de Rui Barbosa" — Rio, 1926; "Discursos".

ANTÔNIO DA COSTA GOMES, nascido no Maranhão no ano de 1880 e aí falecido em 1915. Poeta e jornalista. Fundou, na Academia Maranhense de Letras, a cadeira n.º 3, sob o patrocínio de Artur Azevedo.

Bibl: "Pâmpanos" — S. Luis, 1904; "Alabastros" — S Luis, 1909.

FRANCISCO SERAPIÃO SERRA, nascido no Maranhão no ano 1880 e aí falecido em 1912. Poeta, jornalista e comediógrafo. Foi presidente da Sociedade Literária "Oficina dos Novos".

Bibl: "Revoadas e medalhas".

LUIS CARVALHO, nascido em Oeiras, Piauí, a 25/8/1880. Bacharel em direito pela Faculdade de Recife; comercialista, jornalista, poeta e parlamentar. Foi, em São Luis, redator da "Pacotilha", do Jornal do Maranhão e do "Diário do Maranhão"; colaborador do "Novo Dicionário da Língua Portuguesa", de Cândido de Figueiredo. Fiscal do Liceu Maranhense; deputado estadual e federal pelo Maranhão e secretário geral do Estado. Sócio fundador da Oficina dos Novos, membro da Academia de Homens de Letras, do Rio de Janeiro, e titular efetivo da cadeira n.º 1 (Almeida Oliveira) da Academia Maranhense de Letras.

DOMINGOS QUADROS BARBOSA ÁLVARES, nascido em São Bento a 28/11/1880 e falecido no Rio de Janeiro a 26/12/1946. Jornalista, contista e festejado orador. Foi Diretor da Imprensa Oficial e Secretário de Estado no Maranhão; também deputado estadual. Fundou, na Academia Maranhense de Letras, de que foi secretário, a poltrona n.º 2, sob o patrocínio de Aluizio Azevedo.

Bibl: "Mosaicos" — S. Luis, 1908; "Dominó vermelho" — S. Luis, 1909; "As Cruzadas", conferências — S. Luis, 1909; "Silhuetas" — S. Luis, 1911; "Contos da minha terra" — S. Luis, 1912; "Relatório ao Pres. Urbano" — S. Luis, 1920; "A bandeira"; "Henriques Leal". Deixou inéditos: "Sinhá Limeira", romance, e "Jardim Zoológico", fabulário.

O sonho

Não sei porquê, mas não o podia ver. Irritavam-me em excesso aqueles duros bigodes, pretenciosamente arrebitados a ferro de frisar, aquele monóculo inútil, pedantemente preso ao trancelim de seda, aquela rija musculatura de aço, exibindo-se numa ostentação brutal de saúde e de força.

Quando percebi a sua inclinação por mim, senti-me injuriada. Pois quê! "Aquilo" não se conhecia?...

E quando, na soirée dos Trançosos, pelo aniversário da Linoca, a mais velha, ele me veio tirar para a primeira polca, tive necessidade de o ferir, de ser grosseira.

— Não danço, disse-lhe secamente.

— Por que? Não poderei saber?...

— Porque não quero. Acho que é uma razão...

— Pois também não dansarei...

Tambem! Como aquela "tambem", dito assim me exasperou! Parecia que aquela palavra simples, comum, que se diz a toda a hora, era um laço com que ele se queria, por força, unir a mim. "Tambem". Era como uma rede de malha, traiçoeira, vil, covarde, que nos envolvesse aos dois, a mim e ele! "Tambem"... Era demais!...

Era "tambem", porque eu não queria dançar. "Tambem", isto é, eu e ele, "Também"... Era demais!

— Que o Senhor não danse, vá. "Tambem" é que não percebo.

— Porque não quer perceber...

— E creio que o Senhor não será tão pouco gentil que, compreendendo que assim é, queira explicar...

Curvou-se e saiu.

Durante toda a festa, aquele "também" me resouu aos ouvidos como um insulto. Que homem intolerável!...

Eram duas horas da madrugada quando cheguei à casa.

Custei a dormir. E mal tinha, de cansada, conciliado o sono, apareceu-me ele.

Falava baixinho, curvado.

As palavras escorriam-se-lhe difíceis, lentas, espessas, da boca. De vez em quando uma, a única perceptível, passava rápida, sonora: "Tambem". E caía de leve sobre mim, como uma fresca chuva, perfumada e de ouro.

Eu não lhe via bem as feições. Distinguia-lhe apenas a brutal musculatura de aço, o monóculo pedante e inútil, o bigode irritante e frisado.

Acordei tarde, mal-humorada.

Que homem intolerável!

Passei três dias sem o ver.

Encontrei-o num bonde. Cumprimentou-me. Fiz que não vi, não respondi.

Ia a conversar com um sujeito gordo, de colete amarelo. Não lhe ouvia a conversa, mas creio que percebi, no meio de uma frase qualquer, o "tambem".

Saltei em frente à primeira loja.

À noite, logo que adormeci, recomeçou a cantar-me aos ouvidos o "tambem", no seu tom claro de chuva de ouro.

E, como no sonho anterior, só lhe via o bigode petulante, o monóculo inútil e a rija musculatura.

Acordei pouco disposta, mas tarde do que de costume.

Que homem, aquele!

Passaram-se longos onze dias sem o ver.

Fui jantar com a Luisinha Feital.

Era um domingo.

Ele também lá estava.

A mesa, ficou ao meu lado.

— Cumprimentei-a outro dia, no bonde, e V. Exc. não respondeu.

— Queira desculpar-me. Não vi.

— Creio... V. Exc. saltou na loja do Júlio. É lá também que faz compras?

— Também.

— Rapaz muito simpático, o Júlio.

— Muito.

No seu guardanapo, enrolado em cartucho e ainda por desdobrar, refloria um botão de rosa, fresco, pequenino.

— Se V. Exc. permite... E ofereceu-me. /

— Agradecida.

E dei-lhe uma Paul-Neron que ruborizava no meu copo.

A noite, ao dormir, o mesmo sonho.

O "também" continuou a soar, doce, claro. Só lhe via, como nos sonhos anteriores, o bigode audaz, o monóculo negligente e a forte musculatura de atleta.

Tinha, dessa vez, um ar doce, triste. E, não sei porque, invadiu-me também aquela tristeza.

Acordei irrequieta, nervosa.

Que homem aquele, meu Deus! . . .

E não precisei mais de vê-lo para sonhar com ele. E via-lhe sempre, sempre, nos sonhos ou acordada, o elegante bigode frisado, o monóculo chite, pendendo negligentemente do trancelim de seda, e a bela musculatura de aço...

E o "também" continuei a ouvi-lo, doce, claro, e de ouro.

Justamos casamento.

Não se repetiu o sonho. Ou, se se repetiu, não sei, tanto e tão seguidamente ressoava a sua voz nos ouvidos, tanto lhe via, longe dele ou ao seu lado, a musculatura, os bigodes e o monóculo.

Casámos.

Nunca sou tão feliz, nunca sonhei ser tão feliz, como quando ele me aperta os ombros com os seus braços de músculos de aço, e sinto, na pele do rosto, a carícia dos seus bigodes frisados.

E o monóculo... Ah! o monóculo! É só por vergonha que lhe não peço que o traga por casa...

Foi esta a confissão que a minha amiga Chiquinha Pires

Foi esta a confissão que a minha amiga Chiquinha Pires me prometeu, quando noiva, fazer um dia, e que me entregou ontem, depois do jantar, com que ela e o Pinto festejaram o seu primeiro ano de casados".

(Contos de Minha Terra" — Domingos Barbosa)

RAIMUNDO DE ARAUJO CASTRO, nascido em São Bento a 2/12/1880 e falecido no Rio de Janeiro a 13/11/1945. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Livre do Direito do Rio de Janeiro. Magistrado, jurista, consultor e constitucionalista. Diretor da Secretaria do Interior, no Estado do Pará; Diretor Geral de Indústria e Comércio do Ministério da Agricultura; Secretário dos Ministros da Agricultura, Eduviges de Queiroz, Pandiá Calógeras e Miguel Calmon; Consultor Jurídico do Ministério da Agricultura; Juiz Federal no Maranhão; membro do Conselho Nacional do Trabalho. Era professor honorário da antiga Faculdade de Direito do Maranhão e membro titular da Sociedade Brasileira de Direito Internacional.

Bibl: "Estabilidade dos Funcionários Públicos" — Rio, 1917; "Manual da Constituição Brasileira" — 1918; "Acidentes do trabalho"; "Manual Cívico"; "Instrução Moral e Cívica" — Rio, 1925; "Código do Processo Criminal" — S. Luís, 1928; "A reforma constitucional"; "Um ante projeto d Constituição" — S. Luís, 1931; "A Nova Constituição Brasileira" — 1935; "A Constituição de 1937" — Rio, 1938.

ANTONIO LOPES RIBEIRO DIAS, nascido no Maranhão. Doutor em ciências físicas e naturais pela Universidade de Genebra e engenheiro químico pela de Lausanne; assistente do Laboratório de Mineralogia e Petrografia desta última. Petrógrafo e publicista; titular efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, onde ocupava a cadeira n.º 11, sob o patrocínio de Sebastião Belfort.

Bibl: "Princípios de Volumetria", tese — S. Luís, 1920; "O sertão maranhense — esboço geológico, fisiográfico e social" — S. Luís, 1922.

ALFREDO DE ASSIS CASTRO, nascido em Riachão a 14/1/1881. Bacharel em direito pela Faculdade de Recife; é desembargador aposentado da Corte de Apelação do Maranhão. Filólogo, crítico, poeta, jornalista e professor: Lente de Português e Literatura na Escola Normal do Maranhão e professor das mesmas disciplinas em vários outros estabelecimentos de ensino secundário de São Luís. Foi Diretor do Liceu Maranhense e da Biblioteca Pública do Maranhão e Secretário Geral do Estado. Fundou com Humberto de Campos, em Belém, no Pará, a revista "Alma Nova".

Sócio fundador da Academia Maranhense de Letras, onde criou a cadeira n. 7, sob o patrocínio de Gentil Braga, e representante da mesma junto à Federação das Academias de Letras do Brasil.

Bibl: "Cousas da vida" — S. Luís, 1916; "Um crítico" — S. Luís, 1917; "Alocuções" — S. Luís, 1918; "Gonçalves Dias" — S. Luís, 1920; "Razões forenses" — S. Luís, 1925; "Justiça Penal" — Rio, ..; "A linguagem das Sextilhas de Frei Antônio" — Rio, 1938; "Ação de nulidade de uma escritura de perfiliação"; "Dois discursos"; "Pó e sombra", poema, e "Províncias", crônicas, ambos inéditos.

ARTUR LEITE, nascido em Caxias a 5/8/1881. Poeta, professor e jornalista. Funcionário federal no Maranhão.

Bibl: "Sonatas", poesias — Rio, 1910.

HENRIQUE COSTA FERNANDES, nascido no Brejo a 18/11/1881. Magistrado, professor, jornalista e historiógrafo. Bacharel em direito pela Faculdade de Recife e doutor em ciências jurídicas e sociais pela de Manaus. Catedrático da faculdade por que se doutorou e professor contratado da do Maranhão. Foi deputado estadual; desembargador, já foi presidente da Corte de Apelação do Maranhão e do Tribunal Regional Eleitoral do mesmo estado. É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e titular efetivo da instituição congênere do Maranhão, em que ocupa a cadeira n.º 8, patrocinada por Bettendorf, e da Academia Maranhense de Letras, em que ocupa a de n.º 10, que tem Henriques Leal por patrono.

Bibl: "Administrações Maranhenses" — S. Luís, 1929; "Síntese de um quadriênio administrativo" — S. Luís, 1940; "Bandeira do Brasil", oração. — S. Luís, 194.

JOSE' DE ALMEIDA NUNES, nascido em São Luís no ano de 1882. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Jornalista, publicista e professor. Lente de Química no Liceu Maranhense e de Medicina Legal na antiga Faculdade de Direito do Maranhão. Era médico do Serviço de Saúde Pública e foi Secretário Geral do Estado do Maranhão. Fundou, na Academia Maranhense de Letras, a poltrona n.º 13, sob o patrocínio de José Cândido de Moraes e Silva.

Bibl: "Da cesareana conservadora"; tese; "A alimentação infantil"; "A doença de Heine-Medin"; "Terapêutica atual da malária" — Rio, 1934; "Novos aspectos das anemias" — 1935; "Francisco Castro", "Odorico Mendes" e "José Cândido de Moraes e Silva", estudos; "Palavras de um dia e do outro", discursos.

JOSE' DO NASCIMENTO MORAIS, nascido em São Luís a 19/3/1882. Professor, jornalista, romancista, crítico e poeta, é uma das mais expressivas figuras intelectuais da geração que passa.

Catedrático de Geografia no Liceu Maranhense e professor dessa disciplina e de Português em vários outros estabelecimentos de ensino secundário em São Luís. Jornalista profissional, tem militado ativa e assiduamente na imprensa diária de São Luís, colaborando ou redigindo quase todos os jornais destes tempos. Fundou, na mocidade, a sociedade literária "A Renascença", desdobramento da Oficina dos Novos. Consultor-técnico do Diretório Regional de Geografia do Maranhão; sócio efetivo da Academia Maranhense de Letras, onde ocupa a cadeira n.º 11, de João Lisboa, já foi seu presidente, secretário e redator da Revista.

Bibl: "Puxos e repuxos", crítica — S. Luís, 1910; "Neurose do medo" — S. Luís, 1923; "Vencidos e degenerados", romance; "Como vejo o Estado Novo"; "Discursos"; "Pátria Brasileira".

ALARICO JOSE DA CUNHA, nascido em S. José dos Matões, hoje Parnarama, a 31/12/1883. Jornalista, poeta e folclorista. Reside em Parnaíba, Piauí, onde é vice-consul de Portugal. É sócio efetivo da Academia Piauiense de Letras e titular, na congênere maranhense, de cadeira n.º 30, sob o patrocínio de Teixeira Mendes.

Bibl: "Discurso maçônico" — 1914; "Ode à mendiga" — 1923; "Exaltação à Beleza", poesia — 1929; "Nostalgia do Céu", poemeto — 1932; "Oração fúnebre" — 1932; "Cinema falado" folclore (traduzido para o inglês: "Talking picture") — 1932; "Panegírico de de um justo" — 1935; "Campanha pró Preventório", sonetos — 1941; "Epopéia de Toulon", poesia — 1942; "As exéquias de D. Francisco", narrativa — 1944; "Portugal na Parnaíba"; "Psicologia matuta", folclore; "Impressões de Tutóia"; "Reminiscências de antanho"; "Miscelânea poética"; "Meus primeiros versos"; "Quarenta anos entre os ingleses".

AVIRIATO CORRÊA, nascido em Pirapemas, no município de Coroatá, a 23/1/1884. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade do Rio de Janeiro; foi deputado federal pelo Maranhão. Novelista, contista, historiógrafo, teatrólogo, poeta e jornalista. Fundou, como sócio efetivo da Academia Maranhense de Letras, de que antes fôra correspondente, a poltrona, n.º 33, sob o patrocínio de Pedro Nunes Leal, e ocupa, na Academia Brasileira de Letras, a de n.º 22, que tem Porto Alegre por patrono; é sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão.

Bibl: Contos — "Minaretes" — S. Luís, 1902; "Contos do Serião" — Rio, 1912; "Novelas doidas" — S. Paulo, 1921; "Histórias ásperas" — S. Paulo, 1928; "Crônicas históricas" — "Histórias da nossa História" — S. Paulo, 1920; "Terra de Santa Cruz" — Rio, 1921; "Contos da História do Brasil" — Rio, 1921; "Casa de belchior" — Rio, 1927; "Brasil dos meus avós" — S. Paulo, 1927; "Baú velho" — S. Paulo, 1927; "Gaveta de sapateiro" — 1932; "Alcovas

da História" — Rio, 1934; "Mata galego" — 1934; "O país do pau de tinta" — 1939; "A bandeira das esmeraldas"; "Contos heroicos"; "O país do ouro". Discurso e conferências — "Discursos"; "Conferência espírita"; "A vida amorosa de Gonçalves Dias" — S. Luís, 1946. **Literatura infantil** — "Era uma vez...", com João do Rio — Rio, 1908; "Varinha de condão" — S. Paulo, 1923; "Arca de Noé" — S. Paulo, 1930; "No reino da bicharada" — S. Paulo, 1931; "A macacada" — Rio, 1931; "Os meus bichinhos" — Rio, 1931; "História do Brasil para crianças" — S. Paulo, 1931; "Meu torrão" — 1935; "Bichos e bichinhos" — 1938; "No país da bicharada" — 1938; "Casusa" — 1938; "A descoberta do Brasil" — 1938; "História de Caramuru" — 1939; "Quando Jesus nasceu" — Rio, 1931; "Bichos que falam"; "Caixinha de brinquedos"; "Livro de criança". **Romances** — "Balaiada" — S. Paulo, 1927; "O Mistério", com Coêlho Neto, Afrânio Peizoto e Medeiros e Albuquerque; "Chica da Silva". **Teatro** — "Sertaneja" — 1915; "Mangerona" — 1916; "Morena" — 1917; "Sol do sertão" — 1918; "Juriti" — 1919; "SaPequinha" — 1920; "Nossa gente" — 1924; "Zuzu" — 1924; "Uma noite de baile" — 1926; "Pequetita" — 1927; "Bombonzinho" — 1931; "Sansão" — 1932; "Maria" — 1933; "Bicho papão" — 1936; "O homem da cabeça de ouro" — 1936; "A Marquessa de Santos" — 1938; "Carneiro do batalhão" — 1938; "Tiradentes" — 1939; "O caçador de esmeraldas" — 1940; "Rei do papelão" — 1941; "Pobre diabo" — 1942; "A sombra dos laranjeais" — 1945; "Nassau" — 1949.

A bela adormecida no bosque

O 7 de abril é a nossa maior vitória revolucionária. É mesmo o maior acontecimento nacional, porque é a nacionalização do Brasil, na fundação da nacionalidade.

Passa o 7 de setembro como sendo, politicamente, a data emancipadora. De fato, a 7 de setembro de 22, nós nos separamos de Portugal; mas continuamos a ser uma propriedade de portugueses.

O grito do Ipiranga foi um passo para a Independência, mas não foi a Independência.

O monarca era português, as autoridades portuguesas, portuguesa a camarilha, portuguesa a vontade que nos governava.

Ser brasileiro era quasi um crime. Os filhos da terra viam espasmos pelo pecado de serem filhos da terra. No paço de S. Cristóvão cuidava-se, sem cerimonia nenhuma, dos interesses de Portugal. O nosso dinheiro custava a corôa violentada de D. Maria II. Os nossos diplomatas passavam

a infantil rainha pelas côrtes da Europa. A paz do nosso país estava ameaçada pelo poder formidável da Inglaterra, justamente por essa mistura de interesses portugueses com os nossos interesses.

Para quebrar os laços de vassalagem com Portugal, de boa fé imaginamos que, só com o prestígio de um príncipe português o podíamos fazer.

Era um engano. Uma dia verificámos que não tínhamos realizado nada. Esse dia foi o da dissolução da Constituinte.

A surpresa, teve, porém, a salvadora virtude de mostrar que, só por nós mesmos, com a nossa própria valia e a nossa responsabilidade, é que assentariamos os alicerces da emancipação e possuiríamos a nossa terra.

A revolução de 31 é a caminhada feliz dos brasileiros para possuírem o Brasil. O 7 de abril é a data redentora.

E, apesar dessa rutilante significação, o 7 de abril é, es-pantosamente, na história pátria, uma revolução de relevo medíocre. Ainda não lhe demos o lugar que a sua idealidade e as suas realizações merecem. Nem ao menos foi detidamente estudada.

Como que houve intenção de empanar-lhe a grandeza.

E, como se isso não bastasse, caluniaram-na. E calúnia tão habilmente vestida que a gente a confunde com a verdade.

Repete-se por aí que o 7 de abril fôra um pequeno movimento popular, uma agitação de rua produzindo um formidável resultado que se não queria e se não esperava: pediu-se a Pedro I que reintegrasse o ministério e, com espanto do país, elle renunciou à corôa. Não foi a revolução que forçou o monarca a abdicar, foi o monarca que surpreendeu a revolução com aquilo que ella não teve a coragem de lhe exigir.

Tudo isso está errado.

Quem melhor entreviu a revolução de 31 foi Alvaro Bomilcar, num artigo despretencioso no Jornal do Comércio. Qual agitação de rua, qual nada! Pedro I cedeu porque não podia deixar de ceder. Renunciou porque se viu inteiramente abandonado e inteiramente hostilizado por todas as forças armadas da cidade. Tão sério devia ter sido o movimento que o imperador, homem destemeroso e valente, se viu obrigado a retirar-se de madrugada, estabulhadamente, com a família, para bordo de um navio estrangeiro que só levantou ferro sete dias depois.

A revolução de 31 é uma revolução que o país trancou e escondeu, como se dela se envergonhasse.

E porque a escondeu?

Por excesso de delicadeza. Para não ferir os melindres do filho daquele a quem a revolução feriu.

Durante quase um século deixou-a dormir num canto do passado, para que Pedro II não se visse constrangido a assistir todos os dias, nos jornaes, nas escolas, nos compêndios, nas monografias, à agitada e triste expulsão de seu pai. E' ainda Álvaro Bomilcar entrevendo a realidade do fato.

Houve, na verdade, durante o segundo reinado, um retraimento sensível em derredor do 7 de de Abril. Os escritores passam ao largo, como temendo escolhos de beira-mar.

E quem quiser ter uma idéia do retraimento abra a grande Revista do Instituto Histórico.

É ela, a Revista, o maior, o mais belo, o mais minuioso, o mais copioso repositório do saber histórico país. No entanto, é tumularmente silenciosa na história do movimento que derrubou Pedro I.

Durante o segundo império nenhuma linha se publicou dos detalhes do grande dia da addicação. As notas de Garcez Palha, o interessante artigo de Eschagnolle Doria, enfim o pouquinho que existe, só apareceu depois da República.

A revolução de 7 de abril é a bela adormecida do bosque histórico do Brasil.

Há cem anos resona tranquilamente no castelo do passado. E ainda não acordou. Não lhe apareceu ainda o Príncipe Encantado para fazê-la abrir os olhos. Não teve ainda o seu historiador.

O ano passado completou o seu primeiro centenário. Comemoração abaixo de mediocre. Tão displicentemente a festejamos que todo o mundo percebeu que o país não lhe sabe a imensa significação.

(“Mata Galego” — Viriato Corrêa)

ADELMAN BRASIL CORREIA, nascido em São Luís a 9/8/1884. e falecido na mesma cidade a 30/1/1947. Bacharel em direito pela Faculdade do Maranhão e tinha o curso da Academia de Belas Artes do Amazonas. Maestro, jornalista e professor. Lente do Liceu Maranhense; redator da “Folha do Povo”, de São Luís. Presidente da Sociedade Musical Maranhense e membro da Sociedade Universal de Artistas.

Bibl: “Os meus dias de cadeia” — S. Luís, 1926; “Algumas palavras sobre a declinação alemã”.

JERONIMO JOSE DE VIVEIROS, nascido em São Luís a 11/8

/1884. Professor e historiógrafo. Lente de História Universal e do Brasil no Liceu Maranhense e no Colégio Pedro II, e de matemática na Escola Normal do Maranhão, professor na Escola de Comércio do Maranhão e na Escola de Aprendizes Artífices. Foi Diretor da Imprensa Oficial e da Instrução Pública. Dirigiu o Instituto "Almir Nina", fundou e dirigiu o Instituto Viveiros e redigiu a "Revista Pedagógica". Substituiu a Antonio Lopes na Secretaria Geral do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão; titular efetivo da Academia Maranhense de Letras e Consultor-técnico do Diretório Regional de Geografia do Maranhão; professor da Faculdade de Filosofia de São Luís.

Bibl: "Apontamentos para a História da Instrução Pública e Particular no Maranhão"; "Apontamentos para a História Administrativa do Maranhão"; "O centenário de Themistocles Aranha" — S. Luís, 1937; — "O coronel Luís Alves de Lima no Maranhão". — Rio, 1940; — "Joaquim Gomes de Sousa" — Rio, 1941; — "Alcantara, no seu passado economico, social e político" — S. Luís, 1950. "História do Comércio do Maranhão" — Rio, 1954.

JOAQUIM VESPASIANO RAMOS, nascido em Caxias a 13/8 /1884 e falecido no Amazonas no ano de 1915. Poeta de fácil e soberba inspiração, um dos maiores da geração. É o patrono da cadeira n.º 32, da Academia Maranhense de Letras, fundada por Mariana Luz.

Bibl: "Cousa alguma" — Rio, 1916.

Samaritana

Piedosa gentil Samaritana:
Venho, de longe, trêmulo, bater
A vossa humilde e plácida cabana,
Pedindo alívio para o meu viver!

Sou perseguido pela sede insana
Do amor que anima e que nos faz sofrer:
Tenho sede demais, Samaritana
Tenho sede demais: quero beber!

Fugis, então, ao misero que implora
O saciar da sede que o consome,
O saciar da sede que o devora?

Pecais, assim, Samaritana! Vêde:
— Filhos, dai de comer a quem tem fome,
Filhos, dai de beber a quem tem sede.

(Vespasiano Ramos)

LAURA ROSA, nascida em São Luís a 1/10/1894. Poetisa e professora; é a titular efetiva da cadeira n.º 26, de Antônio Lobo, na Academia Maranhense de Letras.

Bibl: "Promessas", contos — S. Luís, 191; "Conferencias"; "Castelos no ar", poesia inéditas.

RAIMUNDO CORREIA DE ARAÚJO, nascido em Pedreiras a 29/5/1885 e falecido em S. Luís a 24/8/1951 Bacharel em direito; poeta e professor. Catedrático de Sociologia no Liceu Maranhense; foi Diretor da Biblioteca Pública do Maranhão. Fundador da Academia Maranhense de Letras, onde criou a cadeira n.º 16, sob o patrocínio de Raimundo Correa.

Bibl: "Harpas de fogo" — S. Luís, 1903; "Evangelho de moço" — S. Luís, 1905; "A tirania: sátira contra D. Carlos"; "Pela Pátria: sátira contra os oligarcas da República" — S. Luís, 1908; "Papel do Espiritismo no Bem e no Mal", estudo teosófico; "Ode à Rui Barbosa" — S. Luís, 1920; "Pedreiras", poemeto — S. Luís, 1921; "Cristãos e teósofos" — S. Luís, 1923; "O fenômeno religioso no mundo da Poesia", tese de sociologia — S. Luís, 1928; "Canto das cigarras" — S. Luís, 1929; "O anti-Cristo", crônicas; "Da necessidade de uma cadeira de religião no ensino"; "O tiranete de Atenas", sátira — S. Luís, 1945; "Acrópole", poesias inéditas.

O Diamante

Passo... Flameja o sol. Súbito diante
De mim, em plena rua, a irradiar
— sol minúsculo — um ponto fulgurante
Exsurge e atrai-me vivamente o olhar.

De longe ao vê-lo, exclamo: "Eis um diamante!" !!
Mas de perto, sorrio, pasmo ao deparar
Um pedaço de vidro que, ofuscante,
A' vista esplende, sob a luz solar!

Muita gente assim vive e a outros ilude.
Parece possuir gênio e virtude,
Brilho de longe como o Grão-Mogol!

Mas, se a vemos de perto, eis — ó surpresa!
Um ser toco sem luz e sem bezela,
Alma de vidro, refulgindo ao sol!

(Correia de Araujo)

ARLINDO DE SOUSA MARTINS, nascido em São Luís a 29/9/1885 e falecido em Manaus, Amazonas, a 8/11/1924. Bacharel em direito pela Faculdade do Amazonas; funcionário da Fazenda Federal, morreu como Chefe de Seção da Alfândega de Manaus. Poeta e jornalista; colaborou muito na imprensa de São Luís, Recife, Manaus e Belém, às vezes sob os pseudônimos de Ester d'Alva, Zé do Bredo, Arsoumar e Eider Filho.

Bibl: — "Suspiros e soluços" — S. Luís, 1911; "Poesias", inédito.

CARLOS HUMBERTO REIS, nascido em São Bento a 15/11/1885 e falecido no Rio de Janeiro no ano de 1946. Bacharel em ciência jurídicas e sociais, era catedrático da antiga Faculdade de Direito do Maranhão. Foi Procurador Fiscal do Estado e Deputado Federal pelo Maranhão. Advogado, jornalista e fulgurante orador.

Bibl: "O Divórcio e o sufrágio feminino"; "Zumbi", romance.

ANTONIO CARVALHO GUMARÃES, nascido em Passagem Franca a 14/7/1886. Advogado, jornalista e poeta; funcionário do Ministério da Educação e Saúde. Sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras, foi eleito ultimamente para o quadro social efetivo, passando a ocupar a cadeira n.º 28, do Visconde de Vieira da Silva, Senador pelo Maranhão.

Bibl: "Sombra negra", poesia; "D. Pedro II e a República".

HUMBERTO DE CAMPOS VERAS, nascido em Miratiba, hoje Humberto de Campos, a 25/10/1885 e falecido no Rio de Janeiro a 8/12/1934. Poeta, cronista, humorista, contista e crítico literário; uma das mais fortes expressões da intelectualidade contemporânea brasileira. Foi aprendiz de alfaiate, caixeiro de comércio e tipógrafo; depois representante do Maranhão na Câmara Federal de Deputados. Ocupou, na Academia Brasileira de Letras, a cadeira n.º 20, patrocinada por Macedo; foi sócio correspondente da Academia Maranhense e, com o aumento de seu quadro social, escolhido para patrono da cadeira n.º 23, fundada pelo poeta Ribamar Pinheiro.

Bibl: Poesia — "Poesia", 1.º série — 1911, 2.º série — 1917; "Poesias completas" — 1922; Crônicas — "Da seara de Booz" — 1918; "Mealheiro de Aequino" — S. Paulo, 1919; "Destinos" — Rio, 1926; "Os pássaros" — 1933; "Lanternas e libélulas" — Rio, 1936; "Sombras que sofrem" — Rio, 1934; "Sepultando os meus mortos" — 1935; "Notas de um diarista" — 1.º série, 1935, 2.º série, 1936; "Reminiscências" — 1935; "Um sonho de pobre" — 1935; "Contraste" — 1936; "Perfis" — 1.º série, 1936, 2.º série, 1936; "Últimas crônicas" e 1936. Contos humorísticos — "Vale de Josafá" — Rio,

o mealheiro de Aequino

1876
1886
11

1918; "Tonel de Diogenes" — Rio, 1919; "Serpente de Bronze" — Rio, 1920; "Gansos do Capitólio" — Rio, 1921; "A bacia de Pilatos" — 1923; "A funda de Davi" — 1924; "Grãos de mostarda" — 1925; "Pombos de Maomé" — Rio, 1925; "O arco de Esopo" — Rio 1926; "Antologia dos humoristas galantes" — Rio, 1926; "Alcova e salão" — Rio, 1927; *Autobiografia* — "Memórias" — 1.º vol., 1933, 2.º vol. 1935; "Memórias inacabadas" — Rio, 1935; "Fragmentos de um diário" — 1939. "Diário," in "O Cruzeiro" — Rio, 1951 *Crítica* — "Corvalhos e roseiras" — Rio, 1923; "Crítica" — 1.º série, 1933, 2.º série, 1933, 3.º série, 1935, 4.º série, 1934. *Contos* — "O monstro e outros contos" — 1932; "Histórias maravilhosas" — 1933; "A sombra das tamareiras" — S. Paul, 1934. *Ensaços* — "O Brasil anedótico" — 1927; "O conceito e a imagem na poesia brasileira" — Rio, 1926; "Antologia da Academia Brasileira de Letras" — Rio, 1928.

O brinquedo roubado

A nossa mudança de Miritiba, onde meu pai era tudo e não nos faltava nada, para Parnaíba, onde éramos nada e nos faltaria tudo, começou a influir, muito cedo, na formação do meu caráter. Eu reconhecia intimamente a inferioridade da minha condição. No meio de primos que possuíam pai, e cujo pai os podia cercar do necessário e do supérfluo, doía-me o tratamento que me davam, quando era encontrado sozinho, e que se modificava um pouco na presença de minha mãe. Eu era um menino feio, retraído, desconfiado. Nada, em mim, atraía a simpatia alheia. E como não havia um espírito extraído e inteligente que procurasse estabelecer o contacto do meu coração com o mundo, ia se formando na minh'alma um surdo sentimento de revolta, uma queixa amarga e silenciosa contra as desigualdades estabelecidas pelo Destino.

Foi a noção dessa inferioridade clamorosa que me levou à prática do primeiro ato reprovável, em que o castigo severo contribuiu, apenas, para fixar, no meu espírito a extensão daquela injustiça.

Eu fui um menino que não possuiu, parece, jamais, um brinquedo delicado. É provável que meu pai, nas suas viagens ao Maranhão me levasse alguma lembrança desse gênero. Mas eu o perdi aos seis anos, e, depois de órfão, minha mãe não podia dispendir qualquer quantia, mesmo insignificante, com uma gaita, um boneco ou um pandeiro. No meu aniversário, ou no de minha irmã, seu brinde consistia em servir o nosso almoço fora da mesa, improvisando um "banquete" sobre um caixão de querosene, coberto com uma toalha de rosto.

Nesse dia, comíamos em pires, elevados à condição de pratos d'encossa festa. Certa vez houve, mesmo, um pouco de "vinho", preparado com água, vinagre e açúcar, e que enchia um pequeno vidro de "Xarope de Cambará". Minhas distrações de infância, desde que chegámos a Parnaíba, limitavam-se a frutos de Jatobá, em que eu punha pernas e chifres para a formação de boladas; à fabricação de arapucas para apanhar as rôlas mariscadeiras do quintal; e à de papagaios de papel, que eram o maior encanto das minhas tardes vadias. Às vezes, quando encontrava um lápis ao alcance da mão, transformava-me em desenhista e, deitado no chão, pintava em cada tijolo do alpendre uma paisagem, ordinariamente uma casa com algumas árvores à frente ou ao lado, e uma estrada tortuosa que lhe terminava à porta. Houve, também, uma época, dos oito aos dez anos, em que os meus cuidados se voltaram para os carretéis de linha. Cheguei a possuir cerca de duzentos, brancos uns, pretos outros. Constituíam dois exércitos, comandados pelos generais, que eram os carretéis maiores. Punha-os em forma, alinhava-os militarmente para a batalha e, com um limão, derrubava-os a tiros de artilharia, ora de um lado ora de outro. Entre êsses carretéis alguns havia que eram verdadeiros heróis; entravam em seis ou sete combates seguidamente e não caíam. O limão respeitava-os como as granadas a Bonaparte. Se há um Cornélio Nepote no mundo dos carretéis vazios, alguns dos meus devem ter o seu nome na história dos grandes capitães. Terminadas, porém, as lutas a que os submetia, eu enfiava os meus dois exércitos em um barbante, e pendurava-os num prego do alpendre. Fazia, em suma, com os meus soldados o que fazem com os seus os políticos, depois de servidos... Todos os meus brinquedos eram, como se vê, brinquedos de menino pobre. Nenhum vinha da loja.

E' de imaginar, pois o alvoroço íntimo que me assaltou quando, um dia, tive sob os olhos uma caixa de brinquedos. Eu devia ter oito anos e estava, com minha mãe, em visita, na casa de um dos meus tios, quando, uma tarde, mandaram pedir no estabelecimento comercial de Pires, Almeida & Cia., que ficava próximo, algumas dúzias dêles, e todas as crianças afortunadas, tinham fido noticia do acontecimento. A criada voltou com a encomenda e foi deslumbrado que vi abrir-se a caixa maravilhosa. Eram pequenos brinquedos de lata, pintados de azul, de amarelo, de verde, ou de vermelho: carruagens, bondes, locomotivas, navios — um sortimento capaz de revolucionar Líliput. Custava 400 réis cada um. Os

olhos ávidos, coração batendo forte, eu vi passarem dois brinquedos daqueles para as mãos venturosas de minha prima e do meu primo pequenos. Ninguém se lembrou de mim. Ninguém viu que ali estava um menino órfão, mais infeliz que as outras crianças, e que, por isso mesmo, precisava, mais que as outras de uma esmola de alegria. Escolhidos os dois brinquedos, fechou-se a caixa, que a rapariga deixou sobre uma cadeira da sala de jantar, enquanto ia ao interior casa.

Quando ela saiu para ir à loja com a sua carga preciosa eu a acompanhei. Não sei se eram os outros brinquedos que me atraíam, ou se era o remorso, a consciência da culpa que me arrastava. Ia como um automato. Iã como quem marcha sôlto, mas sem poder fugir, para o lugar em que se levanta o patíbulo. Chegados à loja, o comerciante derramou a caixa de brinquedos sobre o balcão.

— Ficaram com dois, informou a criada, entregando os oitocentos réis.

— Dois, não: três... — declarou o dono da loja.

Recontou os brinquedos e insistiu:

— Falta um... Diga lá que falta um...

Voltámos. O coração batia-me como se me quisesse vir à boca tomar fôlego. Eu devia estar lívido, transfigurado. A rapariga deu o recado à minha tia. E todos os olhares se voltaram, de pronto, para o menino órfão.

Não me recordo, hoje, que foi que aconteceu. Entreguei o brinquedo, um pequenino carro pintado de vermelho, que havia escondido atrás de uma porta. Apanhei, com certeza, uma surra. Fui apontado, sem dúvida, às crianças felizes e que tinham pai, como um menino mau e de costumes tristes. E o brinquedo foi restituído ao comerciante, com a declaração de que havia caído sobre o tapete, no momento de abrir a caixa.

Foi êsse, na minha vida de criança, o único brinquedo bonito, e de loja, que possuí. Pessa criminosa e precária. Alegria misturada com sofrimento, e que durou um instante. Contentamento íntimo que terminou em humilhação ostentosa. Festa de alma que se tornou em agonia.

E que tem sido para mim, pelo resto da vida, a felicidade, senão um brinquedo roubado, que eu escondo, que eu dissimulo assustadamente no coração e que, no entanto, descobrem, e me tomam, quando eu estaria tão pouco me deixarem com ele?

(“Memórias” — Humberto de Campos)

ALMIR APOLINARIO DE CARVALHO, nascido em São Luís a 23/7/1887. Poeta e jornalista. Oficial-administrativo do Ministério da Fazenda, foi secretário do Delegado Fiscal no Maranhão.

Bibl: "Deus", torneio em versos com Américo César — S. Luís, 1913.

ARMANDO VIEIRA DA SILVA, nascido em São Luís a 30/8/1887 e falecido a 9/10/1940. Bacharel em direito, foi Procurador Regional da República no Maranhão; foi Oficial de Gabinete do Governo do Maranhão e Diretor da Imprensa Oficial. Escritor e poeta. Sócio efetivo da Academia Maranhense de Letras, de que foi presidente, nela fundou a cadeira n.º 8, sob o patrocínio de Gomes de Sousa; foi igualmente presidente do Sindicato Maranhense de Imprensa.

Bibl: "Vibrações da noite", poesia — S. Luís, 1907; "Poesias" — S. Luís, 1908; "Portugal" — S. Luís, 1908; "Oração à bandeira"; "Consolação" — Rio, 1937. E imprimiu, em folhetos, vários discursos.

LEONETE OLIVEIRA, nascida no Maranhão a 14/7/1888. Foi funcionária da Biblioteca Pública do Maranhão. Poetisa, das melhores que temos tido.

Bibl: "Flocos" — S. Luís, 1910; "Miragens".

ANTONIO LOPES DA CUNHA, nascido em Viana a 25/5/1889, falecido em S. Luís a 29º11/1950. Magistrado, professor, jornalista e poeta. Juiz de direito aposentado; catedrático do Liceu Maranhense e da antiga Faculdade de Direito do Maranhão. Foi Prefeito de São Luís. Sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, onde ocupou a cadeira n.º 25, de Celso Magalhães, e de que foi secretário perpétuo; secretário geral da Sub-Comissão Nacional de Folk-lore no Maranhão; consultor técnico do Diretório Regional de Geografia do Maranhão; e titular efetivo da Academia Maranhense de Letras, onde ocupou a cadeira n. 13, de José Cândido de Moraes e Silva.

Bibl: "Pedro II", monografia; "O Comendador João Guálberto da Silva" — S. Luís, 1947; "A Capitania de Cumã". Deixou inéditos, ao que sabemos; "Historia da Imprensa no Maranhão", "Antologia do Maranhão Colonial", "Alcantara", "Damas Ilustres do Maranhão Antigo", "O Negro no Maranhão", "Romanceiro Maranhense", "Historia dos Transportes Urbanos Coletivos do Maranhão Antigo"; mais uma "Historia do Maranhão", inacabada, e reviu, anotou e aumentou o "Dicionário Histórico e Geográfico" do Cesar Marques, cujo original está com o Instituto do Livro para publicação.

JOSE SILVESTRE FERNANDES, nascido em Arari a 1/8/1889. Professor e jornalista. Professor de português, geografia e história

nos ginásios de São Luís. Foi Inspetor Escolar, Assistente-técnico da Diretoria da Instrução Pública, Diretor do Instituto Cururupense e Diretor do Departamento Administrativo do Serviço Público. Redator de "O Litoral", de Cururupú". Consultor-técnico do Diretório Regional de Geografia do Maranhão; titular efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, onde ocupa a cadeira n.º 24, de Enes de Sousa, e da Academia Maranhense de Letras, onde ocupa a de n.º 15, sob o patrocínio de Odorico Mendes.

Bibl: "Livro da Criança" — S. Luís — 1.ª Série, 1930; 2.ª Série e, 1931; 3.ª Série, 1932.

EIDER PESTANA, nascido em São Luís a 18/11/1889 e falecido em Campos, Estado do Rio de Janeiro. Agente fiscal do imposto de consumo. Poeta e jornalista; membro efetivo da Academia Campista de Letras, onde ocupava a cadeira patrocinada por Obertal Chaves.

Bibl: "Elogio da chuva"; "Canta Coração"; "A influência ambiental na poesia de Castro Alves"; "Poetas fluminenses"; "São José de Ribamar" — S. Luís, 1923; "Terra caída".

JOAQUIM VICENTE AIRES, nascido em Buriti-Bravo a 11/7/1890 e falecido em Recife, Pernambuco, a 25/10/1935. Jornalista e poeta; usou os pseudônimos de Jovires, Jaires, Jotaires e Jaques Alves. Foi secretário particular do Interventor Astolfo Serra, no Maranhão.

Bibl: "Cargas de lenhas", livro inédito de crônicas.

ARISTIDES SECUNDINO DE SOUSA LEMOS, nascido em Riachão a 28/8/1890. Bacharel em direito, foi promotor público no Acre; depois, deputado estadual no Pará; radicando-se finalmente em São Paulo, foi catedrático do Ginásio do Estado, em Campinas, e ocupou, na Academia de Ciências e Letras de São Paulo a cadeira de Luiz Carlos. Jornalista, colaborou no "Diário do Povo" e no "Correio Popular".

Bibl: "Os processos pela Lei da Imprensa" — 1925; "Os princípios constitucionais da União" — 1926; "As constituições estaduais do Brasil — contrastes e confrontos"; "A Constituição do Rio Grande do Sul, ao juízo dos constitucionalistas modernos" — 1927; "A futura Constituição e os direitos da Imprensa" — 1932; "Centas de livros comerciais" — 1933; e um estudo inédito sobre Alberto de Faria.

JOÃO CRISOSTOMO MARTINS NOGUEIRA DE SOUSA, nascido em São Luís a 27/1/1892; já falecido. Cronista, poeta e jornalista.

Bibl: "Bilhetes cariocas" — S. Luís, 1925; "Ladrilhos", contos — S. Luís, 1926; "Sonetos maranhenses" — S. Luís, 1940.

ULPIANO DE VILHENA BRANDÃO, nascido em São Luís a 27/5/1892 e falecido a 7/11/1928. Novelista e poeta, dos melhores da geração.

Bibl: "Vestíbulos", poesia; "Terra do Norte", romance; e "Guerra Européia"; todos inéditos.

* SAUDADES

Saudades tenho-as eu tido,
Saudades muitas, sem par,
De uma voz que o meu ouvido
Ouviu num som suspenso
De uma guitarra a chorar...
Rumor incompreendido
Que inda me faz escutar
O meneio de um vestido
De cassa branca a ondular!
Som que deu ao meu ouvido
O alto dom de adivinhar
Toda a Graça do Cupido
Dêsse corpo de Luar!
Saudades tenho-as eu tido,
Saudades muitas, sem par...

(Ulpiano Brandão)

RAIMUNDO CLARINDO SANTIAGO, nascido no Maranhão a 12/8/1893 e já falecido. Médico e literato; jornalista. Foi Diretor da Instrução Pública no Maranhão. Titular efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, onde fundou a cadeira n.º 4, de Estácio da Silveira, e da Academia Maranhense de Letras, onde ocupava a de n.º 13, sob o patrocínio de José Candido de Morais e Silva.

Bibl: "A Escola Mineira e suas fases" — S. Luís, 1926; "Rumo ao sertão" — S. Luís, 1928; "O Poeta nacional" — S. Luís, 1926; "João Lisbôa" — S. Luís, 1928; "Estudos Maranhenses" — S. Luís, 1929; "Neto Guterres — o medico dos pobres" — S. Luís, 1937; "Sousandrade", discurso.

JOAQUIM VIEIRA DA LUZ, nascido em São José dos Matões hoje, Parnarama, a 17º12/1893. Bibliófilo e escritor. Serventuário da Justiça, foi Secretário do Governo na Interventoria Saturnino Belo e Diretor do Serviço de Imprensa Oficial, no Maranhão. Consultor-técnico do Directorio Regional de Geografia do Maranhão e

membro da Sub-Comissão Nacional de Folclore no mesmo Estado; titular efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, onde ocupa a cadeira n.º 2, de Yves d'Evreux, e da Academia Maranhense de Letras, onde ocupa a de n.º 40, de Dunshee de Abranches.

Bibl: "Aluizio Azevedo" — S. Luiz, 1921; "Fran Paxeco", com Ruben Almeida — S. Luís, 1949; "Fran Paxeco e sua influência no Maranhão" — Rio, 1953; "Dunshee de Abranches e outras figuras" — Rio, 1954; "Fran Paxeco" no prelo.

JOÃO HENRIQUE SAMPAIO VIEIRA DA SILVA, nascido em São Luiz. Médico, literato e parlamentar. Radicou-se em Minas Gerais, que já o fez deputado estadual, federal e prefeito de Uberaba, onde reside.

Bibl: "Do conceito eugênico do habitat brasileiro"; "Política programática"; "Estudo do Cruzeiro"; "Ingenheiros e o Brasil sem clima e sem raça".

FULGENCIO PINTO, nascido em Araçagi (S. Luís) a 1/1/1894. Folclorista, poeta e jornalista. É membro da Sub-Comissão Nacional de Folclore no Maranhão e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, funcionário da Justiça Eleitoral.

Bibl: "Dr. Bruxelas & Cia."; "Bequimão e a Conjuração Mineira", inédito.

JOÃO DA MATA DE OLIVEIRA ROMA, nascido em Chapadinha a 24/2/1894 e falecido em Caxias a 27/10/1944; Jornalista, poeta e professor; catedrático na antiga Faculdade de Direito do Maranhão. Sócio efetivo da Academia Maranhense de Letras, onde fundou a cadeira n.º 25, sob o patrocínio de Sá Viana.

Bibl: "Versos sem estilo" — 1921; "Poemas selvagens", 1.º série — 1929; "Na Judicatura"; 1.º série — 1932; "Versos de Enor" — 1932; "Duas teses" — 1934; "Ligeiras notas sobre o Direito Judiciário Civil" — 1937; "Poemas selvagens", 2.º série — 1939; "A legítima defesa inconciente"; "O Marabá", poema; "Nótulas jurídicas"; "Refugos" "Antes", "Relíquias" e "Laureis", versos; "Um professor em apuros"; "Marido... da moda"; "O Noivado de Manduca", "A Inspeção", "Era uma escola", comédias; "Visita ao Sertão", burleta; "Colchas do Matuto", crônicas.

EDGARD DE CARVALHO NEVES, nascido em Codó, a 8/6/1894. Professor e publicista. Farmacêutico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e diplomado pelo Curso de Manguinhos. Catedrático da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Espírito Santo, professor da escola congênere do Estado do Rio de Janeiro e da Escola Nacional Pedro II e do Curso de Educação Sanitária Escolar, ambos em Vitória, e do Curso de Auxiliares de Alimentação do SAPS.

CLODOALDO CARDOSO, nascido em Barra do Corda a 7/8/1894. Escritor e poeta. Funcionário da Fazenda estadual do Maranhão, foi Coletor de Rendas, Diretor do Tesouro e Secretário das Finanças; Prefeito de S. Luís e Diretor do Departamento das Municipalidades. Bacharel em direito pela Faculdade do Piauí, é advogado militante, consultor-jurídico da Associação Comercial do Maranhão, Procurador Fiscal do Estado e catedrático da Faculdade de Direito do Maranhão. Foi Assistente-técnico do Departamento Estadual de Estatística e Secretário do Diretório Regional de Geografia do Maranhão; é membro da Comissão de Cartografia do Conselho Nacional de Geografia. Sócio correspondente da Academia Fluminense de Letras socio honorário da U.N.I.T.E.R. e titular efetivo da Academia Maranhense de Letras, de que é atual presidente e onde ocupa a poltrona n.º 23, patrocinada por Graça Aranhã e do I. Histórico e Geográfico do Maranhão.

Bibl: "Florões", poesia — S. Luís, 1926; "Regulamento do Imposto de Vendas e Consignações — S. Luís, 1958 "Pastos Bons", monografia" — Rio, 1947; "Sombras", poesias inéditas.

RAUL MARTINS DE FREITAS, nascido no Brejo a 12/10/1894. Poeta, jornalista e advogado. Foi Diretor do Serviço de Imprensa Oficial e Delegado do I.A.P.T.E.C., no Maranhão, e Diretor do Departamento Estadual de Indústria e Comércio. Membro da Sociedade Cultural "Humberto de Campos" em Fortaleza, Ceará, e titular, na Academia Maranhense de Letras, da poltrona de Sá Viana.

Bibl: "Símbolos e Ritmos" — S. Luís, 1950.

RAIMUNDO LOPES DA CUNHA, nascido em Viana a 28/9/1894 e falecido no Rio de Janeiro a 8/9/1941. Geógrafo, etnógrafo, naturalista e literato. Bacharel em ciências e letras pelo Liceu Maranhense; catedrático de Geografia e História do Brasil no referido liceu; naturalista efetivo do Museu Nacional; membro do Conselho do Patrimônio Artístico Nacional. Foi sócio efetivo da Academia Maranhense de Letras, onde fundou a cadeira n. 21, de Maranhão Sobrinho, e, com o aumento do quadro social, escolhido para patrono da de n. 31, fundada por Josué Montelo; igualmente titular efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, onde fundou a cadeira n. 2, de Yves d'Evreux, e, depois, patrono da de n. 27, fundada por Tasso Serra.

Bibl: "O torrão maranhense" — Rio, 1916; "Discursos", com Domingos Barbosa — S. Luís, 1917; "Os fortes coloniais de S. Luís" — S. Luís, 1917; "O ciclo da Independência" — S. Luís, 1923; "A origem da cidade antiga" — S. Luís, ...; "A civilização lacustre do Brasil" — Rio, 1924; "Les indiens Arikermé" — Goteborg, 1924; "Um aparelho sintético de Antropologia" — Rio, 1925;

"Aspectos da formação sertaneja" — Rio, 1926; "Pontas de sílex lascado no Brasil" — Rio, 1927; "Uma excursão ao Turi" — S. Luís, ...; "Entre a Amazonia e o Sertão" — Rio, 1931; "Os Tupís do Gurupí" — Buenos Ayres, 1932; "O Homem em face da Natureza" — Rio, 1933; "Uma região tropical — o Maranhão" — Rio, ...; "Ensaio etnológico sobre o povo brasileiro", menção honrosa da Academia Brasileira de Letras — Rio, ...; "Ouro Preto e a Conjuração Mineira" — Rio, 1934; "Gonçalves Dias e a raça americana" — Rio, 1935; "A pesca brasileira nos rios do Maranhão" — Rio, 1938; "A Natureza e os monumentos culturais" — Rio, 1938; "Brasilidade e primitividade" — Rio, ...; "Faixas culturais dos Andes" — Rio, ...; "A pesca no norte do Brasil" — Argentina, ...; "O Livro das Misses — traços antropológicos de um concurso de beleza" — Rio, ... Deixou inéditos: "Tratado de antropogeografia"; "Mapa Fitogeográfico do Brasil", "Mapa etnológico do Brasil", "Peito de moça", romance, "Relatório de uma excursão ao Maranhão", e vários outros estudos menores.

ISAAC GOMES FERREIRA, nascido no Maranhão a 14/9/1895. Magistrado e poeta; ocupa a cadeira n. 21 da Academia Maranhense de Letras, patrocinada por Maranhão Sobrinho. Poeta de raras qualidades e dos melhores da geração, a sua obra está esparsa em jornais e revistas; foi redator de "O Sertão"!

AFONSO CUNHA, nascido em Caxias a 27/10/1895 e falecido em São Luís, a 22/5/1947; Bacharel em direito pela Faculdade do Recife; foi secretário particular do Governador do Acre, deputado estadual no Maranhão, prefeito municipal de Caxias e membro do Conselho Administrativo do Estado. Advogado, jornalista e poeta; dirigiu, em Recife, o "Jornal Pequeno". Não chegou a reunir em livro os seus versos, dos quais se tornou famoso o soneto "Vitórias Régias".

OTONIEL BELEZA, nascido no Maranhão no ano de 1896; reside, ha muitos anos, em Minas Gerais. Filólogo e professor; prosador e poeta; professor de portuguez e literatura no Colégio Estadual de Belo Horizonte. É sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras.

Bibl: "Aljofares" — 1944.

JOSE DE MATA ROMA, nascido em Chapadinha a 23/1/1896 Bacharel em direito pela Faculdade de São Luiz; professor, poeta e orador. Catedrático de Portuguez no Liceu Maranhense e professor dessa disciplina, e de Literatura, em quase todos os estabelecimentos de ensino secundário da capital maranhense. Foi Diretor do Colégio Estadual e diretor-proprietário do "Colégio Cisne", em São Luís, Delegado do Instituto de Aposentadoria e Pensões

dos Comerciários, do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial e do Serviço Social do Comércio, no Maranhão. Membro da diretoria do Departamento de Literatura da Sociedade de Cultura Artística do Maranhão e titular efetivo da poltrona n. 17, da Academia Maranhense de Letras, sob o patrocínio de Sotero dos Reis é, atualmente, Presidente da Câmara de Vereadores de S. Luís; professor da Faculdade de Filosofia de São Luís.

Bibl: "A questão do porque", tese — S. Luís, 1930; "Velhos ritmos", poesias inéditas.

RUBEM RIBEIRO DE ALMEIDA, nascido em São Luís a 9/5/1896. Professor, historiador, prosador e poeta; lente de Português no Liceu Maranhense e professor da Faculdade de Filosofia de São Luís. Membro da Sub-comissão Nacional de Folklore no Maranhão; titular efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão em que fundou a cadeira n. 9, patrocinada por Berredo, e da Academia Maranhense de Letras, onde fundou a de n. 29, patrocinada por Felipe Franco de Sá. Consultor-técnico do Diretório Regional de Geografia do Maranhão, Diretor do Colégio Estadual e Assistente-técnico da Biblioteca Pública do Maranhão.

Bibl: "Raízes e radicais gregas" — S. Luís, 1930; "Relatório apresentado ao Interventor Martins de Almeida" — S. Luís, 1933; "O índio brasileiro em face da legislação" — S. Luís, 1934; "Investigação de paternidade"; "Fran Paxeco", com Joaquim Luz — S. Luís, 1949; "Panteon das selvas", inédito.

CANDIDO PEREIRA DE SOUSA BISPO, nascido em Grajaú a 3/10/1896. e falecido em S. Luís a 15/7/50, Bacharel em direito; advogado, escritor e jornalista. Fundou o Colégio Esperança e a Escola Isaac Martins e os periódicos — "O Tic-tac", "O Fiscal", "Os Simples", "A Brisa", "Tupi", "O sertão" e "Sertão Judiciário"; colaborou em "A Razão" e secretariou "A Evolução", ambos em Belem, e na "Política" e no "Escolar", do Rio; foi colaborador assíduo da imprensa maranhense dos nossos dias. Membro das associações brasileira e maranhense de Imprensa; consultor-técnico do Diretório Regional de Geografia do Maranhão; titular efetivo da Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, em que ocupava a poltrona n. 11, de Sebastião Belfort, e da Academia Maranhense de Letras, em que fundou a de n. 27, sob o patrocínio de Dias Carneiro.

Bibl: "Independência", teatro — S. Luís, 1921; "Espinhos de mandacará", crônicas — Rio, 1925 "Alea jacta est" — 1927; "Notas e pareceres" — S. Luís, 1935; "O Dia da Justiça" — 1944; "Batendo à porta do Templo" — S. Luís, 1947; "Mensagens de Civismo" —

1948: "A estrutura geológica do Maranhão e a existencia do petróleo" — Rio, 1949; "Campezinhas" e vários outros trabalhos inéditos.

MANUEL ALEXANDRE DE SANTANA SOBRINHO, nascido em Mucunã, município de S. Francisco do Maranhão, a 4/1/1897. Funcionário do Ministério da Agricultura. Poeta, dos melhores da geração, é o titular efetivo da cadeira n. 19, patrocinada por Teófilo Dias, na Academia Maranhense de Letras.

Bibl: "Hora Iluminada" — Rio, 1948; "Pétalas e farpas", inédito.

Ascensão

Arte! — caminho aberto, ampla e florida estrada,
Dêde o homem, do pó, marcha para as Alturas!
Senhar-te é ter na vida uma hora iluminada,
Conquistar-te é vencer milênios de amarguras.

Verme, surgi de rastro, anônimo, do Nada,
E, após atravessar muitas vidas obscuras,
Para longe da terra, ainda brutalizada,
Quis voar e arremessei-me às tuas asas puras.

E, assim, sacrificando as ambições terrenas,
Ao teu regio solar chego, trazendo, apenas,
Os golpes da refrega, exausto da subida...

E' que, para ingressar no teu mundo risonho,
Penhascos e a cantis galguei, de sonho em sonho,
Empenhando por ti, de prélio em prélio, a vida.

("Hora Iluminada" — Manuel Sobrinho)

CARLOS ALBERTO DA COSTA NUNES, nascido em São Luís a 18/1/1897. Médico pela Faculdade da Baía, fixou residencia em São Paulo, Poeta.

Bibl: "Os Brasileidas", contos I a V — 1931; "Os Brasileidas" poema completo — S. Paulo, 1938; "A Odisséa de Homero" — S. Paulo 1945 (2a. edição); "A Iliada, de Homero" — S. Paulo, 1949 (2a. edição); "Clacigo — Estela, de Goethe — S. Paulo, 1949; "Henrique IV", de Shakespeare — S. Paulo, 1950.

A Pororoca

Ei-los que se defrontam, léguas grandes
onde o Rio sagrado as fauces abre
falsiforme e desmedido. Já nos pétreos
alicerces da Costa os fortes punhos

assestara; já corta os lapidares
blocos e os dismantela; já nas praias
procura o Mar-salgado e iroso alar-se
em turvada e incontida amaritudine.
Eviternos defronçam-se inimigos.
Pasma a longe nas margens ensombradas
do grande Mar-de-dentro o que a contenda
presente formidável: inquietos
batem nas margens flagelos que estímulos
buscam no solo firme. Pelas brenhas
mais densissimas fuge altigrasando
o passaredo. Súbito derramam-se
desusados nas margens acidentes;
e pelo bojo torvo e pelos ares
comovidos que as palmas ebalançam,
retumbando nas côncavas paragens
estronda ao longe a Pororoca. Sobem
mares em rolos as margens gaigando,
troncos e barcos em lascas às pedras
atirados: o Mar penetra infrene
nos das águas sagrados aposentos.
Quantos densos avançam negrejançes
húmidos montes turbinoso! Ronca
nas léguas do Nascente horribilissimo
rugindo o monstro horrendo em remetida
rispida que rebenta: rebramindo
perpassa a Pororoca, repiquete
revertido florestas complanando:
tristes bóiam dos ninhos esperanças,
mestos pios nos vólices tragados.
Bem menos, pelos agros irrompendo,
terror levando e susto e dos colonos
o trabalho calcando esperançoso,
lúgubres se propagam tons soturnos
quando a bolada estoura subitanea
nos campos derramada. Reboante
por valos e barrancos e estroncadas
árvores que estrelejam, longe a mole
quadrupejante a Terra percutindo
pelas quebradas tetrica se estende:
aspas riscam dos bois a trajectória,
tardos corpos veloces transmudados.
Mas o Rio, que aos ímpetos cedera
da salsa remetida, em lapidares

ribanceiras o gesto escora turbo
da corpulencia generosa: ao baque
estaca brusca a salsa cavallhada:
tremem liquidos muros encontrados,
crini-aspergidas margens que reboam.
Assim queixada aos perros acomete
que nas matas atacam lavradores:
cerdas hispido ouriça enraivecido,
colmilhos a estralar. Do mesmo modo
trepida a imensidade e arqueja arfante
na mole intransponivel sopesada.
Dorso obumbrado e terso eis que se enfuna
de nova a correnteza! Já concentra
na mole os infinitos; já dos mares
deslizantes a força e das ribeiras
congrega e os estimula: já nos cortes
lapidares barrancos vai talhando
por toda a Terra ao longo onde empolados
perjuncas afirma os tendões húmidos.
E conscio do poder que arrasta imenso
na terva compostura o tergo exalta
contra a massa netúnia represada;
e férvido e rompente e exacerbadado,
relembrando nativas ousadias,
os peitos mete irresistivel: cedem
crespos mares à turbida arrancada.
Desordenados recuam revoltos
montes em vórtices arrebatados;
tudo leva de rasiro a correnteza
que salgados conturba os apoentos.
Já nas léguas da foz o Ponto arqueja
pelas águas salobras rechaçado,
que porque de florestas adornadas
dardos em profusão verdes remessam.
Sanhoso espuma o Rio, na melena
flavi-undosa agitada inumeráveis
arrastando ba-reiras, ilhas cento
de vetustas ramagens com que as portas
eôas atravanca: recalcado
pela Undosa-avenida ao fundo extremo,
ramuge o salso Mar e opresso geme:
pleno, torvo, desliza o imenso Rio,
rasas margens banhando generoso.

JOSE' JUSTO DE MATOS PEREIRA, nascido em São Luís a 28/5/1898. Poeta e professor. Foi intérprete do Governo Inglês na I Guerra Mundial, ensinou linguas no Colégio Militar do Ceará e é Diretor do Serviço de Cultura, Divulgação e Diversões Populares do Ceará; sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras.

Bibl: "Rubáyát", de Omar Khayyám, traduzido do francês e do Inglês — Rio, 1944; "Antologia Poética mundial" e "O Rubaiyat que Khayyam não escreveu", ainda inéditos.

JOSE' DE RIBAMAR DOS SANTOS PEREIRA, nascido em São Luís a 17/9/1898. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito do Pará, foi Assstente Judiciário do Proletariado e 1.º Promotor Público da Capital, no Maranhão; é presentemente Consultor Jurídico da Caixa de Aposentadorias e Pensões de Serviços Públicos dos Estados do Piauí e Maranhão. Representante, no Maranhão, da Casa dos Artistas, da Associação Mantenedora do Teatro Nacional e da Associação de Cronistas de Arte. Jornalista, poeta e orador; barítono. Colabora assiduamente na imprensa de São Luiz e tam colaborado também nas do Acre, Belém, Fortaleza Recife, Bahia, S. Paulo, Amazonas e Rio de Janeiro. Catedrático da Academia de Comércio do Maranhão e da Escola de Agronomia do Maranhão; foi professor contratado da Faculdade de Direito do Maranhão e em vários outros estabelecimentos de ensino secundário em São Luís. E" titular efetivo da Academia Maranhense de Letras, onde fundou a cadeira n. 37, de Xavier de Carvalho.

Bibl: "Os dez mandamentos"; Discursos academicos"; "Duas teses" e "Alma", poesia. Tem musicadas 217 poesias suas e algumas vertidas para o francês, o espanhol e o italiano.

FRANCISCO DE ASSIS GARRIDO, nascido em São Luís a 14/9/1899. Escriturário da Alfandega de São Luís; foi Delegado do Serviço de Estatística Economica e Financeira do Ministério da Fazenda, no Maranhão. Poeta e jornalista. Membro da Sociedade Brasileira de Autores Teatras, do P.E.N. Club do Brasil, do Centro Cultural "Humberto de Campos", do Espirito Santo, da Associação de Intercambio Cultural, de Mato Grosso, da Confraternité Universelle Balzacienne e do Grupo Apo Americanista de Intellectuales y Artistas, do Uruguai do Instituto de Cultura Americano, da Argentina. E" o titular efetivo da poltrona n. 3, da Academia Maranhense de Letras, patrocinada por Artur Azevedo.

Bibl: "Oração materna" — S. Luiz, 1920; "Regina", teatro em verso — S. Luís, 1920; "Dom João" — S. Luiz, 1922; "Sol glorioso" — S. Luís, 1922; "O meu livro de mágua e de ternura" — S.

Luis, ...; "A divina mentira" — S. Luis, ...; "A vergonha da família", comédia.

VENUS

Deusa — a teus pés, a flor das minhas crenças ponho!
 Mulher, eu te procuro, eu te amo, eu te desejo!
 Para a tua nudez, a gaze do meu Sonho,
 Para tua volúpia, o fogo do meu Beijo!

Divina e humana, Impura e casta, o olhar risonho,
 Cabelos soltos, corpo nú, como eu te vejo,
 dá-me todo o calor dos versos que componho,
 e enches-me de alegria a vida que pejejo!

Glória a Ti, que, do Amor, cantaste, aos evos, o hino,
 que surgiste do mar branca, leve, radiante,
 para a herança pagã do meu sangue latino

Glória a Ti, que ficaste, à alma dos homens presa,
 para a celebração rubra da Carne estudante,
 e a régia orquestração da Forma e da Beleza

(Assis Garçido)

FRANCISCO DE OLIVEIRA Y FERRES, nascido no Brejo a 26/12/1899 e falecido em São Luis a 30/11/1939. Poeta e jornalista; foi secretário da Prefeitura de Corcatá e Prefeito Municipal de Alcantara.

Bibl: "Jeca", poema — Terezina, 1932; "Rimas sem côres", inédito.

JOSÉ DOS REIS PERDIGÃO, nascido em São Luis a 19/4/1900. Bacharel em direito pela Faculdade do Rio de Janeiro; diplomata, foi vice-consul do Brasil em Genova (Italia) e consul em Assunção (Paraguai) e Funchal (Madeira), Jornalista e polemista; fez crítica teatral sob o pseudônimo de João de Talma. Fez as revoluções de 1924, como 3.º sargento das forças paulistas, e de 1930, integrando finalmente a Junta Governativa do Maranhão. Pertenceu à Sociedade Literária "Barão do Rio Branco"; fundou e dirigiu, em São Luis, o "Diário da Tarde".

Bibl: "Os que vencem", com Hilton Fortuna — Rio, 1919; "A Fornalha de Nabucodonosor" — Buenos Ayres, 1925; "O socialismo róseo do major" — S. Luiz, 1933.

ASTOLFO DE BARROS SERRA, nascido em Matinha, município de Viana, a 22/5/1900. Poeta, jornalista, orador e escritor. Era padre secular, tendo entretanto abandonado o sacerdócio. Fiscal do Liceu Maranhão; Diretor da Junta Comercial do Maranhão; In-

terventor Federal do Maranhão; Diretor Geral do Ministério do Trabalho; Ministro do Conselho Nacional de Justiça do Trabalho. Colaborou em quase todos os jornais de São Luís, dirigiu "Notícias", que fundou, e redigiu a "Tribuna". É titular efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, em que ocupa a poltrona n. 15, patrocinada por Garcia de Abrahães, e da Academia Maranhense de Letras, em que ocupa a de n. 18, patrocinada por Sousandrade.

Bibl: "Gleba que canta", poesia — S. Luís, 1927; "Profetas de fogo", poesia — S. Luís, 1928; "Noventa dias de governo", política — S. Luís, ...; "Aspectos de uma campanha", política — S. Luís, ...; "Discursos políticos"; "Guesa Errante", estudo; "Terra enfeitada e rica" crônicas — S. Luís, "Caxias e o seu governo civil na Província do Maranhão", história — Rio; "A vida simples de um professor de aldeia", biografia; "A Balaiada" — Rio, 1946; "A vida vale um sorriso", novela; "Uma aventura sentimental", novela; "Gonçalves Dias e os problemas da economia nacional", estudo. E mais "Celso Magalhães e o Folclore Nacional", "Sociologia dos Morros Carioca" e "O Negro na formação econômica do Maranhão", inéditos.

A BALAIADA

A Balaiada é um fenômeno que fugiu à geografia maranhense. Dentro da paisagem rica e farta daquelas terras esse movimento revolucionário foi ilógico. Não há proporções entre o meio e a luta entre o clima e a rebeldia, que sacudiu milhares de sertanejos. Si é ilógico dentro do cenário geográfico, o mesmo não acontece com relação à paisagem da história. A Balaiada, sob esse aspecto, é uma impressionante manifestação da lógica dos acontecimentos. Foi um efeito, cujas causas se articularam em duzentos anos da formação político-social do Maranhão.

Antes de evidencia, porém, essas afirmativas, urge reparar, aqui, uma falta, até hoje inexplicável no desenrolar de tudo o que se tem escrito acerca da Balaiada.

É preciso localizá-lo no seu tempo, dando-lhe, assim, a sua verdadeira posição na história, no que se refere à ordem cronológica dos fatos.

A história não é simples narração; é, antes de tudo um encadeamento de fatos que se sucedem, criando, em cada época, um "estado de espírito", ou um clima psicológico, que gera a maior ou menor intensidade dos acontecimentos. É sob a influência desse clima que os povos cristalizam as suas

aspirações, retemperam os seus impulsos, ou deflagram os seus instintos. Tdo fato histórico tem que se prender a um eixo da cadeia normal dos acontecimentos. É sempre uma consequência, capaz de provocar inúmeras outras consequências. É possível que surjam aqui ou ali fatos aparentemente incoerentes no conjunto das consequências históricas; porém, essa fisionomia é simplesmente uma *camouflagê*, um disfarce para armar, depois, efeitos mais surpreendentes dentro do andamento da história, que não para porque é renovação, e renovar é viver e a vida é sempre movimento...

O que urge assinalar, também, é o caráter cíclico dos acontecimentos o que confirma a filosofia popular de que a história se repete... O certo, é que os povos se agitam nos ciclos das éras históricas. Cada éra, por sua vez, tem o seu caráter, as suas influências, a curva de sua evolução.

A Balaiada surgiu sob a curva do ciclo histórico da Regência. A Regência assinala, no Brasil, uma éra revolucionária, "em que a política se havia constituído o centro de todas as atividades humanas".

Fase gravíssima do Brasil Império, a Regência criou clima de lutas. As atividades dos homens públicos desenvolviam-se entre o uso e o abuso do poder, suscitando na massa dirigida, ou oprimida, o espírito de resistência, que é, em última análise, instinto de conservação. O povo começou a rebelar-se, a princípio sob a forma de resistência passiva, e depois com as armas na mão. Criada por esse clima de uso e abuso de poder, a desordem espiritual no aglomerado dirigido, não foi difícil aparecerem sintomas de rebeldias mais graves. Já o fenômeno da Independência criara o ciclo da liberação e as idéias liberais da Revolução francesa floresciam em terras da América, produzindo, no Brasil, um clima perigoso, capaz suscitar em pouco tempo, como suscitou, um espírito revolucionário, que agitou o Império em várias décadas. A Regência deu, pois, a República de Piratini, a revolução Federalista, no sul; a Sabinada na Bahia a revolução Praeira, em Pernambuco, a Vinagrada no Pará e a BALAIADA no Maranhão.

O ciclo é o mesmo. Não há razão de ordem histórica, ou social para não se colocar a Balaiada na éra revolucionária da Regência. Todos os pronunciamentos revolucionários da época nasceram sob o mesmo ciclo. Não há porque recusar à Balaiada o seu lugar nesse quadro de revoluções. O raio de ação do espírito de rebeldia, que agitava o período da Regência, si teve influências em gaúchos e nordestinos, em baianos

e marajoáras, por que não haveria também de ir atingir os camponeses maranhenses? Na apreciação dos acontecimentos históricos não importam os elementos que se fizeram autores dos fatos; o que nos deve impressionar são os fatos em si, na sua realidade, no seu desenvolvimento, na sua localização no tempo. O grau de cultura, ou a intensidade dêste ou daquele elemento em atividade na história, não influirá no julgamento, ou na classificação do episódio por êle provocado. A cultura poderá ser um índice de elevação moral ou social, de uma classe, porque a cultura é, afinal, ainda, um privilégio de elites; porém, um ideal não é monopólio de castas. É uma força divina que poderá se manifestar no homem de cultura, como no inculto, nas elites, como na massa; dominará a todos os que por êle forem iluminados, muito especialmente se êsse ideal dominar as almas sob as fórmulas de anseios de Liberdade ou de Justiça.

O ideal de Liberdade e de Justiça é aspiração comum, é anseio de todos; até, mesmo, os animais sentem a falta de Liberdade... Não é, pois, diminuir a história no ciclo da Regencia si reajustarmos nele a Balaiada como sendo um dos surtos revolucionários da época. O que não é possível é deixar-se a revolta maranhense à margem dos acontecimentos, dando-se-lhe essa fisionomia ridícula de um surto de bandidismo, só e tão somente por que falho no seu destino. Como teremos a oportunidade de estudar, a Balaiada poderá não ser uma revolta de elites, de pequenos-burqueses, mas, nem por isso, deixará de pertencer ao quadro de sua época. A plebe é que se revoltou? Foram vaqueiros e lavradores, camponeses e artesão, negros e mestiços, que pegaram em arma? Que importa isso? Foi em todos os sentidos uma revolta em grande estilo. Perturbou grandemente a vida do Império. Não venceu, mas poderia também vingar. A sua fisionomia, o seu caráter, quaisquer que sejam não lhe modificação o sentido histórico. A Balaiada, nasceu do povo, teve aspectos de rebeldia popular; mas a sua característica, a sua alma criadora foi a que se manifestou em muitas formas de rebelião no período agitado da Regencia em que como assinala Luís Viana Filho, 'até o governo conspirava!'

(“A Balaiada” — Astolfo Serra)

JOSÉ RIBAMAR PINHEIRO, nascido em São Luís a 13/6/1900 e falecido na mesma cidade a 12/9/1947. Poeta e jornalista; foi Diretor da Imprensa Oficial no Maranhão. Ocupava na Academia

Maranhense de Letras, de que foi presidente, a cadeira n. 22, sob o patrocínio de Humberto de Campos.

Bibl: "Discursos e conferências"; "Catecismo cívico" — S. Luís, 1937; "Luar na estrada longa" — Rio, 1946; "Verdi de Carvalho", em colaboração com Guimarães Martins, e "As mentiras da felicidade", inéditos.

RUI DA CRUZ ALMEIDA, nascido em São Luís a 17/10/1900. Engenheiro e coronel do Exército; lente do Colégio Militar. Ensaísta e professor de português; diretor da "Revista de Filologia". Foi vereador no Distrito Federal e é deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro.

Bibl: "Oração à bandeira"; "Gonçalves Dias e o sentimento nacionalista"; "Cooperemos para a boa linguagem"; "Antologia da Língua Portuguesa (em colaboração); "Em defesa do Idioma" (em colaboração).

JOSÉ SAMPAIO DE CAMPOS RIBEIRO, nascido em São Luís a 28/1/1901. Engenheiro agrônomo pela Escola Superior de Agricultura do Pará; funcionário do Ministério da Marinha. Jornalista e poeta; fundou, em Belém, a Associação dos Novos, com outros intelectuais, e tem colaborado assiduamente na imprensa marajoara, redigindo vários de seus jornais. Presidente da Associação dos Jornalistas Profissionais do Pará; titular efetivo da cadeira n. 37, de Teodoro Rodrigues, na Academia de Letras do Pará.

Bibl: "Aleluia" — Belem, 1930; "Brasões de Portugal" — Belem, 1930.

ODILON DA SILVA SOARES, nascido em S. Luís a 1/1/1902. Médico e fisiologista; escritor e humanista; professor. Catedrático do Colégio Estadual do Maranhão e da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Maranhão; professor da Faculdade de Filosofia de São Luís; Deputado Federal; Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e titular, na Academia Maranhense de Letras, da cadeira de Nina Rodrigues.

ANTONIO PEDRO DE BARROS E VASCONCELOS, nascido em São Luís a 8/4/1903 e falecido na mesma cidade a 2/11/1933. Poeta e cronista; colaborou assiduamente na imprensa de São Luís de Belém e do Rio de Janeiro.

Bibl: "Chama azul", poesia — S. Luís, 1922.

JOSÉ RIBAMAR GONÇALVES DA SILVA, Amaral Raposo como é literariamente conhecido; nascido a 27/5/1903. Poeta, orador vibrante e jornalista de brilho. Foi Diretor da Biblioteca Pública do Maranhão, Chefe do Gabinete do Governador do Rio Branco, Diretor da Assembléia Legislativa do Maranhão e Deputado Estadual.

LUCANO DUARTE DOS REIS, nascido em S. Luís a 10/12/1903 e falecido na mesma cidade a 5/1/1931. — Poeta

Bibl: "Escombros", poesias — S. Luís, 1931.

X FÉLIX AIRES, nascido em Buriti Bravo a 14/1/1904. Funcionário do Ministério da Agricultura em S. Paulo. — Poeta.

Bibl: "Buriti-Bravo" — S. Luís, 1931; "Apanágio" — Parnaíba, 1936; "Pequenas Palestras" — Parnaíba, 1936; "Poema aos Imortais" — Rio, 1936; "Musa Agreste"; "Cromos".

ANTONIO JOSÉ DE MELO, nascido no Brejo a 21/4/1904. Jornalista e crítico de arte, colabora assiduamente na imprensa de S. Luís. Foi Diretor da Secretaria da Câmara Municipal de S. Luiz, Diretor do Departamento das Municipalidades de S. Luís, Diretor do Departamento Estadual de Indústria e Comércio e Diretor da Secretaria da Academia Maranhense de Letras.

JOSÉ MARTINS MORAIS GUIMARÃES, *Guimarães Martins* como literariamente conhecido; nasceu em S. Luís 25/6/1904. Jornalista e poeta; apaixonado cultor da memória de Catulo da Paixão Cearense. É sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras no Rio de Janeiro, em cuja imprensa milita.

ARNALDO DE JESUS FERREIRA, nascido em S. Luís a 6/10/1904. Bibliófilo e jornalista, tendo por muito tempo militado na imprensa ludovicense sob o pseudônimo de João Maranhense. Homem de negócios, fez-se um dos líderes de sua classe, tendo sido seguidamente reeleito Presidente da Associação Comercial do Maranhão; foi Secretário de Fazenda do Estado e Diretor-presidente do Banco do Estado do Maranhão. Consultor-técnico do Diretório Regional de Geografia do Maranhão, membro da diretoria da Sociedade da Cultura Artística do Maranhão, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e titular, na Academia Maranhense de Letras, da poltrona de Dias Carneiro.

Trabalha, presentemente, numa "História dos Jesuítas no Maranhão."

Bibl: "Problemas Maranhenses" — S. Luís, 1946; "Notícia sobre Frei Cristovam de Lisboa" — S. Luís, 1952; "Alcantarenses do século XVII na Companhia de Jesus" — S. Luís, 1953; "Atualidade de Vjeira" — S. Luís, 1954; "Dias Carneiro e Sousa Bispo" — São Luís, 1954; Jesuítas do Maranhão e Grão-Pará".

FERNANDO RIBAMAR VIANA, nascido em Ribamar, município de S. Luís, a 31/10/1904. Formado pela Faculdade de Medicina da Baía, e médico do Serviço de Assistência Social do Ministério da Fazenda. Deputado estadual, foi constituinte de 1946. Poeta e jornalista. É sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e titular, na Academia Maranhense de Letras,

da cadeira de Aluizio Azevedo, professor da Faculdade de Filosofia de São Luís.

Bibl: "Folhas Soltas", poesias — S. Luís, 1945.

JOÃO BACELAR PORTELA, nascido em Santa Quitéria a 16/6/1906. Médico, professor e humanista; catedrático da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Maranhão e da Faculdade de Filosofia de São Luís. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da Academia Maranhense de Letras, em que fundou a cadeira patrocinada pelo Gal. Tasso Fragoso.

LUIS DE MORAIS REGO, nascido em S. Luís a 28/10/1906. Formado em farmácia pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Maranhão. Professor e escritor. Professor da Escola Normal do Maranhão, da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Maranhão, da Escola Técnica de S. Luís e da Faculdade de Filosofia; foi Diretor da Instrução Pública e é Diretor proprietário do Colégio de São Luís. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e titular, na Academia Maranhense de Letras, da cadeira de Candido Mendes.

Bibl: "Dia da Criança"; "A nossa sociedade e a nossa educação" — S. Luís, 1933; "Meu desejo de ser útil" — S. Luís, "Questões de educação" — S. Luís, 1934; "50 anos de dar de si, sem Pensar em si" — S. Luís, 1955.

JOAQUIM JOSE' DOURADO (Cônego), nascido em Beberibe, Ceará, a 24/2/1907. Padre secular; como capitão-capelão do Exército Nacional fez a Campanha da Itália na II Guerra Mundial. Escritor; é titular efetivo da Academia Maranhense de Letras, ocupando a poltrona n° 24, patrocinada por Coêlho Neto.

Bibl: "Atravessando Fronteiras" — 1938; "Pássaros Cativos" — 1939; "Sumaúma", romance — 1941; "Caminhos" — 1941; "Outros Céus", romance — 1942; "Estou ferido..." — 1942; "E a guerra acabou..." — Fortaleza, 1949; "Almas Desventuradas".

OTAVIO RIBEIRO DA CUNHA. Poeta.

Bibl: "Alma do Norte" — Rio, 1924; "Miragem do Silêncio" — Rio, 1927; "Ocaso Ardente e Agonia do Sonho" — Rio, 1945; "Lágrimas que falam" — Rio, 1947; "Meus Sorrisos", inédito.

FERNANDO EUGENIO DOS REIS PERDIGÃO, nascido em S. Luís a 5/1/1908. Professor normalista e bacharel em ciências jurídicas e sociais; catedrático da Faculdade de Direito do Maranhão. Jornalista e advogado. É membro da Sub-Comissão Nacional de Folclore no Maranhão, Consultor-técnico do Diretório Regional de Geografia do Maranhão, vice-presidente da Sociedade de Cultura Artística do Maranhão, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e titular, na Academia

Maranhense de Letras, da poltrona de José Cândido de Moraes e Silva.

PERI GOMES FEIO, nascido no Rosário a 4/8/1909. Poeta. Bibl: "Chagas e máguas"; "Fruto amargo" — S. Luís, 1948; "Cortina Azul"; "Reflexos".

AIDO CALVET, jornalista e teatrólogo. Inspetor-técnico do Serviço Nacional de Teatro; crítico teatral na imprensa carioca. Bibl: "Tóxico", com Luís de Servilha; Katalina"; "A embaixada chegou"; "Metamorfose"; "Judas".

E mais Joaquim da Cunha Belmonte (1870/1898), poeta; Milton Vila-Nova (1890/1911), poeta; Hemetério Leitão (?/1918), professor e poeta; Ainda, Adalberto Silva, poeta ("Versos sem graça" — S. Luís, 1913); Agnelo Costa, jornalista e advogado; Alcindo Cruz Guimarães, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão; Alfredo Bená, jornalista; Aluzio Fragoso de Lima Campos, economista e publicista; Alvares Cantuária "Chapas Avulsas" — S. Luís, 1914); Antonio Brandão; Antonio Fonseca Passos, jornalista; Antonio Lima Gomes Filho ("Um amante infeliz" — S. Luís, 1903); Antonio de Moraes Rêgo (Tito Novais), jornalista e poeta; Antonio Mousinho, poeta; Atlas de Almeida Cruz (Conego), orador sacro e jornalista; Artur Colares Moreira; Artur Leite, poeta; Artur Rabut, poeta; Bidico Rodrigues ("Páginas de um Crente"), poeta; Byron Freitas, professor e publicista; Carlota Carvalho, escritora ("O Sertão"); Catão Maranhão, jornalista e parlamentar; Domingos Américo de Carvalho, magistrado, jornalista, publicista e orador; Edmundo Coqueiro, escritor ("A vida de João Antonio Coqueiro"); D. Felipe Pacheco Condurú, Bispo de Parnaíba, escritor e professor, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão; Firmino Saraiva, piauiense de nascimento; Flor de Lis Vieira Nina, professora e poetisa; Fontenelli Viana; Francisco Lisbôa Filho, poeta; Francisco de Melo Pinheiro, poeta; Gentil Silva, jornalista; Hilton Fortuna poeta ("Falando ao Maranhão" — S. Luís, 1919); Hugo Bittencourt; Januário Miranda; João Brulino de Carvalho, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão; João Leda, filólogo e escritor; João dos Santos Chaves (Conego), professor, foi Diretor do Liceu Maranhense; João Wilson da Costa ("Oasis"); Joaquim de Oliveira Santos, pedagogista; Joaquim Teixeira Junior, magistrado, jornalista e orador; José Aguirre, professor e gramático; José Ferreira Gomes, padre, sócio efetivo do I. H. e Geográfico do Maranhão ("D. Francisco de Paula e Silva"); José Maria Lemercler, conego, francês de nascimento, sócio efetivo do I. H. e Geográfico do Maranhão; José de Pádua Fortuna; José Pedro Ribeiro, sócio efetivo do I. H. e Geográfico do Maranhão; José

Queiroz, professor; José do Rêgo Medeiros; José Serra de Castro, médico e escritor, titular na Academia Maranhense, da poltrona n.º 34, de João de Deus do Rêgo; José Ribeiro de Sá Vale, professor ("Antologia Maranhense") — S. Luís, 1937); Leopoldino dos Reis Lisboa, magistrado e publicista, sócio efetivo do I. H. e Geográfico do Maranhão; Luís Viana médico, professor e publicista; Luisa Nunes (Lisosa Nunes), poetisa; Manuel Sales e Silva, poeta ("Padrões" — S. Luís, 1911); Maria José Bastos Ribeiro, escritora "Sombras que eu vi" — Rio, 1944 "Maranhão de outrora" — Rio, 1947); Maria Luisa Lobo, professora e escritora ("Traços na areia"); M. Nogueira da Silva, da Academia Fluminense de Letras apaixonado cultor de Gonçalves Dias; Myron Pedreiras; Nereu Bittencourt, professor; Nicolau Dino de Castro e Costa, magistrado e publicista, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão; Odolfo Medeiros, professor; Odorico Amaral de Matos médico, pediatra e poeta ("A nau que vai à vela"); Olavo Corrêa Lima, médico, pediatra, membro do I. H. e Geográfico do Maranhão; Olímpio Ribeiro Fialho, engenheiro e publicista, sócio efetivo do I. H. e Geográfico do Maranhão; Osvaldo da Silva Soares, sócio efetivo do I. H. e Geográfico do Maranhão; Raimundo Guimarães; Raimundo Pacífico da Silva Campos, professor "Verbos portugueses" — S. Luís, 1923); Raul de Sousa Martins, jurista e publicista; Renato Nascimento e Silva, sócio efetivo do I. H. e Geográfico do Maranhão; Roberto Gonçalves, jornalista e tribuno; Rubens Damasceno, professor e publicista; Salvio Mendonça, médico e autor de vários trabalhos científicos; Sebastião Corrêa, poeta; Tarquinio Lopes Filho, médico, parlamentar e jornalista; Tasso de Moraes Rêgo Serra, general do Exército, professor e publicista, sócio efetivo do I. H. e Geográfico do Maranhão; Veras de Holanda; Virgílio Domingues da Silva, sócio efetivo do I. H. e Geográfico do Maranhão; Vertiniano Meireles, bibliófilo; Vicente Saraiva Maia, professor e poeta; Vilela de Abreu, poeta e jornalista; Wilson Soares, bibliófilo e publicista, sócio efetivo do I. H. e Geográfico do Maranhão; Zelinda Sousa Machado; Odilo Costa Filho, jornalista, etc.

CAPITULO VII

Os tempos atuais: os últimos esforços para o restabelecimento dos fóros de Atenas. O choque entre os espiritos conservadorista e academicista e as primeiras manifestações do modernismo e futurismo

Falecido Antonio Lobo em 1916 e, sete anos após, voltando Fran Paxeco para a Europa, apagou-se a chama daquele idealismo da primeira geração do século e, a pouco e pouco, uma como apatia geral, um marasmo desagregador, sobrepairou o ambiente intelectual em que se chegara a criar uma Academia de Letras. E, novamente, a corrente emigratória de valores deixou despoçada a Atenas Brasileira.

Foram-se, uns após outros, Catulo, Xavier de Carvalho, Fran Paxeco, Reis Carvalho, Raul Azevedo, Inácio Raposo, Godofredo Viana, Clodomir Cardoso, Domingos Barbosa, Viriato Corrêa, Humberto de Campos, Raimundo Lopes, etc. Por outro lado, a Morte ceifava prematuramente vidas preciosas e promissores intellectos: os irmãos Cotsa Gomes, Francisco Serra, Vespasiano Ramos...

-> Assim, o movimento "modernista" que em 1922 irradiaria da Paulicéia para todo o Brasil, não encontrava eco imediato nas plagas timbiras, não obstante a força revolucionária de seu ímpeto, querendo, no dizer de Menotti del Picchia, **fazer tabularasa de todos os valores artísticos no intuito de procurar novos rumos.**

Além de nossas fronteiras já ia grande o entrechoque, o nosso Graça Aranha feito capitão nas hostes "barbarescas" e indo bater-se com o nosso Coêlho Neto dentro do próprio recinto da Academia Brasileira. Aqui, porém, apenas se ouvia dizer da luta que andava por longe...

A força da decadência era superior à vontade dos poucos idealistas, dos poucos sacerdotes fiéis ao culto dos penates da Acrópole. Aliás, a decadência era generalizada e progressiva a

contar da data da Abolição — as letras, é certo, estão sempre em função do estado econômico do meio e o Maranhão, agrícola e escravocrata, ainda hoje sofre as consequências da Lei Áurea que o abalou até aos alicerces. Ficar na terra era, e ainda é para o maranhense (confesse-se com tristeza), dar-se por vencido na luta pela vida e êles, nós aliás, vamos para os outros estados, para os meios maiores, e vencemos sempre lá, mercê de Deus, porque o coração nos bate ao ritmo das estrofes gongalvinas...

A vida é combate

Que os fracos abate.

Que os fortes, os bravos,

Só pode exaltar...

Não obstante, e porque o intelectualismo seja como um "vírus" a correr-lhe nas veias e nas artérias, os que ficaram proseguiram na luta, ao modo da Fenix legendária...

Primeiro, aquelas muitas e diversas sociedades culturais, pressentindo o próprio enfraquecimento, fundiram-se numa só, julgando assim melhor; poderem reagir, e apareceu a Legião dos Atenienses. Não subsistiu, porém; sobreviveram, apenas, a Oficina dos Novos, transformada na Academia de Letras, de vida precária através dos altos e baixos que a sorte lhe tem obrigado a vencer, e a Távola do Bom Humor que, também, como a Legião, não pôde resistir por muito tempo.

Nascimento Morais, escrevendo sobre os "Sonêtos Maranhenses" que a Távola fez publicar em comemoração ao primeiro centenário de nossa Independência, fixa, num rápido instantâneo, o meio ambiente ao terminar o primeiro quartel do século XX, dizendo que ela é de fato, um exemplo para a mocidade. Os da Távola, continua, fazem prodígios num meio como o que vivemos, sem estímulo, sem gosto literário, empolgado por uma criminosa apatia que aborrece!

Em 1925, a 2 de dezembro, surge o Instituto de História e Geografia do Maranhão, Fundam. no Antonio Lopes, Arias Cruz, Abranches de Moura, Estroz e Vasconcelos, Domingos Perdigão, José Domingues, Ferreira Gomes, Pedro Ribeiro, Justo Jansen, Ribeiro do Amaral e Wilson Soares. Mas, estiolou-se no próprio nacemento.

A seguir, e já em 1932, uma plêiade de jovens funda o Cenáculo "Graça Aranha", no que quisemos ver o marco limítrofe destes dois ciclos da evolução de nossa literatura provincial, isso porque, como o dissemos, foi a primeira manifestação, de duração efêmera embora, do modernismo" entre nós. O patreão escolhido pelos moços para o seu sodalício, bastaria para identificar-lhes o

objetivo que, aliás, procuraram acentuar e concretizar intencionalmente suas atividades com a comemoração do centenário natalício de Sousaândrade.

O "modernismo", ou "futurismo", como o quiseram chamar, que tivera no autor de "Canaan", o patrono do cenáculo, o seu mais destacado precursor, o seu primeiro chefe, si melhor dito, e no extravagante autor de "O Guesa" um seu inconciente e longínquo precursor, só agora, dez anos após, vinha se mostrar ao pé dos muros de nossa veneranda Acrópole.

Imediatamente, como fatal, os remanescentes da velha guarda cerraram fileiras para a auto-defesa. E foi, então, cū se viu a Academia reiniciar suas atividades interrompidas desde 1919, declarando, na apresentação do III volume de sua Revista, aparecido em 1935: "Não é possível que paremos, por muito tempo, em Coêlho Neto, Humberto de Campos, Raymundo Corrêa, Graça Aranha, e alguns mais, que tão alto levaram a fama por nós grangeada com Gonçalves Dias, João Lisbôa, Sotero, Odorico Mendes e tantos outros..."

A uns e outros, porém, é forçoso e lamentável confessar, faltou o ânimo bastante para o que se propunham. Desfez-se o Cenáculo, o Instituto praticamente não viveu, e a Academia voltou a seu recolhimento introspectivo — vida pura e exclusivamente administrativa, com sucessivas reformas dos Estatutos e parcimonioso preenchimento dos cargos existentes no quadro social efetivo. Fóra disso, nenhuma manifestação de maior relevância ou eficiência; mesmo a tentativa de Antônio Lopes, no "Diário do Norte", à frente de um grupo de jovens vontadosos, não logrou melhor êxito. Uma pretendida Academia dos Novos, também fracassou.

E os anos continuaram a passar... , vivendo-se apenas, e tão somente, das glórias do passado. O Maranhão era a Atenas Brasileira porque tanto o fizera a geração de Gonçalves Dias e Odorico Mendes, de João Lisbôa e Gomes de Sousa, porque assim o confirmara a dos irmãos Azevêdo e Raimundo Corrêa, de Teófilo Dias e Coêlho Neto. Era só!

Mas, o "virus" do intelectualismo é inato no maranhense, já o dissemos, e lá estavam, nas praças públicas, as estátuas e os bustos dos deuses lares de Atenas, significando, na mudez fria de seus mármorez e seus bronzes, o seu desprezo pelas gerações decadentes que os veneravam, mas não sabiam lhes prestar o culto devido — e uma vez mais, em 1945, os moços, os novíssimos agora, agruparam-se sob o patrocínio maior do Poeta da raça e, fundando em São Luís o Centro Cultural "Gonçalves Dias", reencetaram a marcha tantas vezes tentada e vezes tantas interrompida.

Sessões dominicais, de caráter lítero-musical, começaram a arrastar, para o auditório da Escola Modelo "Benedito Leite", primeiro, uns poucos caturras, depois, alguns curiosos, e por fim, transformaram-se em obrigatórias reuniões sociais, em que geralmente se ouvia, como conferencista, um acadêmico ou um intelectual de nome já feito. Depois, a peregrinação anual a Jatobá, o berço do Poeta, na profundidade dos sertões de Caxias; a seguir, uma página literária no "Diário de São Luís", dos domingos; e, por fim, a tentativa, da publicação dos trabalhos de seus jovens e-entusiastas membros. "Um pouco acima do chão", poesias de Ferreira Gular, foi o livro de estréia da série, seguido da "Estrela do céu perdido", de Lago Burnett, e em que se anunciaram "Esquina dos sonhos", de Nelson Borges, e "Canto da hora presente", de Morais Filho.

Os moços, ao contrário do que deveria ser, foram o incentivo dos velhos!

A Academia resolveu sair de sua longa e interminante hibernação e caminhar com os moços, porque comum o objetivo, não obstante digam êstes, nas palavras de José Sarney Costa, um dos seus mais brilhantes e promissores elementos e hoje acadêmico — O reflexo do movimento de 22 no Maranhão foi muito pequeno. Os homens maranhenses que nele tomaram parte, fixaram residência na metrópole, deixando o Estado entregue ao academismo, coisa que até hoje impera, e contra a qual, o nosso grupo de "novíssimos" pretende oferecer séria resistência, batalhando pelo sentido social e renovador da arte moderna ("Ilha", n. 2, 1949).

Comêçou, a velha Academia, por procurar integralizar o seu quadro social efetivo, praticamente reduzido à metade, sem entretanto procurar barrar a entrada de "modernistas" — Josué Montello, Franklin de Oliveira, Corrêa da Silva, Sarney, fizeram-se imortais. A seguir, iniciou uma série de sessões solenes e especiais, de caráter público, para a posse dos novos acadêmicos eleitos ou para a comemoração de datas e fatos; depois, palestras semanais em suas sessões ordinárias, para elas convidando intelectuais estranhos a seu quadro; também, o restabelecimento de sua Revista, de que logo publicou os IV, V, VI e VII volumes; e, ainda, a publicação de trabalhos de associados seus, iniciando a série com o livro de estréia de Manuel Sobrinho — "Hora Iluminada".

Da duração e dos efeitos destas últimas reações, dir-nos-á, talvez não a nós desta geração, o Porvir...

Temerária seria qualquer apreciação sobre a plêiade dos novíssimos arrienses que ora se nos apresentam cheios de entusiasmo, de vigor, e de ideal. Temerária porque, di-lo Humberto de

Campos a respeito de Godofredo Viana, as gerações literárias são, porém, como as ninhadas de peru. Colocam-se vinte ovos de peru abaixo de uma galinha. Dois vinte ovos, goram oito. Nascem doze perús, meudós, fracos, pequeninos. Na primeira semana morrem três. Na segunda, dois. E de tal maneira se vai fazendo a devastação pelo gogo ou pelas moléstias que assaltam a fragilidade, que no fim de dois meses, não restam de toda a ninhada, senão três ou quatro perús. (Perfilis, 2. série).

Das muitas ninhadas que se têm deitado, de 1894 para cá, quantos ovos não têm gorado? Quantos, quantos não morreram naquelas duas ou três primeiras semanas? Quantos, pois, gorarão desta última... quantos subsistirão?

Cingimo-nos, assim, a ressaltar, na geração atual, os nomes de Josué Montelo, Franklin de Oliveira e Osvaldino Marques, dentre os que já se foram da terra berço e que, mais ou menos, já têm o nome firmado nas esferas literárias nacionais, sobressaindo-se o primeiro; e não será excesso dar-lhes a companhia de Conceição Aboid, a jovem romancista que com seu último livro "Grades e Azulojos", parece ter iniciado promissora marcha no campo literário a que se dedicou. Dentre os que aqui se deixaram ficar: Corrêa da Silva, prematuramente desaparecido e levando consigo uma das mais belas esperanças da geração, Erasmo Dias, inteligência e cultura desperdiçadas, João Mohana, o romancista que surpreendeu a todos com seu livro de estréia, os dois jóvens e inspirados poetas Lago Burnet e Ferreira Gular, este último parecendo já se ter ido definitivamente para o sul, José Sarney Costa, a cuja vibrante mocidade e rebelde modernismo não repugnaram os loiros acadêmicos, merecidamente conquistados.

Quanto aos mais, preferimos antes ressaltar as instituições a que perencem. E, dentre elas, merece especial realce, como já o fizemos aliás, o Centro Cultural "Gonçalves Dias", de São Luís, que congregou certamente, toda a mocidade novíssima que na capital maranhense se dedica às letras, distinguindo-se, entre seus membros, José do Nascimento Morais Filho, sucessivamente reeleito presidente da sociedade, elemento ativo e vontadeoso, Professor e poeta, Bento Neves, igualmente professor, Celso Bastos, jornalista, Tobias Pinheiro Filho, Lago Burnet, Ferreira Gular, Vera Cruz Santana, Reginaldo Teles, José Naufel, José Sarney Costa, poetas eles todos, Almeida Guimarães e Nelson Borges, já falecidos, Dagmar Desterro e, muitos, muitíssimos outros.

Seguindo, no limite mais estreito de suas possibilidades, as pegadas dos companheiros da capital, os jovens intelectuais de Caxias fundaram, em 1947, o Centro Cultural "Coelho Neto", em que, aliás, se congregaram velhos e novos do berço do Poeta;

dentre êstes, ressaltamos os nomes de Jocel Neves, Cirano Gandra, Raimundo Nonato, Enock Torres. Em Carolina, progressista cidade no mais fundo dos nossos sertões, nos limites de Goiás, fundou-se a Casa "Humberto de Campos" e ultimamente, já em 1949, surgiu, em Barra do Corda, o Centro Cultural "Maranhão Sobrinho".

RAIMUNDO DE MOURA REGO, nascido em São José dos Matões, hoje Parnarama, a 23/16/1911. Poeta, professor, jornalista e crítico de arte; músico. É agente fiscal do impôsto de consumo. Foi professor da Escola Industrial de Teresina e inspetor do Colégio Estadual do Piauí. É sócio efetivo da Academia Piauiense de Letras.

Bibl: "Ascensão de Sonhos", poesias — Teresina, 1936; "Trovvas" — Teresina, 1942; "Gritos perdidos", poesias — Rio, 1944.

• **MARIO MARTINS MEIRELES**, nascido em S. Luís a 8/3/1915. Oficial-administrativo do Ministério da Fazenda, foi Delegado do Impôsto de Renda em Juiz de Fôra (Minas Gerais) e nos estados do Amazonas e Maranhão. Professor no Colégio Cisneros, consultor-técnico do Diretório Regional de Geografia do Maranhão; membro da Sub-Comissão Nacional de Folclore e do Conselho do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, no Maranhão; das diretorias da Sociedade de Cultura Artística do Maranhão (Departamento de Literatura) e da União Cultural Brasil-Estados Unidos (Bibliotecário Geral); professor da Faculdade de Filosofia de São Luís. É titular efetivo da Academia Maranhense de Letras, onde ocupa a cadeira n. 9, sob o patrocínio de Gonçalves Dias, e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, na poltrona do Brigadeiro Sebastião Belford.

Bibl: "O Imortal Marabá" — S. Luís, 1943; "Gonçalves Dias e Ana Amélia" — S. Luís, 1950; "Panorama da Literatura Maranhense" — S. Luís, 1955. Tem inéditos: "Os meus versos" e "Castro Alves, poeta do amor". Em preparo: "História do Maranhão". e "Historia das Américas".

ULISSES COSTA FERNANDES, nascido em São Luís a 2/6/1915 e falecido no Rio de Janeiro a 20/4/1947. Poeta e jornalista.

Bibl: "Mármore" — S. Luís, 1934; "Palhaço"; "E uma noite ela me disse..."

JOSE RIBAMAR GALIZA, nascido em Vitória do Mearim a 3/12/1915. Funcionário do Banco do Brasil, é o atual gerente da Agência de Caxias. Romancista e professor.

Bibl: "Que duas belas crianças" — Rio, 1948; "Com lágrimas nos olhos", inédito.

NELSON BORGES DOS SANTOS, nascido em S. Luís a 6/12/

1915 e falecido na mesma cidade a 26/6/1948. Poeta; pertencia ao Centro Cultural "Gonçalves Dias".

Bibl: "Esquina de sonhos", poesias inéditas.

JOSE RIBAMAR DE OLIVEIRA FRANKLIN DA COSTA, Franklin de Oliveira como é literariamente conhecido, nasceu em São Luís a 12/3/1916. Homem de imprensa, é um elegante e conhecido cronista; crítico e poeta. Em São Luís, colaborou no "Diário da Tarde", no "Diário do Norte", na "Tribuna" e em "O Imparcial"; no Rio, em "A Notícia", "O Radical", "Diário da Noite", "Monitor Mercantil"; mantém, nas revistas cariocas "O Cruzeiro", "A Cigarra" e "Letras Artes" as secções intituladas "Sete Dias", "Imagens do Instante Perdido" e "As Horas Antigas". Pertenceu ao Cenáculo "Graça Aranha" e é o fundador da cadeira n. 38, patrocinada por Adelfino Fontoura, na Academia Maranhense de Letras.

Bibl: "Ad immortalitatem" — São Luís, ; "Sete Dias" — Rio, 1948;

MISTERIOSA È A VIDA DOS LIVROS

Misteriosa é a vida dos livros. Seu tempo não é o dos rélogios e das folhinhas. Há romances que envelhecem em 24 horas e, depois, se tornam inúteis como um jornal atrasado. E não deixa de ser mágica, poética, essa faculdade de envelhecer em horas. Outros livros, porém, nasceram com a vocação da eternidade. Transmitem sempre a impressão, a surpresa, o frêmito inefável de uma primeira leitura. Nós já os conhecemos e, no entanto, eles parecem novos; cada página dá a sensação de um descobrimento. Assim o 'Amanuense Belmiro', de Ciro dos Anjos. Tem seus dez anos de vida bem vivida. Mas resiste heróicamente a essa experiência dramática no destino de um livro, que é a reeleitura. Bom livro é o livro que a gente relê dez, vinte, trinta vezes, e com que atenta e apaixonado interesse. O livro é como sempre o fol. O autor não lhe alterou uma vírgula, não lhe acrescentou uma frase. Mas sentimos, desde o primeiro período que a obra-prima não será jamais a mesma. Algo se renova nas suas profundezas. O 'Amanuense Belmiro' sugere essa impressão da coisa infinitamente mutável. Porque sempre o lemos como se o fizéssemos pela primeira vez? Não há nessa obra uma página velha. Irei mais longe: não há uma frase que tenha apodrecido. Pois sabemos que, mesmo nas melhores criações, há valores que se desgastam, que se decómpõem e que se tornam fétidos. O mistério do 'Amanuense Belmiro', da sua fascinação incessante, está, segundo me parece, na sua alta qualidade esti-

lística. A chamada língua 'inculta e bela', de soneto preconceituoso, se culturaliza. A grande lição literária do 'Amannense Belmiro' pode ser resumida assim: os defeitos não são do idioma mas de nós mesmos, de nossa impotência verbal. Livros assim, deviam ser distribuídos, não às crianças de escola, mas aos escritores que tornam inculta a nossa língua'.

(‘Sete Dias’ in ‘O Cruzeiro’ — Franklin de Oliveira)

JOSE ERASMO DIAS, nascido em São Luís a 2/6/1916. Elegante contista, vigoroso jornalista e festejado tribuno; tem, se não redigido, colaborado em quasi todos os jornais da capital maranhense. Deputado estadual e prefeito de São Luís. Pertenceu ao Cenáculo 'Graça Aranha'.

Bibl: tem inéditos dois livros — "Gasômetro" e outro, ainda sem título escolhido.

O ROUBO DOS PERSONAGENS

Fôra subitamente que êle fugira, sem maiores explicações ao convívio dos amigos, até dos mais íntimos, de cuja companhia jamais prescindira, mesmo nos momentos mais intensos de sua atividade intelectual. Lembro-me a inquietação que o fato causou na roda, onde cada qual, ligado, ligado a êle não só pelo afeto, como também pela admiração ao seu belo espírito, entrou a procurar um motivo qualquer que justificasse êsse retraimento num velho e querido companheiro de muitos anos. Talvez um pequeno melindre, que houvesse passado despercebido, afetasse a sua sensibilidade. Acontecia, porém, que êle, espírito franco, não era dado a pequenas suscetibilidades, especialmente com os mais diletos dos seus velhos camaradas.

A coisa foi, porém, tomando um aspecto mais grave. Não só à nossa roda esquivava-se êle agora. Uma volúpia de solidão o levava a se insular dias a fio no apartamento. Alguns dos nossos afirmavam que, talvez, no seu isolamento, estivesse êle agora, depois do maior dos hiatos registrados em sua atividade intelectual, iniciando a melhor e a mais decisiva das suas obras, aquela que afirmava desejar escrever, sempre que iconoclasta refutava em nossas horas de boemia, às demais que lhe haviam dado notoriedade e, que sem nenhuma dúvida, constituiriam motivo de orgulho, para qualquer autor. Havia os que julgavam que, ao contrário do que sempre fizera, desejava esconder, agora, aos amigos os planos do seu novo trabalho, com que pretendia surpreender, a

todos, regressando a qualquer momento, ao nosso convívio, para nos mostrar tudo já completo e definitivo.

Uma última opinião, menos aceita, inclinava-se pela existência de algum súbito caso afetivo, na sua vida.

Conhecíamos, porém, sobejamente, o nosso amigo. Meio desencantado pelo amor, fugia êle, sempre, a qualquer ligação de maiores responsabilidades, sob a alegação um tanto cínica de que, talvez se amasse muito mais uma imagem ideal da coisa amada, do que ela própria em si. Admitindo e esposando o conceito proustiano dêsse imperceptível desgaste que, a cada minuto, a beleza sofre, preferia amar tão só as mulheres no minuto decisivo que elas impressionassem a sua sensibilidade, ressaltando-se o direito de amá-la, novamente, se, por acaso, se viesse a repetir, outra vez, uma nova impressão para os seus sentidos.

Assim, já próximo aos quarenta, solteiro e elegantemente boêmio, usava e arquivava mulheres com o indiferentismo com que o fazia com as suas gravatas.

Fiel às suas preferências artísticas, como, também, o era aos seus vinhos selecionados, jamais conseguira sê-lo com as criaturas com que se encontrara na vida, e que, apenas, lhe haviam dado, pelo breve espaço de uma noite ou de um dia, uma súbita embriaguez dos seus sentidos.

Dáí não poder ser aceita essa última hipótese, para justificar o seu retraimento.

Vieram, depois, outros sintomas ainda mais alarmantes. Os que de raro em raro, haviam conseguido vê-lo, notaram que fisicamente êle se arruinava. Por outro lado, começaram a circular rumores sobre a sua saúde. Nas rodas mediocres dos subliteratos, que o seu talento e a sua mordacidade sempre haviam zurrado, êsses rumores foram tomando vulto e se espalhando em breve pela cidade. Alguém o vira procurar, mais de uma vez, um psiquiatra famoso. Outros afirmavam tê-lo encontrado, à noite, murmurando solilíquios estranhos.

Os mais audazes declaravam que a criadagem do seu hotel jurava pela sua loucura.

Vem mais ainda. Todos os moralistas, apóstolos da civilização da laranjada e do xarope, apontavam-no como o triste epílogo da sua própria boemia. Estaria louco e a sua insanidade era o resultado do absinto e do Pernot, com que, tantas vezes, procurara na sua inquietude de espirito creador, uma fuga análoga àquela que levava outros espíritos irmãos do seu, a longas e inexplicáveis vagabundagens pelo

mundo, as viagens sem roteiro certo, na torturada busca de novos horizontes.

Resolvemos, então, procurá-lo. Quebrando toda e qualquer resistência de um possível amor próprio cada um de nós se esforçou para encontrá-lo. Tudo, porém, em vão. No seu apartamento, aparecia, agora, de longe em longe e, pouco depois, desaparecia sem deixar indicações sobre o seu destino. A criadagem o vira rasgar, indiferentemente, sem abrir mesmo, toda a copiosa correspondência que se acumulava, durante as suas ausências. A cidade era grande. Esforçamo-nos, porém, na nossa procura. Debalde fomos a todos os seus velhos e queridos pontos.

Revistamos todos os lugares onde poderia haver qualquer interesse para o seu espírito de artista e boêmio. Nada, porém, resultou de tudo isso.

Foi quando, numa noite, ao voltar para casa, encontrei-o a minha espera, nas proximidades. Confesso que não pude mesmo conter a minha emoção. Disse-me que me viera ver e que pretendia conversar, comigo, antes de viajar, pois ia partir, no outro dia. A sua profunda melancolia não me animou a interpellá-lo sobre os motivos dessa resolução assim tão súbita. Si me viera procurar é porque desejava desabafar. Entramos e ofereci-lhe uma bebida. Enquanto preparava sua dose, observava-o. Sim, efetivamente, a sua saúde estava abalada. Em pouco tempo arruinara-se fisicamente, a olhos vistos. Por outro lado, notei-lhe um desleixo que lhe era desabitual, na maneira de vestir. Pequenos tiques nervosos, repetidos amiudadamente, aumentaram a minha preocupação.

Recebeu o copo de minha mão, ajeitou-se numa poltrona com o olhar perdido na biqueira dos sapatos, começou a falar, com um timbre melancólico, que não pude jamais esquecer.

Ia-se embora. Não sabia mesmo até onde. Em dado momento havia procurado um médico. Tudo aquilo fôra extranho. Talvez não estivesse, mesmo, gozando saúde. O médico falara em esgotamento, aconselhara repouso, mas êle iria viajar. E' possível que o julgassem louco, talvez de fato o estivesse. Quem já então conseguira delimitar com precisão as fronteiras da razão com a loucura?

O caso era, porém, que fizera a descoberta trágica. Sim, fizera e comprovara a dolorosa realidade. Era apenas, agora um frágil envólucro, uma especie de casca sem conteúdo.

Fôra roubado, aos poucos, sem o sentir. Roubado, sim, extranhamente roubado, pelas suas próprias criaturas.

Começara a sua descoberta, por um modo original. Surpreendera-se em determinada reação repetindo um comportamento que não era seu. Depois vira que estava, sempre assumindo atitudes, que em situações análogas sabia que outros já haviam assumido. E por incrível que parecesse, os seus próprios pensamentos, as suas palavras eram, apenas, pensamentos e palavras de outros.

Pelo horror com que, como um verdadeiro artista, fugia à imoralidade da imitação ou a essa despersonalização que as influências constituem, sentiu-se apavorado.

Passou em revista todas as suas últimas reações, os seus conceitos, as suas próprias frases e constatou que nada era individualmente seu.

Numa longa e torturante análise, chegou enfim à dolorosa evidência que, apenas na vida real repetia agora atitudes, gestos, comportamentos e idéias dos seus próprios personagens. Nada mais lhe restava de seu. Tudo era deles, daquelas criaturas em cujo destino, talvez, não chegara mesmo a influir.

Era como uma imensa casca sem conteúdo, agora.

Fôra roubado aos poucos, sem o sentir. Os personagens, que criara, haviam levado aos poucos e de mansinho, toda a sua alma. O que êle fôra, lá estava, disperso, entre os terríveis e insidiosos gatunos. Sentia-se vazio, completamente vazio e, o que era mais trágico, a repetir, sempre, e invariavelmente aqueles gatunos.

A êsse ponto notei que êle chegara a uma excitação, que, sempre, lhe fôra completamente estranha. Tentei acalmá-lo. Ouviu sem interêsse as minhas palavras, suspirou longamente, e enclausurou-se na sua melancolia. Falei-lhe no seu esgotamento nervoso, e senti, no seu olhor, uma desaprovacão.

De súbito despediu-se, dizendo que viajaria pela manhã. Insisti que me dissesse para onde, não me respondeu. Explicou-me, ao sair, que não estava esgotado ou louco. Pelo contrário, sentia-se, trágicamente lúcido.

Mezes depois, chegou a notícia de sua morte, numa cidade longínqua. Li comovido, a justa celebração que fizeram ao talento de grande autor. Mas, ao receber pormenores sôbre a sua morte, verifiquei, com tristeza, que ela acontecera tal e qual à do mais dileto do seus personagens. Não sem um súbito receio por mim mesmo surpreendi-me pen-

sando que, até nisso, o haviam roubado os seus pérfidos e insidiosos gatunos.

(In 'Ilha', n. 2 — Erasmo Dias)

JOSE MARIA DA COSTA SANTOS, nascido em Mirãtuba, hoje Humberto de Campos, a 17/7/1916. Poeta e jornalista; faz parte do corpo redacional de "Acaiaoa", revista belorizontina de cultura. E' exator federal em João Ribeiro, Minas Gerais.

Bibl: "Melancolia", poesia — S. Luís, 1937; "A mulher na poesia do Brasil" — Belo Horizonte, 1949; "Jóias da Poesia Mineira" — Belo Horizonte, 1952. "Poemas da terra e do mar", no prelo; "Os mais famosos e mais formosos sonetos brasileiros", em preparo.

OSVALDINO MARQUES, nascido em São Luís a 17/10/1916. Poeta e jornalista; integrou o Cenáculo "Graça Aranha" e hoje milita na imprensa do Rio de Janeiro. Professor de inglês nos cursos do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP); em 1945 foi contemplado com uma bolsa pelo Institute of International Education, em Brunswick, Maine, U.S.A.

Bibl: "Poemas quase dissolutos" — Rio, 1946; "Cantos de Walt Whitman", tradução — Rio, 1946; "Sinto que sou uma cidade...", poema in Revista de Literatura — Rio, 1947; "Aventuras de Mark Twain", tradução — Rio, 1947; "Ciméria" — Rio, 1951; "Cravo bem temperado" — Rio, 1952. Tem léditos: **originaís** — "O Micope", drama; e "Convite à Poesia", crítica; **traduções** — "Antologia da Poesia Norteamericana", em colaboração; Tilo Silas", romance de Sheridan Le Fanu.

L I E D

Perdido em devaneios no extenso litoral,
Só e tímido sob a ampla e côncava tarde,
Plena do grave coral das vagas estuantes
E do ritmo violento das ávidas galvotas,
Voltei meus olhos espantados para ti, ó sol,
E me deixei banhar nas tuas cascatas cintilantes.
Lá poderia ter-me envolvido na sombra violácea das
[montanhas

E à hora do pcente cingir-me com uma coroa de estrêlas.
Lá poderia ter-me dissipado na bruma da ressaca,
Ou insensivelmente acøtar dos rochedos o doce convite à
[inconsciência,

Ou fragmentar-me em límpidas conchas e refletir sorrin-
 I rindo teus raios criadores,
 Tive forças, porém, para te abandonar.
 Parti — sobre a areia deixei apenas o nome de alguém
 I escrito.

(‘Poemas quase dissolutos’ — Osvaldino Marques)

RAIMUNDO FELICIANO CORREIA DA SILVA, nascido em Miritiba, hoje Humberto de Campos, a 20/5/1917 e falecido em S. Luís a 4/7/1951. Poeta e jornalista. Foi redator dos “Diários Associados”, em São Luís, revisor do “Diário Oficial”, do estado, e bibliotecário da Biblioteca Pública do Maranhão. Pertenceu ao Cenáculo “Graça Aranha” e ocupou, na Academia Maranhense de Letras, a cadeira n. 22, patrocinada por Humberto de Campos.

Bibl: “Minha cidade dos mirantes e azulejos”, “Gotas de sangue e suor” e “Vida de Gonçalves Dias — Para criança”, todos inéditos.

SAUDADES

De chale posto aos ombros,
 toda vestida de preto, acurvada,
 de cabelos de neve e de rosto enrugado,
 Dona Maria Teresa Moniz e Vasconcelos
 volta de assistir a sua missa de todo santo dia...

E miudinha, ligeira, qual uma cigarra,
 parece, até que está correndo... Fugindo...
 Com medo do sol, que enche a cidade inteira,
 — casa e ruas, ruas e casas — nesta manhã dominical,
 com a sua luz gloriosa, fascinante e entontecedora...

Dona Maria Teresa Moniz e Vasconcelos
 chega à porta do seu imponente sobradão colonial...
 Entra. Sobe os dois lances da comprida escada
 e rapidamente atravessa a varanda senhorial...

Agora está trancada, sozinha no seu quarto,
 o aposento mais querido, dentre todos,
 cheirando muito a velhice e a mistério,
 cheio de imagens de santos e de móveis antigos...
 (Aposento que vive sempre fechado p'ra toda gente...)

Dona Maria Teresa Moniz e Vasconcelos
 abre, bem devagarinho, bem devagarinho, a sua bolsa...

Tira de dentro uma pequenina chave de prata... Depois, silenciosa, chega p'ra perto da cômoda de jacarandá e, curvada, quasi de joelhos, puxa o último gavetão...

As suas mãos fidalgas, tão brancas e tão magras, mãos leves e lindas, mãos longas e frias, estão tremendo... Tremendo... Tremendo de emoção...

Ela guarda, já nem sabe há quanto tempo, naquela pesado gavetão de cômoda de jacarandá, as doces e puras e simples lembranças de seu longinquo e inesquecível romance da mocidade...

Uma flor... Uma carta... Um retrato...

Dona Maria Teresa Moniz e Vasconcelos contempla, longamente, uma a uma, as suas adoradas reliquias... Inclina a cabeça altiva... Começa a re-
[cordar...

Tempo distante... Distante... Quando era bem moça
[ainda...

A primeira vez que encontrara o seu bem-amado... Fôra numa procissão de Nossa Senhora dos Remédios... Como eram intensamente doce, profundamente azuis, os olhos suaves e meigos e lindos, que êle possuía!... Olhos que ela nunca esquecerá... Nunca esquecerá... Os mesmos olhos intensamente doces, profundamente

[azuis, daquela miniatura, que ali estava e que ela prezava tanto...

Aquela flor... Flor já murcha... Sem perfume...

Presente que ela recebera das mãos dele, o seu primo, "o seu primo do coração", num passeio, à noite, no festivo mês de Junho...

Aquela carta... Velha carta... Já sem côr...

A última que êle lhe escrevera... Lá da Côrte...

Ah! os seus dezoito anos!... Era tão feliz!...

Lembrava-se, perfeitamente, de tudo... De tudo...

Depois... A notícia horrível da sua morte...

Que tristeza!... O fim... O fim doloroso e inesperado do seu longinquo e inesquecível romance da mocidade...

Dona Maria Teresa Moniz e Vasconcelos segura, novamente, a pequenina chave de prata... As suas mãos fidalgas, tão brancas e tão magras,

Então, pálida e gelada, desesperada e quase louca,
 mãos leves e lindas, mãos longas e frias,
 ainda estão tremendo... Tremendo... Tremendo de
 [emoção...
 Ela sente um arrôcho no peito... Um soluço na gar-
 [ganta...
 abandonando, nervosamente, as suas adoradas reliquias,
 deixando-as cair, silenciosamente, ao chão,
 empurra, com tôda a força, o pesado gavetão...
 Fecha a cômoda de jacarandá... Devagar... Devagar...
 E de olhos enevoados, cerrando as pálpebras cançadas,
 principia, bêbeda de saudade, a chorar... A chorar...

("Minha cidade dos mirantes e azulejos" — Corrêa
 da Silva)

JOSUE MONTELO, nascido em São Luís a 21/8/1917. Romancista, poeta, teatrólogo e ensaísta; professor e técnico de educação. Foi secretário da interventoria Saturnino Belo, no Maranhão, e depois Diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará, é fundador da cadeira n. 31 da Academia Maranhense de Letras, patrocinada pelo prof. Raimundo Lopes. É a figura de mais larga projeção nesta geração e foi ultimamente eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Bibl: "História dos homens da nossa História", com Néllo Reis — Belém, 1936; "O sentido educativo da arte dramática", tese — Rio, 1938; "Machado de Assis e a Língua Portuguesa" — Rio, 1939; "Janelas fechadas", romance — Rio, 1941; "Gonçalves Dias", ensaio — Rio, 1945; "Precisa-se de um anjo", comédia — Rio, 1943; "Curso de organização e administração de bibliotecas" — Rio, 1943; "O tesouro de D. José", contos — Rio, 1945; "Os holandeses no Maranhão", história — Rio, 1944; "Três casacas de aluguel", comédia — Rio, 1944; "Histórias da vida literária", primeiro prêmio de ensaio da Academia Brasileira de Letras — Rio, 1945; "As aventuras do calunga", contos — Rio, 1944; "O bicho do circo", contos — Rio, 1945; "Encruzilhada", comédia — Rio, 1945; "A viagem fantástica", contos — Rio, 1946; "Reforma do ensino normal no Maranhão" — São Luís, 1946; "Escola da Saudade", comédia — São Luís, 1946; "À luz da estrela morta", romance — Rio, 1948; "A cabeça de ouro", contos — Rio, 1948; "O Hamlet de Antonio Nobre" — Rio, 1950; "Cervantes e o Moínho de Vento" — Rio, 1950; "O Labirinto de Espelhos" — Rio, 1952; "O dia do Senhor", romance, "História fóra do tempo", contos, e "Aluizio Azevedo — o homem e a literatura", estudo, inéditos todos.

'SÃO JOÃO' MARANHENSE

Felizmente ainda não morreram, na alma popular do Maranhão, os festejos tradicionais que em louvor de S. João e S. Pedro, no frio mês de Junho, se realizam por todo o Estado...

Exatamente dez anos depois de ter saído de S. Luís, torno a encontrar numa noite de 1946, a mesma alegria, a mesma animação, a mesma riqueza de ritmos, de cores e de movimentos, nas festas que se realizam no João Paulo, nos arredores da cidade.

Parece-me até que a festa se desenvolveu, ganhando em animação e colorido, sem nada perder de seu sabor regional.

Ainda cedo, antes de cair a noite, no caminho enfeitado de bandeirolas, vai-se dificultando o trânsito — até que, noite alta, torna-se quase impossível passar pela estrada que vai de São Luís ao Anil.

De longe, entre a zoadá dos pandeirinhos e das matracas, ouvem-se as cantigas típicas da festa. São os 'bois' que descem da Maloba para o João Paulo e vem cantar, com a sua policromia e sua alacridade, nos arrajais iluminados. Difícilmente se poderá encontrar maior entusiasmo coletivo.

O "bumba-meu-boi" da tradução maranhense conserva o sabor de uma farsa que o tempo não conseguiu diluir. O "boi" é uma armação de madeira, coberta de veludo, espelho, missangas e pontas de fita, em cujo bôjo mergulham a cabeça e o tronco de um homem, que faz o "bicho" dançar, incansavelmente rodopiando no terreiro, enquanto estrondam as matracas e os pandeiros e estralejam os buscapés, os be-souros, as estrelinhas e os foguetes. O colorido mais rico está no cocar e na tanga dos "índios", de penas de cores variegadas, requissimas, de uma beleza bizarra. Há ainda o Pai Francisco, a Mãe Catarina, os vaqueiros, que animadamente volteliam e pulam em torno do "boi". Esse "boi" morre e ressuscita, por entre cantigas que têm toadas melancólicas, vestígio rítmico da tristeza da raça.

Frequentemente muitos "bois" dançam no mesmo largo da Matriz. Não raro estoiram as rixas e desafios, decorrentes de uma rivalidade natural, que nasce do empenho, normal em cada grupo, de que o "boi" mais rico e mais bonito é o seu.

Antigamente as festas de S. João se faziam em arrabaldes distantes da cidade: Anil, Maloba, Turú e S. José. Ultimamente, a animação maior é nos arredores de S. Luís, no

bairro proletário do São Paulo, onde existem um ou outro dos velhos sítios e das velhas chácaras, que nos vieram, do tempo do Império e do começo da República. O casario, que era quase todo de palha, mudou muito, de uns tempos para cá. Mas a festa ainda é a mesma. O que prova que, na alma dos povos, as mutações são mais lentas e as vezes impossíveis.

Não é apenas nas estradas e ruas, que se engalanam de ben-deirolas que se faz, em S. Luiz, a festa de S. João e S. Pedro. Também nas casas e no seu se processa. A amplidão se constela de balões, que se perdem dentro da noite. Nos alpendres fazem as "sortes" que entremostrom o futuro às donzelas e às solteironas desoladas. Na bacia de água, um pingo de vela conta o futuro, com as suas grinaldas de seda, os seus veus e até mesmo os seus esquifes. As orquestras e charangas regionais tocam a noite inteira, confundindo os seus ritmos modernos com o ritmo primitivo que sobe das ruas e dos largos, na cantiga cabocla do "bumba-mêu-boi".

(In "Diário de São Luiz" — Josué Montelo).

PEDRO BRAGA FILHO, nascido em S. Luís a 16/4/1918. Médico, escritor e poeta. Diretor da Divisão de Maternidade e Infância da Legião Brasileira de Assistência, Diretor do Serviço de Assistência a Menores, Diretor da Colônia "Nina Rodrigues", professor da Escola Normal, membro dos Conselhos Penitenciários do Estado e do Instituto de Previdência do Estado, e Deputado Estadual e Federal pelo Maranhão; atualmente Delegado Federal da Criança, no Ceará. É titular efetivo da Academia Maranhense de Letras, onde fundou a cadeira n. 39, patrocinada pelo Cons. Gomes de Castro.

Bibl: "Morfologia do Homem Maranhense", inédito.

MANUEL CAETANO BANDEIRA DE MELO, nascido em Caxias a 30/7/1918. Bacharel em direito; advogado jornalista e poeta. Redator da Agência Nacional, no Rio de Janeiro.

LUCI TEIXEIRA, nascida em Caxias a 11/7/1922. Bacharel em direito, foi diretora da secretaria do Tribunal de Justiça do Maranhão. Jornalista, cronista e crítica; modernista. Foi do corpo redacional dos Diários Associados, no Maranhão, onde por muito manteve uma coluna diária sob a pseudônimo de Maria Karla. Integra a Sub-Comissão Nacional de Folclore no Maranhão e fez parte da diretoria da Sociedade de Cultura Artística do Maranhão.

Bibl: "Quem beija o leão?", teatro.

DOMINGOS VIEIRA FILHO, nascido em São Luís a 23/3/1923. Escritor e folclorista, tem colaborado assiduamente nas im-

prensas de São Luís, Natal e Recife. É consultor-técnico do Diretório Regional de Geografia e membro do Instituto Histórico e Geográfico, ambos do Maranhão; sucedeu a Antonio Lopes como Secretário-Geral da Sub-Comissão Nacional de Folclore no Maranhão e ultimamente eleito para Academia Maranhense de Letras; professor da Faculdade de Filosofia de S. Luís.

Bibl: "Linguagem Popular no Maranhão" e varios trabalhos outros inéditos.

• **JOÃO MOHANA**, nascido em Bacabal a 15/6/1925. Médico e escritor.

Bibl: "Sofrer e Amar" — Rio, 1952; "O Outro Caminho", romance — Rio, 1952; "Maria da Tempestade" — Rio, 1953.

• **MARIA DA CONCEIÇÃO NEVES ABOUD**, nascida em São Luís a 10/7/1925. Romancista.

Bibl: "A Ciranda da Vida", revista "O Cruzeiro" — Rio, 1951. "Grades e Azulejos" — Rio, 1951.

• **JOSE TRIBUZZI PINHEIRO GOMES**, **Bandeira Tribuzzi**, como assina os seus trabalhos literários. Nasceu em S. Luís a 2/2/1927. Poeta modernista.

Bibl: "Alguma existência" — S. Luís, 1948.

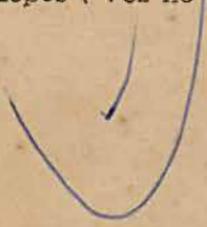
• **JOSE SARNEY COSTA**, nascido em Pinheiro a 24/4/1930. Acadêmico de direito, é diretor da secretaria do Tribunal de Justiça do Maranhão. Jornalista e poeta; sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e titular, na Academia Maranhense de Letras, da poltrona de Humberto de Campos.

Tem vários livros inéditos, inclusive um romance de caráter regionalista; dirige a página de letras e artes de "O Imparcial".

Bibl: "A Canção Inicial" — S. Luís, 1954.

Além destes, e daqueles muitos que integram aquelas sociedades lítero-culturais, ou dentre estes, ocorre-nos ressaltar ainda, de muitos dos quais não logramos obter dados biográficos: Amorim Parga, jornalista; Antônio Barbosa de Oliveira, poeta e jornalista, sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras; Argeu Ramos, jornalista; Astor Serra, professor e poeta; Bernardo Belo Tajra; Bernardo Ccêlho Almeida, poeta ("Luz!... Mais Luz!"); Carlos Madeira, jornalista e poeta; Carmina Waquim, romancista ("Ribamar", inédito); Celso Bastos, jornalista e poeta; Clery Furtado, a nossa mais jovem poetisa; Clovis Sena, jornalista Da q a m a r D e s t ê r r o, poetisa; Ferreira Gular, o já é merecidamente festejado poeta de "Um pouco acima do chão"; Gilona de Araújo, jornalista; Helena Ribeiro da Silva, poetisa; Jorge de Melreles Rodrigues, poeta; José Bento Nogueira Neves, cujo drama "Os degredados são quatro" obteve justo primeiro prêmio em concurso de teatro da Sociedade de Cultura Artística

do Maranhão; José Emanuel da Silva, jornalista; José Jansen ("Apolônia Pinto"); José Naufel, poeta e orador; José Rêgo Costa, jornalista, do corpo redacional de "O Cruzeiro", revista carioca; Lago Gurnet, inspirado poeta que já vai para o seu segundo livro publicado ("Estrêla do Céu Perdido" e "Ballet das Palavras") e que é hoje o mais jovem membro da Academia M. de Letras; Miécio Jorge, jornalista; Nascimento Morais Filho, poeta, o animador do Centro Cultural "Gonçalves Dias", que desapareceu com sua ausência; Neiva Moreira jornalista brilhante e fogoso; Nonato Masson, jornalista, Raimundo Maranhão Aires, escritor, sócio efetivo da Academia Matogrossense de Letras e correspondente da congênere maranhense; Raimundo Rodrigues dos Santos, jornalista; Reginaldo Teles, jornalista e poeta; Tarcísio Tupinambá Gomes; Tobias Pinheiro Filho, do C. Cultural "Gonçalves Dias.", que reuniu suas primeiras poesias em "Intermezzo"; Ubiratan Rayol, poeta; Vera-Cruz Marques; Vera-Cruz Santana, Noelini Souza, poetisa ("Canção Perdida"), Manuel Lopes ("Voz no Silencio"), Macedo Neto ("O Iceberg").



ERRATA

Pag. 49—	linha 4—	enfim chegados e não enfim chegando
" 61	" 9—	superno e não superno
" 66	" 19—	auréolα e não aurélα
" 66	" 26—	panteista e não panteita
" 68	" 8—	lírigo e não lírio
" 68	" 39—	história e não distória
" 71	" 26—	cavαleiro e não cavalheiro
" 72	" 6—	grammatica e não gramantica
" 80	" 1—	Viera e não Vieira
" 80	" 31—	Compendio e não compendido
" 82	" 31—	muito e não mérito
" 95	" 7—	pretendo e não pretende
" 103	" 21—	sedentes e não sedentes
" 103	" 33—	as sentem e não a sentem
" 130	" 9—	Um e não Em
" 151	" 20—	Banzo e não Branzo
" 154	" 7—	apresentada e não αpresenta
" 158	" 14—	abata e não abate
" 158	" 15—	onda e não onde
" 160	" 5—	não e não nα
" 166	" 27—	Alviçaras! e não Alviçaras!
" 172	" 15—	breve e não breves
" 172	" 17—	absorver e não absover
" 180	" 2—	eruditos e não credits
" 180	" 3—	legião e não região
" 184	" 24—	voz e não vez
" 212	" 16—	estuante e não estudante
" 225	" 3—	Dos e não Dols
" 227	" 17—	É e não Eu
" 227	" 23—	impressão e não impressao
" 227	" 31—	atento e não atenta
" 236	" 22—	tradição e não tradução
" 236	" 31—	riquissimas e não requissimas
" 237	" 9—	céu e não seu

— Equívocos menores, que nos tenham escapado, o leitor os corrigirá, por favor.

EXPLICAÇÃO FINAL

Este livro foi entregue à impressão em 1949 e só agora, passado mais de um lustro, está podendo ser concluído e dado a público. Tal circunstancia obriga-nos à explicação desta nota, eis que nesses cinco anos novos sobrevieram no **panorama da literatura maramhense**, ou fatos outros chegaram a nosso conhecimento, que não vão registrados, não obstante, na revisão das últimas provas, tenhamos feito acrescentar alguma coisa, principalmente matéria de bibliografia.

A par disso, queremos ressaltar, também, que o termos sido forçados a passar todo êsse tempo em trabalho de composição, revisão, paginação, etc, com grandes lapsos de interrupção, feznos, até certo ponto, perder a visão de conjunto, no seu aspecto material e — por que não dizê-lo? — o entusiasmo inicial, para só alimentar, finalmente, um desejo: vê-lo publicado.

M. M. M.

INDICE ONOMÁSTICO

— A —

- A.A. — 136.
 A.Z. — 155.
 ABREVILLE, Claude d' (Fr) — 7, 22, 25, 81, 91.
 ABELHUDO — 155.
 ABÓRDIO — 84.
 ABBEVILLE, Claude d' (Fr) — 7, 22, 25, 31, 91, 75.
 ABRANCHES, João Argueta de — 84.
 ABRANCHES de Moura, José Eduardo — 147, 156, 222.
 AFONSO (D) — 71.
 AFONSO VI — 34.
 AFONSO, el sábio (D.) — 159.
 AFONSO Celso — 133.
 AIRES, Felix — 217.
 AIRES, Joaquim Vicente — 202.
 AIRES da Cunha — 18.
 ALBERTO da Costa Nunes, Carlos — 166, 208, 210.
 ALBUQUERQUE, Jerónimo de — 18, 26, 29, 32.
 ALBUQUERQUE, Joaquim de — 124.
 *ALENCAR, José de — 151.
 *ALMEIDA, Rubem Ribeiro de — 43, 112, 168, 293, 294, 297.
 ALMEIDA Rui da Cruz — 216.
 ALMEIDA Carvalho, Manuel de (D.) — 56.
 ALMEIDA Gualhardo — 226.
 ALMEIDA Macarenhas, Francisco (D.) — 48.
 ALMEIDA Nunes, José de — 75, 167, 199.
 ALMEIDA Oliveira, Antonio de — 102, 107, 113, 123, 146, 167, 186.
 ALVA, Ester d' — 197.
 ALVA, Oscar d' — 178.
 *ALVARENGA Peisoto — 37, 38, 50.
 *ALVARES de Azevedo — 159.
 ALVES de Carvalho, José — 49.
 *ALVES de Farias — 165.
 ALVES de Lima, João Cristóvão — 189.
 ALZOG, João — 125, 189.
 AMARAL, Angelo Tomé — 75.
 *AMARAL Raposo — 216.
 AMOUR, Carlos d' (D.) — 107.
 ANATOLE France — 157.
 ANCHIETA, José de (Pe) — 17.
 ANBRADE, Gomes Freire de — 31, 47.
 ANDRE, E. — 137.
 ANJOS, Ciro das — 227.
 ANJOS, Gregório dos (D.) — 33.
 ANTONIO de Noronha, Fernando (D) — 46, 57.
 APLINARIO de Carvalho, Almir — 201.
 ARANHA, Temistocles da Silva Maciel — 65, 107, 119, 126.
 ARAUJO, Antonio Feliciano de — 150.
 ARAUJO, Domingos de (Pe) — 43.
 ARAUJO Castro, Raimundo de — 189.
 ARDIGO' — 164.
 ARSOUMAR — 197.
 ASSIS Castro, Alfredo de — 102, 167, 189.
 ASSIS Carredo, Francisco de — 166, 167, 211, 212.
 ASSUNCAO, Lino de — 133.
 ASSUNCAO, Manuel de (Fr) — 17, 20, 34, 36, 39.
 ASTOLFO Marque, Raul — 18, 91, 165, 166, 167.
 AUGUSTO Rodrigues, Antonio — 150.
 AVELAR, Jaime — 171.
 AZEVEDO Mat. Maria Cristina Alves de Oliveira — 134.
 AZEVEDO Coutinho — 133.
 AZEVEDO, Agripino — 153.
 AZEVEDO, Alberto Tancredo Belo Gonçalves de — 50, 84, 120, 121, 122, 123, 124, 136, 137, 141, 142, 145, 163, 167, 173, 186, 203, 218, 223, 235.
 AZEVEDO, Americo Garibaldi Belo de — 145.
 AZEVEDO, Artur Sebastião Belo Gonçalves de — 84, 120, 121, 123, 124, 135, 142, 145, 163, 167, 181, 186; DIDOT — 160.
 DOMINGUES da Silva, João — 178, 181, 221.

— B —

- BACELAR Portela, João — 149, 168, 218.
 BACON — 95.
 BALCOFRO — 129.
 BANDEIRA de Melo, Manuel Caetano — 237.
 BANDEIRA Teófilo — 238.
 BARA, Marcelino Augusto de Lima — 126.
 BARBALHO, João — 114.
 X BARBOSA, Rui — 177, 185, 196.
 BARBOSA Alvares, Domingos Quadros — 50,
 141, 165, 166, 167, 171, 186, 189; 205; 221.
 BARBOSA de Gede's, Antonio Batista — 49,
 113, 146, 147, 165, 167.
 BARRE, De la — 19.
 BARREIROS, Artur — 138.
 X BARRETO, Tobias — 157, 159.
 BARROS, João de — 29.
 BARROS e Vasconcelos, Benedito de — 97,
 168, 194, 222.
 BASILIO da Gama, José — 20, 38, 78, 141.
 BASTOS, Celso — 225, 238.
 BATAILLE — 138.
 BEAUMARCHAIS — 138.
 BECKMAN, Manuel — 47, 94, 204.
 BELARTE — 105.
 BELEZA, Otoniel — 206.
 BELFORD, José Nunes Ribeiro — 149.
 BELFORD, Sebastião Gomes da Silva — 56,
 189, 207, 226.
 BELFORT, João — 33.
 BELFORT, José Joaquim Tavares — 112.
 BELFORT, Lourenço — 42.
 BELO, Saturnino — 203, 235.
 BENICIO Fontinelli, Manuel — 91.
 BERNARD, Victor — 137.
 BERR, George — 138.
 BERREDO e Castro, Bernardo Pereira de —
 32, 38, 43, 207.
 BERTNAY, Paul — 181.
 BESSA, Pacifico da Cunha — 154.
 BETHENCOURT, Manuel de — 133, 164,
 182, 183, 184.
 BETTENDORF — João Fidélis (Pe) — 42,
 30, 31, 56, 59, 132, 190.
 BICHAT — 105.
 BIELA, J. — 155.
 BILAC, Olavo — 85, 121, 142, 145, 151.
 BILHARD, Paul — 138.
 BISSON — 171.
 BITAUBE' — 59.
 BIVAC, Golodron de — 94.
 BIVAR, Luis — 175.
 BLAKE, Sacramento — 15.
 BLANCHAR, R. — 90.
 BOADELA, Conde de — 8.
 BOMILCAR, Alvaro — 193, 194.
 BONIFACIO, José — 66.
 BORGES dos Santos, Nelson — 224, 225, 226.
 BORMANN, José Bernardino — 169.
 BOURGEOIS — 84.
 HOTELHO de Oliveira — 20.
 BRAGA, Belmiro — 168.
 BRAGA, Gentil Homem de Almeida — 49,
 67, 68, 85, 89, 92, 97, 102, 110; 167, 172;
 199.
 BRAGA FILHO, Pedro — 105, 168, 237.
 BRANDÃO, Francisco Antonio — 83.
 BRANDÃO, Ulpiano Vilhena — 166, 203.
 BRAZ, Rui — 155.
 BRAZ, Wenceslau — 169.
 BREDO, Zé do — 197.
 BRICHANTEAU, De — 19.
 BRITO, Alfredo — 181.
 BRITO, Augusto Cesar de Macedo — 154.
 BRITO, Luis Raimundo da Silva (D.) —
 112.
 BULHÕES e Sousa, Miguel de (D.) — 91.
 BUSNACH, William — 138.

— C —

- X CABRAL — Mariano José — 75.
 GARRAL, Pedro Alvares — 17.
 CADAVILA Veloso — Domingos, 59.
 CAJUEIRO, Luis Cardoso — 64, 116.
 CAJULABREGA — 155.
 CALIBITA, João — 150.
 CALDAS, Honorato Candido Ferreira — 113.
 CALDAS Barbosa, Domingos — 37, 38, 55.
 CALMON, Miguel — 189.
 CALOGERAS, Pandiá — 189.
 CALVET, Aldo — 219.
 CAMARÃO, Felipe — 18.
 CAMINHA, Pedro Vaz — 9.
 CAMÕES, Luis de — 17, 119.
 CAMPELO de Andrade, Dionisio —
 CAMPESINO, Gil — 184.
 CAMPOS Moreno —
 184.
 CAMPOS Ribeiro, José Sampaio de — 216.
 CAMPOS Veras, Humberto de — 166, 168,
 189; 197; 200; 205; 211; 216; 221; 223;
 224; 226; 232; 233; 238.
 CAPANEMA, Barão de — 125.
 CARDOSO, Clodoaldo — 15, 157, 168, 205.
 CARDOSO, Clodomir Serra Serrão — 119,
 167, 185, 221.
 CARLOS, Luis — 123, 202.
 CARNEIRO, João Paulo — 57.
 CARNEIRO Leão Honorio Hermeto — 71.
 CARVALHO, Aderbal — 140.
 CARVALHO, CARLOTA — 174, 219.
 CARVALHO, Domingos Americo de — 93, 219.
 CARVALHO, Estevam Rafael de — 73.
 CARVALHO, Jacinto de (Pe) — 32.
 CARVALHO, Gratino de — 86.
 — 167, 186.

- CARVALHO, Ricardo Alves de — 109.
 CARVALHO, Romão — 50, 65, 68, 121.
 CARVALHO, Verdi de — 216.
 CARVALHO Guimarães, Antonio — 168, 197.
 CARVALHO Reis, Fabio Alexandrino de — 64, 78.
 CASTELLAMARE, Pietro — 110.
 CASTELO-BRANCO, Antonio (D.) — 58.
 CASTRO Alves — 68, 202.
 CASTRO, Francisco — 190.
 CATULO da Paixão Cearense — 165, 166, 167, 168, 217, 221.
 CAXIAS, Duque de — 62, 132, 195, 213.
 CERVANTES — 235.
 CESAR, Americo — 201.
 CESAR, Caio Julio — 72, 92.
 CESAR de Berrêdo, Aftonio — 83.
 CHANTAL — 103.
 CHATEAUBRIAND — 72, 85.
 CHAVES, Obertal — 202.
 CHENIER, Andre — 85, 105.
 CHIVOT, Henri — 137, 138.
 CICEO — 159.
 CHAIRVILLE — 84.
 CLARINDO Santiago, Raimundo — 29, 167, 203.
 COCKRANE — 156.
 COELHO, Roberto Francisco — 100.
 COELHO Neto, Henrique Maximiliano — 19, 120, 121, 123, 124, 136, 150, 151, 152, 153, 156, 158, 173, 191, 218, 221, 223, 225.
 COLLI, Augusto Frederico — 85.
 COMTE, Augusto — 134, 135, 164, 183, 184.
 COMAN Doye — 157.
 CONCEIÇÃO Neves Aboud, Maria da — 225, 238.
 CONDOMINI, Felpe Benício de Oliveira — 80.
 CONSTANT, Benjamin — 134, 144.
 COPPEE, François — 171.
 COQUEIRO, João Antonio — 92, 102, 167, 175.
 CORREIA, Adelman Brasil — 194.
 CORREIA, Frederico José — 67, 79, 119, 167, 192.
 CORREIA, João Batista da Mota de Azevedo — 144.
 CORREIA, José Augusto — 132, 165, 167.
 CORREIA Raimundo de São Luís — 145.
 CORREA, Raimundo da Mota de Azevedo — 120, 121, 123, 143, 145, 147, 167, 190, 223.
 CORREIA, Viriato — 88, 151, 163, 166, 168, 191, 193, 221.
 CORREIA de Araújo, Raimundo — 145, 165, 196, 167, 196.
 CORREIA de Faria, Francisco Raimundo — 42, 41.
 CORREA Lima, Manuel — 100.
 CORREA da Silva, Raimundo Feliciano — 168, 230, 235, 233.
 COSTA, Antonio (D.) — 91.
 COSTA, Claudio Manuel da — 37, 38.
 COSTA, Crastovam da (D.) — 82.
 COSTA, José da — 30.
 COSTA, José de Ribamar de Oliveira Francisco da (V. Família de Oliveira).
 COSTA Barros, Pedro José da — 53, 61.
 COSTA Carvalho — 69.
 COSTA Fernandes, Henrique — 167, 190.
 Costa Fernandes, Ulisses — 226.
 COSTA FERREIRA, José Ascenço — 85.
 COSTA Gomes, Antonio da — 135, 165, 167, 136, 221.
 COSTA Gomes, João da — 167, 181, 221.
 COSTA Santos, José Maria da — 232.
 COUTINHO Vilhena, Fernando de Melo — 71.
 COUTINHO Vilhena, Francisco de Melo — 64, 79.
 COUTO — Diogo do — 44.
 CREMIEUX, Hector — 133.
 CRISTOMO Martins Nogueira de Sousa, João — 202.
 CRISAFULIZ, Henri — 137.
 CRISTINA, da Suécia — 31.
 CRUZ, Arias de Almeida (Mons) — 24, 219, 222.
 CRUZ, Estevam — 122.
 CRUZ e Sousa — 119.
 CRUZ Tesinho, José Antonio Ferreira (Pe) — 64.
 CUNHA, Afonso — 206.
 CUNHA, Alarico José da — 168, 191.
 CUNHA, Higino — 144.
 CUNHA, Manuel Pereira — 75.
 CUNHA, Saturnino Ramos da — 183.
 CUNHA Júnior, Francisco Manuel da — 96.
 CUNHA Matos, Raimunda José da — 60.

— D —

- D. de A. — 155.
 DALTO Filho, Gal. — 177.
 DAMASCENO Ferreira, Leopoldo (Coa.) — 151, 155.
 DANTAS, Julio — 181.
 DAVI, Sebastião — 51.
 DENIS, Ferdinand — 25.
 DESTERRO e Silva, Dagmar — 225, 238.
 DEVORE, Gaston — 138.
 DIAS, Antonio Lopes Ribeiro — 56, 189.
 DIAS Carneiro, Francisco — 49, 67, 68, 107, 119, 168, 207, 217.
 DIAS de Mesquita, Teofilo Odorico — 120, 121, 122, 124, 123, 134, 163, 185, 208, 223.
 DIAS da Silva Simplicio — 58.
 DIAS Vieira, João Pedro — 83.
 DIDOT — 160.
 DOMINGUES da Silva, José — 125, 174, 222.

- DOMINGUES da Silva, Luis Antonio — 112, 149, 167, 181.
 DOMINGUES da Silva, Virgílio — 57.
 DORU, Alfred — 147, 148.
 DOSTOIEVSKY — 164.
 DOURADO, Joaquim José (Con) — 150, 168, 218.
 DREAGELIO — 35.
 DUARTE, Antonio da Costa (Pe) — 60.
 DUARTE, Urbano — 136, 137.
 DUMANOIR — 84.
 DUMAS — 84, 125, 133.
 DUNSHEE de Abranhes Moura, João — 148, 154, 168, 204.

— E —

- ECHAGARAI — 125.
 EIDER Filho — 197.
 ELOI, o Heroi — 135.
 ENCARNACÃO e Silva, Antonio Bernardo da (Fr) — 70.
 ENES de Sousa, Antonio — 125, 174, 202.
 ENNERI, d' — 84.
 ERASMO Dias, José — 225, 228, 232.
 ESCRAGNOLI, Doria — 194.
 ESTACIO DA Silveira, Simão — 20, 22, 29, 29, 203.
 EURICO, o Oureneu — 155.
 EVREUX, Ivcs d' — 22, 25, 26, 91, 202, 203.
 EWERTON Quadros, Francisco Raimundo — 112.

— F —

- F. G. — 155.
 FABIO e Eugenio, Dialogo entre — 48.
 FALCÃO, Anibal — 136.
 FARIA, Alberto de — 202.
 FARIA, Euclides — 53, 120, 122, 124, 163.
 FARNIE, H. — 133.
 FEIJO' — 69.
 FEIO, Peri Gomes — 219.
 FERREAL, V. de — 60, 84.
 FERREIRA, Agostinho José — 59.
 FERREIRA, Arnaldo de Jesus — 5, 168, 217.
 FERREIRA, Fernando Luis — 74.
 FERREIRA, Isaac Gomes — 168, 206.
 FERREIRA de Andrade — 56.
 FERREIRA Gular, José Ribamar — 224, 225, 238.
 FERREIRA Freife, Mangel — 71.
 FERREIRA Maranhense, Inacio José — 71.
 FERREIRA Vale, José Joaquim — 65, 85.
 FERREIRA Viana — 55, 155.
 FERRIER, Paul — 137.
 FEVAL, Paul — 84.
 FIALHO, Olimpio Ribeiro — 153, 221.
 FIGUEIRA, Frederico Pereira de Sá — 131, 134.
 FIGUEIRA, Luis (Pe) — 13, 32.
 FIGUEIREDO, Candido de — 136.
 FRMINA Vieira de Sousa, Herulana — 33.
 FLAMARIÓN, Camille — 148.
 FLEUNI — 106.
 FONSECA, Bento da (Pe) — 44.
 FONSECA, Raimundo Alves da (Pe) — 144.
 FONSECA Pinto, Davi — 64.
 FONSECA Pinto, José Xavier de Moraes da — 45.
 FONTAINE, La — 75.
 FONTES, Hermano — 155.
 FONTOURA Chaves, Adelino — 120, 122, 135, 163, 168, 227.
 FONTOURA Xavier — 136.
 FORGUES — 89.
 FORTUNA, Hilton — 212, 219.
 FOULON; Clement — 22.
 FRAN Paxeco, Manuel — 19, 58, 126, 132, 164, 165, 167, 171, 178, 204, 207, 221.
 FRANCIS, N. — 137.
 FRANCISCO II — 94.
 FRANCO, Anacleto Henrique — 58.
 FRANCO de Sá, Antonio — 68, 102, 104.
 FRANCO de Sá, Felipe — 102, 112, 168, 207.
 FRANCO de Sá, Joaquim — 75.
 FRANCO, Adolphe — 125.
 FRANKLIN de Oliveira — 135, 168, 224, 225, 227, 228.
 FREIRE da Silva, Augusto — 166.
 FREYRE, Gilberto — 19.
 FREITAS, Clodaldo — 100, 140, 165, 167.
 FREITAS, Eduardo — 64, 116.
 FREITAS, Ernest Adolf de — 74.
 FREITAS, José Antonio de — 125.
 FREITAS, Raul Martins de — 168, 205.
 FURTADO, Lourenço Gomes — 124.
 FURTADO Coelho — 110.

— G —

- GAILLARDT, F. — 138.
 GALENO — 35.
 GALVÃO, Oscar Lamagnere Leal — 129.
 GALVÃO de Carvalho, Trajano — 68, 89,
 96, 121, 168, 184.
 GAMA; Bernardo José da (D.) — 56.
 GAMA, Jeronimo da (Pe) — 32).
 GAMA, João da Maya da — 43.

- GANDRA, Cirano — 226.
 GARCEZ Palha — 194.
 GARCIA d' Abranches, João Antonio — 59.
 64, 148, 156, 213.
 GARIBALDI — 94.
 GARRIDO, E. — 137, 198.
 GASPARI — 88.
 GAVAULT, Paul — 138.
 GIDE, André — 12.
 GILLE, Th. — 138.
 CISOFLE' — 141.
 GOETHE — 177, 208.
 GOGOL — 164.
 GOMES, José Ferreira (Pe) — 32, 219, 222.
 GOMES de Castro, Agostinho Raimundo —
 150.
 GOMES De Castro, Augusto Olímpio — 193.
 168, 237.
 GOMES de Castro, Constantino (Con) — 50.
 GOMES de Castro, José — 183.
 GOMES de Sousa, Joaquim — 42, 49, 52, 68,
 94, 95, 120, 167, 195, 201, 223.
 GONCALVES Dias, Antonio — 9, 43, 49, 50,
 62, 66, 67, 68, 76, 85, 92, 127, 121, 123,
 163, 167, 169, 174, 182, 190, 191, 205,
 213, 216, 223, 225, 226, 227, 233, 235,
 239.
 GONCALVES de Magalhães — 62, 65, 66.
 GONZAGA, Tomaz Antonio — 37.
 GRACA, Herachito — 55, 172.
 GRACA ARANHA, José Pereira da — 50,
 129, 121, 123, 124, 157, 163, 164,
 168, 205, 221, 224, 227, 228, 232, 233.
 GRAND-MOUGIN, Charles — 138.
 GRAVOCHE — 136.
 GREGÓRIO XVI — 60.
 GUEDELHA Mourão, João Tolentino (Ms.)
 115.
 GUEDES de Aranha, Manuel — 33.
 GUERRA, Pacifico — 155.
 GUERREIRO, Fernão (Pe) — 32.
 GUILBOEL, J. C. — 58.
 GULLARD — 84.
 GUIMARÃES, Bernardo — 138, 145.
 GUIMARÃES, José Martins Morais — 216,
 217.
 GUSMÃO — Alexandre de — 28.
 GUSMÃO — Bartolomeu (Pe) — 37, 38.
 GUTTENBERG — 51.

— H —

- HALEVY, Ludovic — 137, 138.
 HANNEQUIN, Alfred — 137, 138.
 HEINE, — 102.
 HENRIQUE Dias, Antonio — 18.
 HENRIQUES, Antonio Marcos — 58.
 HENRIQUES Leal, Antonio — 8, 12, 33, 64,
 68, 74, 85, 86, 89, 91, 97, 100, 110, 119,
 140, 167, 171, 181, 182, 186, 190.
 HOLLEY Junior — 155.
 HOMERO — 66, 67, 208.
 HORACIO — 91.
 HOSTEIN — 84.
 HOYER, Martinus — 85, 115.
 HUGO, Victor — 82, 142, 143.

— I —

- IGNOTUS — 149.
 IHERING — 159.
 INGENIEROS — 201.

— J —

- JACINTO Ribeiro, José — 115.
 JAIRES — 262.
 JANET — 88.
 JANSEN FERREIRA, Justo — 81, 107, 163,
 165, 167, 222.
 JANSEN FERREIRA, Manoel — 160.
 JAPIACU — 93.
 JAQUES — 202.
 JEANNEL, Charles — 84.
 JOÃO III (D.) — 17, 29.
 JOÃO IV (D.) — 34.
 JOÃO V (D.) — 47.
 JOÃO VI (D.) — 40, 58.
 JOSE, Antonio — 97, 124.
 JOSE I (D.) — 73.
 JOVIERES — 202.
 JOTAIREZ — 202.
 JUNOT — 40.

— K —

- KARLA, Marin — 237.
 KANT — 9, 159.
 KHAYYAM, Omar — 311.
 KLEIST — 74.
 KOCH, Paul de — 60.

— L —

- LABOULATIE, Edouard — 91, 92.
 LAET, João de — 30.
 LAGO Burnet, José Carlos — 168, 224, 225, 233.
 LAHMEIER, Lucia Furquin — 40.
 LAMARTINE — 91.
 LAMPEÇOS, Semicupio dos — 141.
 LAPALISSE, De — 105.
 LAURENCIN — 84.
 LAVRADIO, Marquez do — 38.
 LEAL, Alexandre Teófilo de Carvalho — 85.
 LEAL, Hugo Vieira — 120, 122, 143, 144, 163.
 LEAL, Pedro Nunes — 83, 196, 165, 168, 191.
 LEAL, Victor — 141.
 LEÃO XIII — 115.
 LEBRE, René — 88.
 LEITÃO BANDEIRA, Manuel Antonio — 52, 56.
 LEITE, Artur — 190.
 LEITE, Benedito Pereira — 132, 144, 155, 224.
 LEMERCIER — Joseph Marie (Coñ) — 22, 219.
 LEMOS, Antonio José de — 115.
 LEMOS, Aristides — Secundino de Sousa — 202.
 LEMOS, Artur de Sousa — 174.
 LEMOS, Manuel Pinto — 113.
 LENCASTRE — 89.
 LENHARD, Paschoal — 159.
 LECN, V. — 138.
 LEPERRIER, Eugénio — 137, 133.
 LEINHO — 141.
 LICHTARD, Jan cornelizoos — 11, 19.
 LIEBIG, Justo — 91.
 LIMA, Cirilo dos Reis — 83.
 LIMA, Luis Alves de — 62, 132, 195.
 LISBOA, Aquiles Faria de — 76, 157, 176.
 LISBOA, Cristovam de (Fr) — 32, 217.
 LISBOA, João Francisco — 42, 49, 52, 54, 55, 58; 75; 76; 85; 91; 92; 120; 121; 132; 187, 190, 203, 223.
 LISBOA, Venancio José — 81.
 LISBOA Serra, João Duarte — 20.
 LITRE, E. — 143.
 LOBATO, João Climaco — 93.
 LOBATO, Vitor — 132.
 LOBO, Abelardo Saraiva da Cunha — 159.
 LOBO, Antonio Leal — 132, 149, 162, 164, 185; 166; 167; 168; 170; 173; 221.
 LOBO Cordeiro — 155.
 LONGFELLOW — 100.
 LOPES Cardozo — 136.
 LOPES da Cunha, Antonio — 126, 167, 195, 201, 221, 223, 238.
 LOPES da Cunha, Raimundo — 168, 171, 185, 205, 221, 235.
 LOPEZ, Sabatino — 84.
 LUIS, Washington — 160.
 LUZ, Joaquim Vieira da — 5, 203, 168, 207.
 LUSO TORRES, José — 5, 13, 79, 91, 166, 167; 182; 184.
 LUZ, Mariana — 176, 168, 195, 211

— M —

- MACE — 135.
 MACEDO — 85, 197.
 MACHADO de Assis — 22, 157, 235.
 MADJ — 155.
 MAGALHÃES, Celso da Cunha — 85, 110, 120; 121; 124; 125; 129; 167; 172; 178, 201, 215.
 MAGALHÃES, Pero — 29.
 MALAGRIDA, Gabriel — 40.
 MALMILLE, Mônica de — 18.
 MANUEL (D.) — 17, 29.
 MANUEL da Câmara, Francisco de Melo — 82.
 NAQUET — 84.
 MARA, Francisco Lisboa de — 177.
 MARANHÃO Sobr. José Americo Glimpio Augusta dos Albuquerque — 133, 165, 166, 168, 180, 205, 206, 226.
 MARANHENSE, João — 217.
 MARIA H — 96, 102.
 MARIA Amelia, Princesa — 71.
 MARIANA, d'Austria — 42, 45.
 MARINHO Aranha — 178.
 MARQUES, Cesar Augusto — 21, 33, 42, 43, 48, 53; 63; 83; 119; 122; 168; 171; 176; 179, 201.
 MARQUES, Osvaldino — 225, 232, 233.
 MARQUES Rodrigues, Antonio — 64, 67, 88, 89; 90; 97; 171.
 MARTINS, Avindo de Sousa — 197.
 MARTINS, Isaac — 121, 161, 207.
 MARTINS, Mário R. — 68, 123.
 MARTINS de Almeida — 207.
 MARTINS Costa — 119, 172.
 MARTINS Pena — 136.
 MARTIUS, C. F. P. von — 40, 51.
 MATA Roma, José de — 27, 167, 206.
 MATOS, Belarmino de — 8, 92, 93, 100.
 MATOS, Edgard — 182.
 MATOS, Eusebio de — 20.
 MATOS Francisco (Pa) — 56.
 MATOS, Gregorio de — 20.
 MATOS Pereira, Antonio Jansen de — 114.
 MATOS Pereira, José Justo de — 211.
 MATOSO, Barão de — 74.
 MAURGUIS, André — 157.
 MEDeiros e Albuquerque — 151, 166, 191.
 MEDEIROS e Albuquerque, José Joaquim de Campos — 88.

- NEILHAC — Henri — 137, 138.
 MEIRELES, Mario Martins — 7, 10, 157, 224.
 MELO, Antonio José de — 217.
 MELO, Custodio José de — 148.
 MELO Continho, Henrique — 40.
 MELO e Póvoas Joaquim de — 89, 42.
 MELO e Silva, Luis de — 18.
 MELO Viana, João de — 141.
 MENDES de Almeida — Candido — 32, 42, 64; 68; 80; 82; 119; 132; 146; 153; 167; 218.
 MENDES de Almeida, Fernando — 141.
 MENDES de Almeida, João — 100.
 MENDONÇA, Salvador — 107.
 MENDONÇA Furtado, Francisco Xavier — 39, 45.
 MENEZES, Luis de (D.) — 32.
 NETELO, Francisco — 40.
 MIGAN — 24.
 MILL — 164.
 MILLAND, Albert — 137.
 MILLJET, Sergio — 25.
 MORANA, João — 225, 238. †
- MOLIERE — 137, 138.
 MONDION, Du — 19.
 MONTIGNE — 12, 15.
 MONTALEMBERT, Conde de — 81.
 MONTELO, Josué — 168, 205, 224, 225, 237.
 MONTESQUIEU — 95.
 MORAIS, José de (Pe) — 29, 42, 45, 47.
 MORAIS Filho, José do Nascimento — 224, 225, 239.
 MORAIS Rego, Fabio Hoatibo — 160.
 MORAIS Rego, João Candido de — 95.
 MORAIS Rego, João Inacio de (Con) — 60.
 MORAIS Rego, João da Mata de — 88.
 MORAIS Rego, Luis de — 167, 218.
 MORAIS e Silva, José Candido de — 44, 65, 68, 75, 76, 107; 167; 190, 201; 203; 219.
 MOURA, Alexandre de — 32.
 MOURA, Joam de — 33.
 MOURA Rego, Raimundo de — 226.
 MULLER, Lauro — 151.
 MURAT, Luis — 135.
 MUSSET — 102.

— N —

- NABUCO — Joaquim — 157.
 NAJAC — 137.
 NAPOLEÃO — 63.
 NASCIMENTO, Renato — 81.
 NASCIMENTO Câmara, Manuel do — 40.
 NASCIMENTO Moraes, José do — 167, 199, 190.
 NAUFEL, José — 225, 239.
 NEGREIROS, André Vidal de — 18.
 NELSON, Horace — 89.
 NETO Guterres — 203.
 NEVES, Edgard de Carvalho — 204.
 NEVES, J. das — 155.
 NEVES, José Bento Nogueira — 225, 238.
 NEVES — Jocel — 226.
 NINA, Almir Parga — 148, 195.
 NINA Rodrigues, Raimundo — 129, 124, 149, 153; 165; 171; 176; 216; 237.
 NOBRE, Antonio — 235.
 NOBREGA, Manuel da (Pe) — 17.
 NOGUEIRA da Silva, M. — 123, 229.
 NONATO, Raimundo — 226.
 NOSSA SENHORA dos Prazeres Maranhão, Francisco de (Fr) — 57, 58.
 NUMA — 102.

— O —

- OBLIGADO, Raphael — 72.
 ODORICO Mendes, Manuel — 42, 49, 51, 52, 54; 55; 66; 67; 68; 69; 70; 73; 76; 111; 121, 132, 163, 165, 167, 182, 190; 202; 223.
 OLIVA, João Felipe de (Pe) — 30.
 OLIMPIO Filho, Eduardo — 72.
 OLIVEIRA, Alberto de — 121, 145.
 OLIVEIRA, Francisco de — 110.
 OLIVEIRA, Germano Francisco de — 110.
 OLIVEIRA, Leonete — 201.
 OLIVEIRA y Feres, Francisco de — 212.
 OLIVEIRA Lima — 9, 46.
 OLIVEIRA Roma, João da Mata de — 149, 188, 204.
 OPTIMUS Criticos — 86.
 ORDONNEAU, M. — 137, 138.

— P —

- PAIMAS, José dos Santos — 48.
 PANCADA, Xisto — 155.
 PAPILLON Bleu — 160.
 PARENTE, Bento Maciel — 18.
 PARGA Nina, Maria da Glória — 148.
 PARSONDAS de Carvalho, João — 55, 174.
 PATROCINIO, José do — 110.
 PAULA, Chico de — 155.
 PAULA Belfort Duarte, Francisco de — 106.
 PAULA Ribeiro, Francisco de — 55.
 PEDRO, Duque de Bragança (D.) — 59.
 PEDRO I (D.) — 193, 194.
 PEDRO II (D.) — 33, 55, 197.
 PEDRO V (D.) — 94.
 PEDROSA, Pedro (Pe) — 33.
 PEJOTO, Afranio — 37, 38, 66, 151, 166, 191.
 PELITOT, Anselmo — 102.
 PELLETAN — 92, 114.

- PERDIGÃO, Domingos de Castro — 96, 175, 222.
 PERDIGÃO, Domingos Feliciano Marques — 65, 76.
 PERDIGÃO, Fernando Eugenio dos Reis — 5, 167, 218.
 PERDIGÃO, José dos Reis — 212.
 PEREIRA, Antonio (Pe) — 17, 20, 34, 36, 39.
 PEREIRA, Antonio Maria — 179.
 PEREIRA, Francisco Fernandes — 57.
 PEREIRA, José Joaquim (Pe) — 55.
 PEREIRA, Juvencio Auto — 129.
 PEREIRA, Marilniano Mendes — 104, 107.
 PEREIRA de Carvalho, José Alves — 111.
 PEREIRA Labre, Antonio Rodrigues — 96.
 PEREIRA do Lago, Antonio Bernardino — 58, 59, 178.
 PEREIRA da Silva, José — 40, 53, 60.
 PESTANA, Elder — 202.
 PESTANA, Lucio — 155.
 PEZIEUX, De — 19.
 PIAT — 84.
 PICALUGA, Antonio Joaquim — 60.
 PICCHIA, Menotti del — 221.
 PINHEIRO Diniz, João da Cruz — 46.
 PINHEIRO Filho, Tobias — 225, 239.
 PINHEIRO Gomes, José Tribuzi — 233.
 PINTO, Bernardo da Silveira — 53.
 PINTO, Francisco (Pe) — 18.
 PINTO, Fulgencio — 204.
 PINTO Pisarro de Almeida Carvalho, Roberto — 53, 61.
 PIO IX — 81.
 PITIBRI — 141.
 PIZA, José — 136.
 PLATAO Junior — 155.
 PLESSIS, Du — 19.
 POMBAL, Maroniz de — 59, 177.
 POMPEIA, Raul — 122.
 PORTO, Aluizio da Silva — 165, 175, 176.
 PORTO Alegre — 86, 191.
 POSSOLO, Ernesto — 105.
 PRATZ, Du — 19, 27.
 PREVEL, Jules — 137.
 PROTHEU Nonato — 155.
 PRUDENTE de Moraes — 155.
 PURIFICACAO dos Santos Lemos, Raimundo (Con.) — 114.
 PUXA-Vistas — 155.

— Q —

- QUADROS, João — 181.
 QUADROS, Luis M. — 92, 116.
 QUEIROZ, Edwiges de — 189.
 QUEJADA, Jimenez de — 179.

— R —

- ABAGAS — 155.
 ACACINE — 72.
 RAMON y Cajal, Santiago — 177.
 RAPOSO, Inacio de Viveiros — 165, 181, 221.
 RASILLI, Claude de — 19.
 RASILLI, Fragois de — 18, 19, 22.
 RASILLI, Isaac de — 19.
 RAVARDIERE, La — 18, 22, 27, 28.
 REGO, Antonio — 64, 84, 89.
 REGO, João de Deus — 154, 163, 168, 229.
 REIS, Agostinho Pereira dos — 181.
 REIS, Carlos Humberto dos — 197.
 REIS, Francisco José dos (Pe) — 75.
 REIS, Luciano Duarte dos — 217.
 REIS, Nelo — 235.
 REIS — Carvalho, Antonio — 49, 60, 119, 120, 165, 178, 221.
 REIMAR, Flavio — 102.
 RIBAMAR Galiza, José — 226.
 RIBAMAR dos Santos Pereira — José — 168, 175, 211.
 RIBAMAR Pinheiro, José — 168, 191, 215.
 RIBEIRA da Sobrosa, Barão da — 61.
 RIBEIRO, João — 120, 232.
 RIBEIRO, José Pedro — 54, 219, 223.
 RIBEIRO, Julio — 122.
 RIBEIRO do Amaral — José — 18, 19, 39, 42, 56, 88, 75, 79, 132, 165, 167, 222.
 RIBEIRO da Cunha, Otavio — 218.
 RIBEIRO Junior, Teodoro da Silva — 176.
 RIBEIRO Silva — 137.
 RICARDO Jauffret, José — 88, 89.
 RIFFAULT, Jacques — 19.
 RIO, João do — 191.
 RIO BRANCO, Barão de — 155, 165, 212.
 RITTER, Stephan von — 108.
 ROBERT, M. V. — 99.
 BOCCA, Tiago Carlo de la — 51.
 ROCHA Pita — 38.
 RODRIGUES, Henrique Roberto — 60.
 RODRIGUES, Manoel (Pe) — 32.
 RODRIGUES, Teodoro — 216.
 RODRIGUES Alves — 157.
 RODRIGUES Lopes, José Joaquim — 74.
 RODRIGUES D'Almeida, Manoel — 64.
 ROMERO, Silvio — 122, 150, 156, 171, 178.
 ROSA, Elioferio Marques da Silva — 79.
 ROSA, Laura — 168, 171, 196.
 ROSSI, Cestano — 84.
 ROSSINI — 9.
 ROUEDE, — Emil — 142.
 ROUSSET — 169.

— S —

- SÁ, Antonio de — 20.
 SÁ, Antonio de (Fr) — 47.
 SÁ Estacio de — 17.
 SÁ, Manuel de Sousa — 29.
 SÁ e Menezes, Francisco — 31.
 SÁ Vale, Raimundo de — 140.
 SÁ Viana, Manoel Alvaro de Sousa — 146, 168, 204, 205.
 SABAS da Costa, Francisco Gaudencio — 84, 94, 110.
 SABINO de Rezende Faria e Silva, Joaquim José — 53, 55.
 SALES, Cosme de — 155.
 SANCI, Barão de — 19.
 SANDEAU, Jules — 75, 90.
 SANTA Rita Durão, José (Fr) — 29, 27, 38, 73.
 SANTA TEREZA, Giuseppe de (Fr) — 21.
 SANTANA, Vera-Cruz — 225, 230.
 SANTANA Sobrinho, Manuel Alexandre — 166, 168, 238, 224.
 SANTOS, Ana Oliveira — 160.
 SANTOS, Caetano Antonio Salazar dos — 83.
 SANTOS, Hemeterio José dos — 144.
 SÃO BIBIANO, Barão de — 155.
 SÃO FRANCISCO, Jerônimo de (Fr) — 31.
 SÃO PAIO, Jorge de — 33.
 SARAIVA, Luis da Conceição (D.) — 65.
 SARNEY Costa, José — 168, 224, 225, 232.
 SATIRO, Severo — 155.
 SAVIGNY — 159.
 SCHILLER — 86, 160.
 SEDIOCRATA — 153.
 SEGUR — 79.
 SERRA, Astolfo de Barros — 166, 167, 202, 212, 215.
 SERRA, Francisco Serapião — 186, 221.
 SERRA, Tasso de Moraes Rego — 205, 220.
 SERRA de Cartro, José — 168, 220.
 SERRA Sobr., Joaquim Maria — 49, 67, 68, 84, 92, 110; 111; 119; 167; 172; 185.
 SERRÃO, Custodio Alves da Pureza (Fr) — 71, 176.
 SEVERO, Francisco — 137.
 SHAKESPEARE — 125, 208.
 SIENKEWICZ — 171.
 SILVA, Benedito Raimundo da — 114.
 SILVA, João Gualberto da — 201.
 SILVA, José de Ribamar Gonçalves da — 216.
 SILVA, Protheu da — 155.
 SILVA Alvarenga — 37, 38.
 SILVA e Cunha, Raimundo Pedro da — 40.
 SILVA Ferro, Ricardo — 100.
 SILVA Jardim, Joaquim José (Co.) — 60.
 SILVA Lobo, Manuel Teles da — 81.
 SILVA Maia, José da — 64, 116.
 SILVA Nunes, Paulo da — 43.
 SILVA Nunes, Pedro da — 34.
 SILVA Oliveira, José Manuel da — 55.
 SILVA Quintanilha, José Tomaz da — 54.
 SILVEIRA, Luis de Sousa da — 114.
 SILVEIRA, Manoel Joaquim da (D) — 90.
 SILVESTRE, Armand — 138.
 SILVESTRE Fernandes, José — 167, 201.
 SIMPLORIO, Matias — 155.
 SOARES, Odthon da Silva, 167, 216.
 SOARES, Wilson da Silva — 76, 220, 222.
 SOBRAL, Adalberto (D.) — 45.
 SOTERO dos Reis, Francisco — 49, 51, 64, 65, 65, 68, 71; 73; 76; 86; 92; 97; 100, 110, 163, 168, 165, 197; 171, 207; 223.
 SOTERO dos Reis Junior, Francisco — 100.
 SOUZA — 81.
 SOUSA, Gabriel Soares de — 18.
 SOUSA, Leopoldo Augusto de — 174.
 SOUSA, Marcos Antonio de (D.) — 60.
 SOUSA, Nuno Alves Pereira e — 195.
 SOUSA, P. Coelho de — 18 23
 SOUSA, Soeiro Sá de — 169.
 SOUSA, Tomaz de — 17.
 SOUSANDEAIRE, Joaquim de — 57 63, 101, 102; 110; 140; 164; 167; 171; 203; 213, 223.
 SOUSA Pandeira — 157.
 SOUSA Bispo, Candido Pereira de — 108, 165, 207, 217.
 SOUSA Coutinho, Rodrigo de (D) — 55
 SOUSA Ferreira, João de — 31.
 SOUSA Freira, Alexandre de — 47.
 SOUSA Galvão, Raimundo José — 54, 56.
 SOUSA Guimarães, Pedro de — 60.
 SOUSA Lima, José Coriolano — 92.
 SOUTO — MAYOR, Manuel Vide — 33.
 SPENGER — 164.
 STEIN, Lu — 128.
 SUAREZ, José Leon — 159.

— T —

- TACITO — 72.
 TACITO — junior — 155.
 TALMA, João de — 212.
 TARRAGO, Torquato — 75.
 TASSO Fragozo, Augusto — 159, 168, 218.
 TATU, Antonio — 57, 58.
 TAVARES, João (Pé), — 82.
 TAVARES, Rubem Julio — 83.
 TAVARES da Silva, Manuel (Con.) — 96.
 TAVENET — 84.
 TEBIRICA — 17.
 TEIXEIRA, Domingos (Pe) — 47.
 TEIXEIRA, Luci — 207.
 TEIXEIRA de Freitas — 159.
 TEIXEIRA de Melo, Antonio — 18.
 TEIXEIRA Mendes, Augusto — 146.
 TEIXEIRA Mendes, Raimundo — 120, 122, 124, 134, 163, 168, 191.

- TEIXEIRA Pinto, Bento — 19, 20, 32, 23.
 TEIXEIRA de Moraes, Francisco — 31.
 TEIXEIRA de Sousa, José Eduardo — 120, 121, 122, 129, 131, 163.
 TELES, Reginaldo — 225, 239.
 TESTAFF, Sancho — 89.
 TIBULO — 72.
 TOLEDO, Fradique (D.) — 25.
 TOLLENARE — 8.
 TOLSTOI, Leon — 69, 164.
 TOMAZ de Menezes, José — 56.
 TOPFER, Rodolpho — 88, 80.
 TORREAO da Costa, João Gualberto, — 171.
 TORRES, Enoch — 228.
 TORRES, Joaquim Corrêa — 64.
 TOUR, Oscar de la — 155.
 TOURGUENEF — 164.
 TURNER — 88.
 TWAIN, Mark — 232.

— V —

- VALABREQUE, A. — 154.
 VALERY, Paul — 10.
 VALOO, Albert — 137, 138.
 VASCONCELOS, Antonio Pedro de Barros e — 216.
 VASCOCELOS, Luis (D.) — 38.
 VAUX, Charles de — 19.
 VALES, Francisco Diego, — 40.
 VELHACO, GH — 154.
 VELHO Sobrinho — 16.
 VELOSO, Antonio Rodrigues, 56.
 VERGILIO — 68, 67, 69, 73.
 VERGUEIRO, — 68.
 VERISSIMO, José — 76.
 VESPASIANO Ramos, Joaquim — 166, 168, 176, 195, 221.
 VIANA, Fernando Ribamar — 167, 217.
 VIANA, Godofredo Mendes — 69, 166, 167, 182, 221, 225.
 VIANA Filho, Luis — 215.
 VIEIRA, Antonio (Pe) — 20, 34, 35, 57, 76; 77; 78.
 VIEIRA Filho, Domingos — 167, 237.
 VIEIRA, João Fernandes — 18.
 VIEIRA Ferreira, Miguel — 110.
 VIEIRA da Silva, Armando — 94, 165, 167, 201.
 VIEIRA da Silva, João Henrique — 132.
 VIEIRA da Silva, João Henrique Sampaio — 234.
 VIEIRA da Silva, João Vito — 83.
 VIEIRA da Silva, Luis Antonio — 64, 92, 93, 163, 197.
 VIGNY, A. de — 92, 102.
 VILHEVA Ribeiro, Inacio Cactano (Fr) — 21.
 VINHAIS, José Augusto — 141.
 VIVEIROS, Jeronimo José de — 96, 167, 194.
 VIVEIROS de Castro, Augusto Olimpio — 154.
 VIVEIROS de Castro, Francisco José — 149.
 VOLTAIRE — 67, 68.

— W —

- WARMING — 177.
 WERNECK Eugenio — 68.
 WHITMAN, Walt — 232.

— X —

- XAVIER de Carvalho, Inacio — 50, 86, 119, 164, 165, 166, 167, 168, 174, 211; 221.
 XAVIER de Lima, Antonio — 40.

— Z —

- ZOLA — 164.
 ZWEIG, Stephan — 179.

NOTA — No final de cada um dos capitulos IV, V, VI e VI vai, ainda a enumeração, por ordem alfabética, de outros muitos nomes.

INDICE GERAL

(De capítulos e excertos antológicos)

CARTA , de Luso Torres	7
PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO	13
CAPITULO I — Séculos XVI e XVII, Apreciação Geral, Literatura sobre o Maranhão, Os primeiros cronistas franceses e portugueses, Padres Antonio Vieira e Antonio Pereira e Frei Manuel de Assunção	17
Notavel Discurso de Japi-Agú, principal da Ilha do Maranhão (Claude d'Abbeville)	23
— Indios do Maranhão. Corrompem-se com os civilizados (Yves d'Evreux)	25
— Correspondencia entre La Ravardiere e Jerônimo de Albuquerque (Diogo de Campos)	26
— Primeiras noticias das riquezas do Maranhão (Estacio da Silveira)	29
— Da origem do nome do Maranhão (Bettendorf)	30
— Mal da Terra (Vieira)	35
CAPITULO II — Século XVIII Apreciação Geral; o Arcadismo no Brasil, O desenvolvimento do Maranhão e o progresso de sua capital. Alada literatura sobre a terra	37
— O Rio Mearim (Bernardo de Berredo)	43
— A cidade de S. Luiz do Maranhão (Pe. José de Moraes)	45
CAPITULO III — Século XIX, apreciação geral. O ciclo de transição de seu primeiro quartel (1800/1832). Os ultimos cronistas	49
— A fabulosa cidade de Axuhj (N.S. dos Prazeres)	57
— Soneto (José Pereira da Silva)	61
— Décima (Pinto Fiszro)	61
CAPITULO IV — Século XIX — segundo ciclo (1832/1863). O aparecimento da imprensa periódica. O grupo maranhense	61

se no Romantismo brasileiro, O Maranhão Atenas Brasileira	63
— Encontro de Enéas e Dido no Inferno (Odorico)	69*
— Literatura Brasileira (Sotero dos Reis)	72
— Vieira na Escola (João Lisboa)	76
— A Borboleta (Frederico Corrêa)	79
— Página de História (Candido Mendes)	81
— Canto de Morte (Gonçalves Dias)	86
— O Brasil (Marques Rodrigues)	87
— A tipografia de Belarmino de Matos (Henriques Leal)	92
— As Leis da Natureza (Gomes de Sousa)	94
— Jovino, o Senhor de Escravos (Trajano Galvão)	97
— Os Andes (Sousandrade)	101
— O Orvalho (Gentil Braga)	102
— Morrer Cedo (A. Franco de Sá)	104
— Pelo Itapecurú (Dias Carneiro)	108
— Rasto de Sangue (Joaquim Serra)	111
CAPITULO V — Século XIX; o ciclo de 1868 a 1894. O Naturalismo, o Parnasianismo e o Simbolismo, Os homens de letras do Maranhão passam a ser, essencialmente, literatos nacionais	119
— Não... (Euclides Faria)	124
— A Floresta (Celso Magalhães)	126
— Avé América! (Teixeira de Sousa)	129
— Procelárias (Teofilo Dias)	133
— Celeste (Adelino Fontoura)	135
— Plebiscito (Artur Azevedo)	138
— O despertar do cortiço (Aluzio Azevedo)	142
— Madrid (Hugo Leal)	143
— Mal Secreto (Raimundo Corrêa)	145
— Hino Maranhense (Barbosa de Godois)	147
— A Flauta e o Sabiá (Coelho Neto)	151
— Mocidade e Revolução (Graça Aranha)	157
CAPITULO VI — Século XX; o ciclo de 1894 a 1932. O decadentismo; a reação local para restabelecer, no Maranhão, os fóros de Atenas Brasileira. A Academia Maranhense de Letras	163
— O Luar do Sertão (Catulo)	169
— O Canto de Cisne (Antonjo Lobo)	171
— Para Traz (Xavier de Carvalho)	175
— Arrepêndida (Aluizio Porto)	175
— São Luis, Atenas (Raul Azevedo)	178
— Manuel de Bethencourt (Luso Torres)	182
— Soror Teresa (Maranhão Sobrinho)	185

-- O Sonho (Domingos Barbosa)	186
-- A Bela Adormecida no Bosque (Viriatô Corrêa)	192
-- Samaritana (Vespasiano Ramos)	195
-- O Diamante (Corrêa de Araujo)	196
-- O Brinquedo Roubado (Humberto de Campos)	198
-- Saudades (Ulpiano Brandão)	203
-- Ascensão (Manuel Sobrinho)	208
-- A Pororoca (Carlos Alberto Nunes)	208
-- Venus (Assis Garrido)	212
-- A Baiada (Astolfo Serra)	213
CAPITULO VII — Os tempos atuais; os últimos esforços para o restabelecimento dos fóros de Atenas; o choque entre os espiritos conservadorista e academicista e as primeiras manifestações de modernismo e futurismo	221
-- Misteriosa é a vida dos Livros (Franklin de Oliveira)	227
-- O roubo dos personagens (Erasmus Dias)	228
-- Lied (Oswaldino Marques)	232
-- Saudades (Correa da Silva)	233
-- São João maranhense (Josué Montelo)	236
ERRATA	241
EXPLICAÇÃO FINAL	242
INDICE ONOMASTICO	243